

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

FÁBIO PADILHA ALVES

**AMOR À CAMISA?
CONCILIANDO RAZÃO E PAIXÃO NO AMBIENTE DO
FUTEBOL PROFISSIONAL**

VITÓRIA
2010

FÁBIO PADILHA ALVES

**AMOR À CAMISA?
CONCILIANDO RAZÃO E PAIXÃO NO AMBIENTE DO
FUTEBOL PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração Estudos Pedagógicos e Sócio-Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva.

VITÓRIA
2010

FÁBIO PADILHA ALVES

**AMOR À CAMISA?
CONCILIANDO RAZÃO E PAIXÃO NO AMBIENTE DO
FUTEBOL PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Aprovada em 31 de Março de 2010.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Próspero Brum Paoli
Universidade Federal de Viçosa

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Onofre e Regina, e ao meu irmão Tiago pelo apoio durante todo o curso.

À Verônica pela compreensão e paciência.

Ao professor Otávio Tavares pela orientação deste trabalho.

Aos companheiros do CESPCEO, principalmente Igor, Guilherme, Doiara e Keni, pelo convívio agradável e pelas discussões acadêmicas.

Aos amigos do PROTEORIA pela acolhida no início do curso e pela amizade, em especial à Rosianny, Júlia, Rachel, Manjuba e Felipe.

Aos companheiros de turma do mestrado pela convivência no início do curso.

À FAPES pela bolsa de estudo concedida para a realização deste trabalho.

RESUMO

Notamos que a racionalização das práticas que envolvem o futebol profissional no Brasil está cada vez mais presente, intensificada, sobretudo, a partir da promulgação da Lei 9615/98 (Lei Pelé). Com isso, presenciamos a inserção de elementos empresariais na administração dos clubes que transformaram este esporte em um grande negócio. Outra característica marcante do futebol profissional, intensificada no Brasil nos últimos anos, é a grande rotatividade dos jogadores, favorecida pelo aquecimento do mercado de “pés-de-obra”. Motivados, sobretudo, por questões profissionais – salário, condições de trabalho e visibilidade – os atletas se deparam com um cenário aparentemente novo nas relações que envolvem o futebol: a necessidade de conciliar seus próprios interesses profissionais e a paixão que envolve a relação do torcedor com seu clube. Existe, portanto, um campo de tensões entre lógicas contrapostas com as quais os atletas precisam conviver. Assim, esse trabalho busca investigar a existência de tais tensões no futebol profissional, verificando como os atletas constroem suas estratégias de mediação das tensões que envolvem a racionalidade da prática profissional e a paixão da torcida. Para isso, foram entrevistados nove atletas e ex-atletas profissionais que jogaram por vários clubes durante sua carreira futebolística. Através da pesquisa constatou-se que esta maior mercadorização do futebol tem influência decisiva na relação ente atletas, torcedores e clubes. Neste contexto, merece destaque o fato de que os jogadores consideram importante permanecer um tempo maior no clube, sob a alegação de que esta é uma condição fundamental para a criação de vínculos afetivos, participação na comunidade imaginada da torcida e se tornar um ídolo. No entanto, com a maior facilidade de ganhos salariais advindas das transações, os mesmos privilegiam o “rodar” ao invés de permanecer em um mesmo clube. Em síntese, podemos dizer que as tentativas de conciliação mapeadas não significam nem uma atitude calculista, nem uma negação da dimensão prática, racional do futebol profissional, mas uma elaboração específica, necessária a uma prática que, mesmo em sua dimensão profissional, parece resistir à racionalização.

Palavras-chave: Futebol profissional. Atleta. Torcida. Identidade.

ABSTRACT

We notice that the rationalization of practices that involve the professional soccer in Brazil has been more present, mostly intensified after the release of the law number 9615/98 ("Pelé Law"). This way, we have seen the insertion of business elements on clubs administration, which have transformed this sport into a great business. Another important characteristic of professional soccer, intensified in Brazil in the past years, is the great turnover of players, favored by the heating of the foot labor market. Especially motivated by professional matters – salary, working conditions and visibility – the athletes face apparent new scenery on the relations that involve soccer: the necessity to conciliate their own interests and the passion of the fans. So, there is a field of tensions inside opposing logics in which the athletes need to know how to deal with. So, this work aims at investigating the existence of such tensions on professional soccer, checking how the athletes build mediation strategies for the tensions that involve the rationality of the professional practice and the fans' passion. In order to accomplish so, nine professional and former athletes who played in different clubs during their careers were interviewed. Through this research we have noticed that this *commodification* of soccer decisively influences the relation between athletes, fans and clubs. In this context, it must be detached the fact that players consider it important to stay a longer period in a club, claiming that this is a fundamental condition to create affective bonds, to participate on the community imagined by the fans and become an idol. However, due to ease salary gains that arise from transactions, the same players prefer to "slue around" instead of remaining at a club. In summary, we can say that the attempts of conciliation which were mapped do not mean a cold attitude or a negation of the practice, rational dimension of professional soccer, but a specific elaboration, necessary for a practice that, even in its professional dimension, seems to resist to rationalization.

Key Words: Professional Soccer. Athlete. Football Fans. Identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 FUTEBOL E IDENTIDADE: PERCURSOS TEÓRICOS DE UMA RELAÇÃO	19
2.1 Identidade nacional: construção e contradições.....	22
2.2 Brasil e futebol: a questão da identidade.....	26
2.3 Futebol, clubismo e “outras” identidades.....	34
3 FUTEBOL DE ESPETÁCULO: NEGÓCIO E PAIXÃO	36
3.1 Do amadorismo ao profissionalismo no esporte.....	40
3.2 O profissionalismo e a paixão na relação entre atletas e torcedores....	46
3.3 A formação de jogadores no futebol de espetáculo	58
4 A RELAÇÃO ENTRE PAIXÃO E PROFISSÃO NO MUNDO DO FUTEBOL PROFISSIONAL	63
4.1 De torcedor à atleta: o sonho de ser profissional e o convívio com o negócio no mundo do futebol de espetáculo.....	64
4.2 Salário, condições de trabalho e visibilidade: fatores determinantes na assinatura do contato profissional.....	68
4.3 Um agrado não faz mal algum, mas... ser profissional é fundamental..	72
4.4 O dom/dádiva na relação entre atletas e torcedores.....	77
4.5 A Lei Pelé e sua influência na relação entre atletas e clubes.....	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
6 REFERÊNCIAS	87
ANEXO A	93
ANEXO B	96

1 INTRODUÇÃO

O futebol é um fenômeno capaz de mobilizar multidões no mundo todo¹. No Brasil, até mesmo aqueles que dizem não gostar de futebol não estão livres dele. Basta ligarmos a televisão ou abrirmos os jornais para sermos bombardeados por notícias a respeito desse esporte. A apropriação midiática dos fatos esportivos constitui-se em um fenômeno de audiência na mídia brasileira, principalmente em época de copa do mundo. Gastaldo (2006a) utiliza-se de fonte do Ibope para destacar que as partidas da seleção brasileira na copa de 1998 atingiram na média, somados as cinco emissoras abertas que transmitiram o evento, 94% dos televisores ligados no país a cada jogo, projetando-se uma audiência de mais de 100 milhões de pessoas por jogo.

Do mesmo modo, o futebol é largamente praticado em todo o Brasil, não estando presente na vida dos brasileiros apenas pela apropriação midiática. Segundo Damo (2007), em 2002 existiam, apenas na cidade de Porto Alegre, 32 ligas comunitárias totalizando, aproximadamente, 290 clubes/times de futebol comunitário² credenciados na cidade. Projetando-se os dados de Porto Alegre para o Brasil teríamos em torno de 40 mil clubes/times de futebol.

Alguns dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao perfil dos municípios brasileiros em relação aos esportes desenvolvidos no ano de 2003, foram apresentados por Giglio (2007), e indicam que

Dentre as atividades esportivas realizadas em todos os municípios brasileiros, o futebol apareceu em 95,5% do total dos eventos; em segundo lugar ficou o futsal (futebol de salão) com 66%; e somente em terceiro lugar apareceu uma modalidade esportiva que não está relacionada com o futebol, o voleibol, com 60,3% (GIGLIO, 2007, p. 22).

¹No site oficial da Copa do Mundo FIFA (Fédération Internationale de Football Association), foi divulgada uma matéria destacando que cerca de 28,8 bilhões de telespectadores assistiram a Copa do Mundo Japão/Coréia em 2002, e que na Copa da Alemanha em 2006 esse número tenha chegado a 32 bilhões de pessoas em 207 países. Outro dado, publicado no jornal Observatório da imprensa no dia 27/07/2006, mostra que durante a mesma copa da Alemanha foi registrada uma audiência média de 93 milhões de telespectadores por jogo, sendo que a partida decisiva entre França e Itália teria sido assistida por 284 milhões de telespectadores.

²Entende-se por futebol comunitário “[...] uma modalidade de futebol, vinculada ao tempo de lazer de seus praticantes, realizado em espaços mais padronizados [...] mas sem a ortodoxia do sistema FIFA-IB” (DAMO, 2006, p. 45). A FIFA e a International Board (IB) são as entidades responsáveis em estabelecer as normas do futebol profissional em todo o mundo, controlando a relação entre os clubes, o mercado de jogadores e as regras do jogo.

Outros dados que confirmam a popularidade do futebol no Brasil foram apresentados por Mascarenhas citado por Giglio (2007, p. 22), que “indicam ‘o campinho de futebol’ como elemento da paisagem mais frequente do que a igreja ou qualquer outro equipamento de uso coletivo”.

Estes dados mostram a importância assumida pelo futebol e a relevância social que ele alcançou, passando a ser assunto de interesse de profissionais ligados à investigação acadêmica. Nesta pesquisa, em especial, o foco é o futebol profissional e de espetáculo, responsável por provocar uma efervescência de sentimentos, muitas vezes antagônicos, nas pessoas que estão direta ou indiretamente envolvidas com ele. Neste contexto, seguindo Toledo (2002), podemos destacar de um lado, a racionalidade das rotinas de treinamento, as negociações envolvendo atletas e as atitudes tomadas pelos dirigentes de clubes, e do outro, as atitudes tomadas pelos torcedores, na sua maioria guiada pela lógica da paixão.

Damo (2002, p. 12), ao analisar a paixão futebolística dos torcedores, enfatiza que “[...] Torcer é o mesmo que pertencer, o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações”. A escolha do clube do coração não se trata de uma escolha momentânea, pois ao verdadeiro torcedor não é dado o direito de trocar de clube, representando, portanto, um laço de lealdade.

Por outro lado, uma característica marcante do futebol profissional, que no Brasil se intensificou principalmente a partir da instituição da Lei 9615/98 (Lei Pelé), é a grande rotatividade de jogadores, consequência das inúmeras transações no “mercado do futebol”, gerenciado por empresários, agentes e investidores, esta nova categoria de sujeitos presente no âmbito do futebol com interesses explicitamente mercadológicos. Estes verdadeiros agentes econômicos que mediam negociações e assinatura dos contratos, no caso dos agentes, e que constituem empresas para formar e/ou negociar uma mercadoria chamada “jogador de futebol”, ajudam os clubes a modificar seus elencos constantemente. Tornou-se, assim, comum os atletas profissionais atuarem em diversos clubes durante a carreira. Não que em tempos atrás isso não ocorresse, mas atualmente este fato parece mais frequente, como consequência dos crescentes interesses financeiros que envolvem clubes, agentes e investidores, a ponto de dificilmente encontramos um atleta profissional que tenha jogado apenas em um único clube.

Rial (2008) destaca que essas constantes trocas de clube são um ponto positivo na visão dos atletas, uma vez que esta circulação, que caracteriza um jogador “rodado” no jargão “nativo”, é um signo de sucesso que representa um importante capital futebolístico. Por outro lado, Damo (2007, p. 50) destaca que a torcida valoriza os jogadores formados nas categorias de base do clube – os “pratas da casa” – uma vez que no imaginário torcedor “O processo de formação, prolongado e realizado no interior do clube, seria a estratégia para forjar jogadores com sentimentos de torcedor, os únicos verdadeiramente capazes de entregar-se de corpo e alma à causa coletiva”. Assim, podemos pensar que este fenômeno não parece agradar à maioria dos torcedores, pois estes acreditariam que a troca constante de clube não permitiria ao jogador criar fortes vínculos afetivos com nenhum deles. Acreditamos, portanto, que exista um campo de tensões entre lógicas contrapostas com as quais os atletas profissionais precisam saber conviver.

Tudo indica que este contexto, rapidamente apresentado até aqui, enseje com que os jogadores se preocupem cada vez mais em demonstrar algum tipo de sentimento de afetividade ou pertencimento pelo clube no qual estão atuando, por meio de gestos e declarações, como uma estratégia elaborada de equilibrar-se entre as demandas típicas do universo profissional e a lógica dos torcedores.

Assim, esta dissertação busca investigar a existência de tais tensões no futebol profissional, verificando como os atletas constroem suas estratégias de mediação das tensões que envolvem a racionalidade da prática profissional e a paixão da torcida, levando-se em consideração as lógicas sociais e culturais que influenciam a construção das identidades no futebol de espetáculo.

Com isso, temos como questões centrais do estudo: Que valores orientam as relações de pertencimento do jogador brasileiro no futebol mercadorizado? Como se elaboram as estratégias de conciliação/mediação na relação das lógicas do profissional e do torcedor no ambiente do futebol mercadorizado? Quais elementos/estratégias de pertencimento são usados pelos jogadores para conciliar suas lógicas com as lógicas da torcida? Qual o significado de atitudes/gestos de alguns jogadores profissionais que conferem a eles uma suposta identificação com o clube? Será que temos uma diferença marcante entre práticas pré Lei Pelé e pós Lei Pelé?

Trabalhamos com a hipótese que com a crescente mercadorização do futebol e suas consequências, as tensões entre as lógicas do jogador profissional e do

torcedor fazem com que o atleta profissional passe a ter a necessidade de construir estratégias de conciliação entre dimensões materiais e simbólicas em confronto, provenientes da demanda profissional e da demanda da paixão torcedora. Para isso, o atleta busca exteriorizar publicamente vinculações com o clube e com a torcida por meio de atos como, por exemplo, beijar ou mostrar a camisa do clube, ou declarar sentimentos de “carinho”, “identificação”, e “entrega”, ainda que estas estratégias possam não ser sempre plenamente conscientes, mas subsumidas ao que se poderia chamar de cultura futebolística contemporânea. Também trabalhamos com a hipótese de que há um contrato de obrigações entre atletas e torcedores que se estabelece de maneira simbólica. Seria uma espécie de dádivas trocadas (MAUSS, 2003) em que o atleta sente a necessidade de retribuir o apoio e o carinho recebido do torcedor.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como sendo de caráter explicativo. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas, na qual o corpus empírico da pesquisa foi composto por nove atletas e ex-atletas de futebol profissional. Devido às dificuldades de acesso aos sujeitos entrevistados, a estratégia adotada para a localização e a abordagem dos mesmos assemelha-se a técnica conhecida como “bola de neve” (MARCONI e LAKATOS, 1990), uma vez que solicitava-se a cada entrevistado possíveis contatos para novas entrevistas. Paralelamente, foram definidos como critérios de corte [a] a necessidade de ter jogado por um ou mais clubes da primeira divisão do campeonato brasileiro, [b] preferencialmente, ter tido contrato profissional após a Lei Pelé, [c] e, se possível, ter tido a experiência de jogar em grandes clubes rivais entre si.

Foi utilizado o “ponto de saturação” para determinar o número de sujeitos entrevistados na pesquisa. Sendo assim, as entrevistas foram sendo realizadas até o momento em que os conteúdos dos relatos passaram a se repetir, ou seja, não revelando novos elementos.

As entrevistas se desenvolveram a partir de um roteiro básico³ sendo que novas perguntas poderiam ser aduzidas de acordo com as informações dadas, contribuindo para a captação das informações que nos levasse a alcançar os objetivos propostos na pesquisa e, conseqüentemente, respondesse as questões

³Ver anexo I – roteiro de entrevista.

apresentadas no estudo. Sendo assim, esquematicamente, a entrevista foi estruturada no sentido de buscar informações dos sujeitos a respeito de sua trajetória no futebol desde a formação nas categorias de base até a assinatura do primeiro contrato profissional. Em um segundo momento, procurou-se colher informações que indicassem o modo como os atletas estabelecem supostos vínculos afetivos com os clubes e as causas que os levam a criar tais vinculações, destacando as possíveis estratégias de conciliação entre lógicas contrapostas.

Para sua realização, essa investigação buscou estabelecer diálogo e situar-se no campo acadêmico que vem, há alguns anos, tomando o futebol como objeto de investigação e análise. O esporte de uma maneira geral, e o futebol em especial, vem sendo objeto de análise de diversas áreas de conhecimento tais como a sociologia, a antropologia e a história, inclusive como espaço social de construção de identidade.

Como fenômeno cultural de importância singular na cultura brasileira contemporânea, o futebol tem sido apontado como um dos principais elementos articulados a identidade nacional. Assim, o futebol jogado no Brasil é reinterpretado segundo os códigos da cultura brasileira, dotando-o de significados que ultrapassam as estritas linhas do campo de jogo. Para Da Matta (1982, p. 40), “[...] o futebol seria popular no Brasil porque permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos”. Com isso, a importância desse esporte em nosso país transcenderia a mera esfera da diversão e do entretenimento, já que estaria incluída no meio da ordem social.

Portanto, Da Matta (1982, 1994, 2006) defende a tese de que o futebol constitui-se em um instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira. O autor acredita que uma reflexão sobre o futebol no Brasil pode conduzir a uma compreensão dos mecanismos básicos de reprodução da sociedade e cultura do país, configurando-se em um fato social chave, condensador de valores fundamentais da cultura. Sendo assim, Da Matta (1982, p. 21) diz:

Neste sentido, sigo de perto aquela conhecida e profunda reflexão de Clifford Geertz (1973), segundo a qual o rito e o drama seriam um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si mesma para si própria. O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir.

Por outro lado, Toledo (2001) destaca que alguns estudos cujo enfoque está na relação futebol e sociedade brasileira, foram realizados a partir de grupos heterogêneos de atores sociais que integram o universo esportivo, marcando dimensões materiais e simbólicas em confronto. Neste sentido o autor questiona a tese damattiana já que

poderíamos afirmar que não se trata tanto de ler o Brasil pelo futebol [...] num sentido estrutural, mas ler também o futebol pela sociedade brasileira, nas suas múltiplas dimensões, identificadas nos atores que, por sua vez, investem, nem sempre de maneira consensual, na promoção e na consolidação de nossa auto-imagem, representada na englobante expressão “futebol brasileiro” (TOLEDO, 2001, p. 144).

De qualquer forma, descrito desta maneira, podemos ainda classificar o futebol brasileiro como sendo um ritual que se enquadra naquilo que Mauss (2003) denominou “fato social total”, pois se trata de um elemento de nossa identidade cultural, uma síntese da vida brasileira, ou seja, um fenômeno complexo pelo qual o conjunto das instituições se exprime e o todo social pode ser observado. O fato de o futebol permear a vida social brasileira e ser um elemento importante de construção da identidade nacional constitui-se em uma justificativa importante para tomá-lo como objeto de estudo, tendo-o, mais uma vez, como objeto de análise.

Inúmeros estudos que buscam investigar o papel do futebol na construção da identidade nacional brasileira já foram realizados (DA MATTA, 1982, 1994, 2006; GUEDES, 1998; SOARES & LOVISOLO, 2003; GASTALDO & GUEDES, 2006). Nesta dissertação, em especial, o foco se concentra no sentimento de pertença existente entre torcedores e clubes marcado pelo fenômeno do clubismo e, sobretudo, entre jogadores profissionais e clubes ou até mesmo na construção de estratégias de identificação que mantém, supostamente, o atleta ligado emocionalmente ao clube.

A relação entre jogador e torcida também recebe atenção especial, procurando entender as lógicas que orientam suas ações, destacando os conflitos existentes entre eles no futebol de espetáculo. Nesse sentido, Toledo (2002) oferece uma importante contribuição ao propor um modelo analítico composto por um conjunto de categorias – *profissionais, especialistas e torcedores* – classificado de acordo com suas formas de atuação e participação no jogo. Os *profissionais* são aqueles que interferem diretamente no jogo, dentro ou fora de campo. São eles

jogadores, técnicos, árbitros, fisiologistas, preparadores físicos etc. Estes, de uma maneira geral, orientam suas ações pautadas na racionalidade, dentro de uma perspectiva menos emotiva. Os *especialistas* são os profissionais da mídia (comentaristas, locutores, repórteres) que fazem a mediação entre o jogo e a torcida. São os responsáveis pela interpretação dos jogos, ou seja, fazem as análises técnicas e táticas dos jogadores e das equipes ao mesmo tempo em que criam ou modelam um determinado conjunto de visões do que o futebol é ou deveria ser. Já os *torcedores* são aqueles que orientam suas ações mediadas pela emoção ou pela paixão clubística.

Apesar de partirmos dessa categorização proposta por Toledo (2002), na qual são estabelecidos tipos-ideais, não devemos considerá-la de forma rígida ou como se fosse uma regra definitiva. Desta maneira, não devemos pensar que as ações dos sujeitos encontram-se unicamente em um pólo ou outro, e sim, que ora se aproximam da esfera racional, ora da esfera emotiva. No dizer do cientista social Hugo Lovisoló (1997, p. 85) “Temos assim uma imagem dupla de nosso modo de agir: somos emotivos ou passionais, porém também racionais e utilitários. [...]. Procuramos habitualmente uma fórmula [...] de articulação, equilíbrio ou de conciliação entre essas oposições polares”.

Sendo assim, ao nos referirmos aos torcedores é necessário mencionar que estes baseiam suas ações pautadas, preponderantemente, na lógica da paixão, mas que não são cegos às relações profissionais. Portanto, a lógica do torcedor não exclui totalmente a ação racional. Talvez, um bom exemplo que comprove este fato seja a cobrança que a torcida faz aos atletas por dedicação nos treinamentos e desempenho em campo. Na verdade, podemos dizer que mesmo a maioria dos jogadores explicitamente identificados com um clube não seria poupada de críticas e apupos caso jogasse mal repetidamente⁴. Na mesma perspectiva devemos incluir os atletas, uma vez que suas ações não se baseiam apenas em interesses profissionais, racionalistas ou economicistas, podendo estas se relacionar a aspectos de outras ordens.

Na tentativa de elucidar a maneira como os indivíduos explicam suas condutas, Lovisoló (1997, p. 51) afirma que as ações podem ser compreendidas

⁴A guisa de ilustração, podemos mencionar o caso do jogador André Lima, que mesmo bastante identificado com o Botafogo de Futebol e Regatas e sua torcida, foi muito criticado por suas atuações durante o campeonato brasileiro de 2009, no qual este clube esteve, na maior parte da competição, na zona de rebaixamento para a segunda divisão.

pela norma, pela utilidade ou pelo gosto, ou ainda, pela associação entre essas esferas. Sendo assim, “as pessoas acreditam que fazem coisas ou agem porque: [a] seguem uma norma (lei, regra, regulamentação, hábito ou costume), [b] pretendem alcançar algum objetivo ou finalidade utilitária e [c] gostam ou derivam de algum prazer daquilo que fazem. [...] Os três motivos são, concomitantemente, valores orientadores de conduta”.

Lovisoló (1997) ainda destaca que esses três motivos podem ser convergentes ou divergentes, sendo a convergência entre eles uma situação ideal na realização das ações, ainda que tal situação seja de difícil alcance. Assim, comumente,

realizamos atos de finalidade utilitária respeitando uma norma que consideramos inútil e nada prazerosa, ou podemos realizar um ato considerado útil ou prazeroso, desrespeitando as normas. [...]. Viver é desenvolver e usar a arte de conciliar os três motivos; é reduzir suas divergências e as tormentas que provocam (LOVISOLÓ, 1997, p. 52).

Ao considerarmos as ações dos sujeitos, destacamos as orientações oferecidas pela sociologia da ação que tem como um dos objetivos compreender os sentidos de uma ação sob o ponto de vista de quem a pratica. Neste sentido, Boudon (1995, p.33) afirma que o primeiro princípio da sociologia da ação implica que, “para explicar um fenômeno social é necessário descobrir suas causas individuais, ou seja, compreender as razões que levam os atores sociais a fazer o que fazem ou a acreditarem naquilo que acreditam”. Para este autor, a possibilidade de explicar os comportamentos dos atores sociais por meio da compreensão de suas razões deve ser entendida no contexto de um princípio metodológico e não como a crença numa característica ontológica dos sujeitos. Assim, o princípio da racionalidade, indica que qualquer ação pode ser entendida como racional se for explicada por meio de razões válidas.

A noção de compreensão indica que é possível, através da verificação dos fatos, descobrir o porquê do comportamento do ator. [...]. Na maioria das vezes trata-se de comportamentos que podem ser explicados por meio de razões válidas. [...]. Para o sociólogo, compreender o comportamento de um ator equivale, portanto, a maior parte das vezes, a compreender as razões ou as razões válidas do mesmo. É neste sentido, e apenas neste sentido, que se pode afirmar que a sociologia, ou pelo menos a sociologia da ação, tende a subscrever o postulado da racionalidade do ator social. [...]. Com o intuito de esclarecer as idéias, digamos que a sociologia trata um comportamento como racional sempre que este esteja em condições de fornecer uma explicação que possa ser enunciada do seguinte modo: “O fato

do ator social X ter se comportado de maneira Y é compreensível. Com efeito, na situação que era a sua, tinha razões válidas para fazer Y” (BOUDON, 1995, p. 41-42).

Boudon (1995, p.44) ainda descreve os diferentes tipos de racionalidade tomando como partida a definição semântica na qual “é racional todo o comportamento Y, em relação ao qual se possa afirmar ‘X tinha razões válidas para fazer Y, porque...’”. Tais tipos de racionalidade são determinados a partir das naturezas das considerações introduzidas após o “porque”. Assim, segundo Boudon (1995, p. 44), podemos ter:

1. ...porque Y correspondia aos interesses (ou às preferências) de X [racionalidade utilitária].
2. ...porque Y constituía o melhor meio de X atingir o objetivo a que se havia proposto [racionalidade teleológica].
3. ...porque Y decorria do princípio normativo Z; X acreditava em Z, e tinha razões válidas para tal [racionalidade axiológica].
4. ...porque X sempre tinha feito Y e não tinha qualquer razão para questionar essa prática [racionalidade tradicional].
5. ...porque Y decorria da teoria Z; X acreditava em Z e tinha razões válidas para tal etc. [racionalidade cognitiva].

Portanto, o que precisa ser salientado é o fato de que os atores sociais podem agir orientados por vários fatores. Dessa maneira, ao focarmos os grupos de atores sociais vinculados ao futebol profissional – *profissionais, especialistas e torcedores* – destacamos que estes podem guiar suas ações pautadas tanto no aspecto racional-instrumental quanto no aspecto emocional. No entanto, ao dialogarmos com Toledo (2002), reafirmamos que as atitudes de tais grupos de atores se aproximam mais de um pólo do que outro, ou seja, entre os profissionais predomina a razão-instrumental, enquanto que entre os torcedores a paixão clubística exerce maior influência.

Ao falarmos de clubismo, definido por Damo (2007) como um totemismo moderno, devemos destacar o seu papel fundamental na dinâmica das emoções no futebol de espetáculo, no qual torcer por um clube requer um engajamento emocional exclusivo e imutável. Representa uma escolha para toda a vida, uma vez que ao “verdadeiro torcedor” não é dado o direito de trocar de clube. “Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”, diz a letra do clube mais popular do país. Por se

tratar de um vínculo permanente, a relação do torcedor com o clube não pode apresentar-se somente nos momentos da vitória, sendo o verdadeiro torcedor leal ao seu clube mesmo nos momentos de derrota. Guedes (1998, p. 41) afirma que “[...] se rigorosamente qualquer esporte pode produzir a identificação coletiva através da vitória, apenas o futebol o faz permanentemente, nas vitórias e nas derrotas [...]”. Podemos destacar como exemplos as torcidas do Sport Club Corinthians Paulista e do Club de Regatas Vasco da Gama⁵, que viram seus clubes serem rebaixados à segunda divisão do futebol brasileiro recentemente. No momento da queda, ambas as torcidas criaram *lemas* que ilustram bem o que Guedes destaca acima. Os corintianos criaram o “eu nunca vou te abandonar”, enquanto os vascaínos adotaram o “ao teu lado até o fim” e o “o sentimento não pode parar”.

No entanto, este laço afetivo e permanente cobrado do torcedor não se estende, obrigatoriamente, aos atletas enquanto *profissionais*, sobretudo no atual estágio que se encontra o futebol, marcado pela sua espetacularização e mercadorização dos jogadores.

A lógica da pertença torcedora é anacrônica para os padrões modernos, em que os vínculos são pensados a partir da lógica instrumental. Os torcedores encontram-se presos ao clube do coração, enquanto os jogadores, dadas as características atuais do futebol de espetáculo, não apenas circulam senão que o fazem por razões econômicas (DAMO, 2007, p. 182-183).

Embora Damo esteja, a nosso ver, substancialmente correto, a lógica da pertença torcedora não parece ser totalmente anacrônica. De fato, embora a lógica instrumental regule as vinculações profissionais no futebol de espetáculo, o sentimento de pertença também continua a ser cultivado. Vale a pena mencionar a repercussão que causou a ida do atacante Ronaldo Nazário, o “Fenômeno”, para o Corinthians. Ronaldo sempre deixou claro que é torcedor do Club de Regatas do Flamengo⁶, inclusive sendo visto inúmeras vezes vestindo a camisa deste clube. Após uma grave contusão, Ronaldo passou boa parte do seu período de recuperação utilizando as dependências do Flamengo e demonstrava o desejo de jogar por este clube no seu retorno ao futebol. No entanto, Ronaldo assinou contrato com o Corinthians, fato que causou certa revolta em dirigentes e torcedores do Flamengo. O jogador, na ocasião, alegou que a diretoria do Flamengo não

⁵Daqui em diante, neste trabalho, nos referiremos a estes clubes como Corinthians e Vasco.

⁶Daqui em diante, neste trabalho, nos referiremos a este clube apenas como Flamengo.

apresentou nenhuma proposta concreta para contratá-lo. Mesmo assim, a torcida se sentiu traída pelo jogador que dizia ser flamenguista e preferiu jogar em outro clube. Neste episódio, parece claro que a torcida guiou suas ações levando-se em conta a lógica da paixão, uma vez que culpou o próprio Ronaldo pela sua não permanência no Flamengo, chamando-o de traidor. Talvez o que a torcida esperasse fosse que Ronaldo permanecesse no clube para honrar suas juras de amor, independente do contrato profissional ser vantajoso ou não para ele. Porém, a culpa da não permanência do jogador, segundo o próprio Ronaldo, foi a falta de uma proposta concreta, o que deveria fazer com que a torcida cobrasse explicação dos dirigentes (os *profissionais*, neste caso) por não terem se articulado para contratá-lo, o que se aproximaria de uma ação mais racional, afastada do plano emocional.

Entre a paixão pelo Flamengo e o contrato com o Corinthians, Ronaldo optou pelo segundo. Porém, não é isto que está em pauta neste trabalho. É plenamente compreensível tal escolha. O que deve ser destacado aqui é o fato de que ao chegar ao Corinthians, Ronaldo faz questão de dizer que agora faz parte do “bando de loucos⁷”. Neste momento, Ronaldo buscou uma estratégia de conciliação entre lógicas contrapostas que estão estabelecidas no futebol profissional: a lógica dos profissionais (baseada, predominantemente, na racionalidade) e a lógica da torcida (baseada, predominantemente, na paixão). Sendo assim, Ronaldo torna pública a sua suposta identificação com o Corinthians e com sua torcida.

O sentimento de pertença vivido pelo torcedor, ingrediente fundamental do futebol de espetáculo, manifesta-se principalmente em ocasião dos jogos devido ao fato de o indivíduo se reconhecer como membro de uma coletividade que o transcende, como é próprio da esfera religiosa. Sendo assim, ser vascaíno ou botafoguense assume sentido, uma vez que existem símbolos, alguns com o *status* de sagrado, que identificam cada coletividade e ao mesmo tempo marcam sua diferenciação. A cruz de malta e a estrela solitária, portanto, representam uma espécie de totem que une seus membros em torno de um único objetivo. Segundo Durkheim (1989) tais membros unem-se pelo fato de terem o mesmo totem e não por possuírem laços consanguíneos ou dividirem o mesmo habitat.

Outra contribuição valiosa, que nos ajuda na análise da relação entre torcida e atleta profissional, foi dada por Marcel Mauss, em “O ensaio sobre a dádiva”.

⁷Os torcedores corintianos entoam cânticos nas arquibancadas nos quais se autodenominam um bando de loucos pelo Corinthians.

Neste estudo, Mauss (2003) analisa as trocas nas sociedades “arcaicas” e toma como um dos pontos centrais o caráter obrigatório e interessado dessas trocas, contrapondo-se ao seu caráter supostamente livre e gratuito.

Podemos pensar que no futebol existe um contrato de obrigações entre torcedores e atletas que se estabelece de forma simbólica: os atletas jogam em busca das vitórias, enquanto os torcedores apóiam o time e o aplaude em suas conquistas. Seriam como dádivas trocadas, onde retribuí-las torna-se necessário. Quando uma das partes não cumpre o seu papel, a outra se sente no direito de protestar e cobrar explicações. Além do mais, como salienta Damo (2007, p. 56), “[...]. É porque o time representa o clube e este, por seu turno, representa uma comunidade de sentimento, que os torcedores protestam, dizendo-se envergonhados com determinadas *performances* dos jogadores ou, ao contrário, os idolatram”.

Não descartamos, é claro, o fato de que a torcida também cobra atitudes profissionais dos atletas: dedicação, responsabilidade, treino e, acima de tudo, desempenho. No entanto, parece que muitas vezes, apenas apresentar um bom desempenho dentro de campo não é o suficiente para agradar a torcida, sendo necessário que o atleta demonstre raça, “amor à camisa” ou, pelo menos, um suposto sentimento de afeto pelo clube que o contratou. Dessa forma, surgem entre os profissionais novas palavras no léxico futebolístico como “entrega”, “identificação”, “carinho”, que podem representar formas de retribuição à dádiva recebida dos torcedores e do próprio clube. Do mesmo modo, o atleta parece que necessita criar situações de conciliação entre seus interesses profissionais e a paixão da torcida por meio de atos eficazes como usar (ou não recusar-se a usar) bonés e camisas de torcidas organizadas, beijar o escudo do clube em entrevistas ou fazer saudações especiais nos momentos de comemoração.

2 FUTEBOL E IDENTIDADE: PERCURSOS TEÓRICOS DE UMA RELAÇÃO

Estudos relacionados à questão da identidade estão muito presentes atualmente em vários campos de pesquisa ao ponto de alguns autores considerarem haver certo modismo em relação à temática (CUCHE, 2002). Ao longo do século XX,

consolidaram-se importantes discussões e revisões sobre o assunto. Cuche (2002) destaca que os inúmeros trabalhos referentes à questão da identidade são reflexos do fenômeno de exaltação da diferença que surgiu nos anos 1970, que por um lado levou a manifestações a favor de uma sociedade multicultural, e por outro à luta pela manutenção das identidades particulares.

Atualmente, vivemos um novo tempo marcado pela instabilidade provocada por profundas transformações presentes nos mais variados âmbitos da vida social. Gioielli (2005) acrescenta que a realidade que se apresenta caracteriza-se por uma acentuada fluidez, onde tudo parece ser passageiro ou provisório, podendo ser notado na moda, nos discursos, nas teorias, nos gostos, nas instituições⁸. Segundo o mesmo autor, esse é um dos processos que determinam para alguns a emergência da pós-modernidade⁹.

Em meio a essa nova conformação da vida social, as normas e as condições dadas a priori passam a ser desacreditadas proporcionando comportamentos mais livres e, por isso mesmo, sujeitos a conflitos. O conflito e a negociação, na ausência de certezas, tornam-se espaços também de agregação social e, conseqüentemente, construção da identidade (GIOIELLI, 2005, p. 22-23).

Cuche (2002) define identidade como sendo o conjunto de vinculações entre indivíduos e grupos que permite situá-los em um sistema social, podendo ser tais vinculações a uma classe social, classe de idade, classe sexual etc.. A identidade pode ainda representar o compartilhamento de patrimônios comuns como a religião, a língua, os esportes entre outros. Segundo o mesmo autor, o indivíduo se localiza em um sistema social e é localizado socialmente através da identidade. Ela marca a diferenciação entre “nós” e “eles” e caracteriza os indivíduos como pessoa ou grupo social. “Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade

⁸Não podemos deixar de observar, provocativamente, que esta ideia de transitoriedade se choca com a sempre aceita afirmação de que no Brasil se troca de tudo, menos de time de futebol.

⁹Existem controvérsias acerca do nome que se deve dar ao momento sócio-histórico atual: pós-modernidade (HALL, 2006; HARVEY, 1998), modernidade líquida (BAUMAN, 2001), modernidade tardia (GIDDENS, 2002; HALL, 2006). No entanto, todos os autores parecem referir-se, fundamentalmente, às mudanças que têm afetado a vida social desde a segunda metade do século XX, onde o sujeito centrado e unificado da modernidade está sendo desencaixado (GIDDENS, 2002), fragmentado (HALL, 2006; HARVEY, 1998), tornando-se cada vez mais fluido (BAUMAN, 2001). Sendo assim, as diferenças entre os autores em caracterizar o atual momento sócio-histórico parece ser apenas em relação à terminologia. Optamos aqui em utilizar o termo pós-modernidade como forma de padronização e para evitar possíveis confusões conceituais.

existe sempre em relação a uma outra. [...]. A identidade acompanha a diferenciação” (CUCHE, 2002, p. 183). Assim sendo,

[...]. A diferença é aquilo que eu não sou e isso basta para explicá-la e para que eu reconheça o outro como alguém diferente de mim. [...]. Se eu digo que sou brasileiro, automaticamente quero dizer também que não sou francês, alemão ou japonês. Ao mesmo tempo, se identifico alguém como argentino, estou dizendo que é diferente de mim, mas que também não é alemão ou francês. Assim, por trás de qualquer identidade existe uma cadeia de negações implícitas que não permite que a identidade seja um elemento auto-referido. A identidade necessita da diferença para se constituir e vice-versa. É preciso admitir, entretanto, que, invariavelmente, a identidade é observada como o ponto de partida a partir do qual as diferenças são demarcadas e reconhecidas (GIOIELLI, 2005, p. 72-73).

Para Bradley, apud Tilio (2006), a identidade representa a forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios. Por outro lado, segundo Velho (1978, p. 38), “o fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferências, gostos idiossincrasias”. No entanto, é necessário reconhecer que, ao falarmos de identidade estamos falando de coesão (ou tentativa de coesão), no sentido de criar sentimentos de pertença nos indivíduos de um determinado grupo.

Segundo Cuche (2002, p. 183), a identidade deve ser entendida como uma produção histórica e em permanente processo de construção/reconstrução no interior das trocas sociais. “Esta concepção dinâmica se opõe àquela que vê a identidade como um atributo original e permanente que não poderia evoluir”. Sendo assim, o mesmo autor propõe uma concepção relacional que se opõe a ideia de que a identidade é um atributo original e permanente dado ao indivíduo de maneira definitiva. Portanto, Hall (2006, p. 13) define identidade como sendo uma “[...] ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Ainda segundo Hall (2006), o sujeito antes visto como pertencendo a uma identidade fixa e unificada, está assumindo uma identidade móvel, múltipla, fragmentada e em contínua formação e transformação. Esse processo é o que produz segundo o autor, o sujeito pós-moderno. Com isso, a identidade representa um processo dinâmico em constante construção, opondo-se a algo que é dado naturalmente ou geneticamente herdado.

Para Giddens (1991), este período vivido atualmente rompe com práticas pré-estabelecidas de condutas, oferecendo aos indivíduos uma gama variada de possibilidades de escolha que os obrigam a estar constantemente reconstruindo suas narrativas de identidade, tornando-a móvel e mutável. Alguns autores, como Hall (2006), acrescentam que as constantes e rápidas mudanças provocadas pela pós-modernidade fazem com que o indivíduo tenha sua identidade fragilizada devido à falta de vinculações permanentes, gerando uma crise da ideia de identidade que se contrapõe às concepções do mundo cartesiano pautadas em um indivíduo centrado e com uma identidade bem resolvida.

2.1 Identidade nacional: construção e contradições

Apesar de estudos sobre nações e identidades nacionais já terem sido desenvolvidos por antropólogos renomados, alguns trabalhos que abordaram este tema sofreram várias críticas. Este fato é fruto, sobretudo, da incorporação imediata de conceitos elaborados no âmbito de estudos de pequenas comunidades étnicas para analisar “culturas nacionais” ou “caracteres nacionais” específicos, que levaram a generalizações e simplificações altamente repudiadas (SCHNEIDER, 2004). Este fato fez com que a pesquisa antropológica quando voltada para as “sociedades complexas”, ficasse limitada a estudar grupos de minorias étnicas ou pequenas comunidades aldeãs, sob o argumento de não haver condições teórico-metodológicas consistente com o “paradigma etnográfico”, baseado na pesquisa de campo e observação participante (SCHNEIDER, 2004).

No entanto, Schneider (2004, p. 97-98) destaca que

De um lado, nações podem ser comunidades cujo grau de coesão entre os membros, a despeito do seu tamanho, é comparado ao de qualquer grupo étnico de pequena escala, ou assim considerado. Esta característica singular – a grande capacidade de mobilizar seus membros [...] – foi o que no início dos anos 80, motivou alguns historiadores a investigar mais de perto os meios pelos quais as nações logram tornar-se a principal referência para a constituição dos sentimentos de pertença [...]. Comunidades nacionais são fortes referências para a formação da identidade.

Ao falarmos de identidade nacional estamos falando de coesão (ou tentativa de coesão), no sentido de criar sentimentos de pertença nos indivíduos de uma

determinada nação. Sendo assim, a identidade nacional é entendida como sendo o somatório de valores culturais resultantes da vivência, que, apesar de incluir as discrepâncias ou heterogeneidades regionais e particulares grupais, seja caracterizável por um traço que permita a definição de um perfil multidimensional hegemônico baseado em homem, território, instituição, língua, costume, religião, história e futuros comuns.

Para Anderson, apud Hall (2006), a identidade nacional trata-se de uma “comunidade imaginada” na qual se destacam três elementos fundamentais: as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos são constituídos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2006, p. 51 – grifo do autor).

Roesler (s/d, p. 4), embasado na definição de nacionalismo de Anderson diz que

As “Comunidades Imaginadas” vinculam todos os indivíduos de um dado território a uma identidade comum de pertença à uma mesma organização política. Trata-se porém de uma relação que só pode ser imaginada, posto que impossível de ser efetivamente vivenciada. Isto é, sabemos que somos compatriotas de milhões de pessoas, as quais evidentemente não poderíamos conhecer pessoalmente mesmo se desejássemos. Somos, no entanto, realmente unidos a elas, a princípio em um nível maior de abstração, mas que pode assumir contornos tão concretos e intensos a ponto de sermos instados a dar a vida para defendê-las.

Schneider (2004, p. 99) diz que “não há nenhuma razão para que devesse existir uma *cultura nacional*”, uma vez que qualquer observação que fosse feita do povo de um determinado país, inevitavelmente, acarretaria uma hipersimplificação e/ou generalização mesmo se milhares de antropólogos fossem a campo e coletassem uma grande quantidade de dados sobre a vida cotidiana das pessoas. Sendo assim, o mesmo autor destaca o fato de a identidade nacional ser representação simbólica e mecanismo poderoso para a reprodução contínua e cotidiana entre os membros de uma nação, capaz de mobilizar milhões de pessoas para “morrer pela nação” ou, ao menos, para torcer pela seleção de futebol em uma competição internacional.

Apesar da ideia de nação ser considerada um advento da modernidade, constituindo-se em um produto cultural que surge na Europa a partir do fim do século XVIII, Marcel Mauss, citado por Oliven (1992), instituiu uma relação entre a nação e o clã primitivo, apoiando-se nos símbolos pelos quais ambos os tipos de sociedades se representam.

É homogênea como um clã primitivo e supostamente composta por cidadãos iguais. Ela tem a bandeira como símbolo, como o clã tinha seu totem; ela tem seu culto, à pátria, como o clã tinha o de seus ancestrais animais-deuses. Como uma tribo primitiva, a nação tem o seu dialeto elevado à dignidade de uma língua, com um direito interno oposto a um direito internacional (MAUSS, apud OLIVEN, 1992, p. 13).

Durkheim (1989) já havia apresentado algo parecido ao destacar o totem como sendo a marca distintiva da tribo, ou seja, algo que une os membros de um mesmo clã e os diferencia dos outros. No entanto, tal característica não é exclusiva às sociedades ditas primitivas, estendendo-se às sociedades modernas, com os seus cultos à bandeira, à revolução, às festas de Estado. Como exemplo, o autor cita o soldado que morre pela sua bandeira não acreditando que está dando a própria vida por um simples pedaço de pano. “Perde-se de vista que a bandeira é apenas um signo, que não tem valor em si mesma, que serve apenas para lembrar a realidade que representa; tratam-na como se ela própria fosse essa realidade” (DURKHEIM, 1989, p. 276).

Como já foi mencionada, a construção da identidade nacional está intimamente ligada com a questão da memória, que por sua vez busca tecer um passado histórico invocando antigas tradições, sendo estas reais ou inventadas¹⁰. Na criação da narrativa sobre a nação, Hall (2006, p. 52-55) destaca cinco elementos principais:

¹⁰“Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (HOBBSAWM, 1997, p.9). Hobsbawn afirma que através de tradições inventadas busca-se construir uma identidade coletiva para a nação, ou seja, criar mecanismos para unir todos os habitantes do Estado nacional, independente de diferenças locais e regionais.

- Em primeiro lugar, há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros, de tal “comunidade imaginada”, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa.
- Em segundo lugar, há a ênfase nas *origens*, na *continuidade*, na *tradição* e na *intemporalidade*. [...]. Os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história.
- Uma terceira estratégia discursiva é construída por aquilo que Hobsbawm e Ranger chamam de *invenção da tradição*.
- Um quarto exemplo de narrativa da cultura nacional é a do *mito fundacional*: uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real” mas do tempo “mítico”.
- A identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente baseada na idéia de um povo ou *folk* puro, *original*.

Como destacado por Hall (2006), as narrativas sobre a nação e a cultura nacional buscam unificar o povo em uma única identidade nacional, mesmo com diferenças que possa haver em termos de classe, gênero ou raça. No entanto, o mesmo autor coloca em dúvida essa capacidade unificadora da identidade nacional, questionando se tal identidade é capaz de unificar ao ponto de anular e subordinar a diferença cultural. “Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que represente a diferença como unidade ou identidade. [...]. *As nações modernas são, todas, híbridos culturais* (HALL, 2006, p. 61- 62).

No entanto, o nacionalismo se destaca pela sua imensa capacidade de criar um senso de identidade. Alguns elementos – a cultura, a língua, um mito de origem, tradições – são evocados para que haja uma consciência comum. Além disso, alguns símbolos como o hino e a bandeira nacionais, por exemplo, são criados para identificar a nação e diferenciá-la de outras nações. Guibernau (1997, p. 154) argumenta que “Num mundo repleto de dúvidas, fragmentação e falta de ideologias capazes de gerar significado para a vida dos indivíduos, o nacionalismo torna-se uma força poderosa”. O mesmo autor completa dizendo que “o nacionalismo é um substituto para fatores de integração numa sociedade que se desintegra (HROCH, apud GUIBERNAU, 1997, p. 154)”.

2.2 Brasil e futebol: a questão da identidade

O Brasil é o país do Carnaval e do Futebol, e o brasileiro é alegre, malandro, gosta de festa. Esses são alguns elementos presentes no imaginário popular que identificam o Brasil e o seu povo, principalmente no exterior. A ideia de coesão, característica dos Estados nacionais, também se faz presente no caso do Brasil, estendendo a todos os brasileiros um jeito de ser único e inconfundível. No entanto, devemos destacar que as identidades nacionais não são um atributo natural dado a um determinado povo, assim como não são fruto de uma sociabilidade singular e única que marcam de maneira definitiva um indivíduo ou grupo social. Portanto, deve-se destacar que a essencialização das identidades nacionais são construções culturais elaboradas ao longo do tempo.

Sendo assim, surgem algumas questões: Como se constrói ou se construiu a identidade nacional brasileira? O que nos faz brasileiros? Em que momento é evocado uma identidade nacional? Em que momento as particularidades regionais são pensadas?

Orgulhamo-nos em dizer que somos um país multicultural, onde cada região geográfica tem sua cultura particular, destacando-se as diferenças de costumes, tradições, culinárias, festas, vestuário, sotaques, expressões. No entanto, o que nos faz ser reconhecidos como brasileiros? O que nos une, apesar das diferenças regionais?

Um evento que parece exercer muito bem o papel de unificador da nação é a Copa do Mundo de futebol. Durante essa competição, que acontece a cada quatro anos, o país se envolve em uma atmosfera única, capaz de mexer com o cotidiano, com a rotina de empresas, escolas e repartições públicas com o objetivo de adequar os horários de trabalho para que todos possam assistir aos jogos da seleção brasileira. Em ocasião de Copa do Mundo os brasileiros se juntam para torcer pela seleção nacional independente dos particularismos regionais.

Giulianotti (2002, p. 42) destaca que “O futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro”. Negreiros (1998) aponta a grande influência exercida pelo futebol na construção da identidade nacional no Brasil levando em consideração a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938. Faltava naquele momento algo que fizesse o papel de

articulador da unidade nacional, já que os particularismos regionais ainda eram dominantes e, aquela Copa cumpriu esse papel mesmo com a derrota da nossa seleção, como destaca Negreiros (1998, s.p):

Essa competição, além de aumentar a paixão pelo futebol, foi capaz de suscitar inúmeras questões acerca da própria concepção de nação. Pessoas das mais diferentes regiões do país mostraram-se atentas e solidárias com o destino do futebol do Brasil. [...]. Simbolicamente reforçou-se a idéia de que não era uma mera disputa esportiva, mas uma provação com o intuito de mostrar a força do Brasil, de seu povo, a partir do futebol.

Muitas vezes, no processo de construção de identidade, cria-se um *mito fundacional*, como destaca Hall (2006), a fim de forjar um passado que localize e identifique a nação. Como exemplo, Soares (1999) menciona que o livro de Mário Filho “O negro no futebol brasileiro”¹¹ e a repetição obsessiva dessa narrativa por vários autores ao longo do tempo, fazem parte da invenção da tradição a respeito do futebol brasileiro pautada no estilo nacional de jogar futebol.

Como já foi explicitada neste trabalho, a identidade nacional é responsável em criar sentimentos de pertença nos indivíduos de uma mesma nação e ainda manter uma coesão frente às possíveis heterogeneidades internas existentes. No entanto, torna-se necessário destacar mais uma vez que a identidade não se trata de algo que representa a essência de um povo, como se certos valores e atributos fossem inculcados no indivíduo desde o seu nascimento. Desse modo, ao nos referirmos à identidade, devemos pensar em construções culturais historicamente elaboradas.

Oliven (1982) ao analisar a dinâmica da produção de consumo da cultura no Brasil para a compreensão da cultura do país, afirma que algumas manifestações culturais pertencentes a grupos específicos da sociedade brasileira foram apropriadas pelo restante da população e se transformaram em símbolos nacionais. O autor destaca dois modos distintos que tais situações podem ocorrer. “O primeiro ocorre quando as classes dominantes se apropriam, reelaboram e posteriormente transformam em símbolos nacionais manifestações culturais originalmente restritas às camadas populares e que frequentemente eram reprimidas pelo Estado”

¹¹Em “O negro no futebol brasileiro” (NFB), Mário Filho procura criar uma “história oficial” para o futebol brasileiro. “Assim, o NFB funciona como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade [...] independente do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir (SOARES, 1999, p.1-2).

(OLIVEN, 1982, p. 61). Podemos citar como exemplos desta situação a feijoada, o samba e o tema da malandragem.

No entanto, a apropriação cultural pode ocorrer em um sentido inverso. Neste caso, “[...] as classes populares se apropriam, reelaboram e posteriormente transformam em símbolos nacionais manifestações culturais originalmente restritas às classes dominantes e que frequentemente lhes conferiam uma marca de distinção” (OLIVEN, 1982, p. 62). Temos o futebol como exemplo dessa situação, uma vez que esse esporte não possuía inicialmente um caráter popular. Helal (1997) destaca que, inicialmente, a prática do futebol era restrita apenas a membros da elite, praticado predominantemente pelos descendentes ingleses e pelos filhos de “boa família”. Como salienta Sodré (1984, p. 148), “no início [...] o futebol funcionou basicamente como um rito discriminatório de classes. Era um privilégio de brancos ricos [...] que excluía os nativos pobres [...]”. Atualmente, o futebol é o esporte mais popular do Brasil, sendo desfrutado (seja como espetáculo esportivo ou prática corporal) por pessoas de todas as classes sociais. Este fato, como destaca Oliven (1982), propicia a sua manipulação como um poderoso símbolo de unidade nacional e coesão social e racial.

O futebol brasileiro possui traços característicos supostamente inerentes ao jeito de ser do seu povo. Da Matta (2006), ao destacar esse esporte como elemento da cultura nacional, argumenta que ele é um instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira. Ter “jogo de cintura” para resolver situações embaraçosas com criatividade e esperteza é visto como uma característica do povo brasileiro que se estende ao jogador brasileiro. Da Matta (2001) ainda destaca que a malandragem faz exatamente o mesmo. Sendo assim, o malandro é o profissional do “jeitinho” e da arte de resolver situações difíceis de forma dissimulada. O “jeitinho”, portanto, é a maneira encontrada pelo brasileiro de resolver de forma pacífica e singular seus problemas.

Em síntese, a malandragem caracteriza-se pelo tipo social que consegue sobreviver entre a ordem e a desordem, com elegância e dissimulação. O malandro independente de sua esfera de atuação, é aquele que consegue se safar das situações adversas, de forma escorregadia, pela sua incrível capacidade de lidar com imprevistos (SOARES, 1994, p. 82).

Oliven (1982) destaca que ao longo da história do Brasil a figura do malandro já foi valorizada e reprimida na construção da identidade nacional. Este autor faz

uma análise de como o tema da malandragem foi vinculado à música popular brasileira ao longo do tempo. No período de ditadura do Estado Novo, que resultou na criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), notou-se uma forte tendência do governo em recusar essa identidade malandra.

[...] o governo estava empenhado em integrar o crescente proletariado à disciplina do trabalho fabril. A prévia criação do Ministério do Trabalho e da legislação trabalhista, bem como outras medidas, já indicavam esse orientação. Um dos alvos da DIP foi, portanto, reverter a tendência dos sambistas de exaltar a malandragem, incentivando os compositores a enaltecer o trabalho e a abandonar as referências à malandragem (OLIVEN, 1982, p. 51).

Apesar de ter sofrido tratamento diferenciado ao longo do tempo e de ser repudiada em alguns casos ainda hoje, a malandragem permanece enquanto símbolo de identidade nacional. E como já mencionado, tratava-se de uma manifestação cultural das camadas populares que posteriormente transformou-se em símbolo nacional.

A malandragem também se estende ao futebol brasileiro, sendo considerada uma qualidade que acompanha os nossos jogadores. Como características atreladas ao jogador malandro destacam-se, segundo Soares (1994, p. 48),

[...] a capacidade de jogar com inteligência, astúcia e genialidade, isto é, as orientações no campo caracterizam-se pela anti-ingenuidade. A conduta desse tipo de jogador traz no conteúdo de suas ações a dissimulação e a capacidade de representar; é um ator em campo. [...]. Assim, uma das faces da malandragem, no futebol, seria a capacidade de dissimular as verdadeiras intenções.

O jogador malandro, portanto, busca construir “falsos fatos” em autênticos. É aquele jogador que consegue burlar as regras do jogo em benefício próprio ou de sua equipe. “Cavar” um pênalti, provocar o adversário sem que o árbitro veja e simular uma contusão para ganhar tempo, são algumas atitudes que caracteriza esse tipo de jogador.

A malandragem dos jogadores é constantemente relacionada ao futebol-arte. Soares e Lovisolo (2003) destacam que devido ao rápido processo de massificação do futebol no Brasil surgiram várias formas ou estilos de jogar diferentes daquele que os manuais ingleses indicavam. Criou-se então, sobretudo a partir da década de 1920, o chamado “estilo brasileiro de jogar futebol” que se apresenta como sendo o

da improvisação e o da criatividade, tendo como marca principal o drible, o que é destacado ainda hoje como característica do futebol nacional. Desta forma, quando falamos em futebol brasileiro logo nos vem à mente a ideia de futebol-arte, a ginga e a suposta malandragem de nossos jogadores. A “arte” no futebol nos remete a ideia vinculada ao dom e à criatividade do jogador como uma dádiva da natureza ou de Deus. Aplica-se aí o mito da “natural” capacidade brasileira de improvisar e resolver criativamente os problemas que se apresentam, como se fosse um traço intrínseco do caráter nacional¹².

Em pesquisa realizada por Soares (1994, p.122), os jogadores e ex-jogadores entrevistados

[...] atribuíram ao brasileiro todas as qualidades paradoxais que envolvem o “ethos” do nosso futebol: é habilidoso e displicente; criativo e catimbeiro; joga bonito e alegre; enfim, caracterizam o jogador brasileiro com todas as condutas do bom malandro, no futebol, quando comparado ao europeu. Embora estas características vinculam-se ao futebol “arte”, ao futebol do passado, a comparação entre o europeu e o brasileiro parece assumir uma significação atemporal, na medida em que os atores adotam, como referência de identidade a arte e a malandragem, figuras vinculadas à tradição. Contrariamente, os mesmos atores, ao descrever o futebol atual no Brasil, caracterizam-no de tal forma que parece estar muito mais “europeizado” segundo os esteriótipos [sic] do que o próprio europeu.

O argumento nativo de que o futebol brasileiro está mais “europeizado” trata-se de uma crítica que invariavelmente acompanha o futebol nacional em ocasião de fracasso em competições. No imaginário popular, dizer que o futebol brasileiro está sendo jogado como na Europa, significa dizer que estamos nos afastando de um estilo de jogar supostamente próprio e único que nos distingue dos outros países e que foi o responsável pelo reconhecimento do Brasil como “o país do futebol”.

Nota-se, portanto, a existência de oposições binárias que são utilizadas para marcar as diferenças de estilos de jogar e, sobretudo, distinguir o estilo brasileiro do estilo europeu. Damo (2002) cita algumas destas oposições destacando o artístico *versus* competitivo, espetáculo *versus* eficiência, intuitivo *versus* racional, dom *versus* aprendido, individual *versus* coletivo, habilidade *versus* força, futebol-arte *versus* futebol-força, entre outras.

¹²Novamente vale a pena destacar, como o fazem Soares e Lovisoló (2003), que a suposta existência de uma essência que determina a maneira de ser de um povo trate-se de uma construção cultural e que nada tem a ver com características naturais e geneticamente herdadas.

Soares (1994) ao analisar a trajetória do Brasil nas Copas do Mundo a partir da visão nativa e da imprensa, argumenta que tanto as vitórias quanto as derrotas nessa competição são relacionadas com a “fidelidade” dos selecionados brasileiros ao nosso suposto estilo peculiar de jogo. Sendo assim, as Copas de 1958 e 1962, ambas conquistadas pelo Brasil, marcaram o início do estilo brasileiro pautado no “futebol-arte” e, posteriormente a Copa de 1970, reafirmou esse estilo e consolidou o Brasil como o país do futebol devido à conquista definitiva da Taça Jules Rimet. Em contrapartida, as derrotas em algumas Copas, como a de 1990, por exemplo, foram atribuídas ao distanciamento da seleção do verdadeiro estilo de jogar brasileiro.

Em 1990, reedita-se o modelo baseado no cientificismo; o técnico convocado foi o professor Sebastião Lazaroni que trouxe uma série de novidades ao cenário do futebol, como a extinção da posição de lateral e a introdução do ala, a assimilação do modelo europeu que joga com uma função chamada de “líbero” e outras novidades. Além destas mudanças de ordem tática, a comissão técnica vestiu de vez a capa da “ciência”, na preparação física, como um novo dogma. Foram introduzidos testes de resistência ao ácido láctico e aparelhos sofisticados para controle do esforço corporal. Com todo esse aparato e a idealizada evolução tática, a Seleção não teve sucesso na Copa da Itália e apresentou um futebol longe da identidade assumida e representada pelos brasileiros. [...]. Em tom profético, decretou a “Era Dunga”, jogador que se caracteriza por um extremo vigor físico e pela luta, o tempo inteiro, pela posse de bola. Tal concepção de jogo afasta-se daquilo que traduz a identidade do brasileiro, a ginga, a malícia e, enfim, o jeito habilidoso e jocoso de jogar futebol. (SOARES, 1994, p. 102-103).

Com foi mencionado anteriormente, apesar de toda a construção social e histórica referente à identidade brasileira se referir a uma coesão identitária que une toda a nação, nota-se que existem espalhados pelo território nacional, variadas identidades locais, observadas, inclusive, nos estilos de jogo dos diversos clubes de futebol do Brasil. Esta pluralidade muitas vezes causa acirradas discussões no meio futebolístico, destacando-se entre elas o suposto desvio do estilo gaúcho de jogar futebol das “características essenciais” do futebol brasileiro.

Notamos pelas conversas informais de torcedores e em reportagens veiculadas na imprensa esportiva, sobretudo do eixo Rio-São Paulo, que o Rio Grande do Sul é um Estado reconhecido nacionalmente por possuir um futebol aguerrido e com menos floreios, afastando-se do que seria o legítimo futebol nacional¹³.

¹³O argumento de que há um suposto “estilo gaúcho” de jogar futebol parece ter como objetivo afirmar supostas particularidades regionais no modo de jogar futebol. No entanto, ao que tudo indica,

Damo (2002) analisa a tensão entre o regional e o nacional no futebol brasileiro tendo como ponto de partida as representações dos torcedores e da crônica esportiva a partir da trajetória do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre¹⁴, especialmente entre os anos de 1995 e 1997, período em que este clube conquistou diversos títulos importantes, entre eles uma Taça Libertadores, um Campeonato Brasileiro e duas Copas do Brasil. Este autor chama a atenção para o desencaixe do Grêmio do futebol nacional, uma vez que é considerado, sobretudo pela imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo, um time que não representa o verdadeiro jeito de jogar brasileiro. Em matéria divulgada na Folha de São Paulo, o então Ministro da Educação e filho de um ex-presidente do Grêmio, Paulo Renato Souza desabafa:

Ao acompanhar jogos do Grêmio por rádios e TVs de São Paulo e do Rio, tenho a impressão de que estão se referindo a um time estrangeiro. Contra o Flamengo, o locutor de uma emissora de alcance nacional deixou escapar um “nossa sorte é que fulano (do time do Rio, é claro) está bem na cobertura”. Nossa sorte, ora vejam! [...]. Falta objetividade à cobertura do futebol, que coloca o regional acima do sentimento nacional. (DAMO, 2002, p. 139).

Damo (2002) ainda destaca o mal-estar causado pelas conquistas do Grêmio ao futebol-arte, além de deixar explícitas as contradições internas existente em uma cultura nacional supostamente coesa e unificada.

Esse mal-estar foi decorrente da eficácia de um estilo de jogo considerado diferente e, em determinados momentos, oposto ao brasileiro. Para os adeptos do futebol-arte, o dilema consistia em como e onde enquadrar o estilo adotado pelo Grêmio, já que esse clube, sendo gaúcho, era brasileiro mas, paradoxalmente, afrontava uma concepção de futebol que é, em si mesma, sinônimo de brasilidade. Já os defensores do estilo gremista tinham a difícil tarefa de fazer crer aos primeiros que o Grêmio, apesar das diferenças, ainda era um time brasileiro (DAMO, 2002, p. 136).

Essa tensão percebida entre Brasil (futebol-arte) e Rio Grande do Sul (futebol-força) também é destacado por Gastaldo (2006b), que toma a Copa do Mundo de 2002 como referência. Na ocasião havia o discurso veiculado na imprensa,

esse ponto de vista reproduz o discurso nativo por sugerir essencializações que não condizem com o pensamento de que as identidades são construções culturais. Afinal, qual a diferença em dizermos que o futebol brasileiro é o futebol dos dribles, da ginga e da malandragem ou que o estilo gaúcho representa o futebol-força, aguerrido e de muita marcação? Não estamos, dessa maneira, atribuindo um jeito peculiar e essencial para o futebol jogado no Sul? Como explicar, então, o fato de Ronaldinho Gaúcho, um dos jogadores mais habilidosos do mundo, e tantos outros jogadores de reconhecida qualidade técnica, terem nascido no Rio Grande do Sul?

¹⁴Daqui em diante, neste trabalho, nos referiremos a este clube apenas como Grêmio.

sobretudo do eixo Rio-São Paulo, de que a natureza da seleção brasileira teria sido modificada devido ao

[...] fato de “Felipão” [apelido de Luiz Felipe Scolari, então técnico da seleção brasileira] ser gaúcho e ter montado sua equipe com um número bem maior de jogadores e profissionais da comissão técnica gaúchos do que jamais houve em toda a história da participação do Brasil na Copa. Acrescenta-se a esta escolha a firme decisão de Luiz Felipe de não convocar o polêmico jogador Romário, centroavante e símbolo da seleção vencedora da Copa de 1994, além de uma espécie de ícone do “futebol malandro”, personificação do que se convencionou chamar de “estilo brasileiro” de futebol. (GASTALDO, 2006b, p. 88).

A diversidade cultural que é observada em Estados nacionais reforça o argumento defendido por Hall (2006) de que as nações modernas são, todas, híbridos culturais. No caso do Brasil, um país de dimensão continental, onde particularidades internas são claramente observadas em cada uma de suas regiões, Oliven (1992, p. 43) levanta a hipótese de que “A afirmação de identidades regionais [...] pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais. Esta redescoberta das diferenças [...] sugere que no Brasil o nacional passa primeiro pelo regional”. Sendo assim, como nas demais esferas da sociedade brasileira, “[...] o futebol expressaria as diversidades regionais, as hierarquias socioeconômicas e as diferenças étnicas e raciais. [...] já não se poderia falar em futebol no singular, mas em ‘futebóis’, no plural, ou, se preferir, em ‘estilos de futebol’” (DAMO, 2002, p. 121).

Portanto, como já mencionado, ao falarmos de identidade devemos considerá-la com sendo relacional (CUCHE, 2002). Dessa forma, a identidade nacional ou identidades regionais são evocadas de acordo com o contexto que o indivíduo está inserido em um determinado momento. Assim, um torcedor gremista pode sentir-se orgulhoso por ser brasileiro e, por isso, torcer pela seleção que supostamente representa o “futebol-arte” e, ao mesmo tempo, afirmar sua identidade gaúcha e exaltar o suposto estilo aguerrido do futebol do Rio Grande do Sul, representado pela expressão “futebol-força”.

2.3 Futebol, clubismo e “outras” identidades

Como tentamos demonstrar, o debate acadêmico a respeito da relação entre a elaboração e definição de uma ideia de identidade nacional brasileira e o papel exercido pelo futebol nesse processo apresenta uma densidade significativa. A partir de um pano de fundo teórico mais amplo, uma série de estudos vem investigando elementos constituintes dos discursos identitários nacionais que se rebatem no próprio debate social sobre a construção e a vivência do que seria um “estilo brasileiro de jogar futebol”. Como vimos, este é um debate de grande rendimento acadêmico, no qual se destacam as discussões sobre as tensões entre identidade nacional e identidades regionais e o tema da malandragem, por exemplo.

Outro conjunto de autores tem se dedicado a explorações mais localizadas das questões de identidade no “universo do futebol”, enfatizando, por exemplo, as identidades torcedoras. Autores como Kowalski (2003) e Silva (2001), procuraram investigar como se constroem as identidades clubísticas, permitindo entender um pouco melhor como operam os mecanismos de identificação e o que eles podem socialmente representar.

Parece não haver mais dúvidas a respeito da afirmação de que, no Brasil, é permitido trocar-se muitas coisas, menos o time de futebol. No entanto, o contexto desta relação também permite delinear a investigação sobre outras formas de identidades menos exploradas até agora, que têm como pano de fundo o futebol. Com efeito, o fenômeno observável da circulação cada vez mais precoce e acelerada de jogadores, sob a forma de mercadorias, tem encoberto a questão dos pertencimentos e vinculações identitárias entre jogador, clube e torcida.

O futebol enquanto fenômeno cultural é capaz de mobilizar multidões no mundo inteiro. No Brasil, em especial, este esporte é desfrutado por grande parte da população, seja como prática recreativa no tempo livre ou espetáculo esportivo midiático. Em se tratando do futebol de espetáculo, praticado obrigatoriamente por atletas profissionais, notamos a sua grande capacidade de despertar emoções, sobretudo nos apaixonados torcedores dos diversos clubes espalhados pelo país.

Ao falarmos dos motivos que vinculam um torcedor a um clube, necessariamente devemos abordar o fenômeno do clubismo que é, como diria Damo (2007), uma espécie de totemismo moderno no espectro do qual ser palmeirense, flamenguista ou cruzeirense adquire sentido. É através dele que podemos entender

o que leva algumas pessoas a torcerem por uma equipe e dizerem dar a vida por um clube. Além disso, deve ser destacado que este vínculo afetivo atrela o indivíduo a um clube de forma permanente, ou seja, ao verdadeiro torcedor não é dado o direito de trocar de clube. Damo (2007) afirma que sem o pertencimento clubístico não existiria o futebol de espetáculo, uma vez que esse sentimento de pertença é o gerador de emoções que o impulsiona.

Destaca-se ainda o fato de os torcedores que se identificam com o mesmo clube o fazem independente do local onde vivem, fazendo parte da mesma coletividade. Neste sentido, o clubismo se assemelha com a ideia de identidade nacional, uma vez que mesmo sem se conhecerem, indivíduos se reconhecem como tendo uma mesma identidade, partilham um mesmo gosto, vestem a mesma camisa, cantam as mesmas músicas e seguem os mesmos símbolos. Com efeito, parece evidente que, quanto mais o futebol está presente na mídia, maiores são as chances dos clubes de maior expressão angariarem torcedores em todo o país, provavelmente ávidos por torcer desde seu lugar distante por um time nacionalmente vencedor que dificilmente irão ver de perto.

Em se tratando da relação existente entre atleta e clube/torcida, nota-se atualmente que esta relação é alvo de constantes discussões no meio futebolístico. As transações envolvendo jogadores profissionais é assunto de destaque na mídia esportiva e nas conversas entre torcedores. Invariavelmente, tal assunto vem acompanhado de comparações com o futebol do passado, tempo em que as transferências de jogadores eram menos comuns. Juntamente com essa discussão, vem à tona a ideia de que não há mais amor à camisa por parte do jogador profissional (se é que já houve algum dia), pois se acredita que o dinheiro é o principal motivo da escolha de um clube pelo atleta na atualidade.

Sendo assim, os torcedores parecem valorizar o atleta que possui uma suposta identificação com o clube, algo que extrapola a esfera profissional. Os torcedores esperam que os jogadores que estão defendendo as cores do seu clube demonstrem um algo mais, algo que estreite o vínculo entre ele e o clube/torcida.

Além do exemplo já descrito neste trabalho, relacionado à transferência do atacante Ronaldo para o Corinthians, podemos mencionar vários outros. Um deles, ocorrido mais recentemente, diz respeito ao suposto desejo do jogador argentino

Guiñazu de trocar o Sport Club Internacional pelo São Paulo Futebol Clube¹⁵. Guiñazu ganhou destaque e prestígio no Internacional devido a sua maneira aguerrida de jogar, sendo atribuídas a ele características como raça, determinação e forte marcação, características estas que o fizeram ser adorado pelos torcedores. Após a decisão de que a transação não seria concretizada, mesmo com o interesse do atleta em trocar de clube, Guiñazu fez questão de declarar que enquanto estivesse vestindo a camisa do Internacional não deixaria de jogar com determinação e vontade de vencer. Mas o que chama atenção e precisa ser ressaltado é o fato de que Guiñazu também faz questão de destacar sua suposta identificação ou amor pelo clube gaúcho, algo que vai além de suas obrigações como jogador profissional. “Meu coração bate forte pelo Inter. E vai continuar batendo” (GUIÑAZU..., 2010, s.p – retirado de meio eletrônico), declarou o jogador.

Em mais esse exemplo, notamos a necessidade do atleta profissional de exteriorizar sentimentos de afeto pelo clube no qual está atuando, construindo uma estratégia de conciliação entre seus interesses profissionais e a paixão da torcida. Não queremos dizer que não há sentimentos envolvidos. Guiñazu, pode realmente possuir sentimentos afetivos pelo clube. No entanto, a necessidade de exteriorizá-los é um ponto a ser considerado.

Cabe salientar que a crescente mercadorização do futebol faz com que os atletas atuem em diversas equipes durante a carreira, e o que tudo indica, esta situação traz consigo a necessidade desses mesmos atletas de saber conciliar lógicas contrapostas que estão presentes no meio futebolístico profissional.

3 FUTEBOL DE ESPETÁCULO: NEGÓCIO E PAIXÃO

O futebol enquanto espetáculo esportivo, desperta uma gama variada de sentimentos – amor, paixão, ódio etc. – nos atores que direta ou indiretamente estão envolvidos com ele, sobretudo torcedores que acompanham com afinco o seu time

¹⁵Daqui em diante, neste trabalho, nos referiremos a estes clubes como Internacional e São Paulo.

do coração. No entanto, Toledo (2002) destaca que no futebol moderno¹⁶ a racionalização da prática está cada vez mais presente, notada, por exemplo, na rotina de treinamento altamente sistematizada dos atletas e nos diversos cursos de capacitação oferecidos a pessoas que buscam uma carreira extra campo, como a de treinador ou administrador esportivo.

Estes cursos, cada vez mais reconhecidos e legitimados no campo esportivo, explicitam de maneira muito clara a dinâmica da divisão social e simbólica ante as novas demandas e solicitações que vêm alterando toda a mitologia primordial em torno da idéia de futebol como elemento *inato* de identidade nacional (TOLEDO, 2002, p. 20-21).

Ainda assim, permanece, mesmo entre os profissionais, o discurso sobre o dom/talento. Acredita-se que os bons jogadores são aqueles que portam características especiais e se diferenciam dos demais no trato com a bola e no uso do próprio corpo, e que tais qualidades são inatas e tidas como dádiva.

Desse modo, como citado por Helal (2001, p. 153), o futebol “[...] combina imagens e atitudes aparentemente antagônicas que nos remete a idéia ora de lucro, ora de paixão, ora de profano, ora de sagrado [...]”, fazendo parte desse contexto a emoção dos torcedores e a racionalização crescente das ações dos *profissionais*.

Ocorreram ao longo do tempo, sobretudo a partir dos anos 1980, transformações significativas referentes à legislação desportiva brasileira que mexeram com as relações que envolvem atletas profissionais e clubes, principalmente aquelas decorrentes da Lei 9615/98, a chamada Lei Pelé. A ação mais polêmica trazida por essa lei determinou a extinção gradual do passe. O termo “passe”, bastante utilizado no meio futebolístico, “[...] nada mais é do que um contrato de vinculação exclusiva de um atleta profissional a um clube. Porém, esta vinculação, no caso do futebol, atrelava o jogador ao clube mesmo após o término do seu contrato, impedindo-o de trabalhar em outra entidade esportiva” (HELAL, 1997, p. 112). A Lei Pelé garante ao clube formador o direito de assinar o primeiro

¹⁶“Por ‘modernidade’ no futebol atual, valendo-se da conceituação nativa, compreende-se um amplo processo constituídos a partir dos parâmetros administrativos gerenciais implementados em princípio nos clubes, e fundamentados sob critérios orientados por uma racionalidade privada, tal como sugerida na Lei Pelé [...]” (TOLEDO, 2002, p. 108), o que está de acordo com a conceituação dada por Brunoro e Afif, citado pelo mesmo autor supra na qual “[...]. Modernidade significa estar a par de tudo aquilo que passa por um processo de transformação: teorias administrativas, avanços tecnológicos – na informática e na medicina esportiva –, tendências do mercado de jogadores no Brasil e no exterior etc. Por isso, um administrador competente não pode parar no tempo. Deve ficar ‘antenado’ com o mundo. É inadmissível que um indivíduo, só porque atua no futebol, leia apenas o caderno de esporte dos jornais” (TOLEDO, 2002, p. 108-109).

contrato profissional do atleta. Ao seu término, este fica livre para negociar um novo contrato com qualquer clube, passando a ser um trabalhador com direito ao controle de sua força de trabalho.

Tais mudanças na legislação fizeram com que aumentassem enormemente as transações envolvendo jogadores brasileiros, sobretudo para o exterior, o que contribuiu para o surgimento de outra característica marcante no futebol profissional, que no Brasil se intensificou principalmente a partir da década de 1990: a grande rotatividade de jogadores. Tornou-se comum os atletas profissionais atuarem em diversos clubes durante a carreira, ao contrário do que ocorria há tempos atrás quando esta rotatividade era bem menos intensa. Além disso, a presença da figura do empresário ou agente passou a ser constante no cenário futebolístico, sendo eles responsáveis pelo agenciamento de jogadores e pela negociação de contratos entre o clube e o atleta.

Partimos da hipótese de que esse aquecimento do mercado de jogadores e o conseqüente aumento da circulação de atletas fazem com que os mesmos sejam obrigados a criar estratégias de conciliação entre seus interesses profissionais e a paixão da torcida. Portanto, não estamos afirmando que os jogadores não trocavam de clube anteriormente, porém é inegável que a circulação de atletas era menor. Além disso, não é objetivo desta pesquisa buscar os motivos pelos quais os atletas rodavam menos, e sim como os atletas convivem com lógicas diferentes que permeiam o futebol de espetáculo na atualidade.

A mudança de clube muitas vezes é motivada pelo desejo do atleta de jogar em outro de maior visibilidade e/ou que lhe ofereça um maior salário. No entanto, a troca constante de clube não é vista com bons olhos pelos torcedores que costumam agir seguindo a lógica da paixão, uma vez que esperam do jogador, além de um desempenho elevado, demonstrações de sentimentos de identificação com o clube pelo qual atua. Algumas declarações de jogadores em entrevistas dadas a imprensa, por exemplo, parecem refletir esta situação.

Além dos exemplos já citados neste trabalho, outro que vale a pena ser mencionado refere-se ao lateral esquerdo Roberto Carlos em ocasião de sua apresentação no Corinthians. Em matéria publicada no site globo.com, o jogador que estava atuando no futebol da Turquia – país sem tradição no cenário futebolístico internacional – e que fez sucesso no início da carreira jogando na Sociedade Esportiva Palmeiras (considerado o maior rival do Corinthians) afirma que

é torcedor do Corinthians. “A minha realidade é que sou corintiano. Quero trabalhar para essa torcida. Quero ser feliz e ganhar títulos aqui. O passado no passado está” (ROBERTO..., 2010, s.p – retirado de meio eletrônico). Com esta declaração Roberto Carlos procura amenizar uma possível desconfiança da torcida do Corinthians quanto ao seu passado palmeirense, além de afirmar sua suposta identidade corintiana, atendendo a demanda da torcida por paixão¹⁷. No entanto, em entrevista exibida no programa Esporte Espetacular¹⁸, o mesmo jogador destaca que sua volta ao Brasil foi motivada, inclusive, por sua vontade de disputar a copa do mundo de seleções deste ano, realizada na África do Sul. Segundo o próprio atleta, jogar em uma equipe competitiva do futebol brasileiro pode lhe dar a oportunidade de ser convocado, algo que o jogador não cogitaria se ainda estivesse jogando no seu antigo clube da Turquia. Neste momento, Roberto Carlos deixa claro que agiu, prioritariamente, sob uma ótica racional, relacionado à sua carreira profissional, e não emocionalmente, pensando na sua suposta identidade corintiana. Desta forma, conciliar interesses profissionais e aspectos relacionados à paixão do torcedor é fundamental para o atleta e, acreditamos que devido a isso, Roberto Carlos faz declarações que o identificam com o Corinthians e com sua torcida.

Apesar da grande rotatividade de jogadores no Brasil ter se intensificado nas últimas duas décadas, a comercialização de atletas não é algo recente. Já no início da década de 1930, tempo em que o futebol no Brasil caracterizava-se por ser uma prática oficialmente amadora, alguns jogadores brasileiros começaram a migrar para países europeus, onde o profissionalismo já havia sido implantado. Bastava uma oferta de contrato vantajosa para que jogadores oriundos de famílias pobres fossem para o exterior (PRONI, 2000). Além da questão salarial, Franzini (2003) destaca que esses atletas iam à busca de reconhecimento profissional. Entre 1930 e 1932, seguiram para a Itália diversos jogadores como Rato, Filó, Pepe e Serafim. Fausto e Jaguaré, do Vasco da Gama, ficaram no Barcelona da Espanha em 1931, quando excursionavam com a equipe carioca pela Europa.

¹⁷No blog do apresentador Milton Neves, encontramos vários comentários de torcedores corintianos repudiando a contratação do jogador Roberto Carlos. Entre os motivos dessa desaprovação destaca-se o fato do atleta já ter jogado pela Sociedade Esportiva Palmeiras (que tem como mascote o porco), como pode ser observado no seguinte comentário de um corintiano: “pra mim ele não tem a cara do Corinthians, é mascarado e tem muita identificação com os porcos”. Para maiores detalhes consultar: <http://blog.miltonneves.ig.com.br/2009/12/15/roberto-carlos-troca-corinthians-por-real-madrid/>

¹⁸Entrevista exibida no dia 10/01/2010.

No entanto, Damo (2007), ao tratar da mercadorização de futebolistas, diz que o ano de 1933 é tomado como marco inicial, pois o acordo celebrado entre as ligas carioca e paulista, incluindo-se o ressarcimento pela transferência de atletas serviu como referência nacional. Segundo o autor,

[...]. O aumento gradativo de dinheiro aportado aos clubes a partir do futebol permitiu-lhes constituir uma base patrimonial e investir na produção ou recrutamento de atletas. Fez-se da contraprestação monetária um dispositivo concorrencial, seduzindo os que até então dispunham seu talento com base em critérios não econômicos, tais como vínculos afetivos, de local de moradia (bairro, vila operária, etc.), de trabalho (clube de fábrica) e assim por diante. É nesse cenário que o *métier* de futebolista se autonomiza, dando origem à circulação de atletas [...] (DAMO, 2007, p. 75-76).

O início da remuneração e a necessidade de melhor preparação dos atletas contribuíram para adoção do profissionalismo no meio futebolístico. Desta forma, faz-se necessário abordarmos as transformações provenientes da adoção desse novo modelo, mostrando as diferenças existentes entre ele e o amadorismo.

3.1 Do amadorismo ao profissionalismo no esporte

A transformação dos antigos jogos populares em esportes modernos confere um papel fundamental à Grã-Bretanha da segunda metade do século XIX. Dunning (1992) ao analisar a dinâmica do esporte moderno destaca a tendência de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados como critérios fundamentais para o seu desenvolvimento, que culminaram na “[...] inevitável erosão das atitudes, valores, e estruturas ‘amadoras’ e a sua correlativa substituição por atitudes, valores e estruturas que são ‘profissionais’ em qualquer sentido do termo” (DUNNING, 1992, p. 299).

Aos poucos os esportes foram se disseminando e, ao mesmo tempo em que isso ocorria alguns conflitos surgiam, sendo o mais emblemático, segundo Damo (2002), o conflito entre amadores e profissionais, antagonismo mais visualizado no desenvolvimento do futebol e do *rugby*.

Uma importante diferenciação entre esses dois modelos refere-se à seriedade presente no esporte profissional e ao caráter de divertimento que orienta o amadorismo. O *ethos* amador está diretamente envolvido com o prazer que a prática

do esporte proporciona presente no “jogo pelo jogo”. Já no esporte profissional o componente lúdico do jogo é

[...] seriamente ameaçado quando os jogadores se tornam dependentes dos espectadores – ou de ações externas, tais como interesses comerciais de grupos ou do Estado –, de recompensas financeiras e de outros. Nestas condições, quer se trate de um esporte abertamente profissional ou dito amador, as pressões no sentido de que os interesses dos espectadores assumam um papel importante, transformando o “jogo” em “espetáculo”, parecem ser inevitáveis (DUNNING, 1992, p. 310).

No entanto, torna-se importante salientar que o aumento da seriedade no esporte e a sua conseqüente diminuição como prática de divertimento já eram percebidos nas grandes escolas reservadas à própria elite, as *Public Schools*, onde alguns jogos populares tomaram outros significados e funções (BOURDIEU, 1983; DUNNING, 1992). Outro ponto a ser destacado, é o fato de que o amadorismo se cristalizou como ideologia elaborada e articulada para conter a participação popular advinda da profissionalização de esportes como o futebol e o *rugby*. Havia o desejo de manter a distinção social, limitando a prática desses esportes a membros da elite.

Porém, existem outros fatores que melhor caracterizam o esporte profissional e o diferencia do amadorismo. Um ponto de distinção importante é o ressarcimento a quem destina seu tempo à prática. No profissionalismo o atleta recebe uma recompensa financeira para se dedicar ao esporte, enquanto que no amadorismo este ato era considerado ilegal.

Ao falarmos das transformações decorrentes do profissionalismo, inevitavelmente devemos nos voltar ao futebol, visto que a partir dele podemos compreender as mudanças mais emblemáticas referentes à adoção do regime profissional. Damo (2002) nos diz que um dos motivos que levaram o futebol a ser disseminado muito rapidamente, especialmente nas regiões do Norte da Inglaterra, foi o seu pioneirismo em se aderir ao profissionalismo. Contudo, o seu desdobramento mais importante foi a grande adesão da classe trabalhadora.

[...]. Incorporadas pelo profissionalismo, elas contribuíram para elevar o nível técnico das competições, dispondo seus melhores quadros para os clubes administrados pela elite e, principalmente, criando um público extenso, diversificado e absorvido nos campeonatos que passaram a ser disputados regularmente. [...]. Depois de servirem como passatempo desinteressado das elites, os esportes – nem todos, é verdade – readquiriram parte da conotação pública e coletiva dos antigos jogos populares. Integrados num sistema ordenado de disputas, [...] os esportes

seduziram uma legião de participantes e seguidores que acorreram ao meio urbano a partir da industrialização (DAMO, 2002, p. 26).

Um número cada vez maior de aficionados, ao mesmo tempo coesos e rivais entre si, passou a se identificar com clubes adeptos do profissionalismo. Neste momento, o esporte se popularizava, tornando-se mais acessível como prática e como espetáculo de consumo.

O esporte visto como espetáculo se caracteriza por ser “[...] produzido por profissionais e destinado ao consumo de massa. [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 145). Desde o seu surgimento, como destaca Lovisoló (1997), a vertente espetáculo do esporte moderno já possuía características definidas que seriam potencializadas posteriormente pelos meios de comunicação. O público que se vê envolvido nesse espetáculo passa a ser testemunha que legitima seus eventos e,

[...]. Mais do que meros espectadores passivos, essas testemunhas são parte integrante da “cerimônia espetacular”. Assim, mídia, público, ídolos, fãs, indivíduos anônimos e celebridades, artistas e audiência, ao mesmo tempo em que fazem parte de dimensões socioexistenciais diferenciadas, coexistem dentro de um universo integrado onde uma parte não faz sentido sem a outra (HELAL, 2001, p. 151).

Sendo assim, segundo Helal (2001), devemos considerar a sociedade moderna como sendo “mediatizada”, não tratando mídia e sociedade como departamentos autônomos e independentes entre si.

No Brasil, seguindo os passos do que acontecia na Europa, o futebol começa a ganhar uma feição mais organizada, com competições amadoras promovidas por uma associação constituída pelos clubes. O futebol, progressivamente, deixava de ser praticado apenas pela elite, sendo desfrutado também por trabalhadores e operários de classes populares (FRANZINI, 2003). Com o passar do tempo, o público que admirava o futebol aumentava, tornando esse esporte cada vez mais popular. Os estádios cariocas e paulistas constantemente tinham toda a sua capacidade de receber o público esgotada, fazendo com que a receita dos clubes aumentasse devido à venda de ingressos, que passou a ser a principal fonte de renda para os clubes.

Cada vez mais, a necessidade de vitórias era questão de sobrevivência para os clubes, tendo estes que formar equipes competitivas para atrair os torcedores (FRANZINI, 2003) e, para isso, precisavam contar com jogadores de classes

populares para manter o nível técnico da equipe. Esta situação foi fundamental para a transformação do futebol em espetáculo popular e profissional no Brasil (PRONI, 2000).

O dinheiro dos clubes, adquirido com a bilheteria dos jogos, passou a ser utilizado para pagar alguns jogadores. No entanto, esta era uma prática ilegal que deveria ser camuflada, pois desconfigurava o futebol como um esporte amador. Podemos notar, portanto, que a presença do público passou a ser fundamental, contribuindo decisivamente para a adoção do profissionalismo, uma vez que

A evolução do futebol profissional no Brasil é um exemplo clássico da gravitação inevitável de uma trajetória que está ligada ao jogo como espetáculo de massa. Quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol. Estas tornaram-se as vitrinas dos clubes, que, como instituições sociais e em geral esportivas, concentravam interesses financeiros cada vez maiores. Levar em consideração a “classe” dos jogadores – mesmo que fosse num sentido puramente esportivo – tornou-se afinal um empreendimento quixotesco (ROSENFELD, apud PRONI, 1998, p. 186).

Ao destacar o esporte espetáculo como um fenômeno da sociedade de massa, Proni (1998) ressalta que o esporte de maneira geral, e o futebol em particular, devem ser encarados como um produto da mercantilização de componentes do mundo esportivo. Assim, as opções de consumo de artigos, de práticas dirigidas e de entretenimento esportivos são múltiplas e sua oferta se estrutura segundo princípios de mercado, destinando-se a um público consumidor disposto a pagar por bens de serviços que, como qualquer mercadoria, deve possuir uma utilidade imediata, um valor de troca, e, principalmente, um valor simbólico.

O surgimento do esporte como espetáculo tem ampla ligação com a dinâmica do esporte moderno, como menciona Dunning (1992, p. 317), propiciado pela configuração social global da Grã-Bretanha no século XVIII, tempo de uma sociedade pré-industrial, em que a orientação para o sucesso e para o resultado “[...] tendo em vista formas de participação ‘dirigidas para os outros’, quer no desporto quer noutros sectores [...]”, era desejável.

[...] os desportistas de alto nível, homens e mulheres, não podem ser independentes e jogar por divertimento, sendo obrigados a dirigirem-se para os outros e a participar nos desportos com seriedade. Isto é, não podem jogar para si próprios, sendo forçados a representar unidades sociais mais vastas, como cidades, distritos e países. [...] espera-se que realizem uma

“actuação-desportiva”, isto é, o tipo de satisfações que os dirigentes e os “consumidores” do desporto exigem, nomeadamente o espetáculo de um confronto excitante que as pessoas se dispõem a pagar para assistir ou a validação, através da vitória, da “imagem” e da “reputação” da unidade social com a qual se identificam esses dirigentes e “consumidores”. (DUNNING, 1992, p. 321).

Enquanto o esporte amador tem como objetivo principal o prazer proveniente da prática, ainda segundo Dunning (1992), no esporte de espetáculo (obrigatoriamente profissional) a satisfação está ligada principalmente com a identidade e o prestígio, caracterizando, de acordo com Bourdieu (1996) um capital simbólico. Essa espécie de capital permite que o indivíduo desfrute de uma posição destacada frente a um campo, sendo tal destaque reforçado pelos signos distintivos que reafirmam a posse deste capital¹⁹.

O capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor. [...]. Mais precisamente, é a forma que todo tipo de capital assume quando é percebido através das categorias de percepção, produtos da incorporação das divisões ou das oposições inscritas na estrutura da distribuição desse tipo de capital (como forte/frágil, grande/pequeno, rico/pobre, culto/inculto etc.) (BOURDIEU, 1996, p. 107).

No meio futebolístico, estudo realizado por Rial (2008) aponta que na visão dos atletas, jogar por diversos clubes importantes caracteriza-se como uma forma de capital simbólico, visto que “rodar” é valorizado positivamente pelos jogadores²⁰. Sendo assim,

O sistema futebolístico, na esfera prestigiosa do futebol de espetáculo no qual se inserem, pressupõe o trânsito e a efemeridade da relação dos sujeitos com os seus clubes, sendo essa circulação um signo de sucesso. [...]. Um jogador *rodado* é tido como experiente. Há um capital futebolístico

¹⁹ Apesar de o esporte amador ter como característica marcante o prazer proveniente da prática, devemos considerá-lo também como um possível gerador de capital simbólico. Assim, oartilheiro do campeonato de bairro ou o craque da pelada do condomínio podem desfrutar de certo prestígio no local onde vivem. Talvez o que o diferencie do esporte profissional esteja no fato de que a partir de sua prática seja gerado apenas um tipo de capital, o simbólico. Já no esporte profissional, a partir do capital simbólico se pode gerar capital financeiro.

²⁰ Rial (2008) apresenta em seu estudo uma forma de capital inerente ao meio do futebol: o capital futebolístico. Para isso, a autora toma como base o conceito de capital cultural, capital social e capital simbólico de Bourdieu, não se limitando apenas a este último. Sendo assim, o capital futebolístico representa “[...] a soma de conhecimentos particulares ao campo futebolístico, sendo eles conhecimentos corporais (saber como empregar o corpo nas *performances* futebolísticas), sociais (conhecer pessoas importantes para a ascensão no campo) ou econômicos (saber administrar contratos e inversões monetárias)”.

adquirido nessa circulação que, quando transmitido, pode ser de valor muito alto para os novos jogadores (RIAL, 2008, s.p. – retirado de meio eletrônico)

O futebol profissional, comumente chamado de futebol moderno ou futebol de espetáculo, está envolvido em uma atmosfera muito mais “séria” quando comparado à sua prática profissional no final do século XIX na Inglaterra. O futebol enquanto espetáculo moderno está imerso em uma rede de relações que envolvem interesses diversos²¹, sejam eles econômicos e políticos de investidores e das mídias ou de torcedores que, em grande parte, agem orientados pela emoção.

Proni (1998) destaca que ao longo dos últimos cinquenta anos a lógica mercantil foi determinante para formar a organização do esporte de espetáculo no atual estágio que se encontra.

[...]. A partir do momento em que assume a forma de espetáculo, praticado para uma assistência pagante e ligado a um capital comercial, com vistas à reprodução deste mesmo capital, o esporte passa a ter características de uma mercadoria e a possuir um valor-de-troca que será determinante para sua história. [...]. (SOUZA, apud PRONI, 1998, p. 87).

Tratando-se de Brasil e, mais especificamente do futebol, são notórias as modificações ocorridas em seus principais clubes a fim de se adaptarem ao atual estágio do futebol profissional, sobretudo a partir dos anos 1990. Tais modificações são visíveis tanto em termos gerenciais quanto nas formas de preparação dos atletas e formação das equipes.

Novos dirigentes surgiram e continuam surgindo com formação específica de gestores esportivos, a fim de administrar instituições que buscam não apenas o sucesso nas competições, mas também lucratividade. Assim, “[...] os novos dirigentes devem dominar a gramática empresarial, os fundamentos da administração, os processos racionais e otimizados de gerenciamento e *marketing* esportivo” (TOLEDO, 2002, p. 24).

Os novos ídolos passam a ser fabricados e monitorados nas categorias de base dos clubes, não sendo mais descobertos “prontos” na várzea, como acontecia no Brasil até meados da década de 1970. O alcance dos resultados desejados em

²¹Devemos considerar que existem graus diferentes de interesses. Sendo assim, campeonatos e clubes mais valorizados se enquadram perfeitamente nesse modelo, o que não se estende a todas as esferas do futebol profissional, sobretudo às divisões inferiores de campeonatos e ao futebol de países com pouca tradição em competições internacionais ou países em que o futebol é menos popular.

níveis de excelência passa a requerer uma rotina sistemática de treinamento e dedicação por parte dos atletas, que contam com a atuação de outros profissionais como psicólogos e fisioterapeutas, por exemplo, e melhor estrutura física para desenvolver as atividades diárias.

As derrotas e reveses no futebol não podem mais ser explicados pelo azar, infortúnio ou quaisquer vaticínios considerados por esta visão como “irracionais” ou, como querem nomear alguns de seus propagadores, oriundos de uma perspectiva meramente torcedora (TOLEDO, 2002, p. 147).

Podemos considerar, portanto, que *profissionais* e torcedores, de uma maneira geral, veem o futebol a partir de lógicas diferentes e são levados a agir guiados, preponderantemente, pela razão e pela paixão respectivamente. Toledo (2002, p. 243) destaca uma crônica publicada no jornal “A Gazeta Esportiva” de 26/10/1996, que diz:

[...]. É contraditório cobrar do atleta profissional um comportamento de empregado padrão e, ao mesmo tempo, exigir posturas como amor à camisa, dedicação, garra, raça, entrega [...]. O torcedor e uma parcela da imprensa esportiva teimam em exigir dos atletas uma postura semi-escravagista. [...] o torcedor só dá valor ao craque que termina a vida na miséria porque decidiu naufragar com o clube de coração [...].

Podemos notar, com isso, a presença de valores que tensionam atitudes tomadas por parte dos jogadores, que são levados a agir pensando ora na paixão torcedora ora no elevado grau de profissionalização que envolve o futebol moderno. Este, por sinal, é o ponto que merecerá melhor atenção daqui para frente.

3.2 O profissionalismo e a paixão na relação entre atletas e torcedores

Damo (2007) ao apresentar o futebol de espetáculo destaca três particularidades principais. A primeira é a sua organização de forma monopolista, globalizada e centralizada através da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e a *International Board* (IB), que estabelecem normas para a relação entre os clubes, controla o mercado de jogadores, além de exercer o controle das regras do *football association*. Este fato garante que em todas as

partes do mundo as equipes que fazem parte do sistema FIFA-IB sigam as mesmas regras na prática do futebol.

A segunda particularidade diz respeito aos atores sociais presentes no universo futebolístico e que estão envolvidos direta ou indiretamente com o jogo. Toledo (2002) os divide em três categorias que são os profissionais, os especialistas e os torcedores, cada um deles responsável pela dinâmica do futebol de espetáculo. Damo (2007) acrescenta a essa categorização proposta por Toledo, os dirigentes que detêm o controle das agências que ditam os rumos do futebol de espetáculo.

A terceira particularidade do futebol de espetáculo apresentada por Damo (2007) é a excelência performática exigida dos praticantes. Para cumprirem com tal exigência é necessária preparação específica e especialização em relação ao uso das técnicas corporais, individuais e coletivas, condição indispensável para que elas sejam exibidas ao público.

Sendo assim, como já foi explicitado anteriormente, o público exerce grande função na dinâmica do futebol de espetáculo, uma vez que a excelência performática é imposta de fora para dentro, em função de diversos interesses que também estão relacionados com os interesses de dirigentes, críticos e patrocinadores²². Devemos enfatizar ainda, que os espetáculos esportivos necessitam de testemunhas para legitimar seus eventos e que tais testemunhas fazem parte efetivamente do espetáculo, não se limitando a meros espectadores passivos (HELAL, 2001).

Damo (2007, p. 34-35) também destaca a produção de emoções como um fator fundamental, na qual a noção de pertencimento clubístico possui grande importância. “Esta modalidade de pertencimento é moldada pela dinâmica do clubismo, uma espécie de totemismo moderno no espectro do qual ser palmeirense, flamenguista ou cruzeirense adquire sentido. Sem clubismo não haveria espetacularização do futebol [...]”.

Como assinala Elias (1992), a emoção despertada em uma partida de futebol por meio da criação de tensões como tristeza, alegria, medo, prazer mimético, produzem situações imaginárias que se aproximam do que é vivido na realidade. Além do valor mimético de produzir excitação controlada e equilibrada, o futebol

²²Além da nítida exigência existente em função de interesses externos, devemos considerar também que há exigências que partem de dentro para fora, uma vez que o próprio atleta pode exigir de si mesmo, almejando uma posição de destaque na profissão.

pode exercer um efeito catártico ao provocar “[...] a exteriorização das emoções recalçadas por meio de palavras, atos ou sentimentos” (BREUR, apud FERNÁNDEZ, 1974, p. 39).

Portanto,

O espetáculo esportivo possui uma natureza quente, procura impactar nossas emoções, sentimentos e sensibilidade, fazendo-nos rir, chorar ou exaltar. Um bom espetáculo deve aumentar nossa carga emotiva, fazer crescer nossas emoções e, no final, permitir sua descarga, embora ao longo do mesmo existam descargas parciais da emotividade. Um espetáculo que não nos comove deixa de sê-lo e torna-se sem graça, contra nossos gostos, contra aquilo que esperamos que nos proporcione (LOVISOLO, 1997, p. 83).

Contudo, Damo (2007, p. 44) diz que “A exibição na forma de um confronto espetacularizado, que tende à separação entre vencedores e perdedores, é fundamental para a produção e circulação das emoções dos torcedores, antes, durante e depois do espaço-tempo do jogo propriamente dito. [...]”. É através desses confrontos que a tensão e o conflito se afloram a níveis mais elevados, ainda mais em se tratando de disputas entre clubes rivais, caracterizando o que Geertz (1989) denominou o caráter absorvente da disputa.

Como já foi mencionado anteriormente, o clubismo possui papel fundamental no engajamento de emoções no futebol espetacularizado, visto que o público que vai aos estádios o faz com o intuito de prestigiar um dos times que estão envolvidos no embate esportivo, time este que representa o clube pelo qual ele torce²³ (DAMO, 2006, 2007). Silva (2001), ao estudar as razões que atrelam o torcedor a um clube, afirma que tal relação não se dá de maneira aleatória, pois, em geral, o torcedor se interessa por um clube devido a vínculos familiares, vínculos de amizade, por residir próximo ao clube, por se identificar com a origem ou história do clube ou por vivenciar sucesso ou insucesso dessa equipe²⁴.

²³Existem argumentos que indicam uma nova conduta torcedora, diferente da que é vista no clubismo. Toledo (2002) destaca a matéria do jornalista esportivo José Geraldo Couto da Folha de S. Paulo em 5/9/1996, que enfatiza a crescente racionalização dos processos gerenciais, identificado pelo investimento ditado cada vez mais pelas leis do mercado. “[...]. A tendência, a longo prazo, é que os próprios clubes percam importância, do ponto de vista do público, em favor de um conceito mais pragmático de espetáculo [...]. Acabou o tempo em que o torcedor dava a vida pelo clube. Daqui pra frente, cada vez mais, o espectador vai pagar para ver o jogo que tiver mais craque em campo – como quem escolhe a peça de teatro em função dos atores ou concerto em função dos músicos. É o fim da paixão? [...]” (p. 243-244). No entanto, não parece haver esta tendência, pelo menos no Brasil, haja vista as constantes e calorosas manifestações de torcedores nas ruas e nos estádios.

²⁴A pesquisa realizada por Silva (2001) constitui-se em um estudo de caso referente ao Club de Regatas Vasco da Gama e, portanto, as conclusões do trabalho se referem aos torcedores do Vasco.

Apesar de cada vez mais o futebol de espetáculo estar voltado para razões de ordem econômica, é de interesse de quem promove o espetáculo fazer crer que outras razões orientam seus rumos. “[...]. Assim como a publicidade não sobreviveria se, ao invés de criar fantasias, se voltasse contra elas, a mídia esportiva e os espetáculos que ela promove viriam à baila se eles fossem tratados com a frieza, a seriedade e o utilitarismo do mundo dos negócios. [...]” (DAMO, 2006, p. 41). Esta mesma ideia está ligada à realização da Copa do Mundo de futebol, com a diferença de envolver nações ao invés de clubes. No entanto, o sentimento de pertença permanece, uma vez que a equipe que está envolvida na competição representa todo um povo ávido por emoções e por ver o sucesso de sua pátria. Este engajamento emocional que atrela códigos nacionais torna a Copa do Mundo de futebol um evento altamente lucrativo. No entanto,

[...] é imprescindível encobrir os interesses propriamente econômicos, seja dos dirigentes, agentes/empresários, jogadores e mesmo dos patrocinadores. [...]. A *illusio* esportiva precisa fazer ver e fazer crer que os esportes são outra coisa, se possível a negação da razão instrumental, dos interesses egoístas, enfim, é preciso, [...] dotar as copas de um adorno amadorístico, pois é nesta perspectiva que os torcedores se percebem (DAMO, 2006, p. 57).

Parece a nós evidente que, o que Damo afirma em relação à Copa do Mundo de futebol pode ser estendido, sem sombra de dúvida, ao futebol de espetáculo de um modo geral. Assim, é possível pensar que as tensões entre os planos material e simbólico do futebol profissional são, em parte, produto do que este autor chamou de *illusio* esportiva. Neste contexto, a paixão do torcedor é também estimulada, enquanto sua razão instrumental se dirige quase que exclusivamente para a *performance* em campo.

O fenômeno do clubismo, entendido como sendo um totemismo moderno, é considerado um sentimento de pertença que faz o indivíduo se reconhecer como membro de uma coletividade que o transcende, de maneira análoga à esfera religiosa. Dessa forma, podemos considerar que os torcedores de um mesmo clube se assemelham com os membros de um mesmo clã, como descrito por Durkheim (1989, p. 215), visto que

No entanto, o autor acredita que algumas dessas conclusões podem ser estendidas à relação de outros torcedores com seus respectivos clubes.

[...] não estão unidos uns aos outros nem pela comunidade do habitat nem pela do sangue, já que não são necessariamente consanguíneos e já que muitas vezes encontram-se dispersos em pontos diferentes do território tribal. Sua unidade deriva, portanto, unicamente do fato de terem igual nome e emblema, de acreditarem manter idênticas relações com idênticas categorias de coisas, de praticarem os mesmos ritos, isto é, em suma, de comungarem em um mesmo culto totêmico.

Durkheim (1989) ao estudar tribos australianas concluiu que a vida social somente é possível através de vasto simbolismo, destacando que o totem visto como emblema da tribo tem papel fundamental. No entanto, tal característica não se limita às sociedades primitivas, estendendo-se às sociedades modernas com seus cultos à bandeira, por exemplo. Assim, da mesma forma que o totem é objeto de veneração, a bandeira representa algo abstrato como o país ou a sociedade, e transforma-se em objeto de sentimento e de ação. Notamos, portanto, que o sagrado se insere no interior das sociedades seculares modernas.

Damo (2006, p. 46) utiliza-se deste pensamento ao analisar o fenômeno do clubismo no futebol de espetáculo, destacando que “Um clube é, pois, um símbolo que condensa os sentimentos de uma extensa comunidade de pertença, à maneira dos totens, que representam certas divisões sociais para muitos ditos primitivos”. Este mesmo autor completa:

O clube é uma entidade sagrada: por representar a coletividade; por ser o elo temporal entre passado, presente e futuro; por ser espelhar pertencimentos extra-futebolísticos e, sobretudo, por ser uma projeção, no indivíduo, dos afetos familiares. O clubismo sela a unidade de parentela masculina, solidária no êxito e no fracasso. O sofrimento é imanente à trajetória de qualquer torcedor dito fanático, pois ele se sente preso ao clube e, como tal, ao time que o representa, arcando com o bônus das vitórias e com o ônus das derrotas. E o que pode ser mais marcante do ponto de vista das identidades afetivas do que sofrer juntos? Latentes na maior parte do tempo, os afetos são manifestos em ocasiões rituais, sobretudo nos estádios. E o que é mais importante: os torcedores experimentam, nessas ocasiões, verdadeiros dramas pessoais, sendo dragados pela tensão e pela expectativa do jogo. Não é certamente a performance técnica dos jogadores que suscita o transe, mas as emoções primordiais drenadas para o pertencimento clubístico (p. 50)²⁵.

Giulianotti (2002) destaca a existência de uma relação histórica e simbólica entre religião e esporte, sobretudo o futebol, destacando que tais fenômenos culturais não precisam ser mutuamente excludentes. Desta forma, este autor

²⁵Podemos, todavia, dizer que o desempenho, potencializa o transe. Quando ela é positiva, no gozo coletivo do gol, da bela jogada e da vitória. Quando ela é negativa, na purgação e no sofrimento compartilhado, como um partícipe de um destino trágico, do qual não se pode interferir.

discorda do pensamento que considera o jogo moderno como substituto da religião como instituição que une as pessoas, ao mesmo tempo em que deu origem ao estado de êxtase emocional anteriormente associado à cerimônia religiosa. Em síntese, o mesmo autor diz que devemos considerar que futebol e religião se integram de maneira complexa.

O próprio jogo de futebol envolve grande número de ritos religiosos [sic]. O estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, oferece o mais profundo ambiente para a adoração. A atmosfera se intensifica quando o público se levanta antes do pontapé inicial. As cores das torcidas denotam sua identidade tribal distinta da de seus adversários distantes amontoados no outro oposto do mundo. Seus cantos mágicos de apoio totêmico ecoam, nas extremidades cobertas, em mantas de suas sílabas prolongadas: “Vas-co, Vas-co” ou “Men-go, Men-go”. [...] (GIULIANOTTI, 2002, p. 37).

Helal (1997), também menciona este fato ao analisar o futebol em sua dimensão profissional e como espetáculo esportivo, salientando que encontramos vinculado a ele manifestações sagradas, mesmo com sua crescente comercialização. Esta situação, segundo o autor, evidencia-se no canto das torcidas, na reverência aos ídolos, símbolos e cores dos times, no choro e nas preces dos torcedores nos estádios que agem dessa forma quase como se estivessem em um templo sagrado.

Apesar da invasão comercial (profana), uma certa aura sagrada permanece, ou melhor, é recriada. É como se a crescente comercialização fosse absorvida pela “necessidade” da “sacralidade”, fazendo com que os limites entre o sagrado e o profano não sejam bem definidos nesse universo (HELAL, 1997, p. 39).

Esta “invasão comercial” a que se refere Helal pode ser notada no alto grau de mercadorização alcançado pelo futebol de espetáculo, o que faz movimentar uma enorme fortuna todos os anos. Rial (2008) destaca que as transações envolvendo jogadores brasileiros para o exterior têm impactos significativos no campo financeiro nacional. A mesma autora, baseada em dados do Banco Central, menciona que a exportação de jogadores rendeu para o Brasil mais de US\$ 1 bilhão desde 1993 e que somados apenas o faturamento dos anos de 2005 e 2006, “[...] as transferências de jogadores brasileiros para o exterior renderam mais dólares ao país do que as vendas de algumas frutas tradicionais da pauta de exportações brasileira, como banana, melão, mamão e uva” (NERY, apud RIAL, 2008, s.p. - retirado de meio

eletrônico). Ainda com base em dados do Banco Central, Alcantara, citado por Soares e Bartholo (2009) destaca que em 2005 a venda de jogadores para o exterior representou 40% das exportações brasileiras (cerca de U\$ 6 bilhões)²⁶.

As transações envolvendo jogadores brasileiros para o exterior aumentaram consideravelmente nos últimos anos, chegando a 1085 transferências em 2007²⁷. Levantamento realizado por Soares e Bartholo (2009), a partir da lista de transferência da CBF, aponta que 5117 futebolistas foram para o exterior durante o período de 2002 a 2009, sendo que 2945 (57,55%) deles rumaram para a Europa. Atentos a este aquecimento do mercado de jogadores, clubes, empresários e agentes de futebol procuram tirar proveito desse atual momento para lucrarem com a transferência de atletas. Desta maneira, a formação de jogadores com vista ao mercado externo passou a ser encarado como um ótimo negócio, sendo, cada vez mais, alvo de investimento no Brasil.

Neste contexto, Damo (2007, p. 127) ao tratar da formação de atletas pelos clubes brasileiros apresenta três modelos possíveis: “o endógeno, cuja produção de futebolistas é voltada às demandas do clube; o exógeno, dirigido ao mercado de pés-de-obra²⁸; e o modelo híbrido, que atende às duas finalidades”.

O modelo endógeno é aquele que vai à contramão do que é visto no futebol de espetáculo e mercadorizado atual. Sua lógica além de ser uma estratégia econômica, já que tem como objetivo baratear os custos, também pode ser uma estratégia política, com o intuito de agradar torcedores de um clube que preferem ter em sua equipe jogadores que se identificam com o clube desde sua formação nas categorias de base. Talvez o exemplo mais claro desse tipo de formação seja a do Athletic Club, da cidade de Bilbao, no Norte da Espanha. Os argumentos apresentados por um dos diretores do DENA²⁹ expressa essa condição:

Para o Athletic, não importam os resultados a qualquer preço, não é para isso que o clube existe e compete. Para nós, o futebol é uma forma de dizer quem nós somos, de viver a nossa identidade. Então não faz sentido comprar jogadores de fora. [...]. Nós colocamos em campo jogadores identificados com o clube, e se o Athletic é basco, então achamos que os jogadores devem ser bascos. [...]. Pagamos bem nossos jogadores, mas

²⁶ A cifra, mesmo que inexata, fornece indícios da importância econômica do futebol.

²⁷ Dados retirados do site da CBF (www.cbf.com.br).

²⁸ O termo pés-de-obra é utilizado por Damo (2007) para designar o profissional que tem como meio de trabalho a prática do futebol.

²⁹ “DENA é a sigla de Danon Ekimena Nortusuna Athletic que, traduzido, significa algo como projeto de culturação/constituição de identidade atleticana (Athletic Club)” (DAMO, 2007, p. 341).

eles não suam a camisa pelo cheque. Damos todas as condições de trabalho e exigimos muito, nossos torcedores são muito exigentes. Você acha que isso que estão fazendo [...] é futebol? Não, isso é negócio. Se formos obrigados a fazer isso, então é melhor largar o futebol (DAMO, 2007, p. 130-131).

Já a produção exógena, como assinalado anteriormente, assume o papel de formar jogadores para o mercado de futebolistas, justamente o oposto observado na produção endógena. “Todavia, o modelo exógeno só se configura a partir do momento em que produzir futebolistas tornou-se uma atividade lucrativa, pois é o interesse econômico que define essa lógica” (DAMO, 2007, p. 136). Um exemplo claro é o RS Futebol Clube, situado no limite dos municípios de Porto Alegre e Alvorada. O clube que atualmente disputa apenas competições das categorias de base pertence à empresa Talento Desportivo S/A que assume abertamente a sua vocação mercadológica, estando interessado unicamente em comercializar as “mercadorias” (jogadores) que produz.

Em relação ao modelo híbrido, Damo (2007, p. 144) destaca ser este o modelo seguido pelos clubes de primeira e segunda divisões brasileiras e configura-se como sendo aquele que “[...] concilia a premissa identitária e mercadológica conforme a conveniência, razão pelo qual ele poderia ser chamado de oportunista. Os jogadores são produzidos para atender às demandas dos torcedores, mas se o mercado oportunizar, são vendidos prontamente. [...]”.

Os jogadores que estão disponíveis no mercado, provenientes do modelo de produção exógena e híbrido, são agenciados por empresários responsáveis em negociar o contrato do atleta com os clubes. Uma matéria veiculada ao Jornal do Brasil, intitulada “Investimento futebol clube”, procura retratar o atual momento vivido pelo futebol brasileiro, destacando que a camisa não é considerada um item importante para definir a quem pertence um jogador. A cada dia aumenta a quantidade de empresas, como a Ability, a Traffic e o Grupo Sonda, que dividem os atletas em fatias, como as ações na bolsa. Tais empresas funcionam como operadores que compram e vendem ações na bolsa de valores, aproveitando a dificuldade financeira dos clubes e a impossibilidade de contratar jogadores valorizados. Como enfatiza o diretor-financeiro do Grupo Sonda, Roberto Moreno, a intenção é fazer dinheiro, não sendo levado em consideração o amor à camisa.

Inúmeras notícias são veiculadas na mídia esportiva a respeito de transações envolvendo atletas profissionais e os salários pagos a eles. Esse assunto também

se faz presente nas conversas entre torcedores que acreditam ser o dinheiro a base de recrutamento de atletas na atualidade, instituindo um contrato de caráter utilitário e interesseiro. Sendo assim, como nos diz Damo (2007), é preciso forjar outros vínculos, de ordem emocional, entre atletas e clubes, visto que a crença dos torcedores é de que um time de mercenários não vai a lugar algum.

Basta lembrarmo-nos que uma das causas atribuídas à derrota da seleção brasileira na última Copa do Mundo na Alemanha (2006) foi a suposta falta de “amor à camisa” dos jogadores. Na ocasião a própria imprensa esportiva nacional mencionou que o fato de quase todos os jogadores brasileiros atuarem em equipes do exterior há anos, faz com que os mesmos percam o sentimento de brasilidade, fazendo-os não jogar com a determinação e raça esperada de alguém que está representando a pátria amada³⁰. Tal acusação fez a CBF determinar algumas vezes que todos os convocados, independente do clube em que jogam, inclusive de países europeus, deveriam se apresentar no Brasil antes de embarcarem para o local da partida, mesmo esta sendo realizada na Europa.

Para lidar com a paixão da torcida, muitas vezes não basta ao jogador se destacar nas partidas, sendo necessário possuir/demonstrar laços de sentimento afetivo pelo clube. Vale lembrar que os torcedores são aqueles que estão vinculados ao clube de forma definitiva, interditando a sua circulação, contrapondo-se ao que fazem os atletas profissionais. Sendo assim, administrar a relação com a torcida é fundamental para os jogadores, e tão mais o será quanto mais eles circularem.

No entanto, tentativas de expor supostos laços afetivos por parte dos atletas e a própria cobrança da torcida neste sentido parecem ser contraditórias no futebol profissional e espetacularizado, no qual “os vínculos entre jogadores e clubes deixaram de ser meramente afetivos para ser contratuais, legalizados e remunerados, sendo a gestão do tempo orientada pelos critérios de eficácia e rendimento, tal qual os de uma empresa qualquer do setor produtivo [...]” (DAMO, 2007, p. 92). Apesar disto, não é difícil encontrar contra-exemplos desta gestão empresarial no âmbito do futebol. Seja pela incapacidade do clube cumprir com suas obrigações contratuais, seja por um contexto de relações sociais dominado pela

³⁰Estudo realizado por Rial (2008) a respeito de jogadores brasileiros que atuam no exterior indica que apesar de morarem em outro país, a proximidade com o Brasil é constantemente afirmada em suas falas e práticas cotidianas de consumo que compõem seus estilos de vida. “A televisão, os DVDs e as fitas cassetes com músicas brasileiras e mais ainda, a internet, os trazem imaginariamente diariamente ao Brasil, ou se preferirem, os mantêm no Brasil [...]. Assim, o círculo das mercadorias que consomem reafirma permanentemente suas identidades nacionais [...]” (RIAL, 2008, s. p.).

lógica patrimonialista e cordial³¹, não raro encontramos narrativas sobre privilégios dados a determinados jogadores em relação as suas obrigações profissionais, ou suspeitas sobre a dedicação de jogadores aos treinos e partidas em função das mais diversas causas³².

A partir do engajamento emocional que a torcida espera dos jogadores, algumas atitudes destes parecem representar, nos termos de Mauss (2003), retribuição de dádivas. Este autor ao retratar a forma e a razão da troca nas sociedades arcaicas, evidencia o caráter obrigatório e interessado de tais trocas, contrapondo-se ao seu caráter supostamente livre e gratuito. Sendo assim, Mauss busca responder as seguintes questões: *“Qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua?”* (p. 188).

Ao abordar a necessidade de retribuir os presentes recebidos, Mauss destaca que existem contratos sociais que estão colocados de forma simbólica. O contrato exprime a sociabilidade criada pela dádiva e se faz sob a forma de presentes. Além disso, nas economias e direitos das sociedades tidas como primitivas não se constataram simples trocas de bens e riquezas entre indivíduos. O contrato é estabelecido entre coletividades, são pessoas morais (clãs, tribos, famílias) que negociam e, eventualmente, se enfrentam em grupos e/ou por intermédio de seus chefes. As trocas não envolvem apenas bens e riquezas úteis economicamente, estendendo-se a banquetes, gentilezas, ritos, mulheres, festas, etc., que representam a prestação de valores espirituais onde a circulação de riquezas e o mercado aparecem como termos de um contrato mais geral e permanente. Essas prestações e contraprestações, denominado por Mauss de “sistema de prestações totais”, realizam-se de forma voluntária, por presentes, embora sejam, no fundo, obrigatórias podendo incentivar guerras privadas ou públicas.

Ao analisarmos a relação existente entre atletas e torcidas no futebol profissional e de espetáculo, também podemos notar a existência de contratos sociais que estão colocados de forma simbólica. Trata-se de um contrato de

³¹Entendida aqui na perspectiva desenvolvida por Sergio Buarque de Holanda no clássico “Raízes do Brasil”.

³²A guisa de exemplos poderíamos citar as chamadas “turmas do chininho”, atletas que ficam mais tempo em tratamento médico do que treinando e jogando, segundo a imprensa, por motivos suspeitos.

obrigações em que cabe aos atletas jogar em busca das vitórias, enquanto os torcedores ficam com a dever de apoiar o time e o aplaudir em suas conquistas. Seria algo parecido com dádivas trocadas, onde retribuí-las torna-se necessário. Quando uma das partes não cumpre o seu papel, a outra se sente no direito de protestar e cobrar explicações.

Tomando os estudos de Mauss como referência, podemos pensar que algumas atitudes tomadas por parte dos jogadores como a de beijar a camisa, por exemplo, talvez possam representar uma retribuição simbólica ao apoio e incentivo dos torcedores que cantam e gritam o nome do clube e dos jogadores durante os jogos. Podemos estender tal pensamento à relação entre clube e atleta, na qual existiria um sistema de prestações em que dar e receber se constitui como algo essencial e que pode ir além do caráter formal das obrigações do trabalho. Como exemplo, podemos citar o caso do jogador Léo Lima que ganhou visibilidade no meio futebolístico após ter jogado pelo Vasco em 2002, e retornou ao mesmo clube para disputar a segunda divisão do Campeonato Brasileiro de futebol no ano de 2009. Em entrevista dada pelo jogador, o mesmo afirma que seu retorno ao Vasco foi devido à vontade de ajudar o clube que lhe abriu as portas no passado: “Tenho uma dívida de gratidão com o clube que me projetou. Não pensei duas vezes em ajudar o Vasco na Série B”. (LÉO..., 2008, s.p – retirado de meio eletrônico). Torna-se relevante destacar que Léo Lima permaneceu poucos meses no clube carioca após o seu retorno ao mesmo, transferindo-se para o Goiás Esporte Clube antes do término da Série B.

A tensão sofrida pelos jogadores em administrar seus próprios interesses profissionais e a paixão torcedora pode ser percebida em outra reportagem, agora com o jogador Nilmar, que na ocasião atuava no Internacional, da cidade de Porto Alegre. Nesta reportagem o atacante comenta sobre a sua permanência no clube gaúcho. Naquele momento, havia a possibilidade do jogador se transferir para o Palermo, clube italiano, que ofereceu aproximadamente R\$ 36 milhões. Mas, ficou definido que o jogador, mesmo a contragosto, permaneceria no Internacional.

[...] - Fico um pouco chateado de não ter ido, mas tenho contrato até 2011, só tenho que cumprir. Este é o clube de que eu gosto, a cidade de que eu gosto, onde vou morar para sempre. O próprio Fernando Carvalho (assessor de futebol) já assinou um documento garantindo o pagamento, mas seria melhor ter o acerto, porque a proposta era irrecusável, não tinha

como negar. Infelizmente não deu certo - afirmou o jogador [...] (NILMAR..., 2008, s.p – retirado de meio eletrônico.).

Está claro na fala de Nilmar, o seu desejo de jogar na Itália, motivado pelo alto valor da negociação. Contudo, o jogador faz questão de salientar um vínculo afetivo com o clube gaúcho. Ao mesmo tempo em que se diz chateado por não ter saído, o jogador se diz satisfeito por jogar no clube que gosta. “Ficar bem” com a torcida, retribuindo o carinho que lhe é dado torna-se importante para o atleta permanecer jogando e trabalhando com tranquilidade. Outro ponto que chama atenção na reportagem é o trecho que aponta como um dos motivos para a diretoria não negociar Nilmar, a possibilidade de obter maior lucro com uma futura transferência do jogador. “O clube gaúcho comprou 40% dos direitos do jogador por pouco mais de R\$ 14 milhões. Assim, o Colorado terá 70% e poderá lucrar mais em uma futura venda [...]” (NILMAR..., 2008, s.p. – retirado de meio eletrônico). Casos como este são comuns na atualidade, onde os clubes procuram formar jogadores em suas categorias de base não somente para compor o plantel da equipe profissional, mas também para faturarem com suas vendas.

Outro caso que pode ser mencionado a respeito da necessidade do atleta em lidar com seus interesses profissionais e com a paixão do torcedor, refere-se ao jogador Carlos Alberto, que na ocasião atuava pelo Botafogo de Futebol e Regatas³³. Carlos Alberto, apesar de ser jovem, já jogou por vários clubes do Brasil e do exterior, conquistando títulos importantes como o de campeão brasileiro, português e carioca, além da Liga dos Campeões da Europa e do Mundial Interclubes. Em matéria divulgada pelo site LANCE!NET em Junho de 2008, o jogador fez questão de deixar claro que estava feliz no Botafogo e que foi muito bem recepcionado, mas acreditava que deveria estar atuando no futebol europeu por apresentar um currículo vitorioso. “[...]. Todo mundo fala que eu não tinha de estar no Brasil, sei muito bem disso. Pelo meu currículo e pelos títulos que conquistei, era para estar na Europa mesmo” (CARLOS..., 2008, s.p. – retirado de meio eletrônico). Porém, ao mesmo tempo o jogador exalta o Botafogo e sua torcida. “Quero reconquistar muitas coisas aqui, tenho muitos objetivos. Estou muito focado para dar a volta por cima. Quero dar alegria para os torcedores do Botafogo, pois me identifiquei muito com eles” (CARLOS..., 2008, s.p. – retirado de meio eletrônico).

³³Daqui em diante, neste trabalho, nos referiremos a este clube apenas como Botafogo.

Fica claro na fala de Carlos Alberto o seu desejo de atuar na Europa e que o Botafogo seria apenas um possível trampolim para que isso ocorresse. No entanto, ele procura demonstrar ou forjar uma identificação com o clube ou com a torcida do Botafogo. Vale lembrar que este mesmo atleta entrou na justiça contra o próprio Botafogo meses depois cobrando salários atrasados e outros pagamentos que deveriam ser feitos pelo clube.

3.3 A formação de jogadores no futebol de espetáculo

O futebol enquanto espetáculo esportivo permeia o imaginário de pessoas, inclusive crianças e jovens, que sonham se tornar jogadores profissionais. É comum encontrarmos crianças que buscam realizar esse sonho, sendo o grande número de “escolinhas de futebol” um fato que pode vir a comprovar essa afirmação. No entanto, o surgimento dessas escolinhas com o objetivo de formar novos jogadores é algo recente no futebol brasileiro, tornando-se mais frequente a partir da década de 1980. Antes disso, o aprendizado acontecia nos campos de várzea situados nos subúrbios urbanos sem a presença de professores especializados. Em geral, os jogadores provinham do futebol de várzea, dos campos de “pelada”, que para muitos era o segredo do futebol brasileiro, pois aí que se aprendia o drible e desenvolvia-se a habilidade e a criatividade dos futuros profissionais.

Dessa maneira, a “formação” era realizada a partir da prática, isto é, a partir do jogar pelo jogar, ou mesmo do jogo praticado enquanto sujeito comprometido com grupos sociais de interesse, como aqueles da rua, da escola, da comunidade, da cidade interiorana, entre outras manifestações. Esse tipo de formação pode ser considerado como sendo assistemática, na qual acontecia a autoformação do jogador na prática futebolística. Os talentos eram “descobertos” por “olheiros”³⁴ e levados para os clubes. Nesta condição, os jogadores que chegavam ao clube com traços de craque, constituíam-se em interessante patrimônio para o mesmo, mas um patrimônio cujo valor real era medido em termos de lucro adquirido a partir de

³⁴Os olheiros são pessoas ligadas aos clubes responsáveis em recrutar atletas aptos a comporem o plantel de equipes. Geralmente são ex-jogadores ou membros de comissão técnica de equipes de base do clube que fazem observações de partidas em campos de várzea e, mais recentemente, em escolinhas de futebol licenciadas.

investimentos modestos, pois não havia dinheiro para formar esse atleta, devendo este chegar pronto para jogar.

Com o tempo, a formação do jogador passou a acontecer de forma sistemática, através de “escolinhas de futebol” no interior de instituições estruturadas vinculadas, inclusive, aos clubes. Segundo Pimenta (2000), este fenômeno tem início devido a transformações econômicas (o processo de construção dos centros urbanos, impulsionado e refletido pela industrialização), políticas (encaminhamento organizacional ao setor privado e de políticas públicas de lazer) e cultural (massificação do lazer e do tempo livre por empreendimentos mercadológicos). Sendo assim, os espaços da autoformação, sobretudo a várzea, foram desaparecendo tornando necessário o surgimento de novos espaços, como as quadras de futsal e os campos de *society*, porém, espaços de acesso mais restritos, muitos dos quais de reserva particular. Por isso, os clubes foram assumindo a formação de seus atletas desde a base e nos seus próprios espaços. Toledo (2002) destaca que, desde então, o processo de seleção de talentos deixou de ser através de “olheiros” passando a ser através de “peneiras”³⁵, indicações de empresários ou nas competições de base. A formação do jogador de futebol passou a ser, então, um negócio, um investimento, que precisa dar retorno.

Em matéria divulgada na revista *Veja*³⁶ é destacado a formação de jogadores e o grande negócio em que se transformou esta prática. A matéria faz referência ao Desportivo Brasil, da cidade de Porto Feliz – SP, clube criado pela empresa Taffic, especializada em marketing esportivo, exclusivamente para revelar jovens talentos e vendê-los ao mercado europeu. Este fato fica claro na fala de João Caetano, gerente do centro de Porto Feliz: “Nosso objetivo é formar e vender jogadores. Não existe paixão. Não temos torcida. É negócio” (COURA, 2009, p. 79).

Outro ponto a ser destacado refere-se ao fato de que a autoformação não comportava críticas quanto a seus procedimentos, afinal, era assistemática, e

³⁵A peneira se refere ao processo de captação de novos “talentos” utilizado por clubes no qual atletas em potencial são avaliados a fim de serem selecionados para comporem as equipes de base dos clubes. Trata-se do modo de seleção mais comum no futebol brasileiro atualmente. Apesar de sua grande utilização no Brasil, este modo de seleção é alvo de constantes críticas, inclusive no meio acadêmico. Montagner e Silva (2003) e Paoli, Silva e Soares (2008) destacam a falta de critérios básicos que levaria a observações e avaliações de forma subjetiva, pautada no “instinto” dos observadores técnicos, desconsiderando os estudos e conceitos apoiados em pressupostos metodológicos e científicos já concebidos pelos pesquisadores das Ciências do Esporte. Este fato poderia estar causando um “desperdício” de jovens valores, visto que informações teóricas são consideradas fundamentais no desenvolvimento racional de uma categoria de base.

³⁶Matéria divulgada na edição de 13 de maio de 2009, intitulada “Chuteiras que valem ouro”.

somente seu resultado contava. A formação sistemática, contudo, é alvo de críticas constantes. Nem todos concordam com a maneira como ocorrem as adesões à formação (na maioria pelo processo das peneiras) ou mesmo como é conduzido o processo de formação. A maioria das críticas centra-se na condução do processo de formação geral – orientação psicológica, social, educacional, clínica, entre outras – que são importantes para formar o atleta independente da formação técnica ao qual é submetido (MEDINA, apud PAOLI, SILVA E SOARES, 2008). Ainda assim, há muitas críticas em relação à própria formação técnica dos atletas (BARROS, 1990). Contudo, Florenzano (1998) destaca que, devido às transformações sofridas pelo futebol referentes, sobretudo, a aspectos físicos e táticos, tornou-se imprescindível a passagem dos futuros atletas pelas categorias de base e/ou escolinhas dos clubes administradas e operacionalizadas por especialistas. Se tomarmos esse pressuposto levantado por Florenzano como verdadeiro, podemos inferir que mesmo se os espaços da várzea estivessem disponíveis como antes, estes não dariam conta, por si só, da formação de novos futebolistas com os requisitos que este esporte exige atualmente.

Damo (2007) considera que as novas demandas do futebol de espetáculo obrigam que novos atletas sejam “fabricados”. O fato de uma criança ou adolescente possuir habilidade incontestável no trato com a bola não significa que virá a ser um atleta profissional. “Dizer que os talentos são lapidados, como é frequente ouvir dos formadores, não implica tão-somente dizer que eles sejam aperfeiçoados, mas antes adequados, direcionados, potencializados, enfim, distorcidos” (DAMO, 2007, p. 113). Para tanto, a formação de futebolistas, segundo o mesmo autor supracitado, compreende aproximadamente 5000 horas de investimentos, distribuídos em cerca de dez anos, feitos diretamente no corpo, em rotinas altamente disciplinada, extenuante e monótona. Tais exigências, decorrentes da prática voltada para o espetáculo, tornam-se necessárias para o aumento do desempenho esportivo, que por sua vez é destinado a um público ávido por um bom espetáculo. Sendo assim, o futebol espetacularizado deve ser altamente seletivo, exigindo profissionais especializados que deem conta de produzir o espetáculo pretendido pelo público.

Portanto, existe um leque de atributos cobrados aos atletas profissionais que os formadores procuram observar nos candidatos a futuros jogadores. Tais atributos se referem a capitais futebolísticos, ou seja, uma modalidade específica de capital

necessária aos atletas profissionais para que possam se inserir legitimamente nesse campo social.

Em sentido amplo, os capitais futebolísticos são os atributos que garantem o acesso de um menino a um centro de formação [...]. Em sentido restrito, referindo-se aos atributos propriamente corporais de um indivíduo, os capitais futebolísticos perfazem um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle da bola – malabarismos, floreios, etc. (DAMO, 2007, p. 112).

Além dos requisitos fundamentais à formação do jogador profissional referentes a questões que interferem diretamente em sua *performance* dentro de campo – aspectos técnicos, táticos e físicos – existe outro ponto importante que muito nos interessa neste trabalho. Refere-se à atenção dada ou não pelos clubes em formar atletas que possuam vínculos afetivos com os mesmos, fazendo-os se identificar com os símbolos do clube.

Existe a crença de que os atletas formados nas categorias de base, os “pratas da casa”, possuem identidade com o clube e/ou com a torcida que o representa. Os torcedores, sobretudo, acreditam que durante a formação dos futebolistas lhes são inculcados valores que os transformam não apenas em atletas profissionais, mas também, em torcedores do clube. No entanto, Damo (2007), ao estudar os bastidores da formação do Sport Club Internacional, da cidade de Porto Alegre, constata que entre os atletas em formação é comum a sua circulação por clubes rivais. O mesmo autor apresenta uma extensa lista de atletas que passaram por equipes de base do Internacional, mas que também já atuaram na base do Grêmio, seu oposto no sistema totêmico. Então,

[...] pertencimento clubístico não é, decididamente, critério de recrutamento. Trata-se de uma categoria que faz sentido para os torcedores, e não aos jogadores, exceto pelo fato de que precisam jogar com a paixão do público ao qual estão vinculados, ainda que temporariamente. [...]. Sem esta crença, ela mesma um subproduto do clubismo, toda a justificativa para a identificação não se sustentaria. A formação profissional não é exatamente o que os torcedores pensam, o que não os impede de seguir acreditando em suas crenças, dentre as quais a de que um jogador formado em casa dispõe de uma aura clubística que os outros não têm. [...] Para que um “prata da casa” seja identificado com o clube o essencial é a teatralização. Durante a formação, aprende-se a manipular esses códigos. Não existe um gol à maneira colorada, mas existe um gol comemorado com a torcida: beijando-se o escudo do time, por exemplo. [...]. Um jogador precisa aprender a representar, no sentido de teatralizar a sua identificação.

Todavia, se não forem eficazes, os “pratas da casa” serão xingados como outros quaisquer (DAMO, 2007, p. 177).

Assim, podemos afirmar que apesar de valorizar jogadores que demonstrem certa identificação com o clube, as vitórias e, conseqüentemente, a conquista de títulos, são o que mais importam para o torcedor, independente dos jogadores terem vínculos afetivos ou não com o clube. Contudo, como ainda salienta Damo (2007), saber jogar com essa questão da identificação pode ajudar o atleta em um primeiro momento, caracterizando-se como uma qualidade importante que o jogador precisa desenvolver ainda nas categorias de base. Porém, este não é capaz de resistir à falta de resultados e ao seu baixo desempenho nas partidas.

Ao discutirmos as questões referentes ao futebol de espetáculo, notamos que contradições parecem existir, e mais do que isso, dão a impressão de serem naturais no atual estágio que esse esporte se encontra. Afinal de contas, como salientou Helal (2001, p. 162),

Observamos que quanto mais o esporte se profissionaliza e transforma-se em uma grande indústria, maior a necessidade de se entender o amadorismo e a paixão dos torcedores. Do ponto de vista sociológico, estes confrontos entre o profissional e o amador, entre o lucro e a paixão, entre o sagrado e o profano, transformam o universo esportivo em um emblema da convivência de sentimentos antagônicos relevantes para se compreender os dilemas da modernidade.

Procurou-se, portanto, neste tópico do trabalho, realizar uma revisão a respeito do debate que envolve o futebol de espetáculo, destacando as tensões e contradições que se instalam na relação entre atleta e torcida. Este foi um passo importante que nos ajudará mais adiante na interpretação dos dados e, conseqüentemente, no entendimento da maneira pela qual os atletas administram sentimentos oriundos da paixão torcedora e da racionalidade crescente do futebol profissional, analisando os valores que orientam as relações de pertencimento do jogador no futebol mercadorizado.

4 A RELAÇÃO ENTRE PAIXÃO E PROFISSÃO NO MUNDO DO FUTEBOL PROFISSIONAL

Este capítulo tem como propósito a análise dos dados, que como explicitado anteriormente, foram coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas com atletas e ex-atletas profissionais que atuaram por diversos clubes durante a carreira. Além disso, tais atletas tiveram a experiência de jogar em clubes de grande torcida sediados na mesma cidade e que disputam as mesmas competições, ou seja, clubes que possuem grande rivalidade entre si. Neste momento, faz-se necessário uma rápida apresentação dos sujeitos entrevistados. São eles:

Entrevistado 1: Começou a treinar com 16 anos de idade e assinou seu primeiro contrato profissional aos 19 anos com o América-MG. Tem passagem pelo Atlético-MG, São Paulo, Palmeiras, Vasco, entre outros. Também já atuou em clubes do exterior. Entre os títulos conquistados destacam-se o de campeão brasileiro e o de campeão da Taça Libertadores da América. Tem passagem pela seleção brasileira. Neste trabalho recebeu o nome de Alberto.

Entrevistado 2: Começou a treinar com 13 anos e assinou seu primeiro contrato profissional aos 19 anos com o Juventus-SP. Ainda jogou pelo Santos, Guarani, Ponte Preta, entre outros. Venceu duas vezes o Campeonato Brasileiro. Neste trabalho é chamado de André.

Entrevistado 3: Começou a treinar com 14 anos e assinou seu primeiro contrato profissional com o CSA-AL. Também jogou pelo Atlético-PR, Paraná Clube, Vasco e outros. Entre os títulos conquistados destaca-se o de campeão brasileiro. Aqui é chamado de Miguel.

Entrevistado 4: Começou a treinar com 16 anos e assinou seu primeiro contrato profissional com o América-MG. Tem passagem pelo Cruzeiro, Atlético-MG, Atlético-PR, entre outros. Também já atuou no exterior. Entre os títulos conquistados destacam-se o de campeão da Copa América pela seleção brasileira e do Campeonato Alemão. Aqui é chamado de Henrique.

Entrevistado 5: Começou a treinar com 13 anos no Bangu-RJ, mas aos 14 anos passou a fazer parte das categorias de base do Vasco, onde assinou seu primeiro contrato profissional aos 19 anos. Ainda jogou pelo Fluminense, Santos, Goiás, entre outros. Também já atuou no exterior. Entre os títulos conquistados destacam-se o de campeão brasileiro e o tri-campeonato carioca. Teve passagem

pela seleção brasileira e atualmente, não joga mais profissionalmente. Neste trabalho é chamado de Pedro.

Entrevistado 6: Começou a treinar em uma “escolinha” de futebol e aos 16 anos foi encaminhado ao Vasco, clube no qual assinou seu primeiro contrato profissional. Jogou ainda pelo Botafogo, Fluminense, Flamengo entre outros, atuando também no exterior. Entre os títulos conquistados destacam-se o de campeão brasileiro, além de ter sido campeão carioca seis vezes. Teve passagem pela seleção brasileira. Não joga mais profissionalmente. Neste trabalho recebeu o nome de Augusto.

Entrevistado 7: Começou a treinar com 15 anos no Olaria – RJ, clube no qual assinou seu primeiro contrato profissional. Ainda jogou no Guarani, Santos, Corinthians, Atlético – MG, entre outros. Também jogou no exterior. Entre os títulos conquistados destaca-se o de campeão brasileiro. Teve passagem pela seleção brasileira. Não joga mais profissionalmente. Seu nome aqui é Diogo.

Entrevistado 8: Começou a treinar com 14 anos no Vasco, clube no qual assinou seu primeiro contrato profissional. Também jogou no Santos, Portuguesa, Botafogo entre outros. Entre os títulos conquistados destacam-se o de campeão brasileiro e o de campeão da Taça Libertadores da América. Teve passagem pela seleção brasileira, sendo, inclusive, convocado para uma Copa do Mundo. Aqui é chamado de Sandro.

Entrevistado 9: Começou a treinar na escolinha de futebol de salão do Fluminense e, posteriormente, passou a fazer parte das categorias de base de futebol desse mesmo clube, com o qual assinou seu primeiro contrato profissional. Também jogou no Botafogo, Vasco, entre outros. Conquistou dois títulos de campeão carioca. Tem passagem pela seleção brasileira, sendo, inclusive, convocado para uma Copa do Mundo. Neste trabalho é chamado de Romeu.

4.1 De torcedor à atleta: o sonho de ser profissional e o convívio com o negócio no mundo do futebol de espetáculo.

Tal como observado por Damo (2007), os sujeitos entrevistados começaram a treinar com o intuito de serem jogadores profissionais com idade entre 13 e 16 anos,

configurando assim, um longo envolvimento com a dimensão profissional do futebol e um conflito precoce com sua dimensão simbólica.

Entretanto, o ideal da profissão se sobrepõe à predileção ou identidade clubística. Perguntados a respeito do clube pelo qual torciam na infância e se buscaram iniciar suas carreiras nesse clube, todos eles destacaram que apesar de torcer por um determinado clube quando criança este fato não interferiu na tentativa de se tornar atleta profissional, como podemos observar na fala de Alberto: “[...] eu busquei na verdade iniciar a carreira independente do clube. Eu queria jogar futebol independente do clube que fosse. Tanto que eu fiz teste no Atlético, fiz teste no Cruzeiro e no América e não passei.” O que fica claro na fala dos atletas, acima de tudo, é o desejo de jogar profissionalmente por um clube de expressão no cenário nacional. “[...] acho que na infância todo mundo tem um sonho e o meu sonho antes era jogar numa equipe grande, então, graças a Deus, eu consegui jogar numa equipe grande”. (ANDRÉ).

Ao contrário do que acontece entre torcedores e, provavelmente, entre os especialistas, a predileção clubística, além de não ser fator levado em consideração na busca de se tornar atleta profissional, parece ser algo fluido na vida dos jogadores. Este é um achado que merece destaque. A literatura tem afirmado com clareza que aos jogadores é dado o direito de trocar de time, algo que, por oposição, é extremamente problemático ou negativo entre torcedores. Todavia, esta permissão aos profissionais deve ser entendida em sua dimensão mesma. Ou seja, quem pode mudar é o profissional e não o torcedor que se esconde por trás dele. Como vimos anteriormente, pouco se sabe como se estruturam e operam as relações de pertencimento clubístico entre jogadores profissionais. Nesta investigação, reunimos dados que nos permitem qualificar estas relações em um plano inédito. Temos elementos para pensar que a relação que um jogador profissional de futebol constrói com aquilo que o homem comum chama de “clube do coração”, ganha uma fluidez, passando a ser mediada por elementos próprios da profissão.

Um elemento interveniente neste processo reside no próprio processo de formação do pé de obra. Uma vez que buscam a iniciação profissional relativamente cedo, o clube da infância e da adolescência, muitas vezes, dá lugar ao clube da formação. Quando perguntado sobre o clube que torcia inicialmente, Pedro afirmou ser torcedor do Fluminense. Porém, por ter chegado ao Vasco ainda muito jovem e ter jogado por muito tempo neste clube, ele destaca que passou a torcer pelo

mesmo: “A partir do momento que eu comecei a jogar no Vasco. Você começa a ter contato com os profissionais, você começa a jogar pelo clube. Acho que não tem como... ainda mais que eu fui com 14 anos”.

O fato de jogadores torcerem por um determinado clube ou terem, como eles mesmos dizem, uma maior identificação com determinado clube em relação a outro, não quer dizer que haja uma preocupação por parte dos clubes neste sentido. O fator preponderante responsável pela permanência do jogador ou pela sua contratação é o seu rendimento esportivo, ou seja, a lógica profissional (racional-instrumental). Logicamente, este fato se estende às categorias de base. Nela, os atletas são avaliados levando-se em conta os atributos necessários à prática do futebol em alto nível (DAMO, 2007). Sendo assim, o pertencimento clubístico não é critério de recrutamento. Este fato é destacado pelos jogadores entrevistados, como podemos notar na fala de Alberto quando questionado sobre o assunto: “Não há mais... os clubes não se preocupam com a formação de ídolos, pelo contrário, os clubes hoje se preocupam em formar jogador pra vender. Somente isso.”

Na visão da maioria dos entrevistados o gostar de um clube é normal, porém não é alvo de investimento dos clubes pelos quais atuaram. Nesse sentido, o sentimento de afeto que um jogador possa sentir por um clube é algo que surge de outra maneira, estando principalmente relacionada à permanência prolongada em um determinado clube, principalmente em suas categorias de base.

[...] normalmente você acaba mudando porque você convive muito dentro do clube, entendeu? Por exemplo, se o menino que hoje tá lá no Vasco, ele estuda de manhã no Vasco, dentro do Vasco, ele já sai do estudo e já vai, ou seja, o garoto vive o dia inteiro no clube, né? (PEDRO).

Outro fator mediador é o grau de sucesso profissional obtido. Sendo assim, obtivemos depoimentos de atletas que passaram a torcer por outro clube, diferente do que torciam na infância, após se tornarem profissionais, em virtude do sucesso obtido e dos títulos alcançados. Porém, ao contrário do “verdadeiro torcedor”, parece ser possível e aceitável uma identificação com diferentes clubes importantes. Isto pode ser notado na fala de Alberto:

Na minha infância eu... assim, admirava muito o Atlético Mineiro pela torcida, né? Então por tudo aquilo que você via as coisas acontecerem pelo torcedor, a massa atleticana. E isso fez com que eu pudesse ter uma admiração pelo Atlético. E também tive um carinho pelo América pelo fato

de ter tido um primo que jogou no América e acompanhava bastante o América. Então eu fiquei com esses dois clubes assim como praticamente torcedor. [...] Com o Palmeiras e o Vasco também eu tenho uma identificação muito grande. [...]. No Palmeiras pelos títulos conquistados, a Libertadores, né? Então você... onde você passa e que você conquista tem uma identificação. Além de você permanecer um bom tempo no clube, você conquistou objetivos e objetivos importantes e marcantes pra vida do clube. [...]. Então, passa momentos, sai momentos, passam momentos e você tá sempre sendo lembrado por alguma coisa que acontece. No Vasco a mesma coisa. Formamos um time que foi a base da seleção brasileira das eliminatórias de 2000, né? [...]. Então, basicamente essa identificação são os momentos... são os times, né? Que se formam e é marcado nos clubes e nos torcedores quanto os títulos também.

O depoimento de Alberto também é útil para identificarmos outro traço comum, e bastante importante, nas falas dos entrevistados que é o uso cuidadoso das expressões de afeto em relação aos clubes. Enquanto torcedores “torcem”, são apaixonados, “doentes”, “roxos” por suas equipes “do coração”, os jogadores se “identificam”, têm “carinho” ou uma “admiração” muito grande pelos clubes. Ou seja, seu léxico específico é bem mais contido e controlado. Outro exemplo dessa situação refere-se ao depoimento de Diogo:

[...] eu tenho um carinho pelo Santos [...]. [...] tive duas passagens pelo Santos que marcaram muito minha trajetória profissional. [...]. Eu tenho assim... determinadas equipes que eu passei, que eu joguei eu sempre tenho carinho. No sul, o Grêmio. Eu joguei pelo Grêmio. Atlético Mineiro em Minas. Na Bahia, no Bahia, né? Pô, tenho muito carinho. Aquela torcida é maravilhosa.

Não temos elementos para explicações conclusivas aqui, mas podemos pensar que tal atitude pode estar relacionada ao rodar da carreira que, de fato, enseja a construção de ligações afetivas mais sutis entre atleta e clubes³⁷ a um *ethos* profissional específico que desencoraja manifestações mais cordiais ou a percepção mercadológica de que ligações efetivas com um clube podem prejudicar a possibilidade de contratos com outros. Augusto destaca que a partir do momento que se tornou jogador profissional, o lado torcedor passou a ser menos importante. “[...] Depois que você começa a jogar mais profissionalmente [...] você acaba sendo profissional e torcendo pelo time que você joga”. Todavia, ao contrário do torcedor comum, Augusto declara que depois que parou de jogar profissionalmente passou a

³⁷Embora atletas já aposentados, por vezes, falem das camisas de seus clubes preferidos como sua “segunda pele”, isto é realmente raro entre profissionais em atividade.

torcer pelos clubes em que conquistou títulos – Vasco, Botafogo e Flamengo – mesmo estes sendo grandes rivais entre si.

Este *ethos* profissional é algo que se forma desde cedo. Os atletas em formação são orientados a agirem de forma profissional em todos os sentidos, como destaca Henrique: “Na minha época acho que era mais o profissionalismo mesmo. Começa desde cedo. A diretoria passa pra gente isso... é o profissionalismo. E o gostar, o gostar a gente fica gostando é com o tempo que a gente vai ficando”.

Estes dados deixam claro que não há preocupação ou não é a intenção principal dos clubes formarem jogadores que se identifiquem intimamente com o clube, como é característico do modelo endógeno de formação (DAMO, 2007). O principal objetivo destacado nas falas dos sujeitos entrevistados diz respeito à possibilidade de lucro que a formação de atletas pode proporcionar ao clube formador, principalmente através da “venda” de jogadores, o que se caracteriza ou se aproxima, segundo Damo (2007), dos modelos exógeno e híbrido de formação.

4.2 Salário, condições de trabalho e visibilidade: fatores determinantes na assinatura do contato profissional.

O futebol de espetáculo está imerso em uma série de tensões que atingem os atores envolvidos. Neste trabalho, em especial, buscamos destacar as tensões sofridas pelos atletas profissionais em administrar seus próprios interesses profissionais e a paixão da torcida. Torna-se relevante entendermos a maneira pela qual tais atletas administram sentimentos oriundos da paixão torcedora e da racionalidade crescente do futebol profissional, analisando os valores que orientam as relações de pertencimento do jogador no futebol mercadorizado.

Nota-se que os jogadores destacam a importância de se identificar com o clube que atuam e que tal identificação só é possível com um tempo maior de permanência no mesmo e/ou a partir do momento que o atleta conquista títulos importantes atuando por este clube³⁸. Devido a estes fatores, o atleta pode se

³⁸Diogo afirma que é normal um jogador se identificar mais com um clube do que com outro, e ao ser questionado sobre qual fator tem maior influência para esta identificação o jogador responde: “Conquistar títulos. Aí você entra no carinho do torcedor, né? A torcida passa mais carinho pra você e você se identifica e fica marcado naquela equipe”. Augusto tem a mesma opinião: “[...] são os campeonatos conquistados. Quando você conquista títulos num clube você passa a ser mais

considerar identificado com mais de um clube, mesmo estes sendo grandes rivais. No entanto, ao nos referirmos aos torcedores, devemos destacar que a estes é interdita a circulação, ou seja, o vínculo de um “verdadeiro torcedor” com o seu clube estende-se por toda a vida. (DAMO, 2007).

Apesar de todos os atletas entrevistados afirmarem que torciam por um determinado clube antes do início da carreira, fica claro que a predileção clubística tem pouca ou nenhuma influência no momento da assinatura dos contratos. Na visão dos atletas, entre os fatores considerados importantes para a assinatura de um contrato destacam-se a estrutura do clube (condições de trabalho) e a visibilidade e/ou a promoção profissional que a passagem por um determinado clube pode oferecer. Na visão dos atletas, estes fatores são vistos como aspectos profissionais da carreira, ou seja, algo que está, na maioria das vezes, desarticulado da questão emocional. Por isso, poucos foram os relatos que indicam que a identificação com o clube é determinante na assinatura de um contrato profissional. “O lado profissional é estrutura, a possibilidade de você jogar na Europa, possibilidade de jogar em times que vai disputar títulos, entendeu?” (DIOGO). No entanto, o que aparece mais constantemente nas respostas é a questão salarial. Alguns hesitaram inicialmente em dizer que o salário é fator fundamental e talvez o mais importante, mas acabaram deixando claro esta tendência. Neste sentido, algumas falas merecem destaque:

É obvio que quando você tá começando tudo que você quer é uma **melhora financeira**. Então, o que te leva a assinar um contrato é sempre um **contrato melhor**, né? (ALBERTO).

O principal pra mim acho que é estrutura e **salário em dia**. (HENRIQUE).

Eu fazia um **reajuste salarial** que é o normal de todo mundo, né? Poder ter o seu trabalho reconhecido, né? (MIGUEL).

[...] tem que observar como é que é o clube, **como é que tá pagando**, como é que não tá. (ANDRÉ).

Você começa a... eu adquiri família, você já tem que ver o **lado financeiro**, já tem que ver a estrutura do clube, né? Se hoje você tá num clube que tem

valorizado, a torcida gosta mais de você. E isso aí só eleva a moral do jogador, a autoestima do jogador. Então você passa a se identificar com o clube”. Sandro diz que “depende do tempo de casa” e destaca que o jogador não precisa ter sido formado no clube, “[...] como é o caso do Juninho Pernambucano, Mauro Galvão, e que hoje são ídolos do Vasco. Conquistaram títulos e ficaram bastante tempo [no clube]. O Juninho Pernambucano foi de 95 a 2001. O Mauro Galvão de 97 a 2002, por aí. É bastante tempo, entendeu?”

condições de arcar com o seu **pagamento em dia**. Isso tudo o pessoal vê muito hoje em dia, né? (PEDRO).

Além logicamente do **valor do contrato** as qualidades do time e principalmente os objetivos da direção em relação aos campeonatos a serem disputados. (ROMEU).

Os atletas profissionais ao justificarem a troca de clube motivada por maiores salários costumam alegar que a curta carreira e a busca de estabilidade financeira o quanto antes são fatores determinantes para agirem dessa forma. Tais constatações vão ao encontro das afirmações de Damo (2007) sobre as razões econômicas para a circulação de jogadores. Este seria um dos pontos positivos dessa circulação. Este fato pode ser observado na fala de Pedro:

O fator positivo hoje é o lado financeiro, né? Você quando começa a se transferir de clube é onde você consegue movimentar o capital, né? Você sai de um clube pro outro você tá... vamos supor, fazendo dinheiro, né? Automaticamente você... as condições de você melhorar o seu salário é quando você começa as transferências que você ganha dinheiro, né?

Miguel também faz menção a este fato: “Com certeza você consegue muita coisa rodando bastante. Por grandes clubes você recebe uma luva, recebe um adiantamento, recebe aquele negócio todo, pacote lá, qualquer coisa assim”.

Apesar da grande maioria dos atletas considerarem o “rodar” um fator importante na assinatura de contratos mais vantajosos, os sujeitos entrevistados também atribuem pontos negativos a esta prática. Ao ser questionado sobre este assunto, Pedro diz:

O lado ruim é que você não tem identificação com clube nenhum, entendeu? Aí você corre o risco também de nessa de trocar você não se adaptar, né? E ao invés de você ter um rendimento bom que possa no futuro de trazer melhores condições, você pode cair num clube e jogar mal. E aquela situação de você querer ganhar mais pode acabar perdendo, né?

A mesma opinião é compartilhada por Henrique:

Acho que negativo a gente pensa quando a gente vai num clube e não dá certo. Aí você fica um mês, dois meses e isso aí que não é bom. Pro atleta em si não é legal porque a gente vai para um clube pra mostrar o potencial, pra ganhar algum título porque a gente depende disso, né?

O tempo de permanência no clube também foi destacado como fator importante, principalmente para que o atleta fique marcado no clube e se transforme

em ídolo. Desta forma, a troca constante de clube apresenta-se como algo negativo neste sentido.

Eu converso bastante aqui com o pessoal que eu treino, [...]. Eles têm um ano já de clube [...]. Consequentemente, se eles renovarem o contrato por mais dois ou três anos, aí sim já vai criando essa identificação. (SANDRO).

[...] antigamente os jogadores tinham uma identidade... “Ah! O Marcelinho do Corinthians, o Ronaldo goleiro do Corinthians. Aí você olhava pro Palmeiras, é o goleiro Veloso do Palmeiras, tantos anos. Agora é o Marcão. Rogério Ceni. (DIOGO).

No entanto, o relato mais enfático contrário à troca constante de clube foi de Alberto, que diz ser fundamental a permanência por um tempo maior sob a alegação de se adaptar ao novo clube. Vale à pena destacarmos a fala desse jogador quando perguntado a respeito dos pontos positivos e negativos do “rodar” na carreira do atleta e para a sua carreira em especial.

Na verdade só tem pontos negativos. Quanto mais você consegue permanecer num clube é melhor pra você. Porém, infelizmente, ninguém mais se preocupa com isso. Nem a parte de dirigentes do clube, nem a parte de jogador, parte de imprensa, torcedor. Apesar de que o torcedor ainda sempre quer buscar um ídolo, mas tá sempre mais difícil. Mas, eu vejo que a permanência no clube ela é fundamental para que você possa ter aquela estrutura, entendeu? De estar adaptado numa cidade, mesmo se não tiver adaptado, se adaptar ao longo do tempo, entendeu? Adaptar ao clube, ao estilo do clube, entendeu? E tudo isso é fundamental. [...] todos os clubes que eu passei eu consegui permanecer o máximo possível do meu contrato. Na verdade eu cumpri todo o meu contrato, né? Pra mim foi fundamental pra ter tido uma passagem de quatro anos no Atlético porque me deu uma identidade junto com o clube e com a torcida. E isso pra mim foi fundamental. E é fundamental. Pena que os atletas hoje não pensam dessa forma. Porque muito das vezes não consegue nem esperar a oportunidade de se jogar de titular, prefere sair do clube, entendeu? E isso aí prejudica. Acaba prejudicando porque vai passando num clube que não é titular, vai pro outro, acaba não sendo titular também, aí pula pra outro. Acaba fechando as portas nos próprios clubes que poderiam trazê-lo novamente. Poderiam trazê-lo pra fazer com que ele pudesse ser um jogador importante pro clube.

Apesar dos jogadores atribuírem pontos negativos ao “rodar” durante a carreira, é notório o fato de que é através de transferências que os atletas têm maiores possibilidades de ganhos financeiros e, sendo este o principal objetivo declarado pelos sujeitos entrevistados na assinatura de um contrato, podemos inferir que a troca de clube é algo desejável pela maioria dos jogadores.

Rial (2008) destaca que a circulação por diversos clubes é vista, na esfera prestigiosa do futebol, como um signo de sucesso, onde o jogador rodado é

sinônimo de jogador experiente. No entanto, comenta-se que o jogador muito rodado não mantém vínculo afetivo forte com nenhum clube, como podemos observar, inclusive, na fala de alguns sujeitos entrevistados, e, por isso, muitas vezes, é alvo de críticas da imprensa e, sobretudo, dos torcedores.

Contudo, a maioria dos atletas ao pesarem os pontos positivos e negativos de jogar em vários clubes, opta justamente por rodar, motivados, sobretudo, pela possibilidade de ganhos financeiros, deixando a possibilidade de criar identificação com o clube em segundo plano. Diogo, ex-jogador que se diz identificado com o Santos F. C., ao ser perguntado por que preferiu aceitar a proposta de um clube japonês ao invés de permanecer no Santos logo após ter conquistado o título de campeão brasileiro, alegou que o reajuste salarial que pediu não foi aceito pela diretoria santista, sendo este o principal motivo de sua saída.

[...] acabou meu contrato, não tinham interesse em ficar comigo porque eu recebia um salário relativamente alto e também eu recebi uma proposta bem maior ainda no Japão e o Santos não ia cobrir. Então, automaticamente falei: “tudo bem, obrigado”. Saí por cima, saí caminhando, segui meu caminho pro Japão.

Com isso, fica claro que na escolha de Diogo o fator financeiro falou mais alto que a sua declarada identidade com o clube.

Com a evidência de que os jogadores privilegiam questões profissionais – salário, condições de trabalho e visibilidade – em detrimento de um suposto vínculo afetivo, partimos da hipótese de que os atletas precisam saber administrar sua relação com os torcedores que, de certa maneira, esperam ou valorizam atitudes dos jogadores que denotam aproximação afetiva com o clube e com sua torcida. Sendo assim, o grau de mercadorização em que se encontra o futebol atual, consequência do aumento do número de transferências de jogadores, faz com que os mesmos sintam a necessidade de demonstrar publicamente supostos laços afetivos como forma de conciliar seus interesses profissionais e a paixão da torcida.

4.3 Um agrado não faz mal algum, mas... ser profissional é fundamental

O futebol profissional sofreu mudanças significativas ao longo do tempo. Uma delas refere-se à organização esportiva e administrativa dos clubes que passaram a

se adequar às novas exigências do futebol de espetáculo, fundamentais para a sua sobrevivência financeira. Especificamente no caso dos clubes brasileiros, observamos somente mais recentemente ações nesse sentido, em que o aumento da arrecadação passou a ser imprescindível para suprir as demandas do clube.

Em tempos passados era comum a organização de excursões para o exterior em que os clubes brasileiros realizavam jogos amistosos para aumentar sua receita³⁹. Atualmente, as formas mais comuns de captação de recursos se originam, principalmente, da transferência de jogadores, cotas de televisão, patrocínio e publicidade e bilheteria de jogos⁴⁰.

Outra mudança ocorrida refere-se à prática do jogo em si, sobretudo, em relação aos aspectos físicos e táticos. Novas metodologias de treinamento passaram a ser criadas com o intuito de aperfeiçoar o desempenho das equipes, acarretando mudança na dinâmica dos jogos, que passaram a exigir dos jogadores um esforço físico maior, demandando um tempo mais longo de preparação. São comuns os relatos, sobretudo de especialistas e de jogadores, de que o futebol atual exige mais fisicamente do atleta, tendo este que apresentar um equilíbrio entre a parte técnica e a parte física⁴¹. Este fato, na visão dos atletas, faz com que os mesmos sejam obrigados a ter uma postura cada vez mais profissional, no sentido de investir maior tempo e esforço em sua preparação.

Portanto, segundo os atletas, ter atitude profissional é fundamental para que o jogador tenha um bom relacionamento com os torcedores do clube que está defendendo⁴². E ter atitude profissional, na visão dos atletas, é basicamente, ter dedicação nos treinos e nos jogos, além de respeito pelo clube⁴³.

Tem que se doar cada vez mais dentro de campo. (ANDRÉ).

³⁹Pelé, em sua autobiografia, conta que viajou inúmeras vezes com a equipe do Santos para jogar no exterior, principalmente na Europa. “Éramos disputados – e os pretendentes estavam dispostos a pagar o nosso preço. O resultado disso foi que começamos a viajar com regularidade [...]” (NASCIMENTO, 2006, p. 116).

⁴⁰Dados apresentados pela “Casual Auditores Independentes” que realizou pesquisa na qual foram analisados 21 clubes brasileiros.

⁴¹“[...] hoje em dia, a parte física está em alguns casos superando a parte técnica. Então não adianta você ter um bom time técnico dentro de campo, com jogadores habilidosos se você não tiver a parte física bem”. (AUGUSTO).

⁴²“[...] é ser profissional. Defender as cores do clube. Eu acho que o torcedor quer isso. Você honre a camisa que você esteja vestindo. (PEDRO).

⁴³Ter um bom desempenho nos jogos e conquistar títulos também foi mencionado pelos jogadores. “Mas se não tiver títulos e você mostrou bom futebol, uma conduta correta dentro do clube, acho que você já fica bem querido na torcida”. (DIOGO).

Você trabalha sério com determinação, vontade, garra dentro de campo, treinando sério, fazendo o que tem que fazer no treinamento pra que no jogo possa sair tudo da maneira que tu quer... com certeza o sucesso vai vir ao natural e ao vir esse sucesso a torcida vai gostar, o dirigente vai achar legal, a imprensa também vai achar legal [...]. (MIGUEL).

Primeiro você se entregar dentro de campo, ser um bom profissional, correr muito, dentro de campo mostrar qualidade também, né? Não é só correr, você tem que mostrar qualidade. Ser um profissional correto, tratar todo mundo bem. (DIOGO).

[...] antes de mais nada eu respeitava o torcedor e sua paixão. Procurava dentro de campo oferecer o máximo para buscar a vitória, porque afinal é isto o que torcedor quer de um atleta. (ROMEU).

Se for um jogador que tem respeito, é um cara que se dedica, ele vai ter sempre o apoio do torcedor, independente de dar a bola de canela ou não. Se é um cara que se dedica, se esforça, chega em campo ele não mede esforço pra ganhar a partida, esse é o jogador ideal pra ter uma convivência bem tranquila e sossegada com o torcedor, vai ter sempre o apoio, pode ter certeza. (SANDRO).

Como podemos perceber, na visão dos atletas, a demonstração de um *ethos* profissional é fundamental na mediação de suas relações com a torcida, sendo, até mesmo mais lembrado que a *performance* técnica. No entanto, alguns atletas admitem que em certas ocasiões, fazer um algo mais é importante para ter um bom relacionamento com os torcedores. Este algo mais, diz respeito a algumas atitudes que agradam o torcedor e conferem ao atleta uma suposta identificação com o clube que está atuando e com sua torcida. Isto ajudaria, pelo menos em um primeiro momento, a “ganhar” o torcedor, adquirindo o seu apoio. Como é comum em questões que envolvem maior intimidade, apesar de afirmarem que não agem dessa maneira ou de não admitirem isto quando se referiam a eles mesmos⁴⁴, parte dos atletas entrevistados deixou claro que este fato é comum no futebol profissional. Quando perguntado sobre o motivo que leva alguns atletas a beijar a camisa do clube, por exemplo, Augusto responde: “Ele beija, cara, pra tentar talvez ganhar o torcedor⁴⁵”. Pergunta parecida foi dirigida a Diogo:

- E as atitudes relacionadas à identidade maior com o clube. Ela (a torcida) exige isso? Que você demonstre certos sentimentos de amor e de carinho pelo clube?

⁴⁴ Admitir esse fato poderia parecer um sinal de hipocrisia ou demonstração de sentimentos não verdadeiros, conforme destacado por Diogo.

⁴⁵ Apesar de acreditar que “ganhar o torcedor” é um dos motivos que leva os jogadores a beijar a camisa do clube, Augusto argumenta que o atleta deve ser profissional em todos os clubes onde trabalha, independente de já ter atuando ou não por clubes rivais. “Seria melhor [...] manter um convívio profissional, gostando da equipe, lógico, mas sem precisar beijar a camisa.”

- Com certeza, né? Aquele lance de fazer gol, beijar o escudo, ir pra torcida, mostrar o coração. Faz parte, né?
- Então aquele gesto de beijar a camisa acontece e o cara faz aquilo pensando na torcida?
- Pensando na torcida, no time.

Ainda existem outras formas de atender a demanda do torcedor por paixão, formas que extrapolam a questão racional relacionada ao profissionalismo.

É importante você atender o torcedor. Às vezes você está cansado após um treino, você tem algum compromisso e você tem que parar. E pra você parar pra dar um autógrafo, pra tirar uma foto [...]. Porque o torcedor é quem faz um jogador junto com a imprensa. Então sem o torcedor não existe o futebol. Então o jogador tem que, além de mostrar dentro de campo e honrar a camisa, você também tem que dar atenção ao torcedor, que é importante. Às vezes você mostrando uma simpatia ao torcedor, talvez aquele jogo em que a bola bata na canela talvez o torcedor alivie. (AUGUSTO).

Apesar de admitir que atitudes como esta possam ajudar o atleta, Diogo faz questão de destacar que este fato é capaz de ajudar na relação entre atleta e torcida apenas em um primeiro momento, uma vez que nada é mais importante para o torcedor do que ver o jogador que está representando seu clube apresentar bom rendimento em campo e, conseqüentemente, conquistar títulos⁴⁶.

No atual estágio em que se encontra o futebol, a expressão “ser profissional” aparece constantemente na fala dos atletas como sendo uma das exigências feitas pelos torcedores. No entanto, estes mesmos torcedores, conforme destacado anteriormente, também valorizam atitudes que conferem ao jogador certa identificação com o clube, fazendo com que os atletas, em determinados momentos, preocupem-se em expor tais sentimentos. Por outro lado, a maioria dos entrevistados não percebe nenhuma cobrança por identificação proveniente dos dirigentes de clubes, entendidos ainda a partir da lógica profissional, sendo o profissionalismo a única exigência. Embora os dirigentes não tenham sido objeto de análise neste trabalho, tais cobranças parecem se insinuar a partir do uso da palavra “honra” presente nas falas dos próprios entrevistados.

⁴⁶ “Mas você tem que agradar a torcida jogando bola (risos), jogando muito bem, se possível fazer um golzinho ou outro ali, entendeu? Fazendo bem o seu papel no clube, aí você vai cair na graça da torcida. [...] Você tem que colocar a camisa, se apresentar, além de falar que você vai honrar o clube, lutar pra conquistar as vitórias e os títulos, você tem que mostrar isso dentro de campo mesmo, não só chegar e beijar a camisa, ‘Ah! Estou beleza. Agora ao começar o campeonato vou fazer o feijãozinho com arroz aqui, vou pegar o meu dinheiro e vou embora’”. (DIOGO).

Não. Só que tenha respeito ao clube, identificação não. Cobra que se dedique o máximo e que honre a vinda dele pro clube, entendeu? (SANDRO).

Não. Não é essa a exigência do clube não. O que se tem de exigência no clube é que o atleta possa honrar a camisa que veste. Não é? Possa mostrar vontade, determinação. Possa cumprir todos os seus direitos contratuais, entendeu? E que faça o seu melhor pra poder ajudar o clube nas competições que se tem pra disputar. (ALBERTO).

De fato, não parece ser muito comum a exigência de honra no cotidiano da maioria das atividades profissionais. Muito embora se possa falar em honrar um contrato, o atributo da honra não parece ser tão central em outras atividades profissionais como no futebol, segundo as falas dos próprios atletas.

O mesmo fenômeno está presente em relação à ideia de “raça” como uma categoria classificatória de desempenho profissional. Como se sabe, uma exigência dos torcedores é no sentido de que os atletas que representam seu clube do coração joguem com “raça”. Muitas vezes a cobrança por dedicação que surge nas arquibancadas é expressa pelo grito “queremos raça”. Quando perguntados sobre o que pensam deste pedido da torcida, os atletas disseram ser normal, alegando que os torcedores agem pela paixão. No entanto, afirmam que é obrigação do atleta profissional jogar com raça, independente da situação⁴⁷. Porém, alguns atletas reconhecem que este apelo da torcida durante uma partida pode mudar a postura dos jogadores dentro de campo. “O torcedor tá ali, ele tá vendo o jogo, tá acompanhando a partida, vendo que porventura está acontecendo dentro de campo e, alguma das vezes acha que a raça é importante naquele momento. [...] então você tem que dar o carrinho. Não tem jeito. Dá dois, dá três que aí vai ser bom pro torcedor”. (ALBERTO). “Dar o carrinho” nesta situação está mais relacionado em atender ao pedido da torcida por raça, fazendo parte da estratégia do jogador para agradar a torcida. Podemos destacar a fala de Diogo como outro exemplo desta situação. Ao ser perguntado como retribuir o pedido de raça da torcida, ele responde: “Dando carrinho (risos), marcando, não deixando o time adversário jogar, tendo uma vontade extra pra roubar a bola do adversário. Aí você diminui os gritos”.

⁴⁷“Eu acho que para o verdadeiro profissional este grito não precisa ser dado, porque a partir do momento que você entra em campo é para se doar ao máximo em busca da vitória”. (ROMEU).

Assim, o uso recorrente às ideias de “honra” e “força” denotam a presença de certo romantismo no *ethos* futebolístico profissional⁴⁸.

Mudanças de comportamento do jogador ou atitudes tomadas por ele podem ser influenciadas pela carga emocional que envolve uma disputa, traduzidos em gestos que podem surgir de forma inconsciente nesta ocasião. Neste sentido, beijar a camisa no momento de comemorar um gol, por exemplo, é diferente de beijar a camisa na apresentação a um novo clube. Desta forma, é interessante observarmos os momentos livres de emoção em que a exteriorização de uma suposta identificação ou vínculo afetivo podem ser percebidos. Como diz Toledo (2001, p. 144-145), “Ainda que as partidas consistam em momentos privilegiados na compreensão do evento futebol, [...] não é possível compreender a atuação e a importância desse diálogo estabelecido entre *profissionais, especialistas e torcedores* somente através da temporalidade e da espacialidade ritual”. Por este motivo, nas entrevistas realizadas para coletar os dados, procurou-se, fundamentalmente, obter informações a respeito de atitudes que os atletas tomam em tempo e espaços diferentes do jogo em si, como entrevistas à imprensa e apresentação a um novo clube.

4.4 O dom/dádiva na relação entre atletas e torcedores

Uma das hipóteses formuladas nesta pesquisa refere-se à possível existência de um contrato de obrigações entre atletas e torcedores que se estabelece de maneira simbólica. Seria uma espécie de dádivas trocadas (MAUSS, 2003), em que o atleta se sente na necessidade de retribuir o apoio e o carinho recebido pelo torcedor. A partir das entrevistas realizadas nota-se que os atletas acreditam que tal retribuição deve acontecer, principalmente, sob a forma de dedicação nos treinos, jogos, na demonstração de raça e na conquista de títulos. No entanto, tão importante quanto conquistar títulos, a manifestação de entrega por parte do atleta é fundamental para o bom relacionamento entre ele e os torcedores do clube pelo qual atua. Este fato é destacado por Damo (2008) ao se referir a duas modalidades de reciprocidades existentes no futebol-espetáculo: o dom/talento e o dom/dádiva. A

⁴⁸Poderíamos mencionar também os termos “entrega” e “doação”, bastante presentes no vocabulário futebolístico de profissionais e especialistas.

primeira diz respeito às características peculiares indispensáveis para um jovem se tornar atleta profissional. Os jovens com reconhecido talento são encaminhados aos centros de formação de futebolistas para que sejam lapidados e transformados em atletas profissionais. Já o dom/dádiva diz respeito à retribuição e a entrega, como descrito anteriormente.

Se existe algo que comove os torcedores para além do dom-talento, é a demonstração de entrega irrestrita por parte dos atletas, ou seja, o dom que significa dádiva. Há momentos em que ganhando ou perdendo fica evidente que os atletas abdicaram de si mesmos para doar-se à equipe e, por extensão, à comunidade afetiva que deposita nele sua confiança. São momentos de entrega total, e por isso mesmo considerados sagrados, inesquecíveis para atletas e torcedores⁴⁹ (DAMO, 2008, p.147).

No entanto, outras maneiras de retribuição aparecem sutilmente e podem ir além das obrigações do trabalho. Alguns jogadores, ao se referir à torcida, manifestam sentimentos de gratidão, vendo-se na necessidade de retribuir algo que lhe foi dado⁵⁰. Neste sentido, beijar a camisa, por exemplo, pode representar a exteriorização desse sentimento. Como exemplo, podemos citar Alberto que afirma ter beijado a camisa de clubes com o qual se identificou durante a carreira. Quanto a isso este atleta diz:

Quando [...] você tá num clube dois, três anos você não está ali por acaso. Você acaba se identificando com o clube. Você acaba gostando do clube, entendeu? Então, você no momento do gol, no momento de uma vitória, você quer mostrar que você tá ali ajudando aquele clube, mostrando que você... tudo que você está fazendo não é só pra você. É pra você e para aquela família formada dentro do clube, dos jogadores, e que faz o melhor para o clube. Então isso é uma demonstração de carinho, demonstração de gratidão [...].

Assim, o tempo de permanência e o uso dos símbolos totêmicos do clube são os elementos principais de adesão (ainda que controlada) dos atletas às comunidades imaginadas das torcidas de futebol, não por acaso chamadas muitas vezes de “nações” pela imprensa esportiva. Uma situação exemplar que merece destaque diz respeito à relação que Miguel diz ter com a torcida do Paraná Clube.

⁴⁹Percebe-se que durante as entrevistas termos como “entrega” e “se doar dentro de campo” aparecem constantemente.

⁵⁰Trabalhar com responsabilidade e dedicação faz parte da lista de obrigações dos empregados de qualquer empresa, independente do ramo de atuação, inclusive no futebol profissional. No entanto, ao falarmos desse esporte, manifestações de gratidão, tanto por parte dos torcedores quanto dos atletas podem ser notadas, ultrapassando os limites da esfera profissional.

Este jogador afirma que a maneira como foi recebido no clube, mesmo após ter jogado no rival Atlético, onde conquistou os principais títulos de sua carreira, foi fundamental para criar afinidade com o mesmo.

[...] eu ganhei dois títulos em cima do Paraná Clube jogando pelo Atlético, né cara? E depois da minha saída do Atlético eu achei que o pessoal ia me receber muito mal [no Paraná Clube], né? Mas foi completamente diferente, né? Foi uma recepção bem calorosa. Na minha chegada no aeroporto vários torcedores foram lá, gritaram meu nome, né? Muitos torcedores... e eu vi que foi legal aquilo ali, né cara? Isso aí fez com que eu dentro do Paraná Clube fizesse as mesmas coisas que eu fazia no Atlético Paranaense contra o Paraná e onde eu tive a oportunidade de fazer isso jogando no Paraná Clube, né? Dando alegria à torcida do Paraná assim, né? Principalmente contra o Atlético também, né? [...]. Então acho que não tem coisa melhor que você ser recepcionado pelo torcedor que você jogou bastante contra, né? De ter sido seu rival, né? E de repente virar o lado. Assim o pessoal te receber bem. [...] eu joguei oito anos pelo Atlético Paranaense, cara. Tive passagem rápida pelo Vasco, foi muito bom. Joguei pelo CSA um tempão. Mas a torcida que eu aprendi a gostar foi o Paraná. Uma torcida que eu gostei. [...]. O pessoal me recebeu de braços abertos. Uma torcida que tem um carinho muito grande por mim assim, sabe cara? Por ter vindo de um rival e ter ganhado dois títulos contra eles e te recebe bem, te apóia, te tem assim... como um ídolo [...].

Demonstrar um sentimento de carinho pelo clube seria, portanto, uma maneira do atleta retribuir o incentivo que recebeu da torcida.

Sandro ao se referir ao jogador Carlos Aberto, que disputou a Série B do Campeonato Brasileiro pelo Vasco em 2009, fala sobre a “troca de favores” existente na relação entre este jogador e o referido clube.

Eu acho que houve um casamento porque, da mesma forma que o Carlos Alberto ajudou muito [o Vasco] no ano passado, o Vasco também proporcionou a ele uma situação de ídolo que é hoje para o grupo e uma situação de se reencontrar. Hoje eu acho que está muito ligado o Carlos Alberto e o Vasco justamente por esse tipo de situação.

Nota-se, portanto, que na relação entre o jogador e o clube, ambos tiveram algo a oferecer. Enquanto o Vasco ofereceu a possibilidade de Carlos Alberto “se reencontrar” e melhorar a sua imagem⁵¹, tornando-se, inclusive, ídolo da torcida, Carlos Alberto foi fundamental para o Vasco conquistar o título da Série B e, conseqüentemente, o acesso à elite do futebol nacional. Outro fato que merece destaque nesta relação, diz respeito aos motivos que, segundo Sandro, levou Carlos Alberto a se tornar ídolo da torcida do Vasco.

⁵¹É preciso lembrar que Carlos Alberto antes de chegar ao Vasco era visto como um “jogador problema”, sendo atribuída a ele a fama de indisciplinado.

Acho que de repente ter aceitado vir pro Vasco jogando na segunda divisão, de repente as declarações que também ajudam, também a vontade de estar aqui dentro, ele sempre diz isso... “o Vasco me recebeu de braços abertos”. Então a retribuição que ele tem com o clube é de lealdade, de fazer o melhor e se dedicar ao máximo, é o que ele vem fazendo. Então foi campeão. Conseguiu fazer o Vasco voltar pra primeira divisão de novo.

Portanto, além da gratidão pelo clube, laços afetivos foram criados e publicamente exteriorizados por Carlos Alberto através de declarações à imprensa, pontos importantes para que este jogador atingisse uma posição de ídolo no clube.

4.5 A Lei Pelé e sua influência na relação entre atletas e clubes

Notamos a partir da promulgação da Lei 9615/98, mais conhecida como Lei Pelé, um grande aumento do número de transações envolvendo jogadores brasileiros, inclusive para clubes do exterior. Entre os anos de 2003 e 2009, segundo dados da CBF, se transferiram para clubes estrangeiros 6648 atletas⁵². Este aquecimento do mercado de jogadores, além de provocar impactos de ordem econômica e financeira, também provocou mudanças na relação entre atletas e clubes. A maioria dos entrevistados destacou o fato de que a maior rotatividade de atletas impede que os mesmos criem forte identificação com os clubes. Sendo assim, os laços criados passaram a ser mais contratuais do que afetivos, justamente devido ao menor tempo de permanência em um único clube⁵³.

No entanto, os torcedores ainda valorizam e, até certo ponto, esperam que os atletas demonstrem certos sentimentos afetivos pelo clube, fazendo com que estes mesmos atletas, em alguns casos, preocupem-se em dar tais demonstrações. Em tempos passados, quando o atleta permanecia períodos mais longos no mesmo clube, e não raro, iniciava e encerrava sua carreira futebolística em um único clube, as demonstrações de identificação e afeto eram dispensáveis, uma vez que o maior tempo de permanência cumpria esse papel, ou pelo menos fazia os torcedores crerem que existia tal identificação.

⁵²Vale destacar que o número de jogadores que retornaram ao Brasil também foi alto, contabilizando um total de 2657 entre os anos de 2005 e 2009.

⁵³Como já salientado anteriormente, um dos fatores importantes considerados pelos atletas para criar identificação com um clube é o tempo de permanência no mesmo.

Contudo, apesar de o futebol atual estar mais bem caracterizado profissionalmente do que em tempos atrás, principalmente devido às relações de trabalho estabelecidas pela Lei Pelé, não devemos considerar que os atletas de décadas passadas eram menos profissionais do que os atletas de hoje. É comum ouvirmos relatos entre os torcedores e mesmo na imprensa esportiva de que os jogadores do passado jogavam com mais amor à camisa, fato considerado raro atualmente. Porém, não podemos tirar conclusões precipitadas, sem ao menos fazermos um esforço para entender que tratam de ocasiões distintas. Talvez, os atletas de antigamente realmente pudessem ter maior identificação com seus clubes devido ao maior tempo de permanência. Mas, será que podemos considerar que tais atletas não trocavam de clube porque acreditavam que o sentimento de identificação era o mais importante? Ou será que os atletas não trocavam de clube por que não havia um mercado aquecido ou uma estrutura burocrático-legal que permitisse a transação?

Sendo assim, devemos levar em consideração que um dos motivos possíveis pelos quais os jogadores rodavam menos no passado, diz respeito a não existência de facilidades que existem hoje, sobretudo pós Lei Pelé. Se considerarmos este ponto, podemos concluir que muitos jogadores não rodavam porque não podiam⁵⁴.

Entre os entrevistados nesta pesquisa, apenas um deles não jogou futebol profissionalmente após a Lei Pelé ter entrado em vigor. Portanto, ao tocarem em assuntos relacionados à assinatura de contrato e identificação afetiva com clubes, a maioria procurou destacar que a promulgação desta lei representou um importante marco para o futebol brasileiro, exercendo influência direta sobre suas carreiras.

Diogo, ao falar da sua trajetória no futebol e os motivos levados em consideração no momento de assinar um contrato profissional com algum clube, destaca dois períodos distintos: o início da carreira no Olaria (clube sediado no bairro de mesmo nome da cidade do Rio de Janeiro), tempo em que não existia a Lei Pelé e os anos pós Lei Pelé.

⁵⁴Através da leitura de algumas biografias de ex-jogadores (Pelé, Nilton Santos, Almir Albuquerque, Zico) nota-se que os atletas de décadas passadas apresentavam atitudes ditas profissionais, levando-se em conta vários fatores para assinar um contrato. A questão salarial, inclusive, aparece em vários trechos como uma das exigências feitas por vários atletas. Outra questão destacada, sobretudo por atletas que jogaram nas décadas de 1950 e 1960, refere-se aos prêmios e “bichos” pagos por vitórias, que muitas vezes eram suas maiores motivações.

- O Olaria não tinha como pagar muito, né? Mas, assim, como ele via qualidade no meu futebol, ele logo queria que eu subisse para o profissional e assinasse contrato profissional. Naquela época não existia ainda o passe livre, né? [...] Antigamente, mesmo você tendo o término do contrato, o contrato encerrado, você tinha vínculo com o clube, que era a lei do passe. Então, o Olaria pedia quanto quisesse no seu passe. Então era uma escravidão nessa época no futebol brasileiro.

- Você não podia escolher muito. É isso que você está dizendo?

- Não, não. Tinha que assinar e, já na assinatura do contrato amador pra me filiar como jogador juvenil, já ficava preso mesmo. Dificilmente você saía. Só na proposta de compra mesmo.

- Quando você obteve passe livre?

- Então, o passe livre foi no Santos. Assim que acabou o campeonato brasileiro de 2002, aí acabou meu contrato. Aí eu fiquei livre.

- E a partir desse momento o que era levado mais em consideração na assinatura dos contratos?

Na minha... assim, claro que o lado financeiro é importante pra caramba. Mas, eu levava em conta também o lado profissional⁵⁵.

Nas respostas de Diogo podemos notar a menor liberdade para trocar de clube no início de sua carreira devido à legislação da época. Augusto também destaca este fato e considera a maior facilidade de trocar de clube um fator positivo. “Hoje em dia, com a Lei Pelé aí, eu acho que melhorou porque você não fica vinculado somente ao clube, se você não tiver sendo aproveitado pelo clube você tem a liberdade de ir pra outro clube”.

Como já abordado anteriormente, os jogadores privilegiam o aspecto financeiro em suas carreiras, motivo que os levam a trocar várias vezes de clube, deixando em segundo plano, sentimentos afetivos que possam ter por uma determinada agremiação. Antes da Lei Pelé, como havia menos facilidade de transferências, o atleta acabava permanecendo por um período mais longo, favorecendo a criação de laços de identidade de maneira mais natural. Com a criação da referida lei e a consequente extinção da figura jurídica do “passe”, o atleta passou, ao término de cada contrato, a ter o poder de negociar outro com qualquer clube. Neste caso, a melhor proposta, na visão do atleta, que determina a escolha do clube em que vai jogar. Deste modo, a cada fim de contrato, outras propostas são

⁵⁵O lado profissional, para Diogo, diz respeito à estrutura, possibilidade de jogar na Europa e possibilidade de jogar em times com reais condições de disputar títulos.

feitas, abrindo a possibilidade de nova transferência que, quando concretizada, faz aumentar a rotatividade do jogador.

[...] esse negócio de identificação é muito bom quando você não podia ter esse tipo de transferência. A Lei Pelé só vai dar garantias ao clube até certo ponto. O garoto vai assinar seu primeiro contrato de profissional. Então a Lei Pelé dá condição ao clube de assinar esse contrato [...] e depois o garoto é livre, vai poder tocar a vida dele. [...]. Na época em que eu jogava não tinha lei do passe [sic] e você ficava cinco, seis anos num clube, sete anos, você não tinha essa facilidade de transferência. Hoje você joga em um clube e o passe já é teu. Antigamente não. Você jogava um ano, o seu passe ficava fixado na federação, se alguém quisesse comprar o seu passe que depositasse o dinheiro em juízo pra você poder ser liberado. Hoje em dia não tem isso. Hoje em dia acabou o contrato, acabou o vínculo com o clube. E o mercado está mais propício para a transferência, né? Por isso que existia muito essa identificação. Eu joguei [no Vasco] quinze anos. Então eu não podia me aventurar... hoje é só depositar o dinheiro que você vai pra onde você quiser. (SANDRO).

A maioria dos sujeitos entrevistados passou a trocar de clube mais constantemente a partir da implementação da Lei Pelé. Diogo, por exemplo, transferiu-se oito vezes durante um período de dezessete anos (1986-2002). Após receber “passe livre”, o mesmo atleta trocou de clube quatro vezes em apenas três anos (2003-2006). No entanto, o caso mais emblemático entre os sujeitos entrevistados refere-se ao entrevistado Sandro. Após ter permanecido no mesmo clube durante quinze anos, nove deles na equipe profissional (1991-1999), o jogador se transferiu para outro por não ter entrado em um acordo com a diretoria para renovar seu contrato. A partir daí, que coincidiu com o momento em que recebeu “passe livre”, até o encerramento da carreira (2000-2006), o jogador trocou de clube nove vezes.

A partir dos pontos levantados, podemos inferir que há diferenças entre práticas observadas pré Lei Pelé e pós Lei Pelé, uma vez que a maior rotatividade de atletas atualmente dificulta a criação de vínculos afetivos sólidos e duradouros com os clubes. Isto, até certo ponto, explica a necessidade de o atleta demonstrar supostos vínculos afetivos com o clube para qual está prestando serviço, vínculos estes valorizados pelos torcedores que acompanham com afincamento e fidelidade o seu clube do coração. Neste caso, algumas maneiras de se portar frente aos torcedores e à imprensa parecem representar uma espécie de linguagem ritual, ou seja, padrões de comportamentos que se esperam que o atleta expresse como forma de, ainda que temporariamente, assumir a identidade da “nação” torcedora. Neste

sentido, conforme as entrevistas realizadas nos mostraram, os atletas que agem desta maneira o fazem acreditando que tais atitudes podem lhe trazer benefícios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol, desde a sua criação, desperta um enorme fascínio nas pessoas que de alguma forma estão envolvidas com ele, principalmente os torcedores que acompanham fielmente o seu clube ou a seleção de seu país. Atualmente, eventos e programas ligados a este esporte são recordistas de audiência na TV, sendo responsáveis por gerar grandes fortunas em propaganda e marketing. Ainda devemos considerar as multidões que se deslocam até os estádios para verem de perto uma partida.

Uma quantia enorme de dinheiro ainda é movimentada através de transações envolvendo os atletas. No Brasil, a maior fonte de renda dos principais clubes é fruto da venda de jogadores, sobretudo para o exterior. Como abordado ao longo desta dissertação, o número de transferências aumentou consideravelmente nos últimos anos, consequência de alterações na legislação esportiva. Esta maior mercadorização do futebol tem influência decisiva na relação ente atletas, torcedores e clubes.

Sendo assim, este trabalho buscou investigar a relação entre profissão e paixão que envolve o futebol profissional, levando em consideração as lógicas sociais e culturais que influenciam a construção das identidades no futebol de espetáculo. Partimos da hipótese de que os atletas, no atual estágio que se encontra o futebol, necessitam conciliar tensões presentes neste meio, sobretudo relacionadas à racionalidade crescente do futebol de espetáculo e a paixão que envolve este esporte.

Partimos da categorização proposta por Toledo (2002) em que os sujeitos envolvidos com o futebol profissional são divididos em profissionais, especialistas e torcedores, na qual são atribuídas formas de agir e características específicas para cada um deles. Para entendermos as formas de conduta seguidas pelos sujeitos, ainda nos baseamos nos conceitos de Lovisolo (1997) e Boudon (1995).

Em um segundo momento, uma breve discussão sobre a questão da identidade foi realizada, inclusive relacionada à construção da identidade nacional, mais especificamente sobre a identidade brasileira e a influência do futebol nesse processo.

A relação entre atletas, clubes e torcedores na dinâmica do futebol de espetáculo mereceu atenção especial, assim como as características do atual momento do futebol profissional. O torcedor, como destaca Damo (2007), trata-se de uma comunidade de sentimento que tem com o seu clube um vínculo simbólico indissolúvel e que atribui a essa organização um estatuto totêmico definido como clubismo, grande responsável pela produção de emoções no futebol de espetáculo. Além disso, Toledo (2002) afirma que o torcedor é aquele que baseia suas ações pautadas na paixão, prioritariamente, diferenciando-se dos jogadores que tendem a agir seguindo uma lógica mais racional.

Outro ponto discutido durante o texto refere-se à crescente racionalização que envolve o esporte profissional. No caso do futebol brasileiro este fato pode ser observado nas modificações que ocorreram em níveis gerenciais e organizacionais, refletindo, inclusive, na política de formação de atletas e montagem das equipes. No atual estágio que se encontra o futebol profissional, os clubes precisam contar com pessoas capazes de gerir instituições esportivas que buscam lucratividade e sucesso nas competições que disputam. Para atingir estes objetivos, a saída encontrada pela maioria dos clubes está na formação de atletas. Desta forma, as categorias de base são responsáveis por “fabricar” novos talentos que irão compor a equipe profissional e, se o mercado oportunizar, serão negociados objetivando a captação de recursos. Este é o modelo híbrido de formação, cuja produção de futebolistas é voltada para atender as demandas do clube e o mercado de pés-de-obra (DAMO, 2007).

As transferências de jogadores no futebol brasileiro atingiram seus maiores números nos últimos anos, consequência de modificações ocorridas na legislação esportiva. Este fato fez crescer a rotatividade dos jogadores, que passaram a atuar por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Motivados, sobretudo, por questões profissionais – salário, condições de trabalho e visibilidade – os atletas se deparam com um cenário aparentemente novo nas relações que envolvem o futebol:

a necessidade de conciliar seus próprios interesses profissionais e a paixão que envolve a relação do torcedor com seu clube⁵⁶.

A Lei Pelé, ao facilitar a troca de clube pelo jogador, acirra a discussão referente à relação entre amor e dinheiro. Quanto a isso, Damo (2008, p. 145) é preciso em sua explicação ao dizer que

Os vínculos dos atletas com os clubes passaram a ser mediados pelas leis trabalhistas, tendo os atletas a liberdade de oferecer sua força de trabalho conforme a conveniência e as possibilidades. Os torcedores, ao contrário, não têm a prerrogativa da circulação, pois o pertencimento clubístico está alicerçado em um contrato perpétuo, na contramão da modernidade. O privilégio que esse sistema concede aos jogadores gera desconfiança entre os torcedores. Afinal, eles recebem seus salários mesmo quando o time perde, deixando aqueles expostos às jocosidades de seus rivais. Os torcedores toleram determinados fracassos, desde que não sejam freqüentes a ponto de comprometer a reputação do clube. Em casos especiais, quando percebem a disposição dos atletas para a luta, podem se solidarizar com eles mesmo na derrota. De qualquer modo, o romantismo que permeia o sistema vê nos interesses individuais e utilitários uma fonte de corrupção permanente, como se amor e dinheiro fossem irreconciliáveis por natureza.

Sendo assim, algumas atitudes tomadas pelos atletas que expressam sentimentos de identificação com o clube e com a torcida indicam uma tentativa de conciliar o que parece irreconciliável. Não podemos negar que a principal cobrança feita pelos torcedores aos atletas é por atitudes profissionais, conforme relataram os próprios sujeitos entrevistados. Todavia, esta atitude profissional é muitas vezes traduzida por honra e raça, linguagem típica do mundo romântico. Assim, atender a demanda da torcida por paixão também é fundamental para o atleta.

Neste contexto, merece destaque o fato de que os jogadores consideram importante permanecer um tempo maior no clube, sob a alegação de que esta é uma condição fundamental para a criação de vínculos afetivos, participação na

⁵⁶Presenciamos nos últimos meses o retorno de alguns renomados jogadores brasileiros que atuavam em clubes do exterior. Não é surpresa para ninguém o motivo que está os trazendo de volta. Com a proximidade da Copa do Mundo, muitos deles procuram no futebol nacional a visibilidade que lhe estava faltando devido ao fato de estarem jogando em clubes do exterior sem expressão ou por não estarem tendo uma sequência regular de jogos. Gostaria de destacar aqui o caso do atacante Robinho. Parece claro que o principal motivo que trouxe este jogador de volta foi sua vontade de se garantir na seleção que disputará a Copa do Mundo da África, e não seu amor pelo Santos. No entanto, nota-se a preocupação de Robinho em demonstrar seu suposto amor pelo clube, traduzidos em gestos como o de beijar a camisa, por exemplo, e através de declarações que conferem identificação com o clube. Não estamos afirmando que o jogador não tenha tais sentimentos pelo Santos, mas é clara a necessidade de exteriorizá-lo. Devemos lembrar que em 2005 o próprio Robinho fez pressão para poder ser transferido para o Real Madrid, não escondendo de ninguém seu desejo de jogar na Europa, mesmo a contra gosto da diretoria santista que queria manter o atleta no clube por mais algum tempo com o intuito de obter mais lucro com uma negociação futura.

comunidade imaginada da torcida e se tornar um ídolo. No entanto, com a maior facilidade de ganhos salariais advindas das transações, os mesmos privilegiam o rodar ao invés de permanecer em um clube.

Verificou-se ainda a existência de um contrato simbólico de obrigações entre atletas, torcedores e clubes. Portanto, retribuir o carinho e o incentivo da torcida através de dedicação nos jogos e conquista de títulos aparece constantemente na fala dos sujeitos entrevistados. Isto nos remete a ideia de dom/dádiva em que a retribuição gratuita é obrigatória para que uma boa relação entre atletas e torcida seja mantida. Conforme destaca Damo (2008), os torcedores valorizam atitudes dos atletas que denotam entrega irrestrita na busca da vitória.

O sentimento de gratidão manifestado pelo atleta para além do espaço-tempo das partidas também pode ser considerado uma maneira de retribuir o que lhe foi dado, o que pode ocorrer, inclusive, através de declarações dadas a imprensa e gestos que expressam tais sentimentos. Curiosamente, ao contrário do que não é permitido ao torcedor comum, as relações afetivas entre os indivíduos e os clubes mostraram um padrão de fluidez diferenciado, uma vez que não só o profissional troca de clube, mas também o torcedor por trás do jogador, criando um padrão bastante diferenciado de relações emotivas. Esta fluidez foi interpretada como produto do rodar futebolístico e do *ethos* específico desta profissão.

Em síntese, podemos dizer que as tentativas de conciliação mapeadas não significam nem uma atitude calculista, nem uma negação da dimensão prática, racional do futebol profissional, mas uma elaboração específica, necessária a uma prática que, mesmo em sua dimensão profissional, parece resistir à racionalização.

6. REFERÊNCIAS

AÖR, R. Investimento futebol clube. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jul. 2008. JB Esportes, p. 4.

AUDIÊNCIA feminina na TV bate recorde. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=391MON021>>. Acesso em: 14 abr. 2008.

BARROS, J. M. A. **Futebol: por que foi... por que não é mais**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOUDON, R. Ação. In: BOUDON, R. (Org.) **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

CARLOS Alberto: "Eu deveria estar na Europa". **LANCE!NET**, Rio de Janeiro, jun. 2008. Disponível em: <<http://msn.lancenet.com.br/noticias/08-06-19/317256.stm?carlos-alberto-eu-deveria-estar-na-europa>>. Acesso em: 23 jun. 2008.

COURA, K. Chuteiras que valem ouro. **Revista Veja**, São Paulo, ano 42, n. 19, p. 76-85, 13 mai. 2009.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

DA MATTA, R. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA MATTA (org.) **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun./ago. 1994.

_____. **O que faz do Brasil, Brasil?**. 12 Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. O *ethos* capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, E.; GUEDES, S. L. (Org.). **Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.

_____. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2007.

_____. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 23, n. 66, p. 139-150, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/09.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2009.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

DURKHEIM, E. **Formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIAS, N. Introdução. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERNÁNDEZ, M. C. L. O. **Futebol**: fenômeno lingüístico. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

FLORENZANO, J. P. **Afonso e Edmundo**: a rebeldia do futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998.

FRANZINI, F. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GASTALDO, E. “Os campeões do século”: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. In: GASTALDO, E.; GUEDES, S. L (Org.). **Nações em Campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006a.

_____. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, E. L.; GUEDES, S. L. (org). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006b.

GASTALDO, E. L.; GUEDES, S. L. (org). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIGLIO, S. S. **Futebol**: mitos, ídolos e heróis. 2007. 160 f. Dissertação (mestrado em Educação Física) – UNICAMP, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000414994>>. Acesso em: 04 abr. 2009.

GIOIELLI, R. L. P. **Modernidade líquida**: a experiência identitária na contemporaneidade dinâmica. 2005. 127 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=168&Itemid=99999999>. Acesso em: 24 jul. 2008.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol** – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, S. L. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro.** Niterói: EDUFF, 1998.

GUIBERNAU, M. **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

GUIÑAZU declara amor ao Inter, mas não nega que pensou em jogar no São Paulo. **Globoesporte.com**, Porto Alegre, 04 jan. 2010. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Internacional/0,,MUL1434570-9869,00->

GUINAZU+DECLARA+AMOR+AO+INTER+MAS+NAO+NEGA+QUE+PENSOU+EM +JOGAR+NO+SAO+PAULO.html>. Acesso em: 04 jan. 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.G.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSAWM, E. "Introdução: A invenção das tradições". In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra 1997.

KOWALSKI, M. **Por que Flamengo?** Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2003.

LÉO Lima diz que é torcedor do Madureira e que nunca torceu para o Urubu. **Netvasco**, Rio de Janeiro, 30 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.netvasco.com.br/news/noticias15/60386.html>>. Acesso em: 30 dez. 2008.

LOVISOLO, H. **Estética, Esporte e Educação Física.** Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1997.

LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. Futebol de várzea como crítica romântica. **Caderno Cultural da Revista Eletrônica Polêmica**, n. 8, jan./fev./mar., 2003. Disponível em: <www2.uerj.br/~labore/revistapolemica.htm>. Acesso em: 28 set. 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1990.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MONTAGNER, P.C.; SILVA, C. C. O. Reflexões acerca do treinamento a longo prazo e a seleção de talentos através de "peneiras" no futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 2, p. 187-200, 2003.

NASCIMENTO, E. A. do. **Pelé: a autobiografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006

NEGREIROS, P. J. L. C. O futebol e identidade nacional: o caso da Copa de 1938. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 3, n. 10, maio, 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/copa38.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

NILMAR, contra a vontade, fica no Inter e ainda ganha uma fortuna. **Globoesporte.com**, Porto Alegre, 01 set. 2008. Disponível em: <<http://www.globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Internacional/0,,MUL743935-9869,00.html>>. Acesso em: 01 set. 2008.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Violência e cultura no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

PAOLI, P. B.; SILVA, C. D.; SOARES, A. J. G. Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Futebol**, Viçosa, v. 1, n. 2, p. 38-52, jul./dez. 2008.

PIMENTA, C. A. M. Novos processos de formação de jogadores de futebol e o fenômeno das 'escolinhas': uma análise crítica do possível. In: ALABARCES, P. (org.). **Peligro de gol**. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires, Clacso, 2000.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. 262 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – UNICAMP, Campinas, 1998. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000183339>>. Acesso em: 28 Abr. 2009.

_____. **A Metamorfose do Futebol**. Campinas, SP: Unicamp.IE, 2000.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n.30, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200002&script=sci_arttext&tlmg=pt>. Acesso em: 17 nov. 2008.

ROBERTO Carlos chega ao Corinthians: 'Eu vim para cá para ganhar a Libertadores'. **Globoesporte.com**, São Paulo, 04 jan. 2010. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Corinthians/0,,MUL1433875-9862,00->

ROBERTO+CARLOS+CHEGA+AO+CORINTHIANS+EU+VIM+PARA+CA+PARA+G ANHAR+A+LIBERTADOR.html>. Acesso em: 04 jan. 2010.

ROESLER, C. E. N. **Nacionalismo, tradição e modernidade**. Disponível em: <<http://74.125.47.132/search?q=cache:ySE8nCHOqu4J:www.geocities.com/politicausp/>>. Acesso em: 09 jul. 2009.

SCHNEIDER, J. Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações a sobre a etnografia da identidade nacional. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 97-129, abr. 2004. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 14 jun. 2009.

SILVA, S. R. da. **Tua imensa torcida é bem feliz... da relação do torcedor com o clube**. 2001. 130 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - UNICAMP, Campinas, 2001. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000219057>>. Acesso em: 26 abr. 2009.

SOARES, A. J. G. **Futebol, Malandragem e Identidade**. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1994.

_____. História e Invenção de tradições no campo do futebol. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, 1999. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/261.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2008

SOARES, A. J. G.; BARTHOLO, T. L. Mercado, escola e a formação de jogadores de futebol no Brasil. In: **REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO**, 32., 2009, Caxambú, MG. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/trabalho_gt_14.html> acesso em: 07 jan. 2010

SOARES, A. J. G.; LOVISOLO, H. R. Rápida difusão do futebol: variabilidade de estilo e padronização. **Caderno Cultural da Revista Eletrônica Polêmica**, v.9, 2003. Disponível em: <www2.uerj.br/~labore/revistapolemica.htm>. Acesso em: 29 set. 2005.

SODRÉ, M. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1984.

TILIO, R. C. **O livro didático de inglês em uma abordagem sóciodiscursiva: culturas, identidades e pós-modernidade**. 2006. 258 f. Tese (doutorado) - Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

TOLEDO, L. H. Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982 – 2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, n. 52, p. 133-165, 2001.

_____. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (org.). **A aventura sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ANEXO A – Roteiro de Entrevista

1ª parte

- Nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol.
- Como iniciou sua carreira no futebol?

- Onde?

- Com que idade começou a treinar?

- Como foi este processo? Participou de escolinha? Peneira? Convite de 'olheiro'? Ou foi de outra forma?

- Você buscou iniciar sua carreira no clube de sua torcida? Por quê? Para qual clube você torce?

- Sempre torceu por este clube? () Sim () Não >>> Em caso de resposta negativa: quando deixou de torcer? Por que deixou de torcer?

2ª Parte

- Quando assinou seu 1º contrato profissional? Com quem?

- Como você assinou seu primeiro contrato com um clube? O que pesou mais? O que foi mais determinante?

- No decorrer da sua carreira... nos demais contratos como era?

- Hoje, como você assina? O que pesa mais? O que é mais determinante? (destinada a atletas que ainda estão em atividade).

- A rotatividade dos jogadores é uma característica do futebol há algum tempo. Jogadores atuam por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Quais são/foram os pontos positivos e negativos desse 'rodar' na sua carreira?

- O que faz um jogador gostar de um clube durante a carreira?

- O jogador se identifica mais com um clube do que com outro durante a carreira? O que causa essa maior identificação? Ou não existe isso?

3ª parte

- Você jogou em vários clubes. Existem diferenças entre os torcedores dos diversos clubes que você já passou? O que você gosta/gostava nos torcedores? O que você não gosta/gostava?
- Você atuou por clubes brasileiros que são rivais entre si. Como é/era a sua relação com os torcedores desses clubes?
- O que você precisava/precisava fazer para ter um bom relacionamento com os torcedores de cada clube?
- A paixão dos torcedores dos clubes que você já atuou mexe/mexia contigo?
- Com retribuir a paixão do torcedor?
- Você já jogou em vários clubes brasileiros. Mas, existe um clube que você tenha se identificado mais? Qual? Por quê?
- Quando uma equipe não está bem em um campeonato e existem problemas financeiros e atrasos de pagamento, muitas vezes a torcida chama os jogadores de “mercenários”. O que você pensa disto? Isso já aconteceu com você? Como foi? Como você age/agia nessa situação?
- Por que quando uma equipe não está bem em um jogo, muitas vezes a torcida pede “raça”? Isso já aconteceu com você? Como foi? Como você reage/reagia a essa situação?
- Existem jogadores que beijam a camisa na apresentação em um novo clube, coisa que não acontecia antigamente. Por que isso acontece? Você já agiu dessa maneira?
- E no momento do gol, o que faz um jogador beijar ou mostrar a camisa do clube no momento da comemoração? Você já agiu dessa maneira? Como você pensa suas comemorações?
- O futebol sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Atualmente, ele está envolvido num ambiente cada vez mais profissional. No entanto, parece que a paixão que envolve o futebol ainda é muito importante. Afinal, como é viver neste mundo, nesta profissão?

4ª parte

- Existem jornalistas que, muitas vezes, agem como torcedores. O que você pensa sobre isso?
- A imprensa esportiva (jornalistas, colunistas, repórteres, comentaristas) interfere na relação entre atletas e torcedores? Como isso ocorre? Interfere em que? Isso já aconteceu com você? Como foi?

- Existe/existia pressão de dirigentes para que o atleta demonstre certa identificação com o clube? Isso já ocorreu com você?
- Notamos que atualmente os termos “se doar nas partidas” e “entrega” estão muito presente nas falas de jogadores e treinadores. O que você pensa sobre isto?
- Apesar de o futebol ser uma atividade profissional, muitas vezes a torcida espera dos jogadores atitudes relacionadas à paixão – entrega, doação, amor à camisa – que não se vê em outras atividades profissionais. Por que no futebol existe isso? Isso interfere de alguma forma?
- Por fim, sabemos que o futebol é cada vez mais um esporte altamente profissionalizado com interesses comerciais e financeiros muito elevados, mas ao mesmo tempo uma grande paixão popular. Como você acha que estas duas dimensões (paixão e negócio) convivem?
- Como os atletas profissionais podem conviver com as paixões da torcida, dos dirigentes e de (parte) da imprensa?

ANEXO B – Transcrição Das Entrevistas Na Íntegra

Entrevista 1

1ª parte

Nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol. Com que idade começou a treinar? Onde?

R: Na verdade eu comecei na equipe de bairro de Belo Horizonte chamado Venda Nova. Comecei lá com 16 anos de idade nos treinamentos e logo em seguida eu vim para o América. E aí sim, que com 17 anos eu já fui visto pelo treinador do profissional que me lançou para o profissional.

Como foi este processo? Participou de escolinha? Peneira? Convite de “olheiro”? Ou foi de outra forma?

R: Este processo foi de ajuda de um clube para o outro em troca de jogadores, entendeu? O Venda Nova passava por um momento difícil em termos financeiros e precisava de ajuda financeira e o América propôs ajudar o Venda Nova e escolheria cinco jogadores e dentre esses cinco jogadores eu estava.

O seu 1º contrato profissional foi assinado com o América?

R: O meu 1º contrato profissional foi assinado com o América em 1989 quando eu estava com 19 anos.

Para qual clube você torcia na infância?

R: Na minha infância eu... assim, admirava muito o Atlético mineiro pela torcida, né? Então por tudo aquilo que você via as coisas acontecerem pelo torcedor, a massa atleticana. E isso fez com que eu pudesse ter uma admiração pelo Atlético. E também tive um carinho pelo América pelo fato de ter tido um primo que jogou no América e acompanhava bastante o América. Então eu fiquei com esses dois clubes assim como praticamente torcedor.

Você falou que tinha um carinho especial pelo Atlético. Você buscou iniciar sua carreira neste clube?

R: Não. Foi uma... eu busquei na verdade iniciar a carreira independente do clube. Eu queria jogar futebol independente do clube que fosse. Tanto que eu fiz teste no Atlético, fiz teste no Cruzeiro e no América e não passei. E fui parar no Venda Nova, foi onde que começou.

Você ainda torce pelo Atlético?

R: Torço. Torço pelo Atlético.

Você disse que chegou ao América com 17 anos. Mas você percebe que há aqui no América ou nos outros clubes que você já passou a preocupação dos dirigentes do clube em fazer com que os jovens atletas das categorias de base gostem do clube ou se identifiquem com o clube?

R: Não (contudente). Não há mais... os clubes não se preocupam com a formação de ídolos, pelo contrário, os clubes hoje se preocupam em formar jogador pra vender. Somente isso.

Quais fatores são levados em consideração por você ao assinar o contrato profissional com um clube?

R: Hoje?

Ao longo de sua carreira.

R: Porque é por etapa. É obvio que quando você tá começando tudo que você quer é uma melhora financeira. Então, o que te leva a assinar um contrato é sempre um contrato melhor, né? Hoje não. Hoje eu a parte financeira já pra mim não é o motivo maior, né? Eu tanto que estou no América mais pelo fato da cidade que é a minha cidade, por estar perto da família. E isso aí pra mim hoje foi primordial. Mas é obvio que no começo da carreira tudo que você quer é um contrato melhor.

A rotatividade dos jogadores é uma característica do futebol há algum tempo. Jogadores atuam por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Quais foram os pontos positivos e negativos desse 'rodar' na sua carreira?

R: Na verdade só tem pontos negativos. Quanto mais você consegue permanecer num clube é melhor pra você. Porém, infelizmente, ninguém mais se preocupa com isso. Nem a parte de dirigentes do clube, nem a parte de jogador, parte de imprensa, torcedor. Apesar de que o torcedor ainda sempre quer buscar um ídolo, mas tá sempre mais difícil. Mas, eu vejo que a permanência no clube ela é fundamental para que você possa ter aquela estrutura, entendeu? De estar adaptado numa cidade, mesmo se não tiver adaptado, se adaptar ao longo do tempo, entendeu? Adaptar ao clube, ao estilo do clube, entendeu? E tudo isso é fundamental. Você poder permanecer. Eu... todos os clubes que eu passei eu consegui permanecer o máximo possível do meu contrato. Na verdade eu cumpri todo o meu contrato, né? Pra mim foi fundamental pra ter tido uma passagem de quatro anos no Atlético porque me deu uma identidade junto com o clube e com a torcida. E isso pra mim foi fundamental. E é fundamental. Pena que os atletas hoje não pensam dessa forma. Porque muito das vezes não consegue nem esperar a oportunidade de se jogar de titular, prefere sair do clube, entendeu? E isso aí prejudica. Acaba prejudicando porque vai passando num clube que não é titular, vai pro outro, acaba não sendo titular também, aí pula pra outro. Acaba fechando as portas nos próprios clubes que poderiam trazê-lo novamente. Poderiam trazê-lo pra fazer com que ele pudesse ser um jogador importante pro clube.

O futebol sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Atualmente, ele está envolvido num ambiente cada vez mais profissional. No entanto, parece que a paixão que envolve o torcedor não muda. Como você analisa a paixão do torcedor?

R: Pode entrar o que for... lei que for que a paixão do torcedor será a mesma. Nada vai influenciar a paixão do torcedor pelo clube. Tanto que é importante o clube entender que o maior patrimônio que o clube possa ter é o seu torcedor. É por isso que há a necessidade se buscar novos torcedores. Então assim, embora as leis, principalmente a Lei Pelé prejudicou um pouco a questão dos atletas permanecerem no clube durante... apesar de que a lei era pra poder fazer com que o atleta pudesse permanecer o máximo de tempo possível. Mas isso não acontece. Na realidade não acontece. Então, dificulta um pouco o torcedor criar seu ídolo dentro do clube. Mas, o torcedor hoje é o patrimônio do clube.

Como você, enquanto atleta profissional, se relacionava com essa paixão?

R: Olha, você tem que lidar com o momento do torcedor. Tem que entender o torcedor porque o torcedor é paixão pura. Torcedor é quando tá bem, quando ta vencendo ta tudo “okey”, você é o ídolo, você é o “cara”, você é a bola da vez. Mas quando a situação ta contrária é difícil você achar que apóie, né? Na verdade você terá que ser um ídolo mesmo para que você possa ter o apoio do torcedor até mesmo nas derrotas. E mesmo assim é muito difícil. Não vai conseguir unanimidade. Mas para nós jogadores o apoio da torcida, essa paixão da torcida pelo clube é importante porque ajuda principalmente dentro de campo quando você ta jogando e o torcedor tá ajudando, tá incentivando, tá ajudando, tá gritando. Isso faz com que você possa buscar mais ânimo, buscar mais força, dar aquele carrinho a mais, a não existir bola perdida. Então a paixão, ela ajuda neste ponto.

Você atuou por clubes brasileiros que são rivais entre si. Clubes que rivalizam, inclusive dentro da mesma cidade – no América, no Atlético; já passou pelo São Paulo e pelo Palmeiras. Como foi a sua relação com os torcedores desses clubes?

R: Não tive. Não tive nenhum problema. Não tive nenhum problema de rivalidade. Dos times que eu joguei, né? E até bom porque eu joguei em três clubes que as três torcidas são unidas – Atlético, Palmeiras e Vasco da Gama. E essas três torcidas são torcidas que... são torcidas unidas, né? Que torcem... são assim, que tem um compromisso uma com a outra. E isso pra mim foi importante porque eu joguei contra o Atlético pelo América e a torcida do Atlético gritou meu nome. Já joguei contra o Vasco e ouvi a torcida gritando meu nome. Joguei contra o Palmeiras e ouvi o torcedor gritando o meu nome. Então isso é... na verdade não é pra qualquer um, né? Por isso que é importante você fazer história no clube. Nestes clubes eu joguei três anos no Palmeiras, joguei três anos no Vasco, joguei quatro no Atlético. E isso faz com que você se identifique

A paixão dos torcedores dos clubes mexe contigo?

R: Mexe (com ênfase). Mexe porque é bonito você ver a paixão do torcedor pelo clube. Você ver o que o torcedor é capaz de fazer pelo clube, né? No momento da... no momento... até mesmo no momento ruim você vê como o amor deles é grande ao vê-los chorar pelo clube, né? Então assim realmente dá pra você entender realmente como é a paixão de um torcedor, né?

Você disse que tem uma identificação, desde a infância e ao longo da sua carreira, com o Atlético e com o América. E dos vários clubes que você passou, esses são os que você se identifica realmente, que você mais se identificou enquanto atleta? Ou tem algum outro clube ou outros clubes?

R: Não. Com o Palmeiras e o Vasco também. Com o Palmeiras e o Vasco também eu tenho uma identificação muito grande. Mas, torcer mesmo eu torço para o Atlético e para o América.

E essa identificação com o Palmeiras e o Vasco é por quê? O que se deve a essa identificação?

R: No Palmeiras pelos títulos conquistados, a Libertadores, né? Então você... onde você passa e que você conquista tem uma identificação. Além de você permanecer um bom tempo no clube, você conquistou objetivos e objetivos importantes e marcantes pra vida do clube. Na vida do clube, tudo que o clube quer é o título da Libertadores. E eu conquistei esse título pelo Palmeiras. Então, passa momentos,

sai momentos, passam momentos e você tá sempre sendo lembrado por alguma coisa que acontece. No Vasco a mesma coisa. Formamos um time que foi a base da seleção brasileira das eliminatórias de 2000, né? Eu, Romário, Juninho Paulista e Juninho Pernambucano. Então, basicamente essa identificação são os momentos... são os times, né? Que se formam e é marcado nos clubes e nos torcedores quanto os títulos também.

Quando uma equipe não está bem em um campeonato e existem problemas financeiros e atrasos de pagamento, muitas vezes a torcida chama os jogadores de “mercenários”. O que você pensa disto?

R: É isso que a gente fala com respeito à paixão do torcedor. Porque o torcedor não consegue enxergar o extra campo. Não consegue ver aquilo que acontece dentro do clube. O torcedor consegue enxergar que o time tá mal, que o time não tá bem, que os jogadores não servem, mas não conseguem enxergar exatamente este outro lado. Por isso, você tem que compreender. Não aceitar. É uma coisa inaceitável. Mas, compreender pelo fato do torcedor ser 100% paixão e mais nada.

Isso já aconteceu com você?

R: já. Já aconteceu.

Como foi? Como você age nessa situação?

R: Você tem que ter muita tranquilidade para que você não dê... não tire a sua razão. Entendeu? Então a única coisa que você tem que fazer, eu, no meu caso, é ficar quieto e deixar com que o torcedor aja da forma como ele quer.

E Durante uma partida em que a equipe não está bem, muitas vezes a torcida pede “raça”. O que você pensa disto?

R: Ué! O torcedor tá ali, ele tá vendo o jogo, tá acompanhando a partida, vendo que porventura está acontecendo dentro de campo e, algumas das vezes acha que a raça é importante naquele momento. E grita pedindo que o jogador... então você tem que dar o carrinho (mudança de entonação). Não tem jeito. Dá dois, dá três que aí vai ser bom pro torcedor.

Isso já aconteceu com você?

R: Em todos os clubes. Sem exceção, em todos os clubes você tem um momento que o time não tá bem e o torcedor vai exigir.

E neste momento que o torcedor pede raça. Realmente estava faltando, naquele momento, raça dos jogadores?

R: Muita das vezes não.

Em sua opinião, o que faz um jogador beijar a camisa na apresentação em um novo clube?

R: Porque os repórteres pedem. O jogador tarda, mas faz.

Então há influencia da mídia e dos repórteres que estão ali?

R: influência da mídia

Você já agiu dessa maneira?

R: Não.

Aqui no América acontece? Você percebe que pedem pra se agir dessa maneira?

R: Em todos os clubes. Não é só no América. Em qualquer clube a mídia sempre... a primeira coisa na apresentação é pedir ao jogador pra poder beijar a camisa do clube. Gostei de uma que o Pet fez, né? Quando pediram pra ele beijar a camisa do Vasco ele deu uma declaração: beijar eu só beijo a minha mulher. Então isso aí é legal (risos dele.... eu não gostei, hehehehe).

O que faz um jogador beijar ou mostrar a camisa do clube no momento de comemorar um gol ou uma vitória do seu time? Você já agiu dessa maneira?

R: Já. Já. No América, no Atlético, no Palmeiras. Todos clubes identificados. Quando você... você ta num clube dois, três anos você não está ali por acaso. Você acaba de identificando com o clube. Você acaba gostando do clube, entendeu? Então, você no momento do gol, no momento de uma vitória você quer mostrar que você tá ali ajudando aquele clube, mostrando que você... tudo que você está fazendo não é só pra você. É pra você e para aquela família formada dentro do clube, dos jogadores, e que faz o melhor para o clube. Então isso é uma demonstração de carinho, demonstração de gratidão, demonstração de um valor imenso de ter conquistado.

Então é diferente no momento da apresentação e...

R: Totalmente. Totalmente diferente. Uma coisa é apresentação. Outra coisa é o momento dentro da sua vida no clube.

Você pensa suas comemorações? Vou fazer um gol e vou comemorar de tal forma.

R: Penso. Humhum (sim). Muitas das vezes você tem momentos dentro da semana que você prepara uma comemoração especial. Talvez aí um dia das mães que você levanta a camisa pra poder homenagear a mãe, um aniversário, entendeu?

E uma comemoração para homenagear a torcida já foi pensada por você?

R: Eu já. Já homenageei a torcida do Kashima Antlers, no Japão, colocando a máscara oficial da torcida organizada do Kashima e foi muito legal.

Quanto tempo você jogou no Kashima?

R: Um ano e meio no Kashima e mais um ano no Verdy.

E você tinha identificação com o clube lá também e com a torcida.

R: Também.

Você já falou dos jornalistas. E muitas vezes a gente percebe que eles agem como torcedores. O que você pensa sobre isso?

R: Olha, primeiro pra poder falar de jornalista tem que ser bem específico. Porque existe o jornalista que cobre o clube, existe o jornalista que faz o jogo e existe o jornalista que comenta o jogo. Então pra que eu possa falar de um jornalista, eu prefiro dizer que o jornalista quando ele vai ao clube e ele está todo dia no clube acompanhando o processo de um trabalho, ele tem mais convicção, mais autoridade pra poder falar do que aquele que comenta o jogo somente no dia do jogo e não acompanha mais nada.

E você acha que a imprensa esportiva (jornalistas, colunistas, repórteres, comentaristas) interfere na relação entre atletas e torcedores?

R: Interfere na relação do atleta, na relação do clube. Interfere muito porque eles têm a mídia ao seu lado e dependendo da mídia pode interferir até na contratação de um atleta ou na rescisão de contrato de um atleta. Ele tem muita (ênfase) interferência.

E na relação com o torcedor do clube?

R: Também. Muitas vezes o torcedor age da maneira como a mídia está colocando. E muitas vezes não é da maneira como a mídia tá colocando.

Isso já aconteceu com você? Você lembra de um caso específico?

R: Não. Não me lembro.

Existe pressão de dirigentes para que o atleta demonstre certa identificação com o clube?

R: Não. Não é essa a exigência do clube não. O que se tem de exigência no clube é que o atleta possa honrar a camisa que veste. Não é? Possa mostrar vontade, determinação. Possa cumprir todos os seus direitos contratuais, entendeu? E que faça o seu melhor pra poder ajudar o clube nas competições que se tem pra disputar.

Notamos que atualmente os termos “se doar nas partidas” e “entrega” estão muito presente nas falas de jogadores e treinadores. Em algumas entrevistas de atletas, por exemplo, percebe-se esse tipo de comentário. “Houve uma entrega muito grande”. “O time se doou muito”. O que você pensa sobre isto? Sobre esse tipo de comentário?

R: São comentários porque dentro de uma partida você vê o momento que o atleta realmente teve uma colaboração maior do que no jogo passado, nos jogos anteriores. Então são comentários que você no momento da partida, após uma partida.

Por fim, sabemos que o futebol é cada vez mais um esporte altamente profissionalizado com interesses comerciais e financeiros muito elevados, mas ao mesmo tempo uma grande paixão popular. Como você acha que estas duas dimensões (paixão e negócio) convivem?

R: humhum (pequeno riso). Separados. Porque a paixão é do torcedor e o negócio é do clube.

Então a paixão deixa pro torcedor porque o clube tem que agir...

R: Não. Não é que tem que agir. O futebol está agindo dessa forma. O clube olha a parte de negócio e a parte da paixão fica por conta do torcedor.

E o jogador?

R: O jogador é uma marionete.

Ele sofre a interferência desses dois lados?

R: Dos dois lados.

Como os atletas profissionais podem conviver com as paixões da torcida, dos dirigentes e de (parte) da imprensa?

R: O atleta tem que cumprir com aquilo que é o objetivo dele dentro do clube. Principalmente o atleta que está começando. Buscar novos caminhos, buscar vencer, né? Entender que qualquer melhora na vida deles é diante de vitórias, de conquistas dentro do clube. Então a dedicação tem que ser total, o atleta tem que mostrar o melhor, tem que se dedicar totalmente ao futebol, o atleta tem que entender que o futebol hoje tem uma exigência muito grande da parte física. Então ele tem que ser totalmente profissional, totalmente profissional. Não dá mais pra poder viver como o boleiro, tem que ser o atleta profissional, o atleta profissional pra que possa vencer.

Entrevista 2

1ª parte

Nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol. Com que idade começou a treinar?

R: Comecei a treinar com 13 anos num clube lá no Maranhão. Então tive uma oportunidade de vir pra cá pra São Paulo e com 14 anos perguntei pro os meus familiares se eu podia vir e com 16 eu vim para São Paulo.

Em qual clube do Maranhão você treinou?

R: Boa Vontade.

E tem uma estrutura profissional? Disputa o campeonato maranhense ou é um clube amador?

R: Não, disputava, disputava campeonato maranhense. Então dava muito trabalho pro Moto e Sampaio. Hoje em dia não sei como tá mais o clube, se tá disputando o profissional. Mas, eu acho, acima de tudo, foi esse time que me revelou.

Depois você foi para a Ponte Preta?

R: Não. Aí eu fui pro Juventus.

Juventus de São Paulo?

R: Juventus de São Paulo, né? Dos 16 eu fiquei dois anos lá no Juventus, aí em 2000 eu fui pro Santos.

E como foi esse processo? Você...

R: Processo longo, processo que joguei duas Taças São Paulo, né? Boas, aí do Juventus eu fui.

Alguém do Juventus te viu no Maranhão ou você veio pra São Paulo para...

R: Não. Eu vim pra São Paulo pra tentar a sorte, né? Pra tentar a sorte e graças a Deus eu consegui, né? Os empresários me compraram que era antes da Eurosport, me compraram aí eu fiquei dois anos no Juventus e do Juventus eu fui pra Santos. Fiquei seis anos no Santos.

Esse processo foi como: peneira, escolinha, convite de olheiro?

R: Não. Esse processo foi o seguinte: eu fui pra vencer mesmo, né? Porque é uma trajetória muito longa e seu quisesse alguma coisa... eh, eu fui pra outra coisa então, como os empresários falou: “fica aqui que você vai vencer” então eu fiquei.

Mas esse pessoal te descobriu como? Você foi direto ao Juventus treinar?

R: Eu fui direto ao Juventus treinar.

Foi como se fosse uma peneira?

R: Isso. É como um teste. Eu fiquei dez dias. Nesses dez dias eu fui aprovado.

E o seu 1º contrato profissional? Foi assinado com quem?

R: Meu primeiro contrato profissional foi com o Juventus. Fiz meu primeiro contrato profissional com o Juventus.

E quando foi?

R: Em 99. Fiz um contrato. Aí em 2000 eu fui pro Santos.

Para qual clube você torcia na infância?

R: Lá pro lado do Nordeste a maioria torce pro time do Rio, Flamengo, Vasco, Botafogo, Fluminense.

No seu caso...

R: Eu era flamenguista.

Talvez pela distância você nunca tenha tentado iniciar a sua carreira pelo Flamengo ou já passou pela sua cabeça. Ou você já pensou ou fez alguma tentativa nesse sentido?

R: Não. Acho que... você... eu nunca pensei em jogar num clube do Rio. Mas, graças a Deus, Deus me deu a oportunidade de tá jogando bola. Então, acho que na infância todo mundo tem um sonho e o meu sonho antes era jogar numa equipe grande, então, graças a Deus, eu consegui jogar numa equipe grande.

Você ainda torce pelo Flamengo?

R: Torço, torço sim pro Flamengo, né? Acho que acima de tudo é um clube muito querido lá pro lado do Nordeste, então a gente tem que torcer.

Havia uma preocupação do clube responsável pela sua formação na base, no caso o Juventus e lá no Maranhão também. Você assinou seu primeiro contrato com o Juventus? Ou foi com o Santos?

R: Meu primeiro contrato foi com o Juventus em 99. Em 99 fiz o meu contrato, joguei um campeonato da série C pelo Juventus. Aí joguei a Taça São Paulo, na Taça São Paulo joguei contra o Santos, a diretoria do Santos gostou do meu futebol e fui pro Santos em 2000. De 2000 fiquei lá até 2006.

E havia a preocupação, no caso o Juventus, em formar jogadores que se identificassem de alguma forma com o clube, que gostassem do clube?

R: Não, acho que não. Todo mundo sabia do seu valor que tinha ali no Juventus.

A diretoria não pensa nisso, em fazer com que o atleta goste do clube?

R: Claro que não. Claro que não. Tão ali pra fazer o melhor pro clube que na época era o Juventus. Então a gente tava ali pra fazer o melhor pro clube.

Quais fatores são levados em consideração por você ao assinar o contrato profissional com um clube?

R: Tem que ler direitinho. Primeiramente tem que ler o contrato direitinho, né? Se trata de um contrato a gente não pode fazer besteira, então é superimportante para um jogador que tá vindo da categoria inferior pra uma categoria alta, né?

E quando você assina o contrato você pensa em que? Na estrutura do clube, se o clube é grande, o salário. O que você acha mais importante?

R: Na assinatura do contrato a gente tem que ver tudo, né? Porque a gente tá ali no dia-a-dia e, como eu te falei... os dez dias que eu fiquei fazendo o teste eu procurei observar o que era melhor, o que não era melhor. Pra mim, principalmente, que tava vindo do Nordeste, então a gente tem que ver tudo.

E hoje em dia você pensa em que principalmente? Na conversa com um clube para assinar um contrato?

R: A gente tem que pensar em tudo. Na nossa família, né? Principalmente na nossa família. Nossos familiares, a gente tem família, tem que observar como é que é o clube, como é que tá pagando, como é que não tá.

A rotatividade dos jogadores é uma característica do futebol há algum tempo. Jogadores atuam por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Você já jogou em vários clubes em São Paulo. Jogou no Guarani e na Ponte Preta. Quais são os pontos positivos e negativos desse 'rodar' na sua carreira?

R: Positivo, o único ponto positivo pra mim foi ter atuado numa equipe que me pagava, né? Então eu joguei no Guarani e não recebi um tostão. O único clube que me pagou mesmo foi o Santos e Ponte Preta. O Guarani, eu passei por Ituano não me deram um tostão. Então o ponto positivo é isso aí. Negativo são esses aí como eu to te falando.

O futebol sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Atualmente, ele está envolvido num ambiente cada vez mais profissional. No entanto, parece que a paixão que envolve o torcedor não muda. Como você analisa a paixão do torcedor?

R: Hoje em dia a paixão é enorme, né cara? Se trata de torcidas que gostam e se identificam com o clube, né? Então, uma torcida que se identifica muito com o clube mesmo é Ponte Preta, né? Faz não sei quantos anos que a Ponte Preta não ganha um título... então a Ponte Preta, os torcedores são muito fanáticos.

Como você, enquanto atleta profissional, se relacionava com essa paixão?

R: Olha, eu não posso te falar assim porque é um negócio muito complicado, né? É um... os torcedores têm que ir pra torcer, né? Acho que acima de tudo se trata disso. Então, a gente pra se identificar a gente tem que fazer um bom campeonato pra se identificar com a torcida. Eu fiquei 1 ano na Ponte, então acho que me identifiquei muito legal, então acho que...

Você já atuou por clubes rivais. O exemplo é a Ponte Preta e o Guarani, em São Paulo. Como foi a sua relação com os torcedores desses clubes?

R: Minha relação com os torcedores da Ponte foi muito boa. A do Guarani não foi muito boa porque a gente tava ali pra jogar, né? Fazia não sei quantos anos que o Guarani, dois anos que o Guarani tinha caído, cheguei lá, cheguei lá era uma bagunça, posso te falar assim porque era uma bagunça. Então não me identifiquei muito com o clube do Guarani, né? Pra você vê que o Guarani não me pagou. Então não me identifiquei muito não.

E o fato de você ter jogado na Ponte Preta e depois ter ido para o Guarani que é o arqui-rival? Como a torcida do Guarani via isso? Você percebeu alguma coisa em relação à torcida? Desconfiança...

R: Percebi, percebi. Porque quando eu cheguei no Guarani fazia três meses que os caras não me pagavam, quatro meses, aí eu recebi uma proposta da Ponte aí eu fui pra lá. Alguns torcedores me seguiam, né? Querendo brigar comigo, né?

Você foi do Guarani e...

R: Não. Do Guarani eu fui pra Ponte. Primeiro eu passei pelo Guarani e depois fui pra Ponte. Então eu acho que os torcedores são... é muito ridículo, sobre isso é muito ridículo. Cada um tem que fazer o que for com a sua vida, tá entendendo? Então eu recebi uma proposta da Ponte e fui pra Ponte.

O que você precisava fazer para ter um bom relacionamento com os torcedores de cada clube?

R: Tem que jogar bastante, né? Tem que jogar muito, se dedicar cada vez mais no seu ambiente de trabalho.

A paixão dos torcedores dos clubes que você já atuou mexia contigo?

R: Mexe, mexe comigo porque eu joguei seis anos no Santos e, graças a Deus, os torcedores lá me adoram. Toda vez que eu vou jogar contra o Santos... quando eu fui jogar contra o Santos eu ouvi o meu nome ser gritado pela torcida, e isso... fiquei muito feliz.

Você já jogou em vários clubes brasileiros. Mas, existe um clube que você tenha se identificado mais?

R: Existe porque eu fiquei seis anos no Santos, né cara? Fiquei seis anos no Santos, não te como não existir. Fiquei seis anos no Santos, então um paixão... eu tenho um carinho enorme pelo Santos, né? Então isso não vai mudar não.

Quando uma equipe não está bem em um campeonato e existem problemas financeiros e atrasos de pagamento, muitas vezes a torcida chama os jogadores de “mercenários”. O que você pensa disto?

R: Acho que... o dia-a-dia, os torcedores não tão no dia-a-dia aqui. Os torcedores vão quando o time vai jogar, né? Eles podem chamar nós jogadores de mercenário, né? Como a gente... como eu posso te falar, eh... a gente tá ali no nosso ambiente de trabalho, os torcedores não veem, os torcedores só vão pra torcer. Então não pode chamar a gente de mercenário porque não sabe o que tá acontecendo no clube, não sabe o que a gente faz, então o torcedor não pode falar que a gente é mercenário.

Isso já aconteceu com você?

R: Já, Já aconteceu (com ênfase). Aconteceu na Ponte, no Guarani e não sabiam que atrasavam o salário. Atrasavam o salário no Guarani e na Ponte.

Como você age nessa situação?

R: Normal, normal, naturalmente, né? A gente conversa, né? A gente fala, pergunta pro... nós mesmos jogadores conversamos. "Oh, tão chamando nós de mercenário". E a gente sabe que não somos mercenários. A gente tá ali como eles também. A gente pode chamar... no dia que eu encerrar minha carreira eu posso tá torcendo por um time e posso chamar os jogadores de mercenário.

Quando uma equipe não está bem em um jogo, muitas vezes a torcida pede "raça". O que você pensa disto? Já aconteceu com você?

R: já aconteceu. Já aconteceu várias vezes. É o seguinte... quando uma equipe não tá bem não tá bem, né cara? Acho que nós jogadores sabemos disso, a gente vem pro campo pra jogar, pra treinar e se não tiver bem não é nossa culpa, não é culpa do treinador. Não tá bem no dia, nesse dia não pode tá bem.

Como você age nessa situação?

R: Normal. Tem que ser normal, tem que agir normal, né? Acho que tem que chamar todos os jogadores, "vamos dar mais um pouquinho", tá entendendo. Dar mais um pouquinho só.

Em sua opinião, o que faz um jogador beijar a camisa na apresentação em um novo clube?

R: Ah, isso aí é uma paixão, né cara? Isso aí acho que todo mundo... todos os jogadores têm que saber o seu valor. Acho que vai para um clube e se se identifica com um clube beija a camisa. Se ele não se identificar...

Você já agiu dessa maneira? Por quê?

R: Não, eu não. Porque quando eu vou me apresentar em um clube a gente tem que ser profissional. As pessoas... têm vários repórteres, vários torcedores pedem pra beijar a camisa, isso aí vai dá pessoa.

Você nunca agiu assim?

R: Não, eu não.

E na hora do gol? O que faz um jogador beijar ou mostrar a camisa do clube no momento de comemorar um gol ou uma vitória do seu time?

R: Na hora do gol é a emoção, né? Na hora do gol é emoção... todo mundo sabe disso, é uma emoção, sai um gol. Eu já fiz quatro gols na minha carreira, então é muita emoção.

Você já agiu dessa maneira na hora do gol?

R: Agi já, de beijar a camisa. Já agi, então eu acho que é muita emoção.

Você pensa suas comemorações? Você é zagueiro, então não faz tantos gols, mas no momento de comemorar um título ou uma vitória, você vai pro jogo sabendo que se fizer um gol vai comemorar de uma determinada forma? Você pensa isso antes do jogo?

R: Não. Hoje em dia eu não comemoro beijando a camisa não. Hoje em dia eu comemoro levantando a mão pra Deus e agradecendo a Deus.

Existem jornalistas que, muitas vezes, agem como torcedores. O que você pensa sobre isso?

R: É eu conheço vários, né? Eu conheço vários jornalistas que são torcedores. Então acho que não tem como... como eu posso falar... tem jornalista que é torcedor, tem não sei quem que é torcedor, então a gente... o jornalista mesmo põe pilha, põem fogo (risos), então a gente tem que ficar quieto.

A imprensa esportiva (jornalistas, colunistas, repórteres, comentaristas) interfere na relação entre atletas e torcedores?

R: Interfere, interfere. Jornalista principalmente, né? Quando os jogadores estão mal, põem coisa que não é pra botar e interfere sim.

Isso já aconteceu com você?

R: Graças a Deus não. Graças a Deus não.

Existe pressão de dirigentes para que o atleta demonstre certa identificação com o clube?

R: Existe, existe, existe pressão sim (Com ênfase). Todo mundo sabe, a maioria dos jogadores que trabalha, não só aqui no América, como em vários clubes, existe pressão de diretoria. Você vê que um jogador do Botafogo agora foi suspenso por causa da diretoria, porque tava existindo pressão em cima dele.

Qual o jogador?

R: Jônatas.

Ele foi suspenso por qual motivo?

R: O Jonatas do Botafogo. Ele tava como titular, a diretoria entrou lá dentro do vestiário pra brigar com ele, né? E tá suspenso.

Isso já ocorreu com você? Pressa de dirigente que exige que você se identifique com o clube?

R: Não, graças a Deus não.

Notamos que atualmente os termos “se doar nas partidas” e “entrega” estão muito presente nas falas de jogadores e treinadores. O que você pensa sobre isto?

R: É como a gente tá falando. O nosso dever é buscar o melhor, né? Então acho que num jogo a gente tem que buscar sempre o melhor, tem que dar o máximo, né? O que a gente vem fazendo nos treinamentos, tem que dar o máximo.

Por fim, sabemos que o futebol é cada vez mais um esporte altamente profissionalizado com interesses comerciais e financeiros muito elevados, mas ao mesmo tempo uma grande paixão popular. Como você acha que estas duas dimensões (paixão e negócio) convivem?

R: Acho que hoje em dia os empresários tão... tão praticamente fechando parceria com o clube, né? Acho que dá pra gente ver, pra gente assistir. Financeiramente um

pega aqui dá pra jogador ou pra outros. Então hoje em dia eu acho que os empresários tão fazendo muita parceria com o clube.

E o jogador opina? Ele fala se quer ir pra cá ou pra lá ou ele apenas vai para onde o empresário indica?

R: O jogador espera, né? O jogador espera o empresário falar, falar onde vai jogar, pra onde que vai, pra onde que não vai. Então, hoje em dia...

Na verdade, é o empresário que...?

R: É o empresário que negocia as transações.

E o principal fator ou motivo levado em consideração no momento de assinar um contrato, qual é?

R: Nós jogadores temos que pensar muito... se o clube foi bom, como que é...

Como os atletas profissionais podem conviver com as paixões da torcida, dos dirigentes e de (parte) da imprensa?

R: Nós jogadores... a gente convive naturalmente, né? Porque o dirigente tá lá pra dirigir, a torcida tá lá pra torcer. Então acho que nós jogadores estamos lá dentro de campo pra gente fazer o nosso máximo que é conseguir sair com todo o tempo com o resultado positivo. Se não sair com o resultado positivo a torcida vai xingar, o dirigente não vai gostar, vai contratar outro, então nosso dever é esse.

O atleta tem algum artifício, alguma coisa que ele faça que possa dar um retorno à torcida principalmente, que age guiada pela emoção, pela paixão?

R: O atleta tem que se dar ao máximo, né? Tem que se doar cada vez mais dentro de campo, tem que fazer gol, que a torcida gosta. Então, nós sabemos disso.

Entrevista 3

1ª parte

Flavio, nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol. Onde você começou a treinar?

R: Eu comecei a treinar no Juvenil do CSA (Alagoas).

Com que idade?

R: 14 anos. Com 14 eu comecei no CSA. Daí eu...não joguei no juvenil. Fui reserva no juvenil. Do juvenil eu subi pro juniores. Nos juniores eu comecei jogando de titular. Aí joguei um ano no juniores e fomos campeões, né? Aliás, joguei dois anos nos juniores depois subi pro profissional, me subiram pro profissional. Aí comecei a jogar. Aliás, comecei no banco de reservas do CSA. Aí tive uma chance e entrei no time em 91, né? Fui campeão assim que comecei a jogar no profissional. Na primeira chance que eu tive fui logo campeão alagoano. Daí fiquei 92, 93 e em 94 fomos campeões mais uma vez... alagoano. Aí fiquei o meio do ano de 95 quando eu fui vendido para o Atlético Paranaense.

Quando você se inseriu no CSA com 14 anos...Como foi este processo? Participou de escolinha? Peneira? Convite de 'olheiro'? Ou foi de outra forma?

R: não, não, não. Eu tava jogando pelada na rua assim, aí um olheiro me viu jogando, um rapaz lá e me levou pra fazer um teste. Aí eu fui lá fiz um teste, né? Na primeira vez que eu fiz eu passei, né? Fiquei, né? E assim foi minha vida.

E seu 1º contrato profissional foi assinado com o CSA?

R: com o CSA.

E você tinha que idade?

R: Eu tava com 20 anos.

Para qual clube você torcia na infância?

R: CSA

Você torce pelo CSA até hoje?

R: Não, não, não. Torço pelo CSA até hoje. É o meu time do coração. Eu tenho assim uma admiração um pouco pelo Fluminense na época de criança.

Fluminense do Rio?

R: Fluminense do Rio. Mas daí, por causa do Paulo Vitor, goleiro. Eu era muito fã do Paulo Vitor e gostava muito de assistir aos jogos do Fluminense e torcia pelo Fluminense. Daí o Paulo Vitor saiu, Assis, Washington, né? Que era aquela dupla do casal 20 na época. Gostava muito. Daí quando eles saíram do clube lá eu perdi um pouco o encanto de torcer pro Fluminense.

Por torcer pelo CSA inicialmente, você buscou iniciar sua carreira neste clube?

R: Assim...eu gostava de jogar futebol, mas se dependesse de mim, eu mesmo ir lá pra treinar eu não iria não. Sabe? Eu fui lá mais porque me levaram pra lá, né? E daí eu já gostava do CSA... eu era muito envergonhado. Eu tinha vergonha de ir, aquela turma, aquela resenha toda que envolve o futebol. Daí me levaram, eu fiquei e achei legal assim, né?

Você percebia que na sua formação nas categorias de base existia a preocupação do clube em fazer com que os jovens jogadores que estavam lá fossem torcedores do clube?

R: Não, não. Naquela época não, né cara? Naquela época e principalmente no futebol assim no Nordeste é meio complicado. A condição não é muito boa pra você desenvolver um trabalho assim nas categorias de base, né? E sempre tudo difícil, é falta de material, é muita coisa, né? As categorias de base assim... mais qualificada assim...tem todas as condições em time grande, né? Você vê que eles têm um carinho especial.

Os diretores, o pessoal do clube não fazia com que os garotos que estavam ali torcessem pelo clube?

R: Não. Eu, particularmente na minha época lá, eu não via isso não, sabe? É como eu te falei...a dificuldade era bastante, em termos de bola essas coisas pra você trabalhar, né? Mas eles queriam que você subisse e desse um retorno pro clube, mas as condições assim para que você pudesse desenvolver bem o futebol e tivesse uma condição boa de se trabalhar nas categorias de base...isso aí não tinha.

Quais os fatores são levados ou eram levados em consideração por você ao assinar o contrato profissional com um clube?

R: Acho que o sonho de todo jogador de futebol é quando você assina o seu primeiro contrato no futebol no profissional. Os jogadores da base, né? Então eu tive essa felicidade de poder no CSA fazer um contrato profissional, né? Onde na época era muito difícil, né? Você subir assim para o profissional e ser aproveitado. E eu fui, tive a felicidade de poder mostrar nos juniores o meu potencial e daí ter uma oportunidade de tá no meio dos profissionais ali com contrato de profissional.

Depois quando você foi para o Atlético Paranaense e você jogou no Paraná também. Nesse período, o que você levava em consideração no momento de assinar o contrato? Quais eram os fatores mais importantes na hora de assinar um contrato?

R: De assinar um contrato profissional, né? Poder ter uma chance de jogar, né? E ter um sonho de poder... ehh, um time do Sul ver jogando, né? Assim, às vezes uma Copa do Brasil, porque quando você está no profissional, quando você é campeão regional sempre disputava a Copa do Brasil. Então, a partir do momento que você, principalmente no Nordeste, assina um contrato profissional você tem um sonho de poder jogar num time grande, né? A nível nacional. Então o meu sonho era esse, né? De poder fazer um contrato no CSA, de poder ter essa oportunidade e até uma sorte de um olheiro de um time do sul me ver jogando e me para o Sul, né?

Foi este o caso do Atlético Paranaense?

R: Foi o caso do Atlético Paranaense. Eu jogando lá no CSA.

Depois você passou pelo Vasco também?

R: É. Daí em 95 eu estava disputando o paranaense e daí o pessoal olheiro do Atlético Paranaense foi lá pra ver um outro jogador, me viu jogando e comprou meu passe, né? Meu e de um lateral lá. Aí a gente veio pro Atlético Paranaense em 95.

Depois teve passagem pelo Paraná?

R: É. Aí eu fiquei 95, 96, 97, 98, 99, 2000, 2001, 2002 no Atlético Paranaense, né? Aí daí eu saí do Atlético Paranaense e fui pro Vasco da Gama.

E os contratos sendo renovados nesse período?

R: É. Sendo renovados, né? Todo ano assim.

E para renovar esses contratos você fazia algum tipo de exigência?

R: Ah, quando você é apontado como um dos principais jogadores do time você tem que exigir, né cara?

Qual exigência você fazia?

R: Eu fazia um reajuste salarial que é o normal de todo mundo, né? Poder ter o seu trabalho reconhecido, né? E muitas das vezes por eu ter vindo do Nordeste por estar muito num clube, as vezes eu não conseguia esse reajuste que eu esperava. Mas, sempre eles davam um reajuste muito bom, né? E fazia com que a gente pudesse ter mais força, né? Pra que no ano seguinte a gente pudesse sempre tá renovando, melhorando.

A gente percebe que hoje os jogadores rodam por diversos clubes. Você mesmo jogou dentro do mesmo Estado no Atlético Paranaense e no Paraná, por exemplo, que são rivais.

R: É.

Nessa carreira que o jogador roda bastante. Na sua carreira, quais foram os pontos positivos e negativos desse 'rodar' em vários clubes?

R: Assim, eu vou até te falar assim. Mas eu, particularmente, não tive a chance de jogar em muitos times, né? Eu saí do CSA, fiquei oito anos no Atlético Paranaense. Do Atlético Paranaense saí e fui pro Vasco. Tive uma passagem rápida onde eu tinha um contrato longo com o Vasco, mas aí eu pedi rescisão de contrato porque eu não tava jogando. E o Fábio tava jogando, tava bem. E o Lopes que me levou porque eu tinha trabalhado com ele no Atlético Paranaense, né? Me levou pra lá pro Vasco pra jogar. Mas, daí o Fábio tava bem, já tinha feito um final de ano muito bom jogando, né? Numa chance que foi dada pelo Helton, quando o Helton foi embora. Aí eu cheguei lá pra jogar, mas eu cheguei machucado também e não tive uma chance de jogar, né? E o Fábio continuou jogando bem pra caramba, jogando muito bem, aí eu não tive chance. Daí eu fui campeão carioca em 2003. Aí eu falei com o Lopes pra me liberar, com o Eurico Miranda pra me liberar. Eles não queriam me liberar, né? Aí daí eu falei com ele, eu insisti, né? Ele falou: oh Flávio, eu vou falar com o Eurico pra ver se ele te libera. Eu, particularmente, não queria te liberar porque estamos disputando um carioca, vai acabar, vai ter chance porque vamos disputar um brasileiro e temos muitos jogos. Aí eu falei: professor, eu queria jogar porque eu tô com 31 anos e tal, e o Fábio tá bem e pra mim não é muito interessante tá na reserva, né? Ainda mais na minha idade. E agora apareceu o Paraná pra jogar, né? Paraná tá me dando essa oportunidade de voltar pra lá pro futebol paranaense, e eu queria que você me desse uma força. Aí ele conversou com o Eurico e eles me liberaram.

Você é um jogador que não rodou tanto, perto de alguns jogadores que tem por aí.

R: É

Mas você vê pontos positivos e negativos...

R: Vejo. Então, deixa terminar isso que eu te falei, né. Além do Vasco, onde eu fiquei muito pouco tempo apesar do contrato longo que eu pedi pra rescindi, né? Pra poder jogar. Fiquei mais 5 anos no Paraná Clube. E do Paraná Clube vim parar aqui no América. Já vai fazer quase dois anos que estou aqui, né? Tô prestes a renovar o contrato, né? Eles tão querendo que eu continue aqui, né? Então gente tá conversando. Agora sobre esse aspecto que você falou do jogador rodar muito...quando você tem um...quando você roda por times grandes e faz contratos bons, por um lado vale à pena também, né? Quando você vai, quando você recebe, né? Com certeza você consegue muita coisa rodando bastante. Por grandes clubes você recebe uma luva, recebe um adiantamento, recebe aquele negócio todo, pacote lá, qualquer coisa assim. E quando você vai pros times certos que eles te pagam é muito bom, né? Mas assim, eu tive em poucos clubes, mas nos poucos clubes que eu joguei sempre foram clubes que me pagaram direitinho, certinho. Eu fiz sempre contratos bons assim, e eu não reclamo não.

O futebol sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Atualmente, ele está envolvido num ambiente cada vez mais profissional. No entanto, parece que a paixão que envolve o torcedor não muda. Como você analisa a paixão do torcedor?

R: É complicado. Assim... é como eu era torcedor... voltando lá atrás, né? Antes de ser jogador. Quando eu era torcedor do CSA, torcedor do Fluminense, eu não admitia que o time perdesse. Vem a gozação dos amigos, vem aquilo tudo ali. Então, acho que para o torcedor é bem complicado, principalmente quando tem um amigo seu que torce pelo time rival e quando ganha começa aquela chateação e, às vezes, chega até a sair confusão e briga, né cara? Então, acho que você entender o torcedor é complicado. Acho que a paixão é fogo. Você quando jogador passa de clube em clube, você tem que ser profissional. Deixar esse negócio de torcer de lado. Então é bem complicado.

Como você, enquanto atleta profissional, se relaciona com essa paixão?

R: Ah, você tem que entender o torcedor, né cara? Você não pode tá discutindo com torcedor. Você tem que colocar na cabeça que torcedor é assim. O torcedor hoje está te aplaudindo, amanhã ele pode tá te vaiando... se você perder um gol, perder um título ele vai te xingar, vai falar que você não presta... quando você ganha você é o melhor...Então você tem que entender tudo isso e o futebol é assim, né? A gente não pode mudar.

Você atuou por clubes brasileiros que são rivais dentro da mesma cidade, o Atlético Paranaense e o Paraná. Como foi a sua relação com os torcedores desses clubes?

R: Eu tive... eu ganhei dois título em cima do Paraná Clube jogando pelo Atlético, né cara? E eu quando depois da minha saída do Atlético eu achei que o pessoal ia me receber muito mal assim, né? Mas foi bem completamente diferente, né? Foi uma recepção bem calorosa. Na minha chegada no aeroporto vários torcedores foram lá, gritaram meu nome, né? Muitos torcedores... e eu vi que foi legal aquilo ali, né cara? Isso aí fez com que eu dentro do Paraná Clube fizesse as mesmas coisas que eu fazia no Atlético Paranaense contra o Paraná e onde eu tive a oportunidade de fazer isso jogando no Paraná Club, né? Dando alegria à torcida do Paraná assim, né? Principalmente contra o Atlético também, né? Quando a gente tirou o Atlético da semifinal do paranaense e fomos decidir um título, né? Então acho que não tem coisa melhor que você ser recepcionado pelo torcedor que você jogou bastante contra, né? De ter sido seu rival, né? E de repente virar o lado. Assim o pessoal te receber bem. Já do Atlético Paranaense me recebeu de uma maneira muito ruim assim, me xingava, me chamava de traidor. E a minha estréia foi contra o Atlético Paranaense mesmo no Campeonato Brasileiro em 2003, né? Eu fui o melhor em campo, joguei pra caramba nesse jogo, muito bem. E a torcida onde eu tinha sido campeão nove vezes em 8 anos de... em 8 anos de clube eu fui campeão nove vezes no Atlético Paranaense

E como você agiu nesse momento?

R: Ah, fiquei tranquilo pô. Fiquei meio chateado, triste pelo o que aconteceu. Eu acho que o torcedor eh, quando você tá 9 anos num clube, você consegue oito títulos. Aliás, 8 anos num clube e consegue nove títulos dentro do clube cara, eu acho que o respeito tem que ter né? Independente de que você continue no clube que você ganhou esses títulos ou você vai jogar no time rival. Acho que tem que ter

o respeito de quando você jogava no clube, né cara? O carinho do torcedor. Não é de todos os torcedores, né? Sempre quando eu saía em Curitiba o pessoal me recepciona bem, o torcedor do Atlético, do Curitiba, do Paraná. Mas a gente fica triste, a gente sente, né? Fica bem chateado. Mas eu procurava dentro de campo fazer o melhor pra que o torcedor do Paraná, no clube que eu tava defendendo, né? Ter a maior alegria possível que é jogar bem, ganhar títulos pra eles, ganhar títulos também como eu tinha ganhado pelo outro.

A paixão dos torcedores dos clubes que você já atuou mexia contigo?

R: Ah sim. Eu acho que o torcedor... tem aquele torcedor que te cativa mesmo. Assim, eh, te leva pra cima, te dá uma motivação do caramba, né? Esses clubes que eu joguei foram assim. O Atlético tem uma torcida muito vibrante, uma torcida que te empurra, que te ajuda, né? No momento bom, no momento ruim até certo ponto também. Que eu acho que é o normal de todo torcedor no futebol. É assim mesmo, né? Eh, você tem que entender, né cara? Porque o time quando tá bem a torcida te ajuda... mas eu acho que o torcedor em geral devia esperar o jogo acabar pra poder cobrar, né? E muitas vezes as torcidas não são assim, né? Ela cobra antes de acabar o jogo e ao invés de ajudar até certo ponto atrapalha, né?

Você já jogou em vários clubes brasileiros. Mas, existe um clube que você tenha se identificado mais?

R: olha... eu joguei 8 anos pelo Atlético Paranaense, cara. Tive passagem rápida pelo Vasco, foi muito bom. Joguei pelo CSA um tempão. Mas a torcida que eu aprendi a gostar foi o Paraná. Uma torcida que eu gostei.

Por quê?

R: O pessoal me recebeu de braços abertos. Uma torcida que tem um carinho muito grande por mim assim, sabe cara? Por ter vindo de um rival e ter ganhado dois títulos contra eles e te recebe bem, te apóia, te tem assim... como um ídolo assim... maior do clube, né cara? Acho que...

Quantos anos você jogou no Paraná?

R: Joguei 5 anos lá. Cinco anos lá no Paraná Clube. Fomos pra Libertadores pela primeira vez e depois de 8 anos conseguimos ganhar um título paranaense que o time não ganhava. Chegamos na final de outro, não conseguimos ganhar porque perdemos de um a zero e empatamos outro em casa zero a zero, né? E assim, o torcedor me tem assim... tem um respeito muito grande. Então eu fico muito gratificado pela torcida do Paraná.

Quando uma equipe não está bem em um campeonato e existem problemas financeiros e atrasos de pagamento, muitas vezes a torcida chama os jogadores de “mercenários”. O que você pensa disto?

R: Acho que não tem nada a ver não, cara. Acho que problema de diretoria... acho que salário afeta sim o rendimento do jogador dentro de campo. Não é que o jogador não quer jogar porque não tá recebendo. É porque o psicológico do jogador fica abalado, porque tem jogador que recebe bem, tem jogador que não recebe bem, né cara? E às vezes você tem jogadores novos que tão jogando no time titular e às vezes o jogador não consegue render devido... que não recebe, não tem eh, não tem um salário muito bom como outros jogadores têm, né? Onde não se abalam tanto. Mas jogadores que não recebem tanto com certeza abala, cara. E não é

porque o jogador não quer jogar, o jogador não consegue jogar, não consegue ter tranquilidade pra desenvolver um bom futebol e muitas vezes o torcedor confunde as coisas. Acha que é mercenário, que só quer jogar por dinheiro e muitas vezes não tem nada a ver.

Isso já aconteceu com você?

R: Olha cara, assim... aconteceu no clube... já aconteceu em clube que eu joguei, né? Mas só que eu, particularmente, não... nunca me abalou.

Como você age nessa situação?

R: É ruim, né cara? Acho que se o clube te deve tem que pagar, pô. E salário é obrigado a pagar em dia. Não tem esse negócio de... só porque o jogador ganha bem pode ficar um, dois, três meses sem receber. Só porque ganha bem! Se o cara tem um contrato e tem um salário, o salário tem que ser cumprido em dia, pô. É trabalhador também igual todo mundo. Então acho que tem receber em dia. Mas a gente sabe que muitas vezes o clube não tem condições de fazer esse pagamento e a gente até entende, né? Então acho que você tem que ter tranquilidade, né? Procurar tentar jogar o futebol, né? Muitas vezes sem o time tá pagando em dia. Mas é como eu te falei, tem jogadores que tem vezes que não consegue devido os problemas que ficam fora do campo. De ter que pagar uma coisa aqui outra ali e às vezes não rende.

Quando uma equipe não está bem em um jogo, muitas vezes a torcida pede “raça”. O que você pensa disto?

R: O que eu penso é que o torcedor tem que ajudar então a trazer esse jogador aí então. Porque todo time pede esse jogador: raça. E nunca encontra, pô. É verdade mesmo. Eu, particularmente, nos clubes que eu joguei, nunca faltou raça dos jogadores, de nós jogadores assim. Sempre acontece de você um dia ou em outro o time não tá bem, pô. Não dá nada certo e o torcedor vem com esse negócio de “raça”, “raça”, “raça” como se o jogador tivesse fazendo corpo mole, não quisesse jogar, tivesse faltando raça que eu acho que não existe isso aí, cara.

Isso já aconteceu com você?

R: Já aconteceu do time não estar jogando bem, o que é normal de não jogar e a torcida gritar raça.

E Como você age nessa situação?

R: Ah, o que a gente tem que fazer? Tem que procurar se isolar disso, procurar se concentrar dentro do jogo pra que isso aí não atrapalhe. Assim, eu, particularmente, nunca me atrapalhou isso não. Muitas vezes de eu tomar um gol, falhar num jogo e a torcida ficar me xingando e tudo mais... eu, particularmente, não me abato com essas coisas não.

Em sua opinião, o que faz um jogador beijar a camisa na apresentação em um novo clube?

R: Ah cara. Eu, particularmente, nunca fiz isso não. E não, e não...

Por quê?

R: Eu não sei te falar assim porque eu mesmo nunca fui de beijar a camisa e tal. Porque hoje em dia, hoje você tá aqui outro dia vai estar em outro time e toda hora

vai estar beijando a camisa. Eu acho que é de cada um e, eu, particularmente, não tem isso. Agora, no time que eu vou eu procuro sempre fazer o melhor, dar tudo de mim para que eu possa ajudar o clube que me contratou, né cara?

Na hora do gol. Você é goleiro. Mas, o atacante muitas vezes comemora dessa forma, beijando a camisa. Você, no caso, na hora que faz uma defesa importante, você pensa as suas comemorações?

R: Não, eu defendo a bola e tal. Já levanto, já mando o pessoal marcar e tal. Tem goleiro que hoje em dia tá vibrando, tá fazendo uma defesa, tá vibrando, tá não sei o que. Eu assim, eu, particularmente não... não é de mim não, fazer essas coisas assim. Eu fico feliz de ter feito uma puta defesa, tal, uma grande defesa como qualquer jogador que faz um gol, faz uma grande jogada. O goleiro quando faz uma grande defesa, né? Se sente muito feliz na hora, bastante feliz de poder ter feito a defesa, né? Assim, intimamente assim, por dentro ele se sente muito feliz assim, né cara? É bem legal.

Existem jornalistas que, muitas vezes, agem como torcedores. O que você pensa sobre isso?

R: Eh, errado. É igual jogador. Se um jogador tem um time que torce é aquele negócio... no time que ele vai ele tem que ser profissional. Tem que saber diferenciar as coisas. Não é cara? E é a mesma coisa repórter também, né? Porque eu já a oportunidade de ver no futebol paranaense repórter-torcedor, pô? Às vezes torcendo pro meu time, aí nosso time fazia uma jogada errada, ele tava por trás do meu gol e ficava xingando fora do microfone, botava o microfone do lado e ficava xingando. Eu cheguei até a falar com o cara se ele tava narrando ou se ele tava comentando... eh, eh, se ele tava comentando o jogo ou se ele tava querendo dar dura em jogador.

A imprensa esportiva (jornalistas, colunistas, repórteres, comentaristas) interfere na relação entre atletas e torcedores?

R: Ahh, muito, né cara? Torcedor pega o radinho aqui, coloca no ouvido, escuta as pessoas que tão falando, né cara? E muitas vezes o torcedor escuta o que a pessoa tá falando e interfere muito.

Algum já interferiu em uma situação com você?

R: Ahh, acontecerem, né cara? Coisas assim que jornalistas, comentaristas falam às vezes.

E interferiu na sua carreira?

R: interfere assim fora de campo assim, só de... aconteceu dentro de jogo só. Agora, fora de campo, minha vida extra-campo, graças a Deus, nunca tive nenhum problema porque não sou jogador que saio na noite, não bebo, não fumo. Eu sou bem tranquilo, então comigo nesse aspecto de indisciplina, esse negócio de sair na noite, balada, esse negócio todo, isso aí comigo, graças a Deus, em nenhum clube que eu fui nunca teve. Agora esse negócio de jogar mal, você jogar mal, toma um gol tal, o torcedor houve o comentarista falando, com certeza vai sobrar pro jogador, né?

Existe pressão de dirigentes para que o atleta demonstre certa identificação com o clube? Isso já ocorreu com você?

R: ah cara, eu acho que é normal o dirigente cobrar o jogador, né cara? Mas isso é normal.

O dirigente cobra certa identificação, que ele goste do clube? Por exemplo, na apresentação, o dirigente pede para que o atleta...

R: Beijar a camisa, né? Eh, tem jogador que vai e faz isso, mas...

Já aconteceu com você?

R: Não. Comigo não.

Nenhum dirigente pediu algum tipo de identificação?

R: Não, não. Nunca.

Nem quando você saiu do Atlético e foi para o rival, o Paraná?

R: Não, não. E mesmo se tivesse pedido eu não faria não. Porque não é de mim, né cara? Se eu tivesse essa facilidade de fazer isso por mim mesmo tudo bem, mas de outra pessoa tá fazendo pra fazer eu não faço não. Eu faço assim, eu, particularmente, faço o que eu acho que tenho que fazer, sabe? O que eu tenho que fazer? Me contratou eu vou procurar fazer o meu melhor pro time. Fazer o melhor. Cobrança de dirigente com certeza vai... é normal porque tá te pagando e tá te pagando bem pra fazer isso, pra jogar e, com certeza, cobrança quando não tá jogando bem, quando não machuca vai ter, né? Porque isso aí é norma dentro do futebol.

Notamos que atualmente os termos “se doar nas partidas” e “entrega” estão muito presente nas falas de jogadores e treinadores. O que você pensa sobre isto?

R: acho que... aquele negócio. O cara quando é profissional, acho que quando você sai da concentração depois de ouvir uma preleção e vai para um jogo, pro vestiário pra trocar de roupa, você tem que ir ali concentrado e sabendo o que você tem que fazer dentro de campo. Já tem que ir concentrado, né? É normal as pessoas chegarem na hora da rodinha “vamos se doar”, “vamos não se o que tal”... aquele negócio ali não, não ... não tem isso. Acho que o jogador quando sai da concentração pro jogo, depois de ouvir a preleção do treinador, já tem que ir concentrado, sabendo o que tem que fazer dentro de campo. Muitas vezes não acontece, o que é normal não acontecer. Mas o jogador vai com aquilo pra campo, pra ele desempenhar o melhor pro time, né cara? É o que o treinador pede. Agora, é normal. Às vezes o time joga muito bem e é normal de alguns jogadores ao ser perguntado, né? Falar que o time se doou, jogou muito bem, que tá todo mundo de parabéns. Acho que isso aí é normal dentro do futebol.

Por fim, sabemos que o futebol é cada vez mais um esporte altamente profissionalizado com interesses comerciais e financeiros muito elevados, mas ao mesmo tempo uma grande paixão popular. Como você acha que estas duas dimensões (paixão e negócio) convivem?

R: Ah cara. Assim, eu... muitas vezes tem dirigentes que quer que... muitas vezes não pensa no objetivo do clube que é ganhar um título. Assim, às vezes, né? Pensando em fazer um grane negócio, revelar um grande jogador pra poder

negociar pro exterior, né? Aí às vezes o que é na cabeça dele... eu acho assim de alguns dirigentes, que primeiro pra ele é um investimento financeiro pra das uma condição muito boa pro clube e às vezes ele coloca na cabeça: não, esse ano vamos fazer um time competitivo, mas que não chegue a ser campeão, mas que pelo menos agente revele alguns jogadores para que possa vender para o exterior. Mas, já o torcedor, o torcedor não quer saber disso não. O torcedor quer saber é de chega ali dentro e jogar pra caramba, ganhar título. Não quer saber se o time vai ganhar dinheiro vendendo jogador subindo das categorias de base, fazer um negócio bom pro clube. O torcedor não quer saber disso não. O torcedor quer resultado imediato, quer ganhar título. Chega para um torcedor e pergunta pra um torcedor: eh, esse ano você quer que o seu time faça... ganhe dinheiro na venda do jogador... uma escolha. Vender jogador ou ganhar título? Pergunta pra ele pra ver o que você vai achar.

Você torce pra que time? (Pergunta dirigida a mim)

- Eu sou Vasco (risos).

Então, você é Vasco, né cara? Então, você quer que o Vasco ganhe títulos ou venda jogador? Não tem jeito cara! Torcedor é paixão, é tudo. Envolve muita coisa, é gozação e tudo mais. E chegou dentro de campo o torcedor não quer saber não... nada de dinheiro não. Ah não... o torcedor não entendi que precisa disso e daquilo e tem que vender jogador não. O torcedor não quer saber disso não. O torcedor quer é ganhar título e mais nada. É isso que eu acho e que, com certeza, se você for perguntar pra qualquer torcedor é isso. Quer ganhar título. Não quer saber desse negócio de ganhar dinheiro.

Como os atletas profissionais podem conviver com as paixões da torcida, dos dirigentes e de (parte) da imprensa?

R: Eu acho que o cara tem que procurar fazer o trabalho dele no dia-a-dia, treinar pra caramba, procurar dentro de campo fazer o melhor e essas coisas que ficam assim fora de campo esquecer, né cara? Porque você quando trabalha pra caramba ao natural o sucesso vem, né cara? Você trabalha sério com determinação, vontade, garra dentro de campo, treinando sério, fazendo o que tem que fazer no treinamento pra que no jogo possa sair tudo da maneira que tu quer... com certeza o sucesso vai vir ao natural e ao vir esse sucesso a torcida vai gostar, o dirigente vai achar legal, a imprensa também vai achar legal porque é jogador que é tipo... valorizando o Estado, né? Eu acho que é assim.

Entrevista 4

1ª parte

Nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol. Com que idade começou a treinar? Onde?

R: No início da carreira eu passei pelo Santa Teresa daqui de Minas. É um clube amador que não tinha profissional. Era até o Junior só. Depois disso o clube fechou e eu vim para o América.

A sua profissionalização foi no América?

R: sim. Foi no América.

Com que idade começou a treinar ainda no Santa Teresa?

R: Comecei com 16, 17 anos.

E a sua vinda para o América foi de que forma? Participou de escolinha? Peneira? Convite de 'olheiro'? Ou foi de outra forma?

R: Eu já tinha vindo para o América pra ficar mesmo. Eu não fiz teste, não fiz nada.

Foi alguém do América que foi lá e te buscou?

R: É. Na época foi o Vantuir Rodrigues que levou a gente pro América.

Este clube participa dos campeonatos de base?

R: Agora não mais.

Então seu primeiro contrato foi assinado com o América?

R: É. Com o América.

Com que idade?

R: Dezesete pra 18 anos. Dezesete anos.

Para qual clube você torcia inicialmente ainda na infância?

R: Na infância era o Atlético.

Você torce pelo Atlético ainda?

R: Não

Por quê?

Não. Até porque vim novo pro América e tive uma simpatia maior pelo América. De ter me revelado, de ter acontecido muita coisa boa aqui comigo. Então me sinto um americano.

Mas anteriormente, você buscou iniciar a carreira no Atlético?

R: Não.

Por torcer para o Atlético?

R: Não. Não. Eu ia porque era muito novo e ia com meus irmãos porque meus irmãos eram atleticanos. Então eles me levavam no Mineirão e sentia, gostava. Era tudo novidade pra mim na infância, né? Então... mas aí quando eu vim para o América mesmo eu tive essa identidade assim com o América e aí fui torcendo.

Você percebe que no clube de base que você passou...o Santa Teresa não porque é um clube amador. Mas logo depois quando você veio para o América. Existe a preocupação do clube responsável pela sua formação em fazer com que os jovens atletas das categorias de base gostem do clube?

R: Acho que isso aí é do próprio atleta, né? O presidente passa palestra pra gente, coisas assim. Mas isso aí depende do atleta, né? Então acho que... você vê: as vezes dependendo do atleta mais novo vai para outro clube... começa...sai do América muito cedo e vai para outro clube...aí começa a ficar gostando do clube pra onde que ele começou. Às vezes ele fica cinco anos, fica mais que no América. Aí ele tem uma simpatia maior.

Você percebe que a diretora exige que o atleta goste...

R: Não. Na minha época não. Na minha época acho que era mais o profissionalismo mesmo. Começa desde cedo. A diretoria passa pra gente isso... é o profissionalismo. E o gostar, o gostar a gente fica gostando é com o tempo que a gente vai ficando. A gente vai sentindo, né?

Quais fatores são levados em consideração por você ao assinar o contrato profissional com um clube?

R: Acho que é uma responsabilidade muito grande, né?

O que você leva em consideração? O que é mais importante no momento de assinar? O que você leva em consideração?

R: O mais importante é um contrato onde tá tendo uma responsabilidade muito grande entre eu e o clube, né? E o clube comigo, né? Então acho que isso aí pra mim é o mais importante, né? Acho que isso aí pra mim, no modo de ver, as vezes outro atleta vê de outro jeito. No meu modo de ver isso aí me ajudou bastante. Então no meu modo de ver é ter essa responsabilidade muito grande que a gente tem que colocar.

E Em relação a fatores do tipo: a estrutura do clube, se ele está disputando campeonatos importantes, salário, família?

R: Fundamental.

O que?

R: Tudo.

O principal pra você?

R: O principal pra mim acho que é estrutura e salário em dia. Acho que...só de você está sentando ali e assinando o contrato o compromisso que você tá tendo com a diretoria, né? Então... a estrutura do clube. A gente depende de um campo, né? De uma sala de reunião. Isso aí é importantíssimo pra gente. A gente...do começo você vê... hoje em dia o futebol tá crescendo cada vez mais.

A rotatividade dos jogadores é uma característica do futebol há algum tempo. Jogadores atuam por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Quais foram os pontos positivos e negativos desse ‘rodar’ na sua carreira?

R: O ponto positivo é que você conhece outros lugares, né? Outros lugares e outros atletas. Conhece atletas mais experientes. Às vezes você vai num clube e vê dois, três, quatro, cinco jogadores mais experientes e, nisso, principalmente na minha época. Na minha época quando eu fui para o Cruzeiro. Do América para o Cruzeiro, apesar de que aqui em 97 já tinha jogador experiente como Boiadeiro, Pintado, Tupãzinho. Então isso aí é fundamental pra mim. Então acho que no você sair e ver os outros jogadores e outro clube... isso aí pra mim é importante também.

E existem pontos negativos nesse “rodar”?

R: Eu acho que não. Acho que negativo a gente pensa quando a gente vai num clube e não dá certo. Aí você fica um mês, dois meses e isso aí que não é bom. Pro atleta em si não é legal porque a gente vai para um clube pra mostrar o potencial, pra ganhar algum título porque a gente depende disso, né? Então acho que isso aí que é o mais importante.

O futebol sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Atualmente, ele está envolvido num ambiente cada vez mais profissional. No entanto, parece que a paixão que envolve o torcedor não muda. Como você analisa a paixão do torcedor?

R: Eu acho que é meio complicado isso. Porque eu joguei no Borussia sete anos praticamente, na Europa, e vi que é totalmente diferente. Assim, o modo deles se comunicarem com a gente. A gente vai no treino, conversa com a gente. Então, eu acho que aqui já é diferente. Aqui já vem pra brigar sem conversar sem nada. Então acho que isso aí que, infelizmente, ainda tem ainda aqui no Brasil. Acho que era pra ter acabado com isso.

Em relação à cobrança. A cobrança do torcedor lá na Alemanha é menor?

R: bem menor.

Ou é o tipo de cobrança que é diferente?

R: Não. A cobrança é bem menor e às vezes é só no olhar, né? Às vezes no olhar, a gente olhando pra torcida a gente vê que eles tão cobrando. Então a gente sabe disso. E aqui é totalmente diferente. Aqui vem pra agredir a gente. A gente já viu varias vezes, né? Então isso aí pra mim aqui no Brasil tem que mudar ainda. Eu acho.

Como você, enquanto atleta profissional, se relaciona com essa paixão?

R: Ah, muito bom. Me sinto um...todo dia antes de vir pra cá, treinando junto com meus companheiros. Isso aí é um orgulho muito grande e de estar, de ter voltado aqui pro América, onde eu comecei. Então isso pra mim é um orgulho muito grande.

O que você precisava fazer para ter um bom relacionamento com os torcedores?

R: Ser profissional e no dia de jogo se dedicar e sair sempre bem. Não tem como, né? Cada jogo...

E no seu caso... você já atuou pelos três principais clubes de Minas Gerais, de torcidas rivais. O América, o Atlético e o Cruzeiro. Como foi ou é a sua relação com esses torcedores que são torcedores rivais dentro da mesma cidade que disputam o mesmo campeonato, o mineiro no caso?

R: Eu acho...pra você ver. A torcida do Atleti... do América tem uns que gostam e uns que não gostam. É normal, né? E do Cruzeiro a mesma coisa, e do Atlético também a mesma coisa. Então acho que isso aí pra mim...se a gente for colocar isso aí no dia-a-dia a gente (risos). A gente esquece e não joga futebol, né? Acho que isso aí...a paixão do futebol é isso mesmo. Acho que é nós, atletas, colocar a cabeça no lugar e sempre se dedicar. Quando entra dentro de campo se dedicar bem.

Você disse que tem torcedor do América que não gostou do fato de você ter jogado nos outros clubes. Você tem algum tipo de artifício que você usa para melhorar sua relação com esses torcedores?

R: No meu modo de ver. Como eu, Euller, Wellington Paulo, né? O Irênio. Acho que o torcedor não tem que...acho que comigo com e com eles, não tem que reclamar da gente. Acho que tem que dar é mais apoio porque o que nós já fizemos para o América... eh, pouquíssimo, né? Então acho que eu ainda sinto só de... às vezes a gente faz uma jogada e ser vaiado, isso aí pra mim...fica um pouquinho triste, né?

Porque nós já fizemos pro Américo foi muita coisa, então acho que é só isso mesmo. Mas acho que a torcida do América sempre cobrou e sempre vai cobrar e é normal. Pode ser qualquer torcida.

A paixão dos torcedores dos clubes que você já atuou mexe contigo?

R: Mexe porque é bonito de se ver, né? Você vê a torcida do Atlético, a torcida do Cruzeiro, passei pelo Atlético do Paraná. Você vê umas torcidas que isso aí mexe com qualquer um, com qualquer ser humano. Então acho que é bonito de se ver. E quando... vê gritando o nome da gente...isso que eu acho legal. Então acho que isso é mais importante também.

Você já jogou em vários clubes brasileiros. Mas, existe um clube que você tenha se identificado mais?

R: Com a torcida?

Com um clube?

R: Eu me identifiquei muito bem com o Atlético do Paraná, onde eu fiquei seis meses lá, sete meses e me identifiquei muito bem. Tive uma passagem muito boa lá. O clube estava praticamente quase caindo pra segunda divisão, onde chegou eu e mais uns três jogadores experientes lá, Paulo Rink tava na época também. Então acho que só de a gente ter levantado, tirado da zona, né? Então acho que isso é o mais importante.

O Atlético- PR é o clube que você se identifica mais e que mais gosta hoje?

R: é o que eu me senti bem. Não é o que eu gosto não. Eu gosto aqui do América. O América que é a paixão da minha vida. Então eu acho que aqui no América...não tem outro clube que eu me identifique melhor.

Quando uma equipe não está bem em um campeonato e existem problemas financeiros e atrasos de pagamento, muitas vezes a torcida chama os jogadores de “mercenários”. O que você pensa disto?

R: É porque é complicado. Eles não sabem do dia-a-dia nosso aqui, né? Então ir lá no Independência e ir em qualquer canto e torcer é muito fácil e não sabe o que a gente passa aqui no dia-a-dia. Então acho que isso aí pra mim entra aqui e sai aqui.

Isso já aconteceu com você?

R: Já aconteceu.

Como foi? Como você agia nesse momento?

R: Agi tranquilo. Agi tranquilo. Acho que o grupo em si, o grupo é um grupo, né? Então o grupo em si agiu tranquilo e a gente conversou e o mais importante é a reunião nessa hora, né? E a diretoria sempre reuniu, conversou, explicou o que tava acontecendo e aí depois resolveu.

Quando uma equipe não está bem em um jogo, muitas vezes a torcida pede “raça”. O que você pensa disto?

R: (Risos). A torcida... é difícil até responder essas perguntas assim. Porque acho que no momento do jogo mesmo, tem dia que não dá certo. Porque nós atletas somos seres humanos, né? Então acho que muito torcedor não vê isso. O dia-a-dia aqui, os treinamentos. Então eu acho que a gente não vai entrar pra dentro de

campo pra perder. A gente vai entrar sempre pra ganhar. E a gente sabe que tem outro grupo lá que ta entrando pra ganhar também. Então acho que isso aí já podia ter acabado também.

E esses fatos que acontecem - pedir raça, por exemplo – faz com que você dentro de campo tome outro tipo de atitude quando a torcida pede raça?

R: Às vezes até atrapalha alguns jogadores, né?

Isso faz vocês agirem de forma diferente dentro de campo?

R: Depende do jogador. Depende do atleta.

E no seu caso?

R: No meu caso não atrapalha nada não. Mas eu já conversei com alguns atletas que me falaram que atrapalha. Às vezes o cara não tá adaptado pra ouvir isso. Então acho que isso ai pra mim também já era pra ter acabado. Isso aí não existe. O atleta entra ali pra dentro de campo é o trabalho dele...tem que dar de tudo.

Em sua opinião, o que faz um jogador beijar a camisa na apresentação em um novo clube?

R: (risos). Isso aí já era pra ter acabado também. Porque antigamente tudo bem, mas hoje em dia não...você vê que um jogador, como eu falei, né? Às vezes o jogador chega lá, beija a camisa e fica seis meses, três meses e não dá certo. Às vezes o cara fica aí três, cinco anos, aí o jogador faz um gol e aí sim, porque já tem quatro, cinco anos. O cara cinco anos de clube já se identifica muito bem com uma torcida, com os próprios companheiros, com a diretoria. Então isso aí facilita mais.

Você já agiu dessa maneira? Por quê?

R: (Pausa). Olha... que eu saiba foi só agora na volta, viu? Na volta ao América.

E por que você agiu dessa maneira?

R: Porque eu gosto do América. Por isso que eu beijei a camisa do América e se eu sair de novo e voltar vou beijar de novo.

Você falou no momento da apresentação. E na hora de comemorar um gol ou comemorar uma vitória...?

R: Nunca fiz. Eu sempre comemorei agradecendo do meu jeito. Do meu jeito quieto mesmo. Nunca extravasei. Tem uns atletas que gostam, né? De extravasar mais, mas eu sou assim, eu sempre...nunca beijei.

Você antes do jogo pensa as suas comemorações?

R: Não. Não penso. É na hora. O que acontecer tá tudo certo.

Existem jornalistas que, muitas vezes, agem como torcedores.

R: Muitos.

O que você pensa sobre isso?

R: Errado. Errado.

Por quê?

R: Eu acho que... porque não. Ali ele tem que ser profissional igual a gente mesmo. Acho que pra mim isso aí não é certo.

A imprensa esportiva (jornalistas, colunistas, repórteres, comentaristas) interfere na relação entre atletas e torcedores?

R: Interfere, mas depende até quando ele vai no clube, né? Porque daqui um tempo o repórter lá dentro do vestiário, aí começa a bagunça, né? Então acho que reportagem pra lá e jogadores pra cá.

E o que eles comentam nas reportagens e nas colunas que escrevem, isso influencia no comportamento da torcida em relação aos atletas e dos atletas em relação à torcida?

R: Depende do que pergunta, né? Depende da resposta e depende da pergunta. Às vezes agente não fala e eles vão lá e colocam.

Então interfere?

R: Interfere um pouco, né? Às vezes a gente não comenta isso e...

Isso já aconteceu com você?

R: já.

Como foi?

R: Foi aqui mesmo. A gente comentando uma coisa que não tinha nada a ver e eles botaram outra coisa no jornal no outro dia que não tinha... até cheguei aqui, cheguei aqui e comentei com a diretoria que não tinha falado nada disso.

Existe pressão de dirigentes para que o atleta demonstre certa identificação com o clube?

R: Não, acho que não. Comigo nunca aconteceu isso não.

Por exemplo, você já jogou no América, no Cruzeiro e foi para o Atlético. São três grandes rivais, principalmente Cruzeiro e Atlético. Você jogou primeiro no Cruzeiro ou Atlético?

R: Fui do América para o Cruzeiro.

Quando você foi para o Atlético existia...

R: Ehh, tem.

O fato de você ter jogado no Cruzeiro...

R: É... tem. Tem um pouco.

A diretoria pede? Beija a camisa...

R: Ehh. Teve sim, mas eu não fiz.

Não?

R: Não, porque eu sou tranquilo. Eu nunca... porque não adianta. O amor meu é do América mesmo.

E sua relação não mudou por causa disso com a diretoria e com os torcedores dessa equipe?

R: Não. Comigo não. Tranquilo.

Notamos que atualmente os termos “se doar nas partidas” e “entrega” estão muito presente nas falas de jogadores e treinadores. O que você pensa sobre isto?

R: isso é bom. Isso é bom porque o futebol vai crescendo cada vez mais, né?

Você percebe que esses termos estão mais presente do que antes, quando você começou a sua carreira?

R: Ah, tá mais (com convicção).

Por que você acha que se fala mais esses termos hoje?

R: Porque o futebol hoje tá mais corrido, mais agressivo e a gente entra dentro de campo e antigamente não era tão muito essa pressão, essa coisa assim. Você vê que hoje em dia o futebol tá virando um estilo europeu. Tem jogo aí que você vê, parece jogo europeu, de pegada. Antigamente era mais toque de bola. Hoje é mais correria e mais força.

Você é um jogador experiente, tem 35 anos.

R: 34 (risos).

Trinta e quatro. Mas quando você começou com dezessete até agora já se passou um tempo. Você percebeu alguma mudança na relação com os torcedores? Não somente em relação a você, mas também em relação aos atletas de uma maneira geral.

R: Muda porque a gente vai pegando uma experiência e a gente vai... o que a gente tá fazendo hoje em dia em campo é diferente, né? Porque antigamente, você novo você queria correr o campo todo. Hoje às vezes a gente não tem esse fôlego e não precisa, né? Dependendo você correndo dentro do campo de um jeito que às vezes atrapalha.

Mas a cobrança da torcida você acha que sempre foi a mesma. Ou a forma da cobrança mudou?

R: Mudou. Até por causa do respeito, né? Acho que a gente mais velho, mais experiente, mais rodado tem um respeito maior, né? Acho que até pra tranquilizar os mais novos é mais importante também.

Por fim, sabemos que o futebol é cada vez mais um esporte altamente profissionalizado com interesses comerciais e financeiros muito elevados, mas ao mesmo tempo uma grande paixão popular. Como você acha que estas duas dimensões (paixão e negócio) convivem?

R: É porque antigamente não rolava tanto dinheiro igual hoje, né? E hoje, um atleta fazendo duas, três partidas boas... encontra um time maior e já é vendido mais rápido. Antigamente pra você ser vendido era difícilimo, né? Então hoje em dia eu acho que tá bem mais aberto e acho que isso aí vai só crescer mesmo. Pro Brasil em si é bom?

Você disse que o atleta joga duas partidas e é visto por outro clube maior. E a identificação dele com o clube?

R: Bom... eu acho que diminui um pouco, dependendo... igual eu falei...dependendo do tempo que o atleta fica no clube, né? Eu praticamente aqui no América, praticamente foi seis, sete anos antes de ir pro Cruzeiro. Então me identifiquei muito bem. Então acho que isso aí é mais identificação e depende da diretoria também, de trabalho da diretoria, dos jogadores mais novos com os mais velhos. Então acho que isso aí depende muito de diretoria... pra conversar.

Na infância você disse que era torcedor do Atlético e hoje você se vê como torcedor do América?

R: Hoje eu... amo o América.

E quando você vê um jogo do Atlético, você torce pelo Atlético?

R: Não. Não torço. Assim, torço quando tá jogando um time de São Paulo, porque eu sou mineiro. Então eu vou torcer pro São Paulo jogando com o Atlético? Torcer pro São Paulo? Não tem nem como. Vou torcer pra Minas que vai ser bom pra Minas. Porque São Paulo lá... tem um monte de clube lá. Você vê que São Paulo a imprensa em si é grandíssima, né? Então tudo tem que passar lá primeiro. E aqui em Minas, quanto mais ganhando... é importantíssimo pra nós.

Como os atletas profissionais podem conviver com as paixões da torcida, dos dirigentes e de (parte) da imprensa?

R: Eu acho que isso depende de cada um, da cabeça de cada um. Eu, por todos os times que eu passei com torcida, com dirigentes e com os atletas, eu sempre me dei bem. É isso aí. Eu acho que depende de cada um mesmo.

Pra você se dar bem, o que você precisa fazer?

R: Trabalhar e fazer o que você sabe fazer mesmo que é jogar o futebol, respeitando um ao outro, né? Que a gente sabe que no futebol em si hoje sempre tem umas coisinhas que não é legal... então é a gente entrar dentro de campo e trabalhar e sempre buscar vencer. Só isso.

Entrevista 5

1ª parte

Nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol. Com que idade começou a treinar?

R: 13 anos

Onde?

R: Comecei na escolinha do Bangu com 13 e aos 14 eu fui... me transferi pro Vasco.

Como você chegou ao Bangu? Foi através de peneira, olheiro ou de outra forma?

R: Não, não. Foi um amigo que me levou mesmo.

Esse seu amigo trabalhava no Bangu?

R: Não. Ele jogava pelada com a gente. Ele era mais velho e sabendo dessa escolinha, do trabalho do Bangu, me levou lá pra fazer um... pra treinar.

Aí alguém do Vasco te viu e te levou para o Vasco?

R: Não. Aí eu fui, fui em um outro projeto, aí fiz uma avaliação...

Projeto do Vasco?

R: É, núcleo do Vasco. Aí desse núcleo eles me encaminharam para o Vasco.

Então seu primeiro contrato profissional foi assinado com o Vasco?

R: Foi.

Você tinha quantos anos?

R: dezanove

Para qual clube você torcia inicialmente?

R: Inicialmente eu torcia pelo Fluminense, quando criança.

Você torce pelo Fluminense ainda hoje?

R: Não, hoje eu sou vascaíno.

Hoje você é vascaíno? Por quê? Quando você deixou de torcer pelo Fluminense?

R: A partir do momento que eu comecei a jogar no Vasco. Você começa a ter contato com os profissionais, você começa a jogar pelo clube. Acho que não tem como... ainda mais que eu fui com 14 anos.

Então se você tivesse que assistir algum jogo no Maracanã, você iria assistir jogo do Vasco?

R: Fluminense nem pela televisão.

Havia a preocupação do clube responsável pela sua formação, no caso o Vasco, em fazer com que os jogadores que estavam na base, os garotos da base gostassem do clube, que eles se tornassem torcedores do Vasco?

R: Tem

Tem essa preocupação?

R: Tem essa preocupação.

E como que é feito, como que eles fazem?

R: Olha, assim... eles procuram passar assim... normalmente você acaba mudando porque você convive muito dentro do clube, entendeu? Por exemplo, se o menino que hoje tá lá no Vasco, ele estuda de manhã no Vasco, dentro do Vasco, ele já sai do estudo e já vai, ou seja, o garoto vive o dia inteiro no clube, né?

A gente percebe que hoje, às vezes o garoto que está na base do Vasco se transfere para a base do Flamengo, ainda na base. Ele nem se profissionalizou ainda. O Anderson que estava aqui é um exemplo disso. Ele jogou na base do Vasco e do Flamengo. Então no Vasco existia essa preocupação?

R: No Vasco tem. Pra mim, no Vasco tem essa preocupação sim de tentar. Inclusive assim, o fato de... só que na minha época assim... era mais fácil porque o profissional treinava ali. Então a gente tinha o convívio com os profissionais, né? Então pô, você vê as pessoas que você está acostumado só em ver em jornais e televisão, então a gente tinha muito esse convívio. Hoje, não tem mais esse convívio com o profissional porque o profissional hoje não treina mais no estádio, treina em local separado, né? Mas, mesmo assim o Vasco tem essa preocupação de que os meninos que treinam ali torçam pelo Vasco.

Quais fatores eram levados em consideração por você ao assinar o contrato profissional com um clube?

R: Pô cara assim... lá no nosso caso, quando tu tá no Vasco desde os 14 anos faz a gente gostar do clube, entendeu? Dá a identificação que eu tinha com o clube.

Esse é um motivo que fazia você assinar um contrato profissional? E quando você se transferiu para outros clubes? Você jogou no Fluminense e outros clubes. Qual era o fator principal que fazia você assinar um contrato com esse outro clube?

R: Aí juntava muita coisa, né? Aí já vem também quando você passa a ser profissional, né? Você começa a ver essa coisa diferente, né? Você começa a... eu adquirir família, você já tem que ver o lado financeiro, já tem que ver a estrutura do clube, né? Se hoje você tá num clube que tem condições de arcar com o seu pagamento em dia. Isso tudo o pessoal vê muito hoje em dia, né?

E no seu caso, se você fosse escolher um motivo, qual seria esse motivo principal?

R: Um motivo principal hoje?

Na época que você jogava? O seu motivo?

R: Na época? Cara, na época assim, a gente via muito assim a valorização que o clube lhe dava, entendeu? Naquela questão de te contratar, entendeu? A valorização que você tinha, né? A valorização de ser profissional que eu falo.

A rotatividade dos jogadores é uma característica do futebol há algum tempo. Jogadores atuam por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Quais foram os pontos positivos e negativos desse 'rodar' em diversos clubes?

R: O fator positivo hoje é o lado financeiro, né? Você quando começa a se transferir de clube é onde você consegue movimentar o capital, né? Você sai de um clube pro outro você tá... vamos supor, fazendo dinheiro, né? Automaticamente você... as condições de você melhorar o seu salário é quando você começa as transferências que você ganha dinheiro, né? O lado ruim é que você não tem identificação com clube nenhum, entendeu? Aí você corre o risco também de nessa de trocar você não se adaptar, né? E ao invés de você ter um rendimento bom que possa no futuro de trazer melhores condições, você pode cair num clube e jogar mal. E aquela situação de você querer ganhar mais pode acabar perdendo, né?

O futebol sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Atualmente, ele está envolvido num ambiente cada vez mais profissional. No entanto, parece que a paixão que envolve o torcedor não muda. Como você analisa a paixão do torcedor?

R: Cara... hoje pra minha época eu vejo que o torcedor assim é um torcedor mais político, né? Na nossa época eles eram mais... era mais vibrante, entendeu? Era mais assim... cobrava mais. Hoje eu não sei se é por falta também de talentos, né? Assim, de bons profissionais, né? Acho que os clubes estão mais assim o que aparecer pro torcedor... tipo assim um exemplo: eh, na época do Vasco você tinha Romário, você tinha Geovani, você já teve Bebeto. A torcida era mais... eles cobravam mais isso aí, né? Hoje, apesar de estar mais profissional, mas o nível técnico acho que caiu e com isso acho que o torcedor fica assim, entendeu? Hoje só o fato do cara se empenhar bastante já satisfaz um pouco o torcedor.

E Como você, enquanto atleta profissional, se relacionava com essa paixão dos torcedores?

R: Ah, isso aí não tem como. Você se envolve, né cara? Você entra lá e você aquele estádio lotado e tem uma energia que os caras passam... assim tem um lado bom, né? Quando o torcedor tá do seu lado e tem o lado ruim quando eles pegam muito no seu pé. Então você vive, não tem como você sair da... é emoção o tempo todo, né?

E nesses momentos que você percebia que eles estavam pegando no pé, como você falou. Existia algum artifício que você utilizava pra fazer com que... pra se relacionar melhor com esses torcedores.

R: Você tenta é dentro de campo. Você tenta assim... às vezes você não tá bem no momento técnico, né? Aí quando começa a vir a pressão você tem que trazer aquilo pro lado da vontade, você começa a correr, você começa a procurar meios, sair até de suas características pra trazer o torcedor de volta pro seu lado.

Você já atuou por grandes clubes brasileiros que são rivais entre si. Por exemplo, jogou no Vasco e depois teve uma passagem pelo Fluminense também. Como foi a sua relação com os torcedores desses clubes? Principalmente no caso de Vasco e Fluminense que são clubes rivais?

R: Tranquilo. Assim, porque o torcedor vai muito naquilo que você, se você jogou no Vasco e jogou no Fluminense o torcedor quer que você seja profissional e lute pela camisa que você tá defendendo, entendeu? Então eu não tive problema com relação a isso não, pelo contrário, tanto no Fluminense quanto no Vasco eu fui respeitado.

E para você ter um bom relacionamento com o torcedor o que você precisa fazer?

R: Pô cara, é ser profissional. Defender as cores do clube. Eu acho que o torcedor quer isso. Você honre a camisa que você esteja vestindo.

A paixão dos torcedores dos clubes que você já atuou... Isso mexia com você?

R: Mexe, bastante.

Por quê? O que acontece naquele momento? Por que você se sentia mexido com a paixão da torcida?

R: Futebol só é emoção o tempo todo, né? Eh, e torcedor também é muita emoção, né? E é isso aí que eu falei, eles transferem... o torcedor quando consegue transferir isso da arquibancada pra dentro do campo, entendeu? Então não tem jeito de você chegar e entrar no estádio lotado e você... isso não mexer contigo, entendeu?

Quando uma equipe não está bem em um campeonato e existem problemas financeiros e atrasos de pagamento, muitas vezes a torcida chama os jogadores de “mercenários”. O que você pensa disto?

R: Cara, essa é uma situação muito difícil. É aquilo que eu falei, o torcedor tá vendo o jogador profissional, né? O torcedor acha que o jogador tem que treinar como se ele fosse um robô, uma máquina. Tem que chegar ali e jogar bem porque ele acha que o cara é pago para aquilo. Só que o jogador também tem o lado emocional. Ele tem sentimento, o cara tem família. Apesar de tudo não consegue porque não recebe em dia. Você não consegue pagar suas contas, você tem em casa o seu filho que depende de você, tem esposa, você tem compromisso. Quer dizer, a sua cabeça não tá... você não tá focado naquilo, né? É uma coisa que te desvia daquilo que você tem que fazer. Por mais que o cara seja profissional é difícil você conseguir separar esse lado, né?

Isso já aconteceu com você?

R: Já pô.

E como você agiu nessa situação? Como foi?

R: Cara, a gente... é o que eu falei. Por mais que você tenha que se focar no seu trabalho as contas não param de chegar, entendeu? Você tem que pagar. Você tem os seus compromissos e você pô, não recebe. Quer dizer, você não tem toda a cabeça ligada naquilo.

Então você passava por esse problema. Você estava com salário atrasado e a torcida te chamando de mercenário. Isso mudava a forma de você agir nos treinamentos ou dentro de campo em relação à torcida?

R: Não. Em relação à torcida não. O torcedor é muita emoção, o torcedor não tem razão, o torcedor tem a emoção. Nós jogadores que temos que separar essa coisa, né? Só que é complicado, você tá sem receber e o torcedor ainda pegando no pé, né? Te cobrando, é uma situação assim que você tem que ter a cabeça, tem que ser um cara muito bem centrado e tem que ter uma família muito bem estruturada para você saber separar essa situação, né?

Quando uma equipe não está bem em uma partida, muitas vezes a torcida pede “raça”. O que você pensa sobre isso?

R: Cara, aí depende muito da situação, né? Assim, o torcedor é, o torcedor sempre quer ver o seu time ganhar, né? No caso assim, quando você joga num time grande então pô, a cobrança é enorme. Então quase tem a obrigação de vencer jogos... você tem que vencer, né? E tem que jogar bem. O torcedor não quer saber se você tem... se você tá com a esposa doente, se seu filho tá doente. Ele quer que você chegue ali e jogue. Então assim, o profissional ele tem quase a obrigação de jogar, ganhar sempre e jogar bem sempre, né?

E isso já aconteceu com você, da torcida pedir raça?

R: Já.

Como foi? Como você agiu nessa situação? Dentro da partida.

R: Ah, aí é fundamental que você tenha o apoio de seus companheiros, né? Acho que é muito importante isso aí, os companheiros que estão ali te dar um apoio, né? Porque é complicado, cara. Você nessa situação, você jogando, você sabe que tá

ali pra fazer o melhor que tem dia que não dá certo. Tem dia que por mais que você tente não vai. E o que você tem que fazer pra superar é tentar na parte física, né? Tentar buscar isso. Às vezes tecnicamente você não tá num dia legal, você tem que se superar na parte física.

Neste momento que a torcida pedia “raça” você percebia que em alguns momentos desses faltava “raça” realmente?

R: Cara, nem sempre. É aquilo que eu falei. Tem dia que assim... são características de times, né? Um exemplo: o time do Vasco hoje ele é um time que corre, mas você vê que tecnicamente não é um time de grande técnica, né? Você tem ali o Carlos Alberto hoje, um jogador mais técnico e os outros jogadores são muito na pegada. Então assim, é a característica do time. Às vezes tem time que é mais qualidade. Você vê, por exemplo, o time do Cruzeiro, que é um time muito de toque de bola. Então às vezes um time que tem a característica de posse de bola, tocar a bola, você sai pra uma situação de querer dar muito carrinho, de só correu, entendeu? Então isso aí é meio complicado de se fazer no jogo.

Em sua opinião, o que faz um jogador beijar a camisa na apresentação em um novo clube?

R: Isso aí pra mim já virou meio que... como é que eu vou te falar... virou uma rotina, né? Antes se fazia por sentimento. Às vezes o cara realmente vestia a camisa, né? Hoje a pessoa faz mais pra fazer média com a torcida.

Você já agiu dessa maneira?

R: Não. Nunca não.

Por quê?

R: ah, eu sempre acho que pra gente fazer uma coisa dessa tem que ter sentimento, né? Eh, um clube assim que eu defendi como torcedor foi o Vasco. Então eu sentia mesmo prazer e orgulho de jogar pelo Vasco, não que eu não tenha sentido pelos outros, só que os outros era mais o lado profissional, onde você treinava, jogava mais pelo lado profissional, entendeu? Agora o lado de sentimento mesmo foi só no Vasco.

A camisa do Vasco você já beijou então?

R: A do Vasco já.

O que faz um jogador beijar ou mostrar a camisa do clube no momento de comemorar um gol ou uma vitória do seu time?

R: Pô cara, aí varia. Aí tem o momento de cada um, né? É o momento que o cara extravasa. O gol é o momento assim... é o momento no futebol único. É o objetivo maior do futebol, do jogo, né? Então pô, tem cara que beija a camisa, tem outro que xinga, outro da soco, acho a maneira muito individual. Só quem tá fazendo ali que sabe descrever o sentimento que tem.

Você já agiu dessa maneira? Já comemorou gol assim?

R: Já, já, já. Já dei soco, já dei cambalhota.

E em outros clubes que não foi o Vasco, que você não tem essa identificação?

R: Não, essa vibração de fazer o gol acho que tem que vibrar mesmo.

Você pensava suas comemorações antes das partidas?

R: Não. Até mesmo porque eu não era muito de fazer gol não (risos).

Existem jornalistas que, muitas vezes, agem como torcedores. O que você pensa sobre isso?

R: Cara, acho que isso aí é a maioria. Eh, eu trabalhei lá no Vasco, quando eu jogava no Vasco muitos que cobriam o Vasco eram flamenguistas, entendeu? Quer dizer, então ficava uma coisa ruim porque os caras ficavam sempre pegando algo negativo do Vasco pra poder arrumar qualquer tipo de problema, entendeu? Acho que seria bom se pudesse trabalhar se o cara fosse vascaíno trabalhar no Vasco ao invés de estar mandando vascaíno trabalhar no Flamengo, flamenguista trabalhar no Vasco porque os caras ficam ali só pegando uma situação pra trazer qualquer tipo de problema para o ambiente, entendeu?

A imprensa esportiva (jornalistas, colunistas, repórteres, comentaristas) interfere na relação entre atletas e torcedores?

R: Muito.

Por quê? Interfere em que sentido?

R: No sentido... tem coisas que acontecem dentro do clube, são coisas dentro do clube, em um grupo de trinta pessoas, muitas vezes você tem... são trinta pessoas, cada um pensa de uma maneira. Então tem coisas que é pra ficar só ali. Igual uma situação que muitas coisas se comenta, esse negócio de bicho, de premiação de jogadores, de salário, isso aí é uma coisa que é do profissional. Eu acho que não tem que estar jogando na imprensa. Aí é aquilo que acontece, o cara fala que você tá ganhando cem, duzentos mil e tu joga mal aí o cara lá da arquibancada vai te chamar de mercenário não é porque você tá jogando mal, é porque ele viu que você ganha duzentos mil e acha que por você ganhar duzentos mil você tem que todo dia jogar bem, entendeu?

Isso já aconteceu com você?

R: Não, graças a Deus comigo nunca aconteceu não.

Há momentos atrás você falou que beijar a camisa em apresentação não aconteceu com você. Mas, por exemplo, quando você foi para o Fluminense, que é um rival do Vasco aqui no Rio, os diretores, o pessoal da diretoria que estava na apresentação pedia para você beijar a camisa?

R: Não. Nunca pediram não.

Pediam para você demonstrar certa identificação com o clube, no caso o Fluminense?

R: Não, nunca não. A única coisa só foi que eu tirei foto com a camisa do Fluminense, mas não teve nada de pedir não.

E existe pressão de dirigente para que o jogador se identifique com o clube, que demonstre certa identificação?

R: Não, não. Eu nunca sofri isso não, entendeu?

Notamos que atualmente os termos “se doar nas partidas” e “entrega” estão muito presente nas falas de jogadores e treinadores. O que você pensa sobre isto?

R: São coisas que sempre teve. Isso aí é uma coisa que dentro do futebol é normal. Pra tudo na vida, né? Pra você conseguiu um objetivo você tem que se doar, tem que fazer sempre...

Então esses termos já existiam quando você jogava?

R: já, já existia. É que hoje o futebol tá muito mais divulgado, né cara? Hoje a cobertura da mídia, da televisão, da mídia é muito maior, né?

Por fim, sabemos que o futebol é cada vez mais um esporte altamente profissionalizado com interesses comerciais e financeiros muito elevados, mas ao mesmo tempo uma grande paixão popular. Como você acha que estas duas dimensões (paixão e negócio) convivem?

R: Cara, eh, assim... é uma coisa que caminham junto, né? Acho que só tem o financeiro porque tem a paixão, né? O povo é muita emoção e isso aí mexe muito com o torcedor e hoje os clubes usam muito isso também, né? A própria mídia, né? Pra tudo. Hoje em dia até mesmo a questão de se fazer ídolo hoje, a mídia consegue fazer isso. Antes você era ídolo porque você realmente tinha uma identificação com o clube, então você era o cara que... hoje a mídia faz, ela faz o ídolo. Ela pega você hoje, ela começa a botar que você é o melhor, que você é o melhor e o torcedor acaba se influenciando naquilo, né?

Como os atletas profissionais podem conviver com as paixões da torcida, dos dirigentes e de (parte) da imprensa?

R: Isso aí faz parte. Uma coisa não consegue... uma coisa fica interligada na outra.

E como os atletas devem conviver com isso então? Os profissionais?

R: Cara, acho que isso é uma coisa assim natural, né? O cara tem que ter uma certa cabeça pra administrar bem essa questão, né? Da paixão do torcedor, da imprensa, você tem que saber administrar e lidar com todas essas situações, né? Porque tem o lado bom e também tem o lado ruim que você pode levar para uma outra dimensão, né?

Entrevista 6

1ª parte

Nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol. Como iniciou sua carreira no futebol? Onde? Com que idade começou a treinar?

R: Cara, na realidade eu comecei minha carreira no Sul, eu sou de Porto Alegre, e eu vim pro Rio de Janeiro, pro juvenil do Vasco da Gama, aos dezesseis anos. E aí eu morei na arquibancada, embaixo de São Januário, com mais de sessenta jogadores, cada um da sua categoria, e ali eu dei continuidade a minha carreira. Foi onde eu comecei a disputar campeonatos estaduais juvenis, depois virou juniores, fui campeão da Copa São Paulo (de Futebol Júnior), que inclusive está tendo agora, de 92, foi onde me projetou para equipe de profissionais do Vasco da Gama.

Mas no Sul você chegou a treinar em algum clube?

R: Eu joguei futebol de salão no Inter e eu jogava... por o Internacional ser um pouco distante da onde eu morava, eu treinava numa equipe chamada Dom Bosco, que essa equipe faz jogadores pra distribuir no eixo Rio - São Paulo.

Na capital?

R: Na capital. E disputava campeonato junto com Grêmio, com Inter, entendeu?

E como você veio parar no Vasco? Foi olheiro, escolhinha?

R: Então... Essa escolhinha, como ela tem a finalidade de extrair jogadores no eixo Rio – São Paulo, o empresário me trouxe, não só a mim, mas vários jogadores para jogarem um amistoso aqui no Rio de Janeiro contra o Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense. E como a gente vinha de graça, era primeira leva, era trocado só por bola e chuteira (risos), eu tive a oportunidade de ir bem aos jogos e fui convidado pelos times pra permanecer. Aí eu fui por eliminatória. O Flamengo já tinha aquele time formado naquela época que era Djalminha, Paulo Nunes, Marcelinho Carioca, era um baita de um time de juvenil, eu falei “não vou pro Flamengo, vou ficar entre os outros três”. No Botafogo a concentração era horrível na época, era muito longe. Aí eu também já descartei Botafogo e Flamengo, fiquei entre Vasco e Fluminense. E tinha um amigo meu que falou “vamos pro Vasco”. Aí acabou eu indo pro Vasco.

Então no caso você poderia até escolher onde fazer o teste, escolher onde ficar?

R: Isso. Porque, na realidade, como a gente já vinha jogar contra esses times, já foi um teste na realidade. Então, quando viram a gente jogando, e eu tive a oportunidade de ir bem e o nosso time era bom, eles convidaram vários jogadores nossos. Então é... Eu pude escolher onde eu iria continuar. Aí dali eu fui pro Vasco, treinei uns três treinos ali e o pessoal já assinou o meu contrato como amador e eu pude dar seqüência.

De alguma forma você já pensou ou pensava na época em começar sua carreira no clube que você torce?

R: É... Na época, no caso quando a gente é garoto, a gente pensa nisso, né? “Po, eu quero jogar no time que eu torço e tal...”. Mas como meu time de coração é o Internacional de Porto Alegre, mas como aqui no Rio tinha mais oportunidades, eu preferi vir pra cá. E depois que você começa a jogar mais profissionalmente você perde um pouco esse negócio de jogar no time que você... Você acaba sendo profissional e torcendo pelo time que você joga.

Hoje você parou de jogar. Você torce pelo Internacional hoje? Você assiste aos jogos pela televisão do time que você torce?

R: Olha só, eu me desvinculei um pouco do Internacional, por quê? Alguns times que eu passei eu me apeguei tanto que eu fico torcendo pra esses times que eu passei, entendeu? Apesar de eu já ter jogado no Internacional, porque quando eu saí do Flamengo eu fui pro Inter, em 2002. Mas assim...

Foi uma passagem curta, né?

R: Foi uma passagem curta e eu também acabei me machucando lá e acabei saindo. Mas, na realidade, eu... A torcida do Flamengo me trata super bem. Eu não me vejo torcendo contra o Flamengo, eu não torço contra o Vasco que a torcida

também aonde eu vou, Graças a Deus, lembra daquela época. Botafogo em 95, campeão Brasileiro, mesma coisa. Então eu não... Sabe? Eu torço pra esses times, principalmente os times do Rio que foi onde eu joguei. Tive a oportunidade de jogar no Palmeiras uma época também, mas como não ganhamos nada lá, acabei vindo pro Rio de Janeiro que é onde eu queria ficar e... Mas onde eu torço mesmo é para os times do Rio.

E se jogar Flamengo e Vasco então você fica enrolado? (risos) Vai torcer pra quem?

R: É... Sempre quando tem jogo de Flamengo e Vasco, aí o pessoal liga perguntando “e aí, quem você acha que vai ganhar? Tá torcendo pra quem?”. Eu sempre fico em cima do muro porque não tem pra quem torcer. Eu tenho amigos lá, amigos aqui, entendeu? Então é difícil.

Quando você veio pro Vasco, no caso juvenil como você falou, lá no clube, você morava na concentração em São Januário, os profissionais treinavam lá também, né?

R: Mas hoje em dia também o profissional treina lá, faz coletivo lá, e a gente assistia os treinos do profissional, às vezes treinava contra o profissional, profissional reserva jogava contra a gente. E... Foi uma vida difícil ali na realidade que eu tive porque a concentração do Vasco também era meio precária na época. Hoje em dia não, já tem nutricionista, a comida melhorou, a gente tinha horário pra tudo, a comida era bem, bem humilde mesmo. Mas... Acho que valeu a pena, valeu a pena porque deu pra aprender bastante coisa na vida.

Quando você era da categoria de base o clube dava camisa para os jogadores da base, dava ingresso pra assistir o time profissional jogar e convidava pra ir pra festa no clube? Tinha esse tipo de coisa?

R: Muito pouco. Quando era amador não tinha muito isso não. Camisa eles não davam, né? Porque amador é diferente do profissional. No profissional eles dão uma camisa por jogo. No amador não. Ingresso, de vez em quando, quando sobrava ingresso, eles davam pra gente. Mas não é aquele ingresso que no profissional dá que é lá em cima. Era arquibancada, no meio da torcida mesmo (risos). Mas assim, é... O amador meio que rala um pouco. Ele rala um pouquinho, mas...

Existe a preocupação com que os garotos que estavam ali na categoria de base se tornassem torcedores do clube? O clube se preocupa com isso? Fazer com que os atletas da base gostem do clube?

R: Não, não. Você não é obrigado a ser torcedor, mas logicamente você tem que gostar do clube, né?

Mas o clube cobra isso dos atletas da base?

R: Cara, pra te falar a verdade eu nunca vi ninguém perguntando pro jogador se ele é... Por exemplo, pro jogador que joga no Vasco, “você é vascaíno?”, mas... Eu acho que seria desagradável um jogador do Vasco torcer pro Flamengo. Eu acho que, pelo menos, ele tem que ser neutro naquela hora e procurar ser profissional.

Seu primeiro contrato profissional foi com o Vasco?

R: Foi com o Vasco.

No momento de assinar um contrato. No início, nos primeiros contratos, e ao longo da sua carreira. O que era levado em consideração na assinatura dos contratos? O que pesava mais?

R: Bom, na realidade, os três primeiros contratos que eu fiz foram assim... Eu era garoto. Então, ainda mais com o Eurico Miranda no Vasco é complicado discutir contrato com ele. Eu cheguei lá o contrato já estava assinado por ele e por todo mundo, ele só falou “garoto, assina aí”. Vou dizer o que? Dizer que não? Tive que assinar. E o salário lá na época de amador não ganhava nada, era um pouco mais do que eu ganhava nos juniores. Aí depois, quando a gente foi campeão, eu fui renovar o contrato um ano depois, e ele não quis me dar um aumento, me deu pouca coisa de aumento. Aí a gente começou a ter uma divergência. Mesmo assim, como era iniciando carreira, mesmo sendo campeão, eu assinei de novo. Ai na terceira vez ele veio com a mesma história. A gente tinha sido tri campeão estadual e ele veio com a mesma história: “não, é que não sei o que...” Aí eu falei: “então beleza.” A gente brigou, discutiu. Foi onde ele me emprestou pro Botafogo.

Você foi emprestado? Você era do Vasco ainda?

R: Era do Vasco ainda. Então cara, às vezes... Às vezes alguns times valorizam mais o pessoal que vem de fora do que a prata da casa, o jogador que começa ali. E era o caso na época. Os jogadores que subiam não eram muito valorizados pelo clube e os jogadores de fora ganhando milhões. Então, poxa... Eu estava cumprindo com a minha obrigação, ajudando a equipe a ser campeã. Então acho que... Eu exigi um pouquinho mais, não era nada de absurdo na época, e acabei tendo um rolo com ele e acabei indo embora. Mas depois eu voltei e aí depois eu comecei a fazer contratos melhores.

E a partir desse momento o que era levado mais em consideração na assinatura dos contratos?

R: Na verdade, quando eu tinha... Fui emprestado ao Botafogo, eu voltei ao Vasco. Aí ainda tinha um clima meio ruim. Ai eu acabei indo para o Palmeiras, o Palmeiras me contratou. Mas eu já tinha três campeonatos estaduais e já tinha um campeonato brasileiro. Então eu já estava um pouco mais respeitado e o Palmeiras, na época, tinha uma boa equipe, era a época da Parmalat, consegui fazer um contrato um pouco melhor.

Melhor no sentido salarial?

R: Com certeza, né? Porque os três anos que eu fiquei no Vasco foi muito bom pra eu pegar experiência, foi muito bom pra eu crescer, mas financeiramente falando não foi muito bom porque eu acabei fazendo contratos bem humildes, vamos dizer assim.

A rotatividade dos jogadores é uma característica do futebol há algum tempo. Jogadores atuam por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Você, por exemplo, jogou nos quatro clubes grandes do Rio. Quais foram os pontos positivos e negativos desse ‘rodar’ na sua carreira?

R: Olha, no caso desse foram mais pontos positivos do que os negativos. Na realidade, antes, quando tinha lei do passe, não tinha essa lei Pelé ainda, então quando você era transferido de um time pra outro você tinha 15% em cima daquilo que você era vendido. Nem sempre os caras pagavam isso, mas a gente tinha direito. Então quando você fazia uma transferência era bom. Você ganhava um

contrato melhor e ainda ganhava 15%. Então era bom você rodar. E você também ia descobrindo mais experiência, vendo várias culturas, outros campeonatos. Pensando na gente, o lado bom é esse. Hoje em dia, com a Lei Pelé aí, eu acho que melhorou porque você não fica vinculado somente ao clube, se você não tiver sendo aproveitado pelo clube você tem a liberdade de ir pra outro clube. Mas assim, eu não vejo pontos negativos pra mim, pelo menos eu, graças a Deus, não tive.

O que faz um jogador gostar de um clube durante a carreira? O que faz um jogador que jogou em vários clubes, gostar mais de um do que de outro?

R: Às vezes, nem sempre o jogador que está indo bem, vamos dar o exemplo do Goiás e é contratado por um time grande, não quer dizer que ele vá se dar bem aqui também. Às vezes acontece de o cara não se adaptar ao clube, às vezes o cara acha que vai ser de um jeito e acontece sendo de outro, às vezes o treinador pensa que o jogador vai vir numa fase boa e o jogador demora um pouco pra se adaptar, às vezes a torcida já começa a pegar no pé por causa disso, se o cara não tiver uma personalidade boa ele já não cresce muito de produção. Tem uma série de fatores aí, né? Acho que tem que haver o... Por exemplo, quando eu saí do... Quando eu cheguei no Flamengo, eu já tinha jogado no Vasco, Botafogo e Fluminense. Eu pensei: “po, como é que o pessoal vai me receber no Flamengo agora que eu já tenho jogado nos times rivais, né?” Fiquei com um pouco de receio, né? Mas não, fui super bem recebido. Então aquilo ali me deixou à vontade. Talvez se fosse um outro jogador que tivesse é... Falado mal da torcida adversária ou alguma coisa assim, fosse recebido um pouco pior e não conseguido jogar por causa disso. Mas eu tive a sorte de ser bem recebido e isso me ajudou muito. Aí fui bem no clube.

Então você chegou no Flamengo e a torcida te recebeu bem. E a torcida do Vasco?

R: É... Na realidade eles não falaram muita coisa, não. Mas assim, depois na rua, quando me encontravam, eles “po, você jogou no Vasco, saiu do Vasco e começou a jogar no Flamengo.” Aí eu falava a verdade, né? Que eu... Não era eu que escolhia. No caso eu saí do Palmeiras, vim pro Fluminense e o Fluminense me vendeu ao Flamengo. Não fui eu que forcei barra. Então eu tenho que ir onde... Tenho que ser profissional e ir aonde me levarem. Mas o pessoal entendeu isso tranquilamente, isso aí foi...

No caso o torcedor pensaria que você não deveria assinar com um time rival, né?

R: O torcedor pensa mais, ele trabalha mais com a emoção do que com a razão. Então eles viam o lado só da emoção. E a gente tem família, tem que procurar correr atrás dos objetivos onde surgem as oportunidades. Então na época surgiu ali no Flamengo e pra mim, particularmente, foi muito bom porque acabei conquistando cinco títulos em quatro anos.

E a identificação com um clube maior do que com outro. O que causa essa maior identificação? Você disse que não torce contra o Botafogo, Flamengo e Vasco. E, até certo ponto, você se identifica com esses clubes. O que causa essa identificação?

R: Então, é o apoio da torcida, são os campeonatos conquistados. Quando você conquista títulos num clube você passa a ser mais valorizado, a torcida gosta mais de você. E isso aí só eleva a moral do jogador, a auto-estima do jogador. Então você

passa a se identificar com o clube. A partir do momento em que você vai pra um clube e começa a tomar só pancada, o que às vezes acontece, tomar porrada, a torcida começa a cobrar, você passa a não ser bem visto no clube, você sente isso. Então, pra mim, é isso que faz o jogador se sentir bem. No futebol tem um negócio que é verdade. você ganhou você está bem. Você perdeu, entendeu? Já começam a aparecer os problemas. Então, nesses times aí que eu tive a oportunidade de vender, pra mim foi super tranquilo.

Se identificar com um clube que você passa e vence é mais fácil. E quando o clube não está bem e a torcida cobra, como o jogador tem que lidar com a torcida? Ele age de forma diferente nesse momento? Como é a atitude do jogador no momento da derrota?

R: É, eu... Quando as coisas não começavam a dar certo, uma época no Vasco, outra época no Flamengo, eu já havia sido campeão. Então eu já tinha uma gordura pra queimar, entendeu? Eles não pegavam direto no meu pé, nem no pé de cinco ou seis. Mas tinham alguns ali, dois ou três, que eles pegavam mais no pé porque eram jogadores que não tinham conquistado, não tinham aquela identificação com o clube ainda. Então acaba sobrando. Mas no Fluminense, por exemplo, eu vim do Palmeiras e a princípio o Fluminense queria que eu viesse pra cá e eu quis vir pra cá porque o Fluminense era um time que eu queria muito jogar, só que não deu certo. E aí a torcida talvez tenha me poupado porque eu era... Tinha minhas limitações, eu reconheço isso, mas eu me doava bastante em campo, suava bastante a camisa pra honrar a camisa do clube. Então a torcida via isso de uma maneira positiva. Então, graças a Deus, eu nunca fui vaiado pela própria torcida porque isso aí... Já fui vaiado pela torcida adversária, mas isso aí é tranquilo. Agora você ser vaiado pela própria torcida deve ser uma coisa constrangedora e o cara tem que ter muita paciência e personalidade pra poder dar a volta por cima.

Por que você quis jogar no Fluminense?

R: Na época eu estava no Palmeiras, meus dois filhos eram pequenos, tinha um time muito bom, mas eles não haviam ganho nada e eu tive uma lesão de púbis no Palmeiras onde bem na época eu tive esse convite do Fluminense. Aí eu pensei assim: “po, vou morar numa cidade que eu gosto, Rio de Janeiro”, e como eu já tinha sido campeão no Vasco e no Botafogo eu falei: “po, vamos tentar ser campeões no Fluminense lá no Rio, adoro o Rio de Janeiro, juntar o útil ao agradável.” Foi aonde eu vim. Talvez se fosse hoje, com a cabeça que eu tenho hoje, talvez eu não viria, porque na época o Fluminense passava por dificuldades também. Então eu apostei e a aposta que eu fiz deu errado. Mas assim, eu acho o Fluminense um excelente clube pra se trabalhar, eu estava no lugar certo, na hora errada.

Você disse que o apoio da torcida, o tempo de permanência no clube e conquistar títulos são fatores importantes para o jogador criar vínculo com o clube. Então ele cria um vínculo. Se isso acontece, por que você acha que o jogador roda tanto?

R: Olha só, hoje em dia tem a necessidade de o clube fazer dinheiro porque ele tem dívidas acumuladas há bastante tempo. Então a partir do momento que o jogador está bem e começa a vir propostas, ele vai ter que vender. Às vezes não é nem do jogador isso. Pô, se você está bem, jogando na equipe do Botafogo, chega um clube como o São Paulo ou um clube lá de fora oferecendo uma grana ao clube, que vai

ser bom pro clube e vai ser bom pro jogador, o jogador tem que ir. Então às vezes não é nem o jogador que... Não parte nem do jogador, às vezes. E eu acho que o jogador tem que ir, por quê? Se ele está mal o time pode reiniciar o contrato dele e mandar ele embora, como já aconteceu com vários jogadores. Então porque quando ele está bem ele não vai ter o direito de sair pra uma melhor também? Entendeu? Então assim, é... Se ele estiver bem e o clube estiver ganhando e estiver com um bom salário, salário em dia, muito provavelmente ele não queira sair. Ele está num time como o São Paulo, por exemplo, São Paulo ganhando Brasileiro, disputando Libertadores, salário em dia, contrato bom, nunca ele vai querer sair. Agora quando você está num time de menor expressão, está jogando bem e vem uma equipe de fora que faz uma proposta boa, tem mais que ir mesmo e dar seqüência à carreira.

Você jogou em vários clubes. Jogou, por exemplo, nos quatro grandes do Rio. Existe diferença entre os torcedores de cada clube?

R: Existe. São todos clubes de massa, né? Então tem o lado bom e o lado ruim. Quando você está ganhando é maravilhoso. Você sai na rua de cabeça erguida. Quando você perde duas ou três seguidas aí, no meu caso na época, botava um bonezinho, uns óculos pra dar uma disfarçada porque realmente quando está ganhando é muito bom e quando está perdendo é o inferno, né cara? Você chega em casa e o porteiro já fala: “po, deram mole.” Então é meio complicado. Mas de uma forma geral é bom. É bom porque, a partir do momento que você está em um time grande você tem que saber aceitar cobrança e o jogador que não quiser ser cobrado que vá jogar em time pequeno. Aí não vai ter cobrança.

Mas, por exemplo, entre a torcida do Vasco e do Flamengo, você consegue identificar essa diferença? Ou clube grande a torcida é tudo igual?

R: Cara, é muito parecida, mas tem umas torcidas que são mais... Cobram mais. Tipo a torcida do Vasco, a torcida do Flamengo, a torcida do Palmeiras, a torcida do Corinthians, são mais apaixonadas. Eles chegam ao ponto de invadir o treinamento como fizeram em São Paulo, como fizeram numa época aqui no Flamengo, invadiram, apedrejaram o ônibus, picha o muro do clube. Então isso aí é... Essas torcidas assim... a torcida do Botafogo, a torcida do Fluminense são um pouco mais tranquilas quanto a isso.

O que você gosta mais nos torcedores e o que você não gosta?

R: O torcedor quando paga o ingresso tem o direito de reclamar, de xingar, de apoiar. Eu só não sou a favor da violência. Quando parte pra violência, aí... Aí é ruim porque a maioria dos jogadores quando perde chega em casa não consegue nem dormir, fica pensando no jogo, isso não é prazeroso para os jogadores. Às vezes o torcedor pensa que o jogador perdeu, vai pra casa e... Não. É complicado. Basicamente sempre tem uns jogadores sem responsabilidade que não estão nem aí. Mas hoje em dia o profissionalismo está melhor, está melhor que antigamente. Antigamente realmente aconteciam coisas que hoje em dia não acontecem mais. Mas eu acho que o torcedor tem direito a tudo, menos a violência.

E para ter um bom relacionamento com o torcedor. É importante ganhar títulos, se identificar e aquela história toda. O torcedor cobra algo além disso?

R: É importante você atender o torcedor. Às vezes você está cansado após um treino, você tem algum compromisso e você tem que parar. E pra você parar pra dar um autógrafa, pra tirar uma foto...

Tem que ter um algo mais?

R: É. Porque o torcedor é quem faz um jogador junto com a imprensa. Então sem o torcedor não existe o futebol. Então o jogador tem que, além de mostrar dentro de campo e honrar a camisa, você também tem que dar atenção ao torcedor, que é importante. Às vezes você mostrando uma simpatia ao torcedor, talvez aquele jogo em que a bola bata na canela talvez o torcedor alivie.

E a paixão do torcedor. Isso mexia com você?

R: Claro. Vou te citar um fato que aconteceu comigo que eu fiquei arrepiado mesmo de emoção foi quando eu tive que, nessa discussão com o Eurico fui pro Botafogo, a torcida do Vasco gostava muito de mim e a torcida do Botafogo ainda não tinha aquele negócio de... Aí eu tive a oportunidade de ser campeão com o Botafogo, brasileiro, e a torcida do Botafogo queria que eu ficasse, mas eu tive que voltar. Então quando eu voltei a torcida do Vasco novamente: "po, legal, voltou." Aí teve o primeiro Vasco e Botafogo depois do Brasileiro, no Carioca. Então, quando os jogadores entram em campo, a torcida começa a gritar o nome de cada um. Então quando chegou na minha vez e a torcida do Vasco começou a gritar o meu nome, a torcida do Botafogo começou a gritar junto. Então ficou o Maracanã inteiro gritando o meu nome, pra mim aquilo, poxa, eu não sabia pra onde eu olhava, se eu olhava pra uma torcida ou se eu olhava pra outra. Então assim... O relacionamento com o torcedor é importantíssimo pro trabalho render bem. Se o torcedor não cair na graça do jogador, começar a pegar no pé, isso aí é hora de pedir pra trocar de clube porque tem que ter uma estrutura muito boa pra conseguir reverter isso.

E como retribuir essa paixão do torcedor?

R: É isso que eu te falei. É dentro de campo, dando atenção ao torcedor, e se dentro de campo você... Mesmo que o clube não esteja num bom momento, mas se você estiver fazendo a sua parte em benefício do grupo, não pra você só, mas em benefício do grupo, a torcida percebe isso. O cara está ali, está se dedicando, está se... Entendeu? Então...

Isso aí é o suficiente ou ela espera algo mais?

R: Não, não. Sempre tem umas mais radicais. Logicamente sempre tem algumas que não tem paciência ou tem paciência mais curta. Mas quando o cara é responsável, se cuida, entendeu? O torcedor alivia. É lógico que tem alguns que saem do jogo, perdendo ou ganhando vão pra boate. Aí não tem jeito, aí estão pedindo mesmo pro torcedor cair no pé do jogador.

Agora só uma curiosidade. Você jogou agora o Showbol há pouco tempo. Como é feita a seleção dos jogadores que vão participar desse torneio? Por que você atuou pelo Vasco?

R: Então... Eu tive o convite do Vasco. Eu não tive o convite do Flamengo que não tem nada a ver com o Flamengo em si, é mais... O Djalminha que organiza o Flamengo. Então o pessoal do Vasco me chamou. Mas o time que me chamar, eu vou. Eu vou porque, como eu te falei, não tem preferência. Eu só fui pro Vasco porque o Vasco me chamou e eu...

Isso aí não tem nada a ver com o gostar do clube?

R: O primeiro Showbol que teve o Palmeiras me chamou. Só que iria ter que ficar indo pra São Paulo toda hora pra jogar. E o Vasco me chamou também. Então eu

preferi, já que eu estava no Rio, dar atenção ao Vasco. Mas isso é bom. Enfim, por exemplo, o pessoal sacaneia o Mauro Silva, que foi um grande volante, porque o Mauro Silva saiu do Bragantino e jogou um tempão na Europa, foi campeão de tudo, mas o pessoal: “Mauro Silva, onde é que você vai jogar aqui no Showbol se você não tem time? Você só jogou no Bragantino e saiu!” Então o pessoal pega no pé dele. Eles exigem que o jogador tenha jogado no clube, só isso. Não precisa começar no clube pra jogar.

Quando a equipe não está bem no campeonato e existem problema financeiro no clube e atrasos de salário, muitas vezes a torcida chama os jogadores de mercenários. O que você pensa sobre isso?

R: Cara, isso é difícil porque é lógico que o salário tem que ser pago e as vezes o torcedor não vê esse lado. O jogador tem problema, tem conta, tem o que todo mundo tem. Pra você ter uma idéia uma época no Fluminense eu fiquei seis meses sem receber, fiquei cinco meses no Flamengo sem receber. Po, isso aí é complicado, cara. Isso é complicado. Imagina um torcedor ficar cinco meses sem receber também? É difícil. E a gente ali, lutando, batalhando pra tentar reverter a situação. Algumas vezes o time estava bem e outras vezes o time estava mal. Quando o time está mal o torcedor não quer saber se está atrasado ou não. Mas o torcedor tem que ter um pouco mais de paciência nesse caso porque... hoje em dia eu acho que não está atrasando tanto não, há um tempo atrás atrasava mais. Hoje em dia está tendo aí eh... auditoria nos clubes pra ver o quem está devendo e quem não está. Acho que está mais tranquilo hoje.

Como você agia nessa situação de salário atrasado? O jogador tem uma atitude diferente quando acontece isso?

R: Não, não. É o que eu te falei. Respondendo por mim. Eu aceito tudo o que o torcedor que vai lá, que compra ingresso, tem direito a tudo, menos a violência, entendeu? Quem quiser falar eu procuro...

Isso servia como incentivo? Te motivava mais ou não?

R: Não, não é que motivava mais. Assim... eu acho que o jogador tem que ter um controle, como eu te falei agora pouco, pensar com a razão e não com a emoção. Então, independente disso, eu tenho que cumprir com a minha obrigação, entrar em campo, batalhar, ser responsável, dar o máximo de mim pelo clube, independente do torcedor estar gritando ou não. Logicamente que quando há coisas positivas, a gente procura trazer pra nós e se emocionar com isso. É legal. Mas quando a coisa é negativa que pode te dar uma atrapalhada, é melhor nem escutar e continuar seguindo o trabalho.

E salário atrasado atrapalha o rendimento do atleta?

R: Olha, não deveria, mas em alguns casos atrapalha. Principalmente quando assim, é... quatro, cinco meses. Quando é um mês, dois, acho que nem tanto. Mas se já começa a entrar no terceiro mês, cara, aí já começa a ficar ruim porque começa a ter que dividir problema dentro de campo com outras coisas fora de campo. Aí às vezes o jogador... é uma pensão que tem que pagar de um filho, outro é conta, outro tem que mandar dinheiro pra casa, é... sei lá.

O atraso de salário é uma questão profissional. O salário está atrasado e a torcida está chamando os jogadores de mercenário. Por que o jogador não torna isso público? Quando o salário está atrasado, por que o jogador não explica pra torcida o que está acontecendo?

R: Ah, mas aí ele vai comprar uma briga com a diretoria do clube, né? Imagina, você sozinho...

Outras categorias fazem greve. Por que no futebol isso não acontece?

R: Cara, os jogadores, na realidade, quanto a isso são muito desunidos aqui no Brasil. Ele não tem assim... o sindicato, apesar de ajudar, não é ainda um sindicato forte que ajude os jogadores a fazerem isso. Então, você vai fazer uma reunião pra entrar em greve, a maioria dos jogadores é novo, nego não vai querer se expor, e aí não vai entrar. Ninguém quer comprar a briga sozinho, entendeu? Porque se comprar briga sozinho, for pra imprensa falar isso, po... mas a imprensa muitas vezes sabe o que está acontecendo e divulga, às vezes, né? Então... mas o jogador não pode. Se o jogador faz um negócio desse aí que a torcida vai chamar de mercenário mesmo, né?

Então a torcida não entenderia isso? Se o bancário não recebe e o banco não abre, as pessoas entendem e até apóiam a greve. No caso do jogador de futebol a torcida não entenderia assim?

R: A maioria dos torcedores acho que não entende muito isso, né? Mas que atrapalha, algumas vezes atrapalha. Eu já tive a oportunidade de já ser campeão com salário atrasado três meses, mas já tive problema no Fluminense também de o time não render, inclusive eu, por causa de salário atrasado.

Então o futebol é um trabalho diferente dos outros? Pega mal o cara fazer esse tipo de manifestação?

R: Ah, pega. Aqui do lado, na Argentina, já funciona, os caras fazem. Mas é outro tipo de cultura, né? Eu acho que ainda, o Brasil, tem futebol de primeiro mundo mas ainda a gente tem algumas coisas aí de terceiro mundo que atrapalham bastante.

Quando a equipe não está bem em uma partida muitas vezes a torcida pede “raça”. Por que a torcida pede raça?

R: Porque, no entendimento da torcida, o time não está dando raça.

No momento está faltando mesmo ou você acha que não?

R: Algumas vezes acontece do time entrar naquela apatia. Mas eu creio que isso não vai perdurar pelo jogo todo. Às vezes tem um momento assim que o time não se encontra dentro de campo, às vezes nem é falta de raça, às vezes está correndo é errado. Às vezes você corre menos, corre certo e dá tudo certo. Às vezes você corre pra caramba e está correndo errado. Então isso aí é... torcedor quer reclamar de alguma coisa e acaba falando isso.

Isso já aconteceu com você?

R: Já aconteceu.

E como você retribuía esse pedido de raça da torcida?

R: Poxa, a gente... se a gente visse que dentro de campo estava faltando um pouco mais, a gente gritava ali entre a gente mesmo: “vamos lá, vamos lá”, e tinha que ter

sempre alguma coisa a mais pra dar. Se a torcida... a torcida, geralmente quando ela grita, é porque ela está vendo que o time não está bem. Então a gente tem que procurar, de alguma forma, retribuir a torcida pelo menos com a vontade. Tem dia que não tem jeito, a bola bate na canela e não tem jeito, cara. Então você tem que contribuir, compensar esse lado técnico que está faltando com a pegada, com a raça mesmo.

Existem jogadores que beijam a camisa na apresentação em um novo clube, coisa que antigamente não era comum. O que você pensa sobre isso?

R: Cara, eu nunca beijei camisa assim, sabe? Mas acho que fica meio estranho porque o jogador beija a camisa do Grêmio, vamos supor, e no outro ano já está beijando a do Inter. Isso aí eu acho que cria uma revolta dentro da torcida, cara. Porque po, o cara beija uma camisa, beija outra. Seria melhor se ele fosse profissional nas duas e procurasse manter as duas como convívio profissional, gostando da equipe, lógico, mas sem precisar beijar a camisa. Mas isso é uma questão muito pessoal, cara, isso é opinião minha e cada um tem uma opinião.

E o que você pensa de quem faz isso? Por que você acha que ele beija a camisa?

R: Ele beija, cara, pra tentar talvez ganhar o torcedor. Mas da mesma maneira que ele está ganhando o torcedor do time que ele está jogando, de repente ele está perdendo o torcedor do time que ele vai amanhã. Torcedor grava, “po, olha lá, ele beijou a camisa do clube”. É a mesma coisa do jogador não querer comemorar gol quando jogou num time. Por um lado dá até pra entender. Às vezes as pessoas confundem: “po, o jogador não quer comemorar, tem que comemorar.” Mas às vezes é por causa de consideração ao clube, o ex-clube dele, e marcou um gol contra o ex-clube dele e sabe que o torcedor tem um carinho, tem um afeto. Então por que ele vai sair lá comemorando igual um doido, sabe? Acho que... eu vejo mais por esse lado do respeito. Então o jogador tem todo o direito também de não comemorar, fazer o gol e não comemorar. Eu acho que isso aí é um direito que o jogador tem.

Eu falei de beijar a camisa na apresentação. E no momento do gol?

R: Isso aí é tranquilo, tranquilo. Na hora do gol você tem que extravasar mesmo, né?

O cara faz sem pensar, é mais emocional?

R: É. Ali na hora do gol vale tudo mesmo. Não pode tirar a camisa senão leva cartão amarelo, mas você pode beijar, bater no peito, né? Eu...

Você fez poucos gols, você era volante. Mas isso já aconteceu contigo? Na emoção do momento gol, como você agia?

R: Eu não gostava muito de bater no peito, não, porque pode passar um tom assim de pretensioso: “Ah, eu sou o cara.” Sabe? Eu não gostava muito disso, não. Eu assim, dos poucos gols que eu fiz na carreira, eu procurava comemorar ou com os torcedores, ou com os jogadores. Sei lá... bater no peito eu acho uma coisa muito...

O futebol sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Atualmente, ele está envolvido num ambiente cada vez mais profissional. No entanto, parece que a paixão que envolve o torcedor não muda. Como é viver nesse mundo, nessa profissão, onde há interesses profissionais e a paixão muito grande?

R: Cara, o jogador tem que procurar gostar do que faz e procurar assim... às vezes o jogador tem que separar uma coisa da outra. Por exemplo: você sai do jogo e vai jantar numa churrascaria. Chega lá e o garçom quer falar de futebol, vai pro seu condomínio e seu vizinho vai falar sobre futebol, você vai pra algum lugar e já estão falando de futebol. E às vezes é bom o jogador dar uma segurada. Tem que ter uma vida também familiar, uma vida normal, ir ao cinema com os filhos, às vezes chegar em casa... eu particularmente chegava em casa e não ia assistir jogo de futebol, eu ia assistir um filme legal com a minha família, entendeu? Porque senão, cara, você fica muito ligado só ao futebol. Você tem que ter um outro lado também. Mas, a partir do momento que eu chegava pra trabalhar, precisava voltar a treinar, aí eu já pensava só no clube, pensava só na... Entendeu?

E em relação à imprensa? Existem jornalistas que, muitas vezes, agem como torcedores. O que você pensa sobre isso?

R: Isso aí depende do que a imprensa fala, né? Não sei especificamente sobre o que você quer falar, mas algumas coisas a imprensa fala a verdade, algumas, na minha opinião, eles se equivocam, né? Então depende o que a imprensa... do que você está falando, assim...

A imprensa interfere na relação do atleta com a torcida?

R: Cara, a imprensa pode interferir pro bem e pode interferir, né?

Interfere em que?

R: Cara, não tem assim uma coisa específica, mas se a imprensa começa a falar bem do jogador, muito provavelmente o torcedor que lê o que vê aquelas imagens vai passar a gostar. Se a imprensa começa a pegar no pé de um jogador provavelmente a torcida também vai pegar.

Isso já aconteceu com você?

R: Graças a Deus, pro lado negativo, não. Já aconteceu assim da imprensa me dar moral assim e a torcida lê e, sabe...

Existe pressão de dirigentes para que o atleta demonstre certa identificação com o clube? Na apresentação em um clube, por exemplo. Você jogou no Vasco, foi para o botafogo. Quando você chegou ao Flamengo. O dirigente exige ou pede para que o atleta demonstre certa identificação com o clube? Ou não existe isso?

R: Não, cara, olha só... quando o dirigente te contrata, ele procura saber algumas coisas sobre você, se você é um cara profissional, se você é um cara que se dedica. Então, quando você chega tem aquela conversa normal, assina contrato, faz exame médico, né? E aí você tem que cumprir o que você fez nos outros clubes. Se você não faz, provavelmente alguém vai te chamar: “po, o que está acontecendo?” Mas na hora que chega assim não tem pressão assim. Pelo menos de dirigente não tem.

O torcedor grita “beija a camisa!”. Em relação ao dirigente não existe essa pressão?

R: Não, não, dirigente não. A pressão do dirigente é se você não estiver rendendo, entendeu? “po, e aí, cara? Eu assinei um contrato longo com você e aí? O que está acontecendo?” Aí existe.

Notamos que atualmente os termos “se doar nas partidas” e “entrega” estão muito presente nas falas de jogadores e treinadores. O que você pensa sobre isto?

R: Cara, hoje em dia... antigamente o futebol era mais cadenciado, né? Eu cheguei a pegar essas duas coisas. Quando eu comecei a jogar no profissional era mais cadenciado ainda, no começo da década de 90, final de 80 e começo de 90. Depois, mais pra frente, aí começou aquela correria. Então você tem... não adianta você estar postado bem taticamente se você não estiver junto, se doando. Porque às vezes, hoje em dia, a parte física está em alguns casos superando a parte técnica. Então não adianta você ter um bom time técnico dentro de campo, com jogadores habilidosos se você não tiver a parte física bem. Então quando o cara fala “tem que se doar” é mais juntar a parte técnica que cada um tem junto com a parte física, se doando mesmo pra conseguir a vitória. Se a gente não faz essa reciclagem de melhorar essa parte física o futebol europeu iria atropelar a gente. Não adianta ficar tocando bolinha pro lado ali e os caras atropelando, entendeu?

Apesar de o futebol ser um esporte profissional, uma profissão, muitas vezes a torcida espera dos jogadores atitudes relacionadas à paixão como amor à camisa, doação, entrega, que outras atividades profissionais não exigem. Por que no futebol isso existe?

R: Cara, o futebol é... o Brasil é o país do Futebol, né cara? Então o cara desde pequeno já começa a torcer pra algum time, já começa a jogar e o cara se sente na obrigação de querer que o jogador realmente vista a camisa do clube. Então é diferente de uma profissão normal. Até porque a carteira de trabalho do jogador é um pouquinho diferente da carteira de trabalho de um trabalhador comum.

É diferente em que sentido?

R: Eu não sei como é que é a carteira de trabalho de um trabalhador normal. Eu sei que quando às vezes eu chegava com a carteira de trabalho, alguém me pedia o documento pra tirar um passaporte ou alguma coisa assim, o pessoal via: “po, é diferente e tal.” Aí via que eu era atleta, entendeu? Mas eu não sei dizer exatamente o que é diferente. Mas eu ache que, cara, a paixão do futebol é tão grande aqui no Brasil que o pessoal acaba cobrando. Como é o basquete nos Estados Unidos, deve ser assim também. É a paixão, cara, entendeu? A cobrança acaba sendo maior. Não dá pra gente comparar uma profissão.

Mas o torcedor cobra também atitudes profissionais do atleta, atitudes diferentes da paixão?

R: Cara, mas por exemplo um treinamento, como é que um torcedor que nunca jogou futebol, como é que ele vai saber o que é essa... se ele está treinando pouco ou se ele está treinando muito? Então é aquilo que eu te falei, tudo é a margem da vitória ou da derrota. Perdeu, nego vai falar tudo, que você não treina, que você é irresponsável, que você é mercenário, entendeu? Ganhou, você pode até estar treinando pouco, o cara pode estar fazendo um monte de besteira por aí, sair pra noitada, mas ganhou, o torcedor vai estar sem observar nada. Então, quer dizer, perdeu aí começa... entendeu? Então, cara... O jogador está acostumado já com isso, entendeu? Toda vez que perde a cobrança aumenta.

Sabemos que o futebol é cada vez mais um esporte altamente profissionalizado com interesses comerciais e financeiros muito elevados, mas ao mesmo tempo envolve uma grande paixão popular. Como você acha que estas duas dimensões (paixão e negócio) convivem?

R: Cara, paixão e negócio... o jogador ele, em certos casos aí, ele ficava sendo como se fosse uma mercadoria, né? Às vezes ficava na mão de dirigente, entendeu? Antigamente eu tive a oportunidade de sair pra Europa, num convite, e eu não pude porque o clube não queria que eu saísse. Então, de repente, se o clube aceitasse poderia ser uma boa pro clube e uma boa pra mim. O clube receberia uma grana e eu, talvez, ia fazer minha independência financeira lá fora. Então, às vezes você é tratado como uma mercadoria. E como em todos os lugares tem os bons profissionais, os bons dirigentes e os maus. Então muito dirigente, muitos não, alguns dirigentes e alguns empresários que eles... eles fazem aí coisas que não deveriam ser feitas, vamos dizer assim, sabe? É levar um dinheirinho por fora aqui, levando um dinheirinho por fora ali. Isso que eu estou falando é não generalizando, mas especificamente pra alguns que infelizmente acontecem nos clubes. Mas essa convivência, cara, não tem jeito, vai ter sempre interesses. O jogador está bem e vai ter sempre alguém que queira...

Como os atletas profissionais podem conviver com as paixão da torcida, dos dirigentes e de (parte) da imprensa?

R: Isso que é normal. O jogador, é aquilo que te falei, tem que saber diferenciar as coisas, cada coisa no seu lugar, o jogador tem que ter um bom relacionamento com a imprensa. Como a gente comentou agora a pouco, a imprensa pode elevar o jogador, pode derrubar. Então é aquele negócio, cara, o jogador tem que andar na linha, fazer tudo certinho, procurar dar o máximo porque as coisas começam a andar tranquilas. E separar a paixão, nunca se levar só pela paixão, procurar contrabalançar porque aí as coisas andam fluentemente. Se o jogador também se envolver somente com a paixão do futebol, com os resultados, ele pode nem dormir, cara. Isso aí às vezes atrapalha. Você tem que ter um meio termo ali.

Entrevista 7

1ª parte

Nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol. Como iniciou sua carreira no futebol? Onde? Com que idade começou a treinar?

R: Eu nasci em Salvador na Bahia e com 1 ano de idade minha mãe veio para o Rio de Janeiro. Eu morei lá na Vila da Penha e aí comecei a jogar bola, pelada, comecei a jogar futebol de salão e aí eu comecei a jogar nos times do bairro. Aí um treinador, "Luiz Negão do posto", treinador do meu time de bairro perguntou se eu não queria ser jogador de futebol. Aí eu falei: quero! Aí ele perguntou: você quer fazer um teste no Olaria? Eu falei: quero. Fui lá, fiz o teste, passei e em 86 eu iniciei a carreira no Olaria.

Você tinha quantos anos?

R: Tinha 15 pra 16 anos. Cheguei a pegar um pouquinho de infantil depois fui para o juvenil. Aí eu comecei no Olaria. Fiquei lá no infantil, juvenil, júnior e profissional. No profissional eu saí.

Você se profissionalizou pelo Olaria então?

R: Isso. Pelo Olaria do Rio de Janeiro.

Então para ingressar no Olaria você fez um teste? Foi uma peneira?

R: Foi. Foi uma peneira. Foi a primeira peneira que eu fiz. Mas, antes disso, minha mãe trabalhava num hospital no centro da cidade e ela conhecia um cara que trabalhava no Bradesco, na época que o Bradesco era muito forte no futebol de salão. E eu comecei a treinar no Bradesco. Treinei pouco tempo no Bradesco salão e paralelamente a isso eu fiz esse teste no Olaria. Aí eu optei em ficar no Olaria de vez.

Para qual time você torce?

R: Vasco.

Você é Vasco.

R: Torcia pro Vasco.

Torcia na infância?

R: É

Hoje você não torce mais?

R: Ah, eu tenho um carinho pelo Santos pela história que eu tenho lá e aqui no Rio eu torço pelo Vasco pela família. Na minha família a maioria é vascaína.

Por algum motivo, você pensou em iniciar a sua carreira no Vasco? Por ser vascaíno quando criança?

R: Não necessariamente. Mas, eu gostaria de ter jogado lá. Eu gostaria. Mas depois as coisas foram acontecendo e eu fiquei mais pra São Paulo do que pro Rio e, infelizmente, não pude jogar lá.

Você falou em simpatia, gostar do Santos. Ter simpatia, ter identidade com o clube é diferente de torcer pelo clube?

R: Ah, você acaba torcendo. É inevitável. Por exemplo, eu passei... tive duas passagens pelo Santos que marcaram muito minha trajetória profissional. Eu... seis anos, né? Foram seis anos. Disputei vários títulos, ganhei alguns. Aí você se apega ao time, né? Aí eu comecei a torcer. Você acaba torcendo, né? Eu tenho assim... determinadas equipes que eu passei, que eu joguei eu sempre tenho carinho. No sul, o Grêmio. Eu joguei pelo Grêmio. Atlético Mineiro em Minas. Na Bahia, no Bahia, né? Pô, tenho muito carinho. Aquela torcida é maravilhosa.

Mas torcer mesmo, você é Vasco e Santos?

R: Ehh, assim... é o mesmo carinho. Mas eu torço para todos esses que eu te falei, entendeu? De uma forma ou outra. No Santos mais porque o Santos me deu a oportunidade de me colocar no cenário nacional e, assim como o Guarani também. Foi o primeiro time que, depois do Olaria, foi o Guarani de Campinas. Fiquei lá três

anos e meio. Foi um clube muito importante para a minha formação. Também tenho um carinho muito especial.

Você nunca jogou no Vasco.

R: não. Só contra.

Por quê? Essa maior identificação com um clube pesa na hora de assinar um contrato? Por que você não jogou no Vasco?

R: Eh, foi porque assim... minha carreira, depois que eu saí do Olaria, um diretor na época falou que tinham dois times do Rio interessados, um era o Vasco e o outro era o Fluminense. Mas, só quem veio me contratar realmente foi o Guarani de Campinas. E aí, naquela época, 1990, 1991, o futebol de São Paulo já tava... já tava já mais adiantado, mais do que o Rio. E o supervisor falou pra mim: olha só, se eu fosse você eu iria pra São Paulo, aceitaria essa proposta porque lá tem mais estrutura, você vai se dar bem lá.

E isso pesou realmente?

R: Pesou. Aí eu fui. Fui e foi uma boa escolha, graças a Deus.

Pesou mais que o gostar do clube então?

R: É. De esperar uma proposta do Vasco ou Fluminense. Então eu optei de ir pra São Paulo e, realmente foi bem melhor nessa época pra mim pra minha carreira.

O Olaria não é um clube da mesma expressão dos grandes aqui do Rio. Mas, você percebia que ainda na escolinha desse clube ou durante as categorias de base do Olaria... Você assistia jogos do profissional do Olaria?

R: Claro, Claro. Eu jogava pelo infantil e pelo juvenil. Aí o time profissional ia jogar contra o Flamengo, conta o Vasco no fim de semana a gente ia ver.

Ganhava camisa do clube?

R: É. Torcia também pelo Olaria, e tal. Eu, assim, minha ligação com o Vasco é porque meu pai era vascaíno e além disso ele era sócio proprietário. Então eu e minhas irmãs, a gente frequentava muito o Vasco, as piscinas lá do Calabouço e tal. Aí eu tive esse apego pelo Vasco. Mas, na hora de torcer assim, ah, Olaria contra o Vasco, eu torcia sempre pelo Olaria, é lógico. Era o meu time, era o time que eu estava empregado. Enfim, eu tinha um sonho. Eu queria jogar no Vasco e tal, quando crescer. Mas, enfim, não aconteceu. Mas eu não tenho do que reclamar da minha vida como profissional.

Você percebia que, no caso do Olaria, a diretoria, a direção do clube se preocupava com que os garotos que estavam ali na categoria de base, torcessem pelo Olaria, ou se tornassem torcedores do clube?

R: O Olaria tem uma história de revelar jogadores importantes. Nelinho, Romário, Ailton, Gonçalves, Flávio, eu. Assim, o Olaria sempre teve bons jogadores revelados até hoje. É um time de tradição no subúrbio carioca. No futebol do Rio de Janeiro como o Madureira é, o Bonsucesso, o próprio América. O América é outro nível, né? Enfim, a gente se apega. Foi o meu primeiro clube.

O clube exige esse afeto?

R: Não. Não é que exige. Mas, automaticamente, o garoto vai estar torcendo pelo seu time ali, né? Você vai torcer pelo mais fraco contra o mais forte. Aquela história.

Seu primeiro contrato profissional foi com o Olaria. Você tinha quantos anos?

R: 19 anos.

No momento de assinar um contrato. No início, nos primeiros contratos, e ao longo da sua carreira. O que era levado em consideração na assinatura dos contratos? O que pesava mais?

R: O Olaria não tinha como pagar muito, né? Mas, assim, como ele via qualidade no meu futebol, ele logo queria que eu subisse para o profissional e assinasse contrato profissional. Naquela época não existia ainda o passe livre, né? Tipo, acabou o contrato não tem mais vínculo nenhum. Antigamente não era assim. Antigamente, mesmo você tendo o término do contrato, o contrato encerrado, você tinha vínculo com o clube, que era a lei do passe. Então, o Olaria pedia quanto quisesse no seu passe. Então era uma escravidão nessa época no futebol brasileiro. Então, só quando eu tive trinta anos, trinta e um anos que tinha acontecido a lei do passe eu tive, né? Então, naquela época assinou tava preso, entendeu? E aí...

Você não podia escolher muito. É isso que você está dizendo?

R: não, não. Tinha que assinar e, já na assinatura do contrato amador pra me filiar como jogador juvenil, já ficava preso mesmo. Dificilmente você saía. Só na proposta de compra mesmo.

Quando você obteve passe livre?

Então, o passe livre foi no Santos. Assim que acabou o campeonato brasileiro de 2002, aí acabou meu contrato. Aí eu fiquei livre.

E a partir desse momento o que era levado mais em consideração na assinatura dos contratos?

R: Na minha... assim, claro que o lado financeiro é importante pra caramba. Mas, eu levava em conta também o lado profissional.

O que é o lado profissional?

R: O lado profissional é estrutura, a possibilidade de você jogar na Europa, possibilidade de jogar em times que vai disputar títulos, entendeu? E, nessa ocasião, eu tinha recebido uma proposta muito boa do Japão e resolvi aceitar e fui.

Isso foi logo depois que você foi campeão brasileiro pelo Santos.

R: Isso. Com Robinho, com Diego em 2002 eu fui.

A rotatividade dos jogadores é uma característica do futebol há algum tempo. Jogadores atuam por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Você, inclusive, jogou em vários clubes. Quais foram os pontos positivos e negativos desse 'rodar' na sua carreira?

R: Não existia assim... antigamente os jogadores tinham uma identidade... "Ah! O Marcelinho do Corinthians, o Ronaldo goleiro do Corinthians. Aí você olhava pro Palmeiras, é o goleiro Veloso do Palmeiras, tantos anos. Agora é o Marcão. Rogério

Ceni. Então, é assim... em parte é ruim, mas é a lei da oferta e da procura, o jogador tem um contrato, termina, quem apresentar a melhor proposta no lado profissional e financeiro leva, entendeu? O ruim é que o torcedor daqui a pouco tá... você é ídolo do torcedor e daqui a pouco você não é mais, tu vai estar lá num time adversário. Mas faz parte, é assim mesmo, é o negócio do futebol. O profissional tem que ver o que melhor pra ele, né? Antigamente dificilmente tinha essa rotatividade. Hoje em dia tá normal.

Você falou que tinha uma identificação pelo Santos. Você jogou no Santos, depois voltou ao Santos novamente.

R: É, foi o time que eu mais passei tempo, seis anos.

Aí você teve passe livre e você foi para o Japão. E por que você não optou em continuar no Santos, já que você tinha uma identidade com o clube?

R: Então... aí acabou meu contrato, não tinham interesse em ficar comigo porque eu recebia um salário relativamente alto e também eu recebi uma proposta bem maior ainda no Japão e o Santos não ia cobrir. Então, automaticamente falei: "tudo bem, obrigado", saí por cima, saí caminhando, segui meu caminho pro Japão.

O que faz um jogador gostar de um clube durante a carreira?

R: Ganhar títulos, ser ídolo, ter boas passagens, ter sido respeitado no clube.

É normal um jogador se identificar mais com um clube do que com o outro? O jogador se identificar mais com um clube do que com outro durante a carreira? Ou não existe isso?

R: Sim, é normal.

E o que pesa mais para essa identificação? Se tivesse que destacar um ponto seria o que?

R: Conquistar títulos. Aí você entra no carinho do torcedor, né? A torcida passa mais carinho pra você e você se identifica e fica marcado naquela equipe.

Você jogou em vários clubes. Existem diferenças entre as torcidas dos diversos clubes que você já passou?

R: com certeza, tem muito. Eu joguei em dois times assim... torcidas apaixonadas, completamente apaixonadas. Na realidade três times. A primeira torcida que eu vi que é a principal, a mais apaixonada, é a do Atlético Mineiro, a do Bahia também. Acho que é a mesma paixão, o mesmo fanatismo. Depois dessas duas tem o Corinthians, entendeu? Tive uma passagem por lá também, torcida muito grande, também apaixonada. Mas é... posso destacar a torcida do Atlético Mineiro e do Bahia.

O que diferencia então é o grau de fanatismo, a cobrança?

R: É pelo grau de fanatismo, nem é a cobrança. Engraçado que no Atlético Mineiro, você perdia feio numa rodada, na outra, se a diretoria colocasse um real o ingresso, lotava. E aquela paixão de novo. Não tinha... sabe? E aí você jogava, ganhava e caía na graça da torcida de novo.

O que você gosta nos torcedores? O que você não gosta?

R: Assim... a gente gosta do carinho, do aplauso (risos). Agora, vaia, xingamento a gente não gosta, principalmente quando o torcedor passa dos limites no sentido de levar a coisa pro lado pessoal. A cobrança tem que ser feita ali no estádio, ali dentro, acabou o jogo eu sou uma pessoa normal, teoricamente, né? (risos). Eu sou um ser humano, tenho minha família, tenho minhas coisas pra fazer, meu lazer, minhas contas pra pagar, e aí existe essa cobrança fora de campo. Eu entendo isso porque o futebol brasileiro... o futebol é o principal esporte no Brasil, então o fanatismo extrapola as linhas do campo, né? Então o jogador tem que estar acostumado a ser cobrado dentro e fora do campo, principalmente no Brasil, né?

Você atuou por clubes que são rivais dentro do mesmo Estado. Você teve uma passagem marcante no Santos e depois foi para o Corinthians. Como que a torcida via essa sua transferência para o Corinthians, a recepção do torcedor do Corinthians e o que o torcedor do Santos falava?

R: Depois dessa passagem de quase um ano no Japão eu voltei e tinha um treinador que gostava de mim, era meu amigo que na época estava no Corinthians, o Geninho. Então ele entrou em contato comigo, eu falei com ele e aí a gente acertou, fui pro Corinthians. Mas antes disso eu tinha tentado outras equipes, principalmente o Santos, mas não houve a possibilidade e vi que a porta se abriu pra mim no Corinthians. E realmente, quando eu cheguei ao Corinthians a torcida do Santos... quando eu ia pra Santos o pessoal reclamava: “Po, você foi pro Corinthians, não podia ir.” Aí eu falei: “mas foi o clube que me abriu as portas”. O Santos já estava com a estrutura montada. A torcida do Corinthians eu não sentia raiva de mim não porque o pessoal admirava muito o meu futebol e eu fiquei feliz com a recepção que eu tive no Corinthians, mesmo com a curta passagem que eu tive lá, quatro meses, mas, eu recebi muito carinho do torcedor corinthiano. E depois que eu saí do Corinthians eu tive mais três, quatro equipes, aí a torcida do Santos deu uma esquecida e até hoje eu tenho boas lembranças lá e o pessoal gosta muito de mim lá em Santos.

Então você tem uma boa relação com as duas torcidas?

R: Sim, eu tenho, graças a Deus.

E para você ter essa boa relação, o que você precisava fazer?

R: Primeiro você se entregar dentro de campo, ser um bom profissional, correr muito, dentro de campo mostrar qualidade também, né? Não é só correr, você tem que mostrar qualidade. Ser um profissional correto, tratar todo mundo bem. É aquela história... você sai de casa, pode estar com problema mais complicado na sua vida, você tem que tratar todo mundo bem, tem que estar sempre com o sorriso aberto, você tem que estar sempre dando atenção pro torcedor, teu fã. Então, acho que isso eu pude fazer direitinho.

Você falou que ter dedicação e procurar se entregar é importante. Mas o torcedor espera algo além disso?

R: O torcedor quer que você ganhe os jogos e conseqüentemente chegue aos títulos, isso aí é o básico. Mas se não tiver títulos e você mostrou bom futebol, uma conduta correta dentro do clube, acho que você já fica bem quisto na torcida.

E as atitudes relacionadas a identidade maior com o clube. Ela exige isso? Que você demonstre certos sentimentos de amor e de carinho pelo clube?

R: Com certeza, né? Aquele lance de fazer gol, beijar o escudo, ir pra torcida, mostrar o coração. Faz parte, né? A gente não pode ser hipócrita, mas também quando o jogador está defendendo o clube, a camisa, aquela camisa é a mais importante pra ele naquele momento. Então você tem que dedicar todo o seu esforço para aquele clube no momento. Aí a torcida gosta.

Então aquele gesto de beijar a camisa acontece e o cara faz aquilo pensando na torcida?

R: Pensando na torcida, no time.

Pensando em agradar a torcida?

R: Também, também. Mas você tem que agradar a torcida jogando bola (risos), jogando muito bem, se possível fazer um golzinho ou outro ali, entendeu? Fazendo bem o seu papel no clube, aí você vai cair na graça da torcida.

A paixão do torcedor. Ela mexe contigo você?

R: Po, mexe. Muito bom, é muito importante. Pra mim foi um privilégio ter passado por grandes equipes. Cada um tem seu jeito, a torcida do Grêmio tem um jeito, a torcida do Santos tem outro, a torcida do Atlético outro. Então foi muito bom ter vivido isso. Eu imaginava outra coisa pra minha vida. No início da minha carreira, no infantil e juvenil, eu não tinha esse objetivo de chegar onde eu cheguei. Graças a Deus, Deus me colocou nesses lugares e foi muito bom passar por isso tudo.

E como retribuir essa paixão toda da torcida?

R: Só dentro de campo. E assim... É muito importante, é muito prazeroso pra gente quando você para de jogar, como é o meu caso, e visita esses clubes, tem contato com esse tipo de torcedor e a maioria sempre me trata bem, me trata com muito carinho e com boas lembranças. A maioria dos clubes que eu passei realmente eu tenho um carinho especial pelo torcedor e o torcedor tem um carinho especial comigo, graças a Deus.

Agora só uma curiosidade. Você jogou agora o Showbol há pouco tempo e jogou pelo Corinthians. Como é feita a seleção dos jogadores que vão participar desse torneio? Por que você jogou no Corinthians e não no Santos, por exemplo, ou em outros clubes que você já jogou?

R: No Showbol você pode jogar em qualquer time desde que na sua vida profissional anterior você tenha passado por esse time. Então eu passei pelo Corinthians, pelo Santos, pelo Atlético Mineiro, eu poderia estar jogando por esses times. Eu optei jogar pelo Corinthians porque eu já tinha ganhado dois títulos pelo Santos no Showbol e eu recebi o convite do Paulo Sérgio que é o capitão do Corinthians no Showbol, ele contata os jogadores, e eu resolvi aceitar. Já tinha história no Santos pelo profissional, depois ganhei dois títulos no Showbol pelo Santos, aí... tá bom demais. Então resolvi aceitar esse convite, muito feliz porque de novo fui campeão. Mas legal, muito gostoso.

Mas na disputa do showbol não tem sentimento envolvido não, né? Jogar o showbol pelo time que o atleta mais se identificou na carreira...

R: Não, não. A própria estrutura do Showbol quer que os jogadores joguem bem, principalmente aqueles que estão em forma ainda. Então é importante pro equilíbrio das equipes no Showbol. Você pode reparar que têm algumas equipes com jogadores fora do peso, outras com jogadores em forma como é o caso do Santos e do Corinthians. Então a própria estrutura do Showbol, o pessoal da diretoria sempre quer um equilíbrio entre as equipes, entendeu?

Quando a equipe não está bem no campeonato e tem problema financeiro no clube, principalmente, muitas vezes você ouve a torcida chamar os jogadores de mercenários. O que você pensa sobre isso?

R: Isso aí é uma válvula de escape da torcida. A torcida tem que falar alguma coisa quando a equipe não está bem. Sempre quando a equipe não está bem, ou você é mercenário, ou você é ruim de bola, ou você não sua a camisa. Eu já joguei muito tempo com salário atrasado, jogando futebol ainda tive que entrar com ação contra várias equipes por atraso de salário, atraso de pagamentos, premiações. E aí quando você tá jogando, tá perdendo, o time tá ruim, tá num dia ruim e você escuta isso é chato, né? Mas faz parte, o torcedor é assim mesmo, você não pode se influenciar.

E como você agia nessa situação?

R: Eu... Entrava por um ouvido e sai pelo outro. Tentava fazer o melhor, mesmo com o salário atrasado, mas tem dia que não tem jeito, tem dia que você luta, luta, luta e perde. Faz parte.

Você falou que alguns clubes já atrasaram salário e você precisou acionar a justiça por causa disso e o torcedor sabendo disso cobra mais ainda atitude do jogador, né? “O cara botou o clube na justiça”!

R: (risos) É... Mas no meu caso, um exemplo, eu tive que entrar com uma ação contra o Santos, contra a antiga diretoria do Santos, saí do Santos, a ação continuou e eu fui recontratado pelo Santos depois, mais tarde, com a ação ainda na justiça. Quando eu cheguei a gente entrou num acordo e a gente começou a parcelar esse débito antigo e ficou tudo beleza. Mas quando eu cheguei ficou um negócio meio constrangedor assim nesse sentido, “po, o clube me contratou mas eu estou com uma ação contra o Santos”, é complicado. Mas aí a torcida entendeu e aí deu tudo certo.

E o salário atrasado atrapalha?

R: Lógico que atrapalha. Você tem contas pra pagar, você tem família pra sustentar. Atrapalha muito. Influencia muito também.

Você falou que mesmo com o salário atrasado você entrou na justiça contra o Santos, clube que você se identificava e até torce. Você entra na justiça contra o seu clube.

R: Não é nem pelo clube, mas pelas pessoas que estavam gerenciando o clube na época. Foram mau caráter comigo, tive que ir para a ação e ter meus direitos. Mas no final deu tudo certo.

Atraso salarial é uma questão profissional, é um problema profissional. Por que os jogadores quando estão com o salário atrasado não tornam público esses problemas que acontecem dentro do clube?

R: A gente, assim... A gente sempre dava um jeitinho de vaziar essa notícia, né?

Por que o jogador não explica isso pra torcida?

R: Mas quando chegava num limite que não estava mais suportando a gente metia a cara na imprensa, “olha só, o torcedor ta reclamando, mas a gente está jogando com o salário atrasada há três meses e essa cobrança não está sendo legal, a gente está suando a camisa e jogando de graça, vamos dizer assim. Então a gente quer que a torcida entenda nossa situação, a gente está reivindicando aqui publicamente isso e vamos continuar trabalhando pra ajustar o salário.”

Por exemplo, outras categorias fazem greve quando o salário atrasa. Por que o jogador não faz isso?

R: (risos) Eu já fiz. Tinha um clube, se eu não me engano, nós fizemos um dia de treino de greve (risos) pelos salários atrasados. Deu certo.

A torcida soube disso?

R: Soube porque foi público depois.

E a reação da torcida depois?

R: Não, a torcida entendeu. A opinião pública estava a nosso favor.

E se fosse antes de um jogo importante?

R: Não, mas aí é diferente, né? A gente sabe que a gente só vai mudar a realidade do clube se as vitórias vierem. Então num jogo importante, jogo de classificação, vai chegar o dinheiro. Dinheiro de televisionamento, dinheiro de torcida, da bilheteria no caso.

Por esses aspectos todos, por não poder fazer esse tipo de manifestação, greve, por exemplo, contra o clube, o futebol é uma profissão diferente das outras?

R: É muito diferente porque num curto espaço de tempo um menino da favela, pobre, pode ganhar um carro, ter dinheiro para comprar um apartamento e mudar a situação financeira dele. Futebol é muito rápido, as coisas são muito dinâmicas e às vezes a gente vê jogadores despreparados para receber esse tipo de situação e acabam não administrando muito bem esse dinheiro, esse acesso, essa ascensão social dele.

Outra situação que a gente percebe dentro dos jogos... A equipe não está bem no jogo e a torcida pede raça. O que você pensa sobre isso?

R: O que move o torcedor na arquibancada é o que a gente faz dentro de campo, não tem jeito. É a gente que acende a torcida ou apaga a torcida. Então depende do time, quem está em campo mostrar disposição, mesmo perdendo o torcedor vai apoiar até o fim. Ele está vendo, o torcedor não é burro ao ponto de ver que a gente está se matando e ficar gritando raça. Agora quem move o torcedor com certeza são os jogadores, nós jogadores dentro de campo.

Então quando o torcedor gritou raça estava faltando raça naquele momento mesmo?

R: Também. Não só raça, futebol também.

E como retribuir esse pedido de raça à torcida?

R: Dando carrinho (risos), marcando, não deixando o time adversário jogar, tendo uma vontade extra pra roubar a bola do adversário. Aí você diminui os gritos.

Então a torcida seria um estímulo maior para o jogador se entregar mais e se doar mais?

R: É... Tem jogador que sente essa pressão da torcida, mas a maioria não. A maioria, independente de a torcida gritar raça ou não, ele vai estar correndo muito mais. Tá vendo que está perdendo o jogo, o time está apático em campo, então ele começa a se entregar mais, e quando a torcida começa a gritar raça mais ainda.

Percebe-se que principalmente nas apresentações a um novo clube é comum o jogador beijar a camisa. O que você pensa sobre isso? Por que isso acontece?

R: Isso aí vai de cada um. Eu nunca beijei escudo de... eu beijei só a do Santos quando eu voltei pela segunda vez, aí eu beijei. Mas nos outros clubes não.

Mas por que você beijou?

R: Assim... Eu gostava muito do Santos, então pra mim foi fácil beijar, foi legal, foi uma coisa que “Ah! Esse aí já tinha jogado pelo Santos, é normal.” É estranho você ir pra outra equipe, se apresentar e beijar o escudo. É meio que uma hipocrisia mas não é o fato de você beijar o clube que você vai respeitar o clube. Você tem que colocar a camisa, se apresentar, além de falar que você vai honrar o clube, lutar pra conquistar as vitórias e os títulos, você tem que mostrar isso dentro de campo mesmo, não só chegar e beijar a camisa, “Ah! Estou beleza. Agora ao começar o campeonato vou fazer o feijãozinho com arroz aqui, vou pegar o meu dinheiro e vou embora.”

E por que isso acontece então?

R: Isso vai de cada um. Eu não sou muito a favor de jogador que todo o time que vai beija a camisa. Ele tem que mostrar em campo só, o respeito que você vai ter no clube é você se entregando dentro de campo e nos treinamentos, ser um bom profissional.

Mas demonstrar esse tipo afeto ajuda o jogador?

R: Na hora até ajuda, né? Ali é uma questão de marketing pessoal.

E ajuda também, por exemplo, numa situação em que a equipe não está bem no campeonato? O cara que está demonstrando aquele sentimento pelo clube, ele fica mais ileso da torcida do que o outro?

R: Não... pode beijar, pode venerar a camisa. Se no primeiro jogo vai mal a torcida esquece e vai vaiar.

E no momento do gol? No momento do gol beijar a camisa.

R: Ah! Pode ser também. Vai fazer gol, beija a camisa, vai pra galera, é... mostra a camisa, o coração.

É diferente da apresentação?

R: Aí é diferente porque você verdadeiramente está mostrando um amor pelo clube.

O futebol sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Atualmente, ele está envolvido num ambiente cada vez mais profissional. No entanto, parece que a paixão que envolve o torcedor não muda. Como é viver nesse mundo, nessa profissão, onde há interesses profissionais e a paixão muito grande?

R: A torcida não vai mudar nunca, né? E o lado profissional do futebol, da evolução, do *business*, do volume de dinheiro que entra hoje, pelos valores serem bem mais altos são coisas do crescimento do próprio futebol brasileiro e do que a seleção brasileira faz, do que aparece de jogador muito bom e considerados craques. Isso aí é normal. Acho que o Brasil hoje está num momento bom economicamente a despeito da crise que aconteceu, mas o Brasil é um país que está bem e conseqüentemente o futebol também está bem, né? O futebol é um bom lugar para se investir. Sabendo investir vai ganhar muito dinheiro.

Existem jornalistas que, muitas vezes, agem como torcedores. O que você pensa sobre isso?

R: Eu vivi os dois lados da moeda. Jornalista-torcedor do Santos, sempre fui bem lá, ótimos momentos, me elogiando, pedindo pra eu ser convocado pra seleção (risos), colocando a paixão à frente da profissão, né? E por outro lado também apanhei quando você entra numa equipe e está o torcedor escrevendo ali a matéria do jornal e te massacra ali, passa dos limites da profissão. Isso é muito ruim. Mas faz parte, isso aí não vai mudar nunca, todo lugar tem isso e você tem que saber conviver, não se deixar abater, nem quando é criticado e também não entrar soberba no seu coração quando você é exaltado. Você tem que se manter do mesmo jeito, no aplauso ou na vaia. O importante é você continuar trabalhando forte pra sempre manter um bom nível de atuações.

A imprensa esportiva (jornalistas, colunistas, repórteres, comentaristas) interfere na relação entre atletas e torcedores?

R: Interfere porque, dependendo do órgão da imprensa, ele forma uma opinião, é um formador de opinião. A torcida vai muito pelo que sai no jornal, pelo o que aquele famoso comentarista fala, ou aquele repórter, entendeu? Então...

Interfere em que?

R: Interfere no humor da torcida, quando a torcida vai pro estádio, a cobrança que você recebe da torcida depende muito do que você faz mas também do que sai na imprensa. Com certeza a imprensa...

Isso já aconteceu com você? Como foi?

R: Já, já, várias vezes. A gente quando vê jornal e olha que alguém está te criticando e na sua opinião a crítica é injusta, você fica muito chateado. Eu trabalhava mais forte ainda pra calar a boca nessa situação específica e sair por cima. Não tem como um cara falar mal de mim se todo o jogo você joga bem não tem como falar mal.

O jogador lê o jornal pra ver o que estão falando dele?

R: A maioria. Todo jogador gosta de... o jogador tem a sua vaidade também, gosta de ser elogiado pra caramba...

E quando não lê sempre tem um que avisa...

R: É, família... a maioria, os amigos... “caraça, saiu uma matéria maneira no jornal, o jornalista falou muito bem de você naquela coluna dele lá”. Isso aí é legal. Quando fala mau, eu sei que tem a ver também mas outros ficam chateados.

Em relação à direção do clube. Existe pressão de dirigentes para que o atleta demonstre certa identificação com o clube?

R: Ah é, a diretoria sim porque quer trazer um jogador que já tem uma paixão pelo clube ou jogador que resolva, assim... a maioria das contratações de impacto quando são duvidosas tecnicamente, no mínimo elas vão tirar o foco da diretoria, né? “Oh, trouxemos o grande atleta tal tal tal. Agora é com ele, tá? Torcida, não vai mais cobrar da gente não”. Esse é o pensamento da diretoria. Existem algumas diretorias que são boas nesse tipo de atitude, né? “Caramba, nosso time tá complicado, vamos contratar um cara pra ser o nosso pára-choque”. Esse é outro tipo de estratégia. E já vi muito clube usar.

Notamos que atualmente os termos “se doar nas partidas” e “entrega” estão muito presente nas falas de jogadores e treinadores. O que você pensa sobre isto?

R: É, existem umas frases batidas futebol, né? Mas, é o que eu sempre digo, para as mesmas perguntas você vai responder a mesma coisa, as mesmas respostas. Sempre que eu entrava em campo tinha aquela clássica: “qual a expectativa do jogo?” Po, você vai responder: “espero que a gente jogue bem e ganhe e faça aquilo que o professor passou nos treinamentos e que a gente ganhe os três pontos”. Pronto. É a mesma pergunta, todo jogo tem a mesma pergunta, então tinha que responder a mesma coisa. Quando tinha uma pergunta diferente lógico que a resposta iria ser diferente.

Apesar de o futebol ser um esporte profissional, uma profissão, muitas vezes a torcida espera dos jogadores atitudes relacionadas à paixão como amor à camisa, doação, entrega, que outras atividades profissionais não exigem. Por que no futebol isso existe?

R: É porque mexe com sentimento. O futebol é um esporte apaixonante que mexe com o sentimento das pessoas. Tinha até um atleta-filósofo (risos) que tinha essa frase pronta: “O futebol é uma válvula de escape da população sofrida, do povo sofredor e extravasava todos os seus problemas na arquibancada. Então ele ia lá pra extravasar seus problemas em cima do futebol, do seu time, quando o time ganhava ele também se exultava. Ele ia lá pra (suspiro) se aliviar dos problemas”. Então... É, o futebol mexe com a paixão mesmo. É bom você ir num Maracanã lotado, ver uma torcida assim... Ver um clássico, uma decisão. É apaixonante mesmo, acho que não tem esporte igual a esse.

Como você acha que estas duas dimensões (paixão e negócio) convivem do futebol?

R: Tem que conviver sempre, né? Acho que, principalmente o atleta, ele tem que ser, em primeiro lugar, profissional. Por dentro ele está jogando pelo Corinthians, mas é torcedor apaixonado do Palmeiras, mas ele no Corinthians tem que se entregar, tem que ser profissional, cumprir com o seu papel religiosamente todos os dias, não faltar treino, ele ter essa consciência de que é exemplo para os mais jovens, sempre você é uma pessoa pública, você é um exemplo, você tem que

tomar muito cuidado com suas atitudes nos treinos, nos jogos e fora do seu lugar de trabalho, na rua. Então você é um cara visado, o atleta é um cara visado em todos os momentos da vida dele. Então ele tem que ter essa consciência e passar o melhor exemplo possível pra sociedade e principalmente para os jovens.

Como os atletas profissionais podem conviver com as paixões da torcida, dos dirigentes e de (parte) da imprensa?

R: É legal, é gostoso. Você ganha e sai à noite pra comer uma pizza, maravilhoso, vai aos restaurantes, sai nos lugares, você é aplaudido, tapinha nas costas, fotos, mas... (risos) quando você perde, quando você resolve sair de casa numa derrota é difícil, complicado, só se você jogou bem. Se jogou mal então é melhor ficar em casa, esperar o próximo jogo pra reverter essa impressão ruim.

Entrevista 8

1ª parte

Nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol.

Como iniciou sua carreira no futebol? Onde? Com que idade começou a treinar?

R: Eu jogo futebol de várzea, lá em Vitória mesmo, no Espírito Santo, em Domingos Martins, e a gente disputava a Copa Gazetinha todo ano realizada no estado. E eu tive o prazer, nessa época eu jogava pelo Viana, eu tive o prazer e a oportunidade, na verdade a sorte de ser observado pelo olheiro do Vasco, Nelson Teixeira, falecido já. Foi o mesmo que trouxe o Geovane, o França e outros jogadores mais lá de Vitória e o próprio Sávio do Flamengo. E eu tive em 84, 1984, em dezembro desse ano, eu vim fazer um teste no Vasco, fui aprovado e aí começa toda a minha trajetória dentro de um clube grande.

Você tinha quantos anos?

R: Tinha 14 anos.

Então foi um olheiro, na verdade?

R: Foi um olheiro, é. Naquela época a gente só jogava futebol de várzea, só final de semana, escolinha do município em que a gente morava, e aí começou minha vida dentro de um clube grande. Eu joguei infantil, a gente foi bi-campeão infantil, e aí já... já é todo um processo que é realizado na época que você joga nas divisões de base de um time, né? Eh... Você é federado, você joga o... dependendo da idade, o infantil, jogando o juniores e...

E você se profissionalizou pelo Vasco?

R: Também, também. Eu tive... quer dizer, em todo esse processo foram quinze anos. Quer dizer, desde o infantil até o ano de 2000, foi o ano que eu saí do clube, na época eu tinha 30 anos, eu fiquei 15 anos dentro do Vasco da Gama. Toda a parte de infância e adolescência na época de amador, passando por todas as categorias, e depois jogando 10 anos profissionalmente.

E para qual time você torce?

R: Sou vascaíno.

Lá no Espírito Santo você já era vascaíno?

R: Já, já era.

Então calhou de você jogar no time que você torce?

R: É... na época quando a gente... o seu Nelson Teixeira trabalhava no Vasco, ele era olheiro do clube. Então a prioridade, toda vez que ele ia assistir uma Copa Gazetinha, ele era olheiro do Vasco lá no Espírito Santo, ele... a prioridade era o clube Vasco da Gama, mas os pais eram consultados: "pô, teu filho é flamenguista, ou é tricolor, ou é coisa...". Porque, de repente, não deu certo no Vasco, sabendo que o moleque é tricolor, fluminense, encaixa em outro clube desse. E eu, vascaíno, eu vim pra cá, pra mim foi uma maravilha.

E essa identificação com a torcida você acha que é fundamental na formação do jogador? Os clubes em geral, eles procuram fazer com que o jogador torça pelo clube?

R: Também. Acho que isso é o mais importante.

E nos clubes acontece isso?

R: Acontece. Muito, muito. Eh... Por quê? Porque você, no meu caso que sou de fora, eu tenho que morar dentro do clube, no alojamento que o clube me oferece. E dentro de todo esse processo, todo esse período, você vê o clube crescer também, não é só você que vai. Vai passando de fase, tipo mudando uma faixa, alguma situação. É igual colégio, passando de ano. Você também vai passando de ano aqui, vai aumentando a sua categoria e você vê o clube crescer. São os investimentos, a parte física do clube, tudo isso. Então você vai... na verdade você vai... você entra num processo dentro do clube de você fazer parte da rotina, né? Ali naquela situação de como o clube funciona, como funciona a sua política, como funciona o seu dia-a-dia. Então você já vai ficando envolvido com tudo isso. Então um jogador que hoje está num clube de... um clube grande como o Vasco, como o Flamengo, Fluminense, ele tem essa identificação justamente por isso, que por sinal eu acho também que o próprio torcedor, sabendo que o garoto é feito em casa, ele trata diferente quando sobe pro profissional, ele já tem um pouco mais de respeito, sabe que o garoto gosta do clube, já está ali a cinco, seis, sete anos, tem uma identificação muito forte.

E dentro da base a gente percebe também que há, às vezes, uma rotatividade muito grande. Pode haver casos em que o garoto jogou no infantil pelo Vasco e, por algum motivo, ele vai para o juvenil do Flamengo. E nestes casos, como essa identificação se constrói? Nestes casos em que há trocas ainda nas categorias de base?

R: Isso aí é muito relativo, depende de como foi feita essa troca, entendeu? Porque... hoje em dia, não na época em que eu jogava, eu não sei como está funcionando hoje em relação ao garoto que é federado. Pra ele trocar de clube antigamente ele tinha que ficar dois anos parado pra depois... Entendeu? O cara saía do Vasco pra jogar no Fluminense, mas o Vasco não me liberou. Você pode ir embora mas você tem que ficar dois anos parado sem defender nenhuma outra camisa pra depois poder jogar pelo Fluminense. Era assim, eu não sei se hoje ainda

continua nesse tipo de situação. Mas também uma coisa que eu acho que acarretou muito em relação a toda essa troca... ah, hoje o garoto está jogando no Vasco no infantil, juvenil mas depois, no segundo ano, conseqüentemente foi jogar no Flamengo. Tem muito empresário envolvido já nas categorias de base. Hoje você vê uma procura muito grande desde mirim. Você vê um garoto de treze anos em que você pode observar. Você vem aqui, Fábio, um dia num jogo de mirim, você vai sentar lá na social ali do Vasco da Gama e o jogo vai rolar. Quando acaba o jogo os pais estão todos assistindo aqui. Os pais nessa situação são “paitrocínio”. É o pai que vai estar acompanhando, trazendo pro jogo, levando pra casa porque são muito novinhos ainda. E quando o garoto se dirige ao pai, os empresários que estão assistindo ao jogo já sabem quem é o pai daquele menino que, de repente, lhe interessou. O empresário vai chegar no ouvido do pai, “pô, trabalho no escritório tal”, e de repente, já acerta algum tipo de situação, porcentagem, de repente futuramente com o garoto. Esse garoto que é aproveitado no profissional do Vasco, e esse empresário já tem uma porcentagem desde a época de mirim, que vem tendo, né? E eu acho que essas transferências são mais por isso também. De repente o garoto não se deu bem aqui, de repente consegue uma ligação pra jogar em outro clube. Eu acredito que seja por esse fato.

E aí a identificação dele com o clube fica em segundo plano nesse caso?

R: Rapaz, esse negócio de identificação é muito bom quando você não podia ter esse tipo de transferência. A Lei Pelé só vai dar garantias ao clube até certo ponto. O garoto vai assinar seu primeiro contrato de profissional. Então a Lei Pelé dá condição ao clube de assinar esse contrato por cinco anos, dos 17 aos 21, e depois o garoto é livre, vai poder tocar a vida dele. O clube só tem cinco anos de contrato. A única garantia que o clube tem do jogador não sair. Na época em que eu jogava não tinha lei do passe e você ficava cinco, seis anos num clube, sete anos, você não tinha essa facilidade de transferência. Hoje você joga em um clube e o passe já é teu. Antigamente não. Você jogava um ano, o seu passe ficava fixado na federação, se alguém quisesse comprar o seu passe que depositasse o dinheiro em juízo pra você poder ser liberado. Hoje em dia não tem isso. Hoje em dia acabou o contrato, acabou o vínculo com o clube. E o mercado está mais propício para a transferência, né? Por isso que existia muito essa identificação. Eu joguei aqui no clube quinze anos. Então eu não podia me aventurar... hoje é só depositar o dinheiro que você vai pra onde você quiser.

A sua maior passagem foi pelo Vasco.

R: Pelo Vasco.

Mas você jogou...

R: Eu saí do Vasco e fui pro Santos, aí joguei um ano no Santos, joguei um ano na Portuguesa de São Paulo e joguei seis meses no Botafogo.

E nestes clubes que você passou, apesar de não ter sido passagens longas como no Vasco e de não ter sido tantos clubes, se compararmos com o que acontece na atualidade em que os atletas jogam por muitos clubes. Você se identificou com alguns desses? Há como o jogador se identificar com mais de um clube?

R: Tem, depende do tempo de casa. Rapaz, eu me senti muito bem jogando nesses clubes. Mas eu, assim... eu acho que em termos de identificação foi mais com o

Botafogo mesmo. Por ter jogado só seis meses eu consegui criar um vínculo com o Botafogo, independente do tempo. Mas acho que é muito pouco ainda. Eu converso bastante aqui com o pessoal que eu treino, o Tiago e o Fernando. Eles têm um ano já de clube, o Tiago já tem dois, o Fernando tem um ano. O Fernando tem mais esse ano e o Tiago também. Conseqüentemente, se eles renovarem o contrato por mais dois ou três anos, aí sim já vai criando essa identificação. Quer dizer, hoje já é o Fernando do Vasco, o Tiago do Vasco, como é o Carlos Germano do Vasco, não é o Carlos Germano do Santos. Você passa na rua e: “pô, Carlos Germano do Santos.” Não é, é o Carlos Germano do Vasco.

E a torcida cobra essa identificação?

R: Cobra, cobra. O torcedor cobra. Cobra porque... é muita paixão, né cara? Então o torcedor não vê hoje de repente o Carlos Alberto largando o Vasco e jogar no Flamengo. O torcedor jamais vai imaginar isso. É lógico que pode acontecer.

Quando o Carlos Alberto chegou ao Vasco ele já havia passado pelo Fluminense e Botafogo, e eu me lembro que havia certa desconfiança da torcida do Vasco, não sei se você concorda com isso. Por ser um jogador muito rodado, quando ele chegou ao Vasco o torcedor ficou um pouco com “o pé atrás”.

R: É... Eu acho que houve um casamento porque, da mesma forma que o Carlos Alberto ajudou muito a gente aqui no ano passado, o Vasco também proporcionou a ele uma situação de ídolo que é hoje para o grupo e uma situação de se reencontrar. Hoje eu acho que está muito ligado o Carlos Alberto e o Vasco justamente por esse tipo de situação.

E o que você acha que foi fundamental para que o Carlos Alberto se tornasse ídolo no Vasco?

R: Acho que de repente ter aceitado vir pro Vasco jogando na segunda divisão, de repente as declarações que também ajudam, também a vontade de estar aqui dentro, ele sempre diz isso... “o Vasco me recebeu de braços abertos”. Então a retribuição que ele tem com o clube é de lealdade, de fazer o melhor e se dedicar ao máximo, é o que ele vem fazendo. Então foi campeão. Conseguiu fazer o Vasco voltar pra primeira divisão de novo.

E isso é importante pra torcida, conquistar títulos?

R: Pô, isso é importantíssimo. Aí hoje ele já fica mais um ano aqui, entendeu? Vamos supor que ano que vem mais um ano. Então aos poucos ele vai... como aconteceram com outros jogadores que não tinham sido formados aqui dentro como é o caso do Juninho Pernambucano, Mauro Galvão, e que hoje são ídolos do clube. Conquistaram títulos e ficaram bastante tempo aqui dentro. O Juninho Pernambucano foi de 95 a 2001. O Mauro Galvão de 97 a 2002, por aí. É bastante tempo, entendeu? Existe uma...

No momento de assinar um contrato. No início, nos primeiros contratos, e ao longo da sua carreira. O que era levado em consideração na assinatura dos contratos? O que pesava mais?

R: Rapaz, é... quer dizer, na minha época tinham os empresários também que acompanhavam a gente na hora de uma negociação, de uma renovação de contrato. Mas sempre eu deixava bem claro pra eles que a prioridade sempre era do

Vasco da Gama, independente de qualquer situação. Apesar de que havia abordagem de outros clubes, mas o Vasco sempre em primeiro lugar. Por quê? Porque eu tinha um apoio incondicional do torcedor vascaíno, isso se eu vou pra outro clube vou ter que conquistar tudo isso de novo e não é fácil. Eu, por ter sido formado aqui dentro e por ser vascaíno, esse tipo de situação, pelo tempo de casa, numa assinatura de contrato pesa. E o próprio dirigente sabe disso. Sabe disso que é melhor você manter um jogador que tem o carinho do torcedor do que você não conseguir acertar para que ele fique, né?

E aquele caso que ocorreu com você quando o Eurico ainda era da direção do clube. Você teve que acionar a justiça...

R: Ainda tá.

E você acabou saindo do Vasco naquela época?

R: Eu saí do clube justamente porque faltava... o meu contrato iria terminar em dezembro. Eu já tinha o passe livre em dezembro de 99. O que eu imaginava? Vou disputar o mundial pela Vasco e vou, de repente, renovar meu contrato, vou ser campeão do mundo e vou renovar. Minha idéia era essa. Só que o Vasco veio com uma prorrogação de um mês que era justamente esse mês de janeiro e nesse mês de janeiro eu já não tinha mais nenhum vínculo com o clube. Conversei com o Tinoco que era nosso supervisor que hoje é gerente de futebol: "Pô, seu Isaias! Um mês de prorrogação?" É aviso prévio aquela: se for bem eu fico, se for mal... Aí eu falei: "se o Vasco vier com um contrato de dois anos eu fico" Aí ficou nessa confusão toda e inventaram essa coisa de Santos, que vai ser transferido e... teve falsificação de contrato. E aí já é uma história muito mais longa, entendeu? Foi justamente por isso que... eu pensava em disputar esse mundial e ser campeão pelo Vasco. Tem algumas mágoas aí que ficaram, mas...

Então depois que você saiu do Vasco, você jogou em alguns clubes. Nesses clubes que você não tinha a identificação que você tem com o Vasco. A identificação com o clube não era mais o ponto principal na assinatura do contrato...

R: É... O que acontece. Você tem que conquistar. E como você consegue isso? Tem que ir bem. Então o esforço que eu ia fazer nesses clubes pra jogar, de repente não... aqui eu tinha crédito, entendeu? No próprio Santo... não pode errar. É o Carlos Germano do Vasco e da seleção brasileira, copa do mundo, e não pode errar. Aqui eu era o Carlos Germano do Vasco. Eu tinha a confiança do torcedor. Eu podia ir mal em um jogo que o pessoal iria me apoiar sempre. Lá não. A casa...

Pra assinar contrato com outros clubes a identificação não era o principal. O que você levava em consideração?

R: Não, eu já tinha saído do Vasco, eu tenho que trabalhar, eu tenho que arrumar uma coisa pra mim, eu tinha trinta anos na época, até os trinta e sete eu vou jogar. Então eu tenho que trabalhar.

E pra assinar o contrato o que era determinante depois que você saiu do Vasco?

R: O que sempre pesa nessa situação é jogar em um time grande e o Santos era time de ponta. Então, aí já é uma grande coisa. E outra coisa, quais os objetivos? Pô, o Santos já tava dezesseis anos pra ser campeão paulista. Quer dizer... é uma

meta. Aí você vai pra um clube desse e fala assim: “pô, dezesseis anos, se a gente monta um time bom, a gente é campeão e entra pra história do clube.” Aos poucos você vai desenhar o clube pra você ficar também três, quatro anos. Entendeu? São alguns objetivos que você vai traçando. Voltar à seleção brasileira jogando pelo Santos, e é time grande, então...

A gente percebe que hoje a rotatividade dos jogadores é uma característica do futebol. Você não rodou tanto se for comparado com outros jogadores que a gente vê por aí. Jogadores atuam por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Em sua opinião, quais são os pontos positivos e negativos desse ‘rodar’ na carreira do jogador? E na sua carreira também?

R: Rapaz, isso depende muito. Esse negócio da Lei Pelé é muito bom pra minoria. Quem está bem é uma maravilha, vai ter sempre mercado. Então o que acontece. Essa transferência constante é muito bom porque... o Carlos Alberto foi bem aqui. Se ele sair daqui vai falar assim: “poxa, não vou assinar com o Vasco.” Ele vai ter mercado. De repente o próprio Fluminense, o próprio Botafogo, porque o cara já foi bem aqui, se manteve dentro do nível alto. Pode pegar o São Paulo ou qualquer outro clube. O ruim é pro moleque que não joga. Acabou o contrato, e aí? Ou ele renova com o clube, né? Ou o clube mantém ele ou vai depender muito do empresário de poder transferir ele pra outros clubes.

Se permanecer no clube é importante pra criar identificação, por que o jogador roda tanto?

R: Não, eu acho importante. Não sei se esse pessoal que está rodando acha importante. De repente pro empresário não é tão importante. Quanto mais ele puder rodar vai ser melhor. Com tantas transferências, existem luvas, existe empréstimo, existe um monte de situação que envolve o estilo dessa transferência. Depende mais do jogador, né? Se for um jogador de ponta, o empresário vai estar rindo à toa. Geralmente todos eles têm alguém pra acompanhar, né? Essas transferências melhoraram por causa desse tipo de situação, pros empresários. Não sei se pro jogador... o jogador perde um pouco dessa identificação de jogar num clube cinco, seis anos.

Você disse que se identificou com o Vasco porque jogou aqui desde a categoria de base e conquistou títulos. Além de conquistar títulos e se identificar com o clube, o jogador tem que fazer um algo mais pra ter o apoio da torcida?

R: Depende muito. É assim... é lógico que você não pode agradar a todos, mas a torcida gosta ou não gosta, entendeu? Se for um jogador que tem respeito, é um cara que se dedica, ele vai ter sempre o apoio do torcedor, independente de dar a bola de canela ou não. Se é um cara que se dedica, se esforça, chega em campo ele não mede esforço pra ganhar a partida, esse é o jogador ideal pra ter uma convivência bem tranquila e sossegada com o torcedor, vai ter sempre o apoio, pode ter certeza.

E a paixão do torcedor mexe com você?

R: Mexe com qualquer um, cara. Mexe com eles. O torcedor hoje é... é por isso que o jogador de futebol é... quanto mais cedo eles estão subindo, dezessete anos, dezoito anos. E a pressão é forte. Você pega um moleque de dezessete anos, dezoito anos, joga dentro da arena e ele não vai bem, a torcida xinga, imagina a

cabeça do cara. Então a pressão é muito forte. E o jogador sabe disso. Ele sabe como deve se portar pra que ele traz a torcida pro lado dele.

Quando a equipe não está bem no campeonato e tem problema financeiro e de atraso de salário no clube, principalmente, muitas vezes você ouve a torcida chamar os jogadores de mercenários. O que você pensa sobre isso?

R: Isso aí... olha só, o jogador, independente de estar atrasado três ou quatro meses, ou dois, isso independe. O jogador vai entrar em campo pra ganhar o jogo. Não tem essa de mercenário. "Ah, vou fazer corpo mole porque eu não recebo." Não tem nada disso. O que pode acontecer é o jogador folgar fora do dia de treinamento da diretoria. Isso daí acontece. Tem que pagar. Essa cobrança do jogador com o dirigente acontece, mas dentro de campo entrou ele vai jogar. Até porque ele não quer passar pelo dissabor de...

Mas isso atrapalha o rendimento dentro de campo?

R: Depende. Isso é muito relativo. Depende de jogador pra jogador. Tem jogador que sente mais, tem jogador que não sente. Depende da situação.

A torcida muitas vezes acha que o jogador, por ele estar vinculado ao clube, deve se dedicar independente de qualquer coisa.

R: Mas tem jogador que pensa dessa forma também. Ele nunca vai entrar em campo pensando em perder e fazer corpo mole de forma alguma.

E muitas vezes o salário está atrasado realmente, o torcedor não sabe disso e chama o jogador de mercenário. Por que não colocar publicamente pra torcida o que está acontecendo... sobre o atraso de salário? Por que o jogador de futebol não faz greve como outros profissionais, por exemplo? Por que o jogador de futebol não age dessa forma?

R: Depende, cara. Porque a classe talvez não seja tão unida. O certo não é o Vasco da Gama... os jogadores não recebem... então os jogadores do Vasco vão fazer greve, todos os jogadores. Acho que tem que partir de todos, do sindicato, entendeu? O jogador tem muita força, mas não sabe a força que tem, entendeu? Então... de repente não leva a público porque existem empresários, existem... você não pode "Ah, vamos fazer. Quem foi o cabeça aí da... Não..." É complicado. É muito diferente de qualquer outra profissão. Recebe igual, recebe mensalmente, mas é muito diferente. Não tem nada que... a pressão que você recebe aqui não é a mesma que você recebe em outras profissões. É diferente.

Outra situação que a gente percebe dentro dos jogos... a equipe não está bem no jogo e a torcida pede raça. O que você pensa sobre isso?

R: Isso é do torcedor, é a paixão. Ele quer ver o time dele ganhando. Por exemplo, aqui mesmo, a gente vai jogar quinta-feira aqui contra o Macaé. A nossa torcida é um pouquinho impaciente. Então chega aos vinte minutos, vinte e cinco do primeiro tempo e ainda não fez o gol a torcida começa a pegar no pé.

E como retribuir esse pedido de raça à torcida?

R: É jogar.

Tem que fazer algo mais?

R: Não. Tem que fazer o possível pra fazer um gol logo, às vezes não acontece. Acontece de você ficar o jogo todo sendo vaiado.

Tem alguma estratégia pra retribuir esse pedido de raça?

R: Não, o torcedor reconhece. Se ele ver que o time está correndo ele pára. Ele não vai ficar com isso daí até o... ele só grita raça quando ele vê que o time está de repente perdendo de um a zero e não está fazendo por onde reverter esse placar. Ou está zero a zero, sabendo que tem condição. Aí ele também não é burro, ele está analisando, “po, o time dos caras não tem nada. Por que nosso time está tão...” Aí começa a pensar nesse sentido do tipo de raça.

Percebe-se que principalmente nas apresentações a um novo clube é comum o jogador beijar a camisa. O que você pensa sobre isso? Por que isso acontece?

R: Acho que isso é uma forma de respeito ao clube. Por exemplo, eu saio do Vasco, fui jogar no Santos, estou jogando em um time de tanta tradição como o Vasco da Gama. Então você tem que ter respeito pela camisa do Santos. Lógico que tem alguns jogadores que não beijam. O Rincón era um que não beijava.

Você já agiu dessa maneira?

R: Já beijei a camisa do Santos, já beijei a camisa do América, do Madureira que eu já joguei.

Mas por que você beijou?

R: Por motivo de respeito mesmo. O clube tem uma história, então essa história tem que ser respeitada.

Mas esse beijar a camisa representa alguma identificação com o clube?

R: Não, não. Representa respeito mesmo. Acho que representa isso.

E no momento do gol? No momento do gol beijar a camisa.

R: O torcedor é sempre dentro de campo. O que o torcedor gostaria que o jogador fizesse é o que ele faria se estivesse vestindo a camisa. O torcedor é da mesma forma.

O jogador pensa algum tipo de comemoração?

R: Pensa. Pra tentar agradar. Pô, claro que pensa. A festa fica até melhor. “Pô, o cara está apertando a minha camisa, beijando o meu escudo”. O torcedor vai à loucura.

Existem jornalistas que, muitas vezes, agem como torcedores.

R: Também. Muitos.

O que você pensa sobre isso?

R: Depende. O que acontece é o seguinte... no dia-a-dia do clube, geralmente as pessoas que são... vamos supor, você pega uma rádio, a rádio Globo e Tupi, eles têm o pessoal deles, próprios dos clubes... por exemplo, vem um rapaz jornalista aqui que é vascaíno. Então ele vem cobrir a gente.

Eles mandam flamenguista para cá também?

R: Não, não. Eles mandam flamenguista pra Gávea. Então eu acho que fica uma coisa mais legal.

O futebol sofreu algumas transformações. Hoje, ele está envolvido em um ambiente cada vez mais profissional. Mas, também envolve uma paixão muito grande, principalmente dos torcedores, e até dos próprios jogadores. Como é estar nesta profissão? Como o atleta deve conviver com a profissão, a paixão da torcida...

R: O torcedor não quer saber. O importante é o profissionalismo. Isso não pode faltar. A organização...

O torcedor preza por isso?

R: O clube tem que ser dessa forma. O torcedor... quando isso dá resultado é uma maravilha, mas quando não dá o torcedor não quer saber. O torcedor quer bola na rede e o time ganhando título. O torcedor não quer saber disso. "Ah, mas o time não recebe há cinco meses." Mas é campeão. Veja o Flamengo. Será que é correto o dia-a-dia deles? Será que é correto ficar três meses atrasado? Vai parecer que é porque o cara foi campeão. O Vasco foi campeão da série B. Vamos supor que estivesse cinco meses atrasado, então vamos deixar porque deu certo. Não é nada disso. O correto é como o São Paulo faz, a estrutura que eles têm, os campos de treinamento, várias coisas que os times do Rio não têm. Então isso é estrutura, isso é organização. O Cruzeiro tem, o Atlético Paranaense tem. O que o Atlético Paranaense tem, nem a seleção brasileira tem. Então isso é estrutura. Mas aí não ganha título e o pessoal não quer saber de nada disso. Tem que ter bola na rede e ganhar título, senão nada disso vale. É importante pro clube e pro jogador, até pra você poder cobrar. Às vezes você tem tudo e não tem retorno. Então tem que ser dessa forma.

Você falou em estrutura. Este é um ponto fundamental pro atleta escolher um clube para jogar?

R: É. Essa situação da Lei do Passe. Eu saio do Vasco hoje, estou jogando, jogador do clube, se eu tenho a possibilidade de... você tem três opções: "Germano: você tem o São Paulo, você tem o Fluminense e você tem o Botafogo". Eu vou pro São Paulo. "Você tem o Cruzeiro, o Atlético Mineiro e o Botafogo". Eu vou pro Cruzeiro. Os caras vão te dar tudo. Entre o Atlético Paranaense e o Coritiba. Eu vou pro Atlético Paranaense. Lá tem tudo.

Voltando ao papo do jornalista. Ele interfere na relação do jogador com a torcida?

R: Interfere. Depende de como ele vai fazer o comentário dele nos jogos.

Já aconteceu com você?

R: A mim não. Mas acontece. De tanto ele meter o pau no cara daqui a pouco o torcedor daqui a pouco vai estar xingando o cara. Se você está sendo elogiado daqui a torcida vai estar gritando até "é seleção!" Então ele é fundamental, é importante. Depende de como ele vai agir, porque hoje em dia é complicado.

Existe pressão dos dirigentes para que o jogador que está chegando demonstre identificação com o clube? O dirigente cobra isso?

R: Depende. O Valber chegou aqui e foi uma maravilha, parecia que ele estava jogando em casa.

Mas o dirigente cobra a identificação?

R: Não. Só que tenha respeito ao clube, identificação não. Cobra que se dedique o máximo e que honre a vinda dele pro clube, entendeu?

A gente percebe que alguns termos hoje em dia estão muito presente no futebol. “Se doar nas partidas”, “entrega”. Os jogadores e técnicos falam isso nas entrevistas. Isso já acontecia quando você jogava? O que você pensa sobre esses termos?

R: Tem sempre. Porque hoje em dia o futebol está muito mais competitivo do que há oito anos atrás, dez anos atrás. Hoje em dia você monta uma equipe competitiva você chega, independente se você vai ter medalhão ou não dentro desse grupo. Às vezes você monta um grupo mais ou menos, jogadores com certa qualidade, mas competitivo, eu aposto mais nesse aqui. Hoje é tudo muito rápido, os espaços são menores, você tem que raciocinar com muito mais velocidade, tem que ser muito mais rápido. Então a pegada é muito forte, você não pode deixar o seu adversário nem respirar.

O futebol é uma atividade profissional, mas o torcedor, muitas vezes, espera dos jogadores atitudes relacionadas à paixão.

R: É profissional, mas o pessoal não vê por esse lado. O pessoal: “pô, o cara vai jogar futebol, está se divertindo.” Não é nada disso, cara. O cara está ali, é a profissão do cara. Eles imaginam o seguinte: “o cara está jogando bola, é profissional e não consegue dar um drible, coisa que eles veem, de repente, numa pelada”. Mas não é. Existe uma responsabilidade. Você não pode inventar uma situação numa hora em que de repente você vai pôr tudo a perder. Uma passe errado, uma irresponsabilidade de um drible perto da sua área, você perde uma bola e toma um gol, você põe tudo a perder. Então é tudo meio que mecanizado. Não pode, não pode. Não pode errar.

Em uma empresa não se cobra do empregado que ele tenha amor à empresa em que trabalha. Mas no futebol isso existe. Muitas vezes o torcedor quer que o jogador tenha amor pelo clube que ele está jogando. Por que o futebol é diferente?

R: É a paixão, né? Sei lá. Você aprende, você cresce gostando de um clube, você tem seu pai gritando no seu ouvido...

E como o atleta profissional pode conviver com essa paixão? Como é conviver com a paixão da torcida e até dos dirigentes e da imprensa?

R: É bom, cara. No futebol, você está aí porque você gosta. Isso é uma maravilha. Você... só de você pisar ali dentro... assim, você vai pro Maracanã com oitenta mil, pisou no gramado, não tem nada que pague isso não. Oitenta mil gritando, cinquenta te xingando, os outros te apoiando, e toda aquela adrenalina que tem antes do jogo, depois, e durante. “pô, não posso errar.” E aí? Se eu errar tem oitenta mil pra me criticar. É complicado. Você fica a mil por hora ali. Então não tem... a cobrança, da mesma forma que existe cobrança, existe o apoio, entendeu? Então se

você está bem o pessoal vai te carregar no colo. Se estiver mal, vão te cobrar. O Lúcio Flavio no último jogo do Botafogo saiu vaiado. Daqui a pouco o torcedor tá levando ele no colo de novo.

E nesses momentos em que se está mal, ele tem que fazer algo diferente pra tentar contornar essa situação?

R: Tem que treinar e continuar trabalhando. Uma hora muda, vai mudar.

Algo a mais? Ele precisa fazer?

R: Não, vai mudar. Uma hora vai dar certo. Bate vinte faltas, daqui a pouco vai estar batendo vinte e cinco. Vai decidir o jogo numa hora dessas, aí já cai na graça da torcida de novo.

Além de treinamento, existe alguma estratégia que ele possa ter para ter uma boa relação com o torcedor?

R: Não, não tem que ter nada. Uma hora você vai acertar.

Entrevista 9

1ª parte

Nesta primeira parte, gostaria de conhecer um pouco sobre o início de sua carreira no futebol. Com que idade começou a treinar? Onde? Como foi este processo?

R: Eu jogava futebol nas ruas e terrenos baldios do bairro Santa Teresa no Rio de Janeiro desde os 7 / 8 anos e com 10 anos fui fazer um teste na escolinha de futebol de salão do Fluminense F.C levado pelo meu pai. E aprovado disputei o campeonato carioca infantil da modalidade, quando fui convidado pelo técnico do dente de leite do futebol de campo para integrar a equipe.

Quando assinou seu 1º contrato profissional? Com quem?

R: Assinei meu primeiro contrato profissional com o Fluminense F.C. em 1975.

Para qual clube você torcia inicialmente?

Na minha infância eu torcia pelo Vasco da Gama.

Você buscou iniciar sua carreira neste clube? Por quê?

R: Até que seria interessante, mas o Fluminense ficava mais perto da minha casa.

Você ainda torce para este clube? () Sim (x) Não >>> Em caso de resposta negativa: quando deixou de torcer? Por que deixou de torcer?

R: Como praticamente fui criado no Fluminense, passei a torcer pelo clube.

Havia uma preocupação do clube responsável pela sua formação em fazer com que os jovens atletas das categorias de base gostassem do clube?

R: Sim, a formação que eu tive no clube foi muito importante para a minha carreira profissional e também para a minha vida. A forma em que os atletas da minha geração eram tratados nos seus clubes, não só o Fluminense mas também o Vasco,

o Flamengo e o Botafogo para citar somente alguns, faziam com que você passasse a gostar do ambiente e logicamente do clube.

2ª Parte

Quais fatores eram levados em consideração por você ao assinar o contrato profissional com um clube?

R: Na época eu já cursava a faculdade e tentava conciliar com o futebol, e no primeiro contrato profissional coloquei para os dirigentes, deixando claro a minha intenção, que eu queria vencer no esporte mas não largaria os estudos em hipótese alguma.

O que era mais determinante para você na assinatura do contrato?

R: Além logicamente do valor do contrato as qualidades do time e principalmente os objetivos da direção em relação aos campeonatos a serem disputados.

A rotatividade dos jogadores é uma característica do futebol há algum tempo. Jogadores atuam por diversos clubes durante sua carreira futebolística. Quais foram os pontos positivos e negativos desse 'rodar' na sua carreira?

R: Na minha época os goleiros geralmente ficavam bastante tempo nos seus clubes e não havia muita rotatividade, o que era positivo em relação a confiança e empatia com a torcida mas negativo na parte financeira porque era nas vendas e empréstimos que o atleta ganhava mais em função do percentual nas transações.

3ª parte

• O futebol sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Atualmente, ele está envolvido num ambiente cada vez mais profissional. No entanto, parece que a paixão que envolve o torcedor não muda. Como você analisa a paixão do torcedor?

R: A análise é simples, o torcedor é movido pela paixão e na realidade ele gosta e ama o seu clube independente do jogador que estiver. E é esta paixão que faz o torcedor sair de casa e pagar para ver um jogo de futebol e sofrer com derrotas e vibrar nas vitórias.

Para ele o que conta é o seu clube.

Como você, enquanto atleta profissional, se relacionava com essa paixão?

R: Eu lidava bem porque antes de mais nada eu respeitava o torcedor e sua paixão . Procurava dentro de campo oferecer o máximo para buscar a vitória, porque afinal é isto o que torcedor quer de um atleta.

Você atuou por clubes brasileiros que são rivais entre si. Como foi a sua relação com os torcedores desses clubes?

R: Pela minha conduta profissional dentro e fora de campo sempre me fiz respeitar por todas as torcidas.

O que você precisava fazer para ter um bom relacionamento com os torcedores de cada clube?

R: Você não precisa se relacionar com os torcedores, basta cumprir as suas obrigações profissionais para que eles entendam e também te respeite.

A paixão dos torcedores dos clubes que você já atuou mexia contigo?

R: Sempre, no futebol além do seu profissionalismo você também tem sentimentos e é claro que o calor da sua torcida faz com que você se motive muito mais nos jogos.

Você já jogou em vários clubes brasileiros. Mas, existe um clube que você tenha se identificado mais? Qual? Por quê?

R: No Botafogo, pelo carinho dos seus torcedores e também porque foi lá que eu consegui minhas maiores conquistas no futebol como por exemplo ter chegado na seleção brasileira e disputado uma copa do mundo.

Quando uma equipe não está bem em um campeonato e existem problemas financeiros e atrasos de pagamento, muitas vezes a torcida chama os jogadores de “mercenários”. O que você pensa disto?

R: Esta é a maior prova da diferença do pensamento do torcedor e do profissional. Enquanto o torcedor independentemente das finanças do clube quer ver o seu time vencer e os atletas trabalhando para isso, o profissional muitas vezes é atingido de alguma forma em função de problemas financeiros e tem o seu desempenho diminuído.

Isso já aconteceu com você? Como foi? Como você agia nessa situação?

R: Já aconteceu de o meu salário ficar 8 meses atrasado no Botafogo , mas nunca me chamaram de mercenário porque a minha conduta era de entrar em campo e fazer o máximo, sabendo que agindo assim eu estaria contribuindo para conquistar as vitórias e conseqüentemente dar meios para os dirigentes saírem da situação.

Quando uma equipe não está bem em um jogo, muitas vezes a torcida pede “raça”. O que você pensa disto?

R: Eu acho que para o verdadeiro profissional este grito não precisa ser dado, porque a partir do momento que você entra em campo é para se doar ao máximo em busca da vitória.

Isso já aconteceu com você? Como foi? Como você reagia a essa situação?

R: A raça fazia parte do meu desempenho sempre.

Em sua opinião, o que faz um jogador beijar a camisa na apresentação em um novo clube? Você já agiu dessa maneira? Por quê?

R: Nunca agi desta forma porque a demonstração de amor ao clube que você pode dar é agindo corretamente na profissão e dentro de campo sempre potencializar o seu futebol.

O que faz um jogador beijar ou mostrar a camisa do clube no momento de comemorar um gol ou uma vitória do seu time? Você já agiu dessa maneira? Como você pensava suas comemorações?

R: A maneira de comemorar é muito pessoal, mas na minha opinião a comemoração tem que ser a mais franca possível. Por isso sou contra a comemoração ensaiada.

4ª parte

Existem jornalistas que, muitas vezes, agem como torcedores. O que você pensa sobre isso?

R: Jornalista tem que saber separar a paixão do torcedor e fazer o seu trabalho profissional.

A imprensa esportiva (jornalistas, colunistas, repórteres, comentaristas) interfere na relação entre atletas e torcedores?

R: Sem dúvida, a imprensa é formadora de opinião.

Isso já aconteceu com você?

R: Já sim, mas soube contornar da melhor maneira.

Como foi?

R: Certo colunista de um jornal do Rio de Janeiro, tinha preferência por outro goleiro, até aí tudo bem pois as opiniões são respeitadas, mas sempre após os jogos independente de como tinha sido a minha atuação ele sempre procurava alguma forma de criticar. Mas as minhas respostas eram as atuações que eu tinha, e aconteceu o que eu tinha imaginado, ele acabou perdendo a credibilidade porque somente ele criticava enquanto a maioria elogiava.

Venceu o profissionalismo.

Existe pressão de dirigentes para que o atleta demonstre certa identificação com o clube? Isso já ocorreu com você?

R: Acredito que não, pois nunca aconteceu comigo.

Notamos que atualmente os termos “se doar nas partidas” e “entrega” estão muito presente nas falas de jogadores e treinadores. O que você pensa sobre isto?

R: É uma forma dos jogadores e treinadores se comunicarem com a torcida. Na minha opinião o melhor é provar durante as partidas do que falar .

Estas idéias já existiam claramente quando você jogava, mesmo que com outros termos?

R: Sim sempre existiu no esporte.

Por fim, sabemos que o futebol é cada vez mais um esporte altamente profissionalizado com interesses comerciais e financeiros muito elevados, mas ao mesmo tempo uma grande paixão popular. Como você acha que estas duas dimensões (paixão e negócio) convivem?

R: A melhor forma é profissionalizar cada vez mais nossos dirigentes para que com uma gestão profissional ele possa equacionar bem o grande problema da convivência no esporte da paixão com o lado profissional.

Como os atletas profissionais podem conviver com as paixões da torcida, dos dirigentes e de (parte) da imprensa?

R: O bom gestor profissional vai saber tirar o melhor proveito da paixão existente como veículo para impulsionar a parte comercial, sendo portanto muito importante a participação de todos (atletas, dirigentes e imprensa) com atitudes profissionais para que o espetáculo continue respaldado pela imensa paixão do torcedor.